

II PARTE

As epígrafes

I. Princípios de apresentação adoptados no catálogo

Atendendo ao carácter restrito do espaço geográfico que é tratado neste trabalho, entendemos não privilegiar na ordenação das epígrafes esse aspecto, até porque a cartografia elaborada é suficiente para que se percepcione a distribuição dos monumentos epigráficos na região de Bragança (Est. XXXVIII); além disso, julgamos ser preferível utilizar este material como um todo documental, enquanto fonte para avaliar determinados aspectos da sociedade que ocupou este território na época romana. Desta forma, as epígrafes que corporizam o catálogo encontram-se organizadas pelas seguintes categorias:

1. inscrições votivas;
2. inscrições honoríficas;
3. inscrições funerárias;
4. inscrições viárias;
5. inscrições de categoria textual duvidosa;
6. inscrições falsas.

Os textos votivos seguem a ordem alfabética dos teónimos e, quando estes se repetem, a ordem alfabética dos nomes dos dedicantes (*nomen* ou *cognomen* quando aquele não exista); nas inscrições funerárias é seguida a ordem alfabética dos nomes dos defuntos, mas no caso dos fragmentos, quando este critério não pode ser aplicado, é utilizado, por ordem decrescente, o número de letras visíveis ou, se anepígrafos, as suas dimensões (privilegiando, essencialmente, a altura); as inscrições honoríficas e viárias organizam-se por ordem cronológica dos imperadores. À inscrição falsa foi atribuído um número independente (antecedido de asterisco) devido, naturalmente, à sua apocrifia.

A apresentação de cada uma das inscrições segue o seguinte esquema¹:

- número de catálogo (a carregado), seguido do número (entre parênteses) que a inscrição tem na base de dados que incorpora todas as informações que resultam do estudo integral de cada uma das epígrafes, o qual é composto por cinco parcelas: a primeira corresponde à numeração sequencial que a inscrição tem na base de dados, a segunda, terceira e quarta respeitam ao código administrativo, respectivamente, do distrito, do concelho e da freguesia, e a quinta ao número da inscrição no conjunto das provenientes de uma mesma freguesia;
- tipo de suporte e material, descrição genérica da peça, elenco dos elementos decorativos em palavras-chave e comentário global à decoração do monumento, e dimensões máximas do suporte (altura/largura/espessura ou, no caso das peças cilíndricas, altura/diâmetro), em centímetros, usando-se colchetes quando as medidas são incompletas;
- campo epigráfico, com descrição do seu formato, dimensões (altura/largura) e referência ao seu estado de conservação;
- local de achado, circunstâncias em que se realizou esse mesmo achado e paradeiro, com indicação do número de inventário na instituição em que se encontra depositada, se for o caso;

- bibliografia, que inclui o rol dos manuscritos e publicações em que foi efectuado um estudo fundamental da epígrafe, organizado por ordem cronológica, exceptuando os títulos em que apenas marginalmente ela se menciona, a não ser que correspondam a referências únicas;
- texto (leitura), utilizando os signos diacríticos que abaixo se apresentam;
- tradução, seguindo os critérios sugeridos por J. d'Encarnação (1987^{2a}, p.15);
- dimensões das letras e dos espaços interlineares, indicando-se as alturas das letras para cada uma das linhas e dos espaços entre estas, acontecendo que, na maioria dos casos, pela sua irregularidade, se apresentam medidas máximas e mínimas;
- variantes de leitura, em relação à apresentada, constantes da bibliografia;
- comentário à inscrição enquanto documento histórico, que pode ser dividido em dois aspectos fundamentais: o paleográfico e o histórico propriamente dito.

Sinais diacríticos utilizados:

- / Separação das linhas.
- [] Reconstituição de letras que desapareceram.
- () Desdobramento de abreviaturas e siglas, bem como indicação por extenso do valor dos numerais.
- (---) Abreviatura ou sigla não desdobrada.
- [[]] *Damnatio memoriae*.
- { } Supressão de letras gravadas por erro.
- < > Inclusão de letras que erradamente não haviam sido gravadas no suporte.
- ⌈ ⌋ Letras corrigidas de uma cópia ou de um manuscrito pouco fiável.
- + Letra que não pode ser identificada.
- [...] Lacuna de texto que não pode ser reconstituída, mas cuja extensão é determinada: cada ponto representa uma letra.
- [---] Lacuna de texto de extensão indeterminada, numa linha ou em parte dela, mas cuja existência é segura.
-] Indicação de que a primeira linha conservada não corresponde (segura ou supostamente) à primeira linha original.
- [--- Indicação de que a última linha conservada não corresponde (segura ou supostamente) à última linha original.
- Ⓟ Letra incompleta, mas reconstituível com maior ou menor dúvida.

- AĒ Nexo.
- . Pontuação.
- ? Leitura, interpretação, reconstituição ou desdobramento duvidosos.

Abreviaturas utilizadas

- Alt. Altura.
- l. Linha(s).
- MAB Museu do Abade de Baçal.
- MNA Museu Nacional de Arqueologia.
- MSMS Museu da Sociedade Martins Sarmento.

NOTA

¹ O esquema que seguimos constitui, fundamentalmente, um compromisso entre o adoptado pelos autores do *corpus* das inscrições romanas da Cantábria (Iglesias e Ruiz, 1998) e o seguido em *Fouilles* de Conimbriga (Étienne, Fabre e Lévêque, 1976). A solução apresentada é também, em parte, fruto de condicionalismos informáticos, nomeadamente dos decorrentes da necessidade de exportação dos dados da base de dados que elaborámos (FileMaker 4) para o programa de processamento de texto (Microsoft Word 5.0).

2. Catálogo

2.1. Inscrições votivas

■ I (26/04/02/09/1) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. I, 1 e 2)

Suporte: Ara.

Material: Mármore.

Descrição: Cruzando as informações de Cardoso Borges (1721-1724, f. 167v-169v) e de F. X. Ribeiro de Sampaio (1790, p. 196-198), sabemos que a ara, com cerca de quatro palmos de altura e dois palmos e meio em quadro, tinha um orifício, com meio palmo de comprimento e quatro dedos de largura, que se destinaria, enquanto esteve colocada na capela-mor da igreja de Castro de Avelãs, ao encaixe da Cruz paroquial. Das suas superfícies originais nada resta, já que foi irremediavelmente reaproveitada para servir de matéria a uma escultura funerária (86/67/55,5).

Dimensões: Pouco mais de 4 palmos/2 palmos e meio/2 palmos e meio.

Local de achado: Torre Velha.

Circunstâncias: Descoberta no século XVII, foi colocada na capela-mor da igreja de Castro de Avelãs, onde *servia como de peanha para sustentar a Cruz da freguezia; por que lhe abriram hum orificio* (Borges, 1721-1724, f. 167v). Em 1846, foi extorquida à paróquia pelos irmãos Assis, que a partir dela fizeram esculpir uma urna para o mausoléu da família (Pinheiro, 1888, p. 75).

Paradeiro: Cemitério de Bragança (jazigo da família Antas Coelho).

BIBLIOGRAFIA: Silva, 1696, p. 23; Borges, 1721-1724, f. 167v-169v; Sampaio, 1790, p. 196-198; Viterbo, 1798-1799 (= 1865, I, p. 130-131); *CIL* II 2606; Hübner, 1871, p. 87-89; Figueiredo, 1887, p. 90-91; Sarmiento, 1887-1889, p. 227-229; Coelho, 1887-1889, p. 352-358; Pinheiro, 1888, p. 73-77 (= 1895, p. 77-82); Lopo, 1900, p. 47; Vasconcelos, 1905, p. 338-340; Alves, 1934, p. 160-163; Blázquez, 1962, p. 65-66; *ILER* 709; Encarnação, 1975, p. 79-85; Lopo, 1987, p. 30; Garcia, 1991, p. 282, n.º 3; Lemos, 1993, IIa, p. 65; García, 1996a, p. 1294-1295, n.º 3; Rodríguez, 1997, p. 133, n.º 107.

DEO / AERNO / ORDO / ZOELAR(um) / 5 EX VOTO

Ao deus Erno. O *Ordo* dos Zelas, por voto.

Variantes: L. 2: ETERNO (Silva), $\overline{\text{AET}}\overline{\text{ERNO}}$ (Borges), $\overline{\text{A}}\overline{\text{V}}\overline{\text{ERNOR}}$ (Viterbo); l. 4: ZOELARVVM (Sampaio = Pinheiro, Lopo 1987).

Comentário: O qualificativo *deus* reforça o carácter indígena desta divindade, a qual aparece claramente testemunhada noutra ara proveniente de Castro de Avelãs (n.º 3), bem como numa terceira encontrada em Malta (n.º 2). O presente texto constitui um dos principais argumentos para considerar a Torre Velha de Castro de Avelãs o centro

político-administrativo dos Zelas (Le Roux, 1992; Lemos, 1995), que aqui prestam culto a *Aernus* através do seu *Ordo*. Esta dedicatória oficial pode significar o carácter tutelar da divindade sobre a comunidade e a *ciuitas*, bem como a existência de um santuário oficial em Castro de Avelãs, que importaria documentar arqueologicamente. A revelação da existência de um *Ordo Zoelarum* permite admitir que a *ciuitas* recebeu o estatuto de município?

2 (I32/04/05/23/1) Malta, Olmos, Macedo de Cavaleiros. (Est. II, 5)

Suporte: Ara.

Material: Mármore.

Descrição: Ara votiva trabalhada nas quatro faces. Apesar de bastante deteriorada, sobretudo ao nível do capitel, mas também na base e em todo o lado esquerdo, é ainda possível reconstituir a molduração que ostentava. Na ligação do capitel ([31]/[37]/[31]) ao fuste (44,5/[28,5]/25), percebe-se uma molduração baseada num quarto de círculo associado a bocel directo, conservada na face direita e posterior; na ligação da base (25,5/[31,5]/33) ao fuste, a molduração, conservada nas faces anterior e posterior, é diferente, baseando-se em chanfro reverso seguido de quarto de círculo e de uma finíssima ranhura. Superiormente, pequeno *foculus* circular rebaixado ($\emptyset = 10$). A metade esquerda do monumento é percorrida longitudinalmente por fissura.

Dimensões: [101]/[36,5]/33

Campo epigráfico: A inscrição ocupa o fuste.

Dimensões: 44,5/[28,5].

Conservação: No lado esquerdo do fuste, uma depressão afecta a aresta anterior e motivou a perda da primeira letra da l. 2, bem como metade da que inicia a l. 4.

Local de achado: Capela de Malta.

Circunstâncias: Estava colocada junto à porta da capela do Senhor de Malta (Alves, 1908, p. 184-185). Deu entrada no Museu de Bragança por intermédio de Amadeu Humberto de Sá Morais (Alves, 1934, p. 61).

Paradeiro: MAB (n.º 1573), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1908, p. 184-186; Vasconcelos, 1913, p. 217-218; Alves, 1934, p. 61-62, n.º 25; *ILER* 710; Encarnação, 1975, p. 83-85; García, 1991, p. 282, n.º 4; Lopo, 1987, p. 101-103; Lemos, 1993, IIa, p. 193; García, 1996a, p. 1293-1294, n.º 2; Rodríguez, 1997, p. 134-135, n.º 109.

DEO / [A]ERNO / LVCR(etius) / VALENS / ⁵EX / VOTO

Ao deus Erno. Lucrécio Valente, por voto.

Alt. das letras: L. 1: 6,2/6,5; l. 2: 5,3/6,5; l. 3: 5,8/6,5; l. 4: 5,3/7,3; l. 5: 6,2/6,7; l. 6: 6,5/6,8.

Espaços: 1: 2/2,2; 2: 0,2/0,5; 3: 0,2/1,3; 4: 0,3/0,5; 5: 0,1/0,4; 6: 0,1/0,2; 7: 2,4/3.

Variantes: Em *ILER* editam-se juntas as l. 3 e 4 e l. 5 e 6. Lopo propõe uma interpretação rebuscada e irrealista, desdobrando cada uma das letras da l. 3.

Comentário: O texto foi elegantemente paginado, segundo um eixo de simetria, de molde a ocupar toda a altura da superfície epigrafável. Evitando translineações, abreviou-se o gentílico do dedicante (l. 3). Os caracteres são tendencialmente actuários, ainda que de *ductus* algo irregular: OO ovalados, EE de barras curtas nem sempre equidistantes, RR de pança pouco larga. A gravação é pouco profunda, mas bem perceptível.

O dedicante deste altar é um privado que se identifica com *duo nomina* latinos. O gentílico *Lucretia/-us*, apesar de mais documentado no Sul da Península (Abascal, 1994, p. 175-176), tem também representação em latitudes mais setentrionais; concretamente no Noroeste, surge, por exemplo, em Braga (*CIL* II 2416), em Dume (*CIL* II 2444), em Penafiel (ad. *AE*, 1973, 319), em Famalicão (*AE*, 1983, 560) e, com mais intensidade, na área leonesa (*CIL* II 2552, 2553, 2555, 2668; Diego, 1986, p. 163-64, n.º 197). Os testemunhos do cognome *Valens* na parte setentrional da Península têm algum peso (Abascal, 1994, p. 537), destacando-se no Noroeste, novamente, a área de León (*CIL* II 2651, 2675, 2556; Diego, 1986, p. 95-96, n.º 79, p. 214-215, n.º 284), havendo, porém, também a registar um testemunho na cidade de Braga (*CIL* II 2675). Um dos indivíduos que em Astorga (*CIL* II 2651) tem este cognome, *T. Iulius Valens*, é, precisamente, de etnia zela, mas migrado na capital conventual. Um dado significativo respeita ao facto de a maioria dos *Lucretii* da área leonesa serem militares: em três inscrições de Villalís, datadas da década de 60 do século II, nomeiam-se *Lucretius Paternus, decurio cohortis I Celtiberorum* (*CIL* II 2552, 2555), *Lucretius Maternus, imaginifer da Legio VII Gemina* (*CIL* II 2553), e, num epitáfio de León, memoram-se dois *Lucretii Proculi*, pai e filho, tendo sido o pai *armorum custos* (Diego, 1986, p. 136-137, n.º 146). O cognome *Valens* surge também, por duas vezes, associado aos meios militares desta mesma região: em Astorga, foi sepultado *C. Coelius Valens, miles legionis X Gemina* (Diego, 1986, p. 95-96, n.º 79), em Villalís, em inscrição datada de 165-166, aparece um *Valerius Valens, beneficiarius* do *procurator augustorum* (*CIL* II 2556). A paleografia, a ausência de *praenomen* e a abreviatura do gentílico sugerem uma datação da segunda metade do século II ou, talvez, já do começo do século seguinte, o que constitui um interessante sincronismo relativamente aos monumentos apontados e relacionados com os meios militares conventuais.

3 (27/04/02/09/2) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. I, 3 e 4)

Suporte: Ara.

Material: Mármore.

Descrição: Ara quebrada em duas partes que permanecem geograficamente separadas. O singelo trabalho de molduração estende-se às quatro faces do monumento, tal como o alisamento das superfícies – na base, este acabamento aplicou-se apenas imediatamente abaixo da moldura (alt. aprox. = 8). O capitel (24,5/28/12) é moldurado por um toro que faz a ligação ao fuste liso ([36,5]/25/10,5) e rematado por frontão triangular ladeado de *pulvilli*. A ligação do fuste à base ([26]/27/12) repete a moldura utilizada na ligação ao capitel. A parte inferior da base encontra-se em bruto, denunciando que o monumento se destinaria a estar enterrado ou encaixado em orifício próprio. O fragmento superior apresenta algum desgaste e pequenas escoriações na sua superfície, enquanto que o inferior ostenta algumas mossas, que no lado esquerdo do fuste têm alguma profundidade, e facturas diversas na base, bem como restos de argamassa de areia e cal nas suas superfícies.

Elementos decorativos: rodas de raios curvos; ramos de teixo.

Decoração: A cornija surge decorada por três motivos vegetais estilizados (ramos de teixo): dois laterais, por baixo de cada um dos toros, e um central, imediatamente por baixo do vértice do frontão – como que formando um triângulo –, num esquema idêntico ao da ara funerária de *Proculeius Gracilis* (n.º 75). Os toros estariam adornados por rodas de raios curvos sinistrorsos, restando ainda um pequeno vestígio de dois raios no toro direito. Os motivos foram obtidos por incisão.

Dimensões: [87]/28/12

Campo epigráfico: A inscrição ocupa o fuste.

Dimensões: [36,5]/25.

Conservação: Algumas mossas ao longo das arestas do fuste.

Local de achado: Castro de Avelãs (mosteiro).

Circunstâncias: A parte superior encontrava-se, em finais do século XVIII, encastrada na parede de uma casa de Castro de Avelãs, tendo sido adquirida por compra, nos finais do século seguinte, por J. Henriques Pinheiro (1888, p. 73-77), para a Sociedade Martins Sarmento. Segundo informações recolhidas por F. X. Ribeiro de Sampaio (1790, p. 196-198), teria sido encontrada numa parede velha do mosteiro de Castro de Avelãs. Não são claras as circunstâncias do achado da parte inferior. Terá aparecido na Torre Velha ou, mais provavelmente, em algum dos muros das ruínas do mosteiro, já que apresenta sinais de ter estado embutida em construção de alvenaria.

Paradeiro: MSMS (n.º 16), Guimarães (parte superior); igreja de Castro Avelãs (parte inferior).

BIBLIOGRAFIA: Sampaio, 1790, p. 196-198; *CIL* II 2607 (= 5651); Hübner, 1871, p. 88-89; Figueiredo, 1887, p. 91; Sarmento, 1887-1889, p. 227 (= 1933, p. 297); Pinheiro, 1888, p. 73-77 (= 1895, p. 78-82); Guimarães, 1901, p. 52-53, n.º 29; Vasconcelos, 1905, p. 338-340; Alves, 1934, p. 160-163; Cardozo, 1935, p. 21 (= 1972², p. 24, n.º 16); Blázquez, 1962, p. 65-66; *ILER* 712; Encarnação, 1975, p. 79-85; Lopo, 1987, p. 30; Garcia, 1991, p. 281, n.º 2; Le Roux, 1992, p. 173-180; Lemos, 1993, IIa, p. 65; *HEp* 5, 984; García, 1996a, p. 1295-1296, n.º 4; Rodríguez, 1997, p. 133-134, n.º 108.

DEO . AER/NO . M(arcus) / [PL]AÇIDI/[V]S [.] PŁAÇI/5[D]IANVS / V(otum) . L(ibens)
. R(edidit uel etulit) .

Ao deus Erno. Marco Plácido Placidiano cumpriu de boa vontade o seu voto.

Alt. das letras: L. 1: 6,4/6,8; l. 2: 6,3/6,8; l. 5: 6,5; l. 6: 6/6,2.

Espaços: 1: 0; 2: 0,5/1; 3: 0,5/1,2; 5: 0,5/1; 6: 0,3/1,3; 7: 0,5

Variantes: L. 1: DEO AR (Sampaio), DEO A(e)R (Hübner = *CIL* 2607, *ILER*), DEO AER (Figueiredo, Pinheiro, *CIL* 5651, Guimarães, Le Roux, *HEp*); l. 2: NO M (Hübner = *CIL*, Figueiredo), NO . M (Sampaio, Pinheiro, Vasconcelos, Guimarães, Cardozo, Garcia, Lemos), NO M . ACIDI (*ILER*), NO M(arcus) (Le Roux, *HEp*, Rodríguez); l. 3: ACIDI (Sampaio, Hübner = *CIL* 2607, Figueiredo, Cardozo, Lemos), [---]ACIDI (Pinheiro, *CIL* 5651, Guimarães, Vasconcelos, Garcia), [P]LACIDI (Rodríguez); l. 4: [V]S [P]LACI (Le Roux, *HEp*, Rodríguez), [V]S . [P]LACI (García); l. 5: V(otum) L(ibens) R(edidit uel etulit) (Le Roux, *HEp*), V(otum) L(ibens) R(etulit) (Rodríguez), V(otum) L(ibens) P(osuit) (Lemos). Lemos apenas lê a l. 6 da parte inferior e não a associa à primeira; foi Le Roux que fez a associação entre as duas partes da epígrafe.

Comentário: Paginação elegante, com alinhamento à esquerda, ainda que com palavras translineadas. O *ductus* das capitais de tendência actuária é regular e a incisão pouco profunda e larga. Os AA não têm travessão central e o N e o M são conseguidos a partir deles; RR baseados em PP de pança curta e apertada à qual liga perna oblíqua e ligeiramente curva. As barras extremas dos EE e as panças dos RR continuam ligeiramente para trás das respectivas hastes. Uso de ponto de secção circular na separação das palavras e das iniciais da fórmula final.

O dedicante do monumento é portador de *tria nomina*, mas o gentílico e o cognome denunciam a sua autoctonia. O *nomen Placidius* surge representado no Noroeste mais duas vezes: em Astorga (CIL II 2640) e em Sobrado dos Monxes, La Coruña (AE, 1912, 13); parece integrar uma série de *nomina* que são formados a partir de cognomes e que têm grande implantação na onomástica indígena latinizada (Le Roux, 1992, p. 178). *Placidianus* foi decalcado do gentílico; é testemunho único na Península, tendo no conjunto do CIL uma representação baixa, com apenas meia dúzia de registos (Kajanto, 1965, p. 262). Na base destes antropónimos parece estar o cognome *Placidus*, bastante frequente em meios indígenas, o qual pode representar, tal como outros que aludem a características físicas, uma interpretação da antroponímia local.

Argumentos convincentes para a datação da epígrafe foram já aduzidos por P. Le Roux (1992, p. 177), valorizando o formulário, a paleografia e a paginação; em resumo, é sugerido que a fórmula final pouco usual e o recurso à translineação, quando cruzados com a paleografia ou a presença do *praenomen*, que apenas indicam uma datação ampla, à escala do século II, apontam uma cronologia da segunda metade desta centúria.

4 (70/04/02/13/1) Cova de Lua, Espinhosela, Bragança. (Est. II, 6)

Suporte: Árula (?).

Material: Granito (?).

Descrição: De acordo com o desenho de Cardoso Borges (1721-1724, f. 71), a ara teria capitel rematado por três *foculi* alinhados (?), ou por dois *puluilli* enquadrando um *foculus* (?), com molduração singela (filete e gola encurtada?) na ligação ao fuste. A base, estreitando de cima para baixo, como que em forma de quilha, não ultrapassava em largura o fuste, nem disporia de qualquer trabalho de molduração, pelo que Cardoso Borges (1721-1724, f. 71), referindo-se ao feitio desta peça e ao da n.º 9, diz: *e parece erão remates de outras pedras, em que estas se mettião*; o desenho dá a entender que a base estaria em bruto, ou com um acabamento mais grosseiro, pelo que talvez se possa pensar que o monumento se destinaria a estar enterrado ou a ser encaixado em orifício próprio.

Campo epigráfico: A inscrição ocupa o fuste.

Local de achado: Capela da Senhora da Hera/Casarelhos.

Circunstâncias: Encontrava-se embutida no exterior de uma das paredes (junto a uma porta) da capela da Senhora da Hera, conjuntamente com a n.º 9. Cardoso Borges (1721-1724, f. 71) fê-la transportar para Bragança.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Santa Maria, 1716, p. 657-658; Borges, 1721-1724, f. 71; *CIL* II 2498; Vasconcelos, 1905, p. 337; Alves, 1934, p. 52-54; Blázquez, 1962, p. 55; *ILER* 757; Encarnação, 1975, p. 139-140; Lopo, 1987, p. 57; García, 1990, p. 27, n.º 1.2; García, 1991, p. 293, n.º 34; Lemos, 1993, IIa, p. 83; García, 1996a, p. 1298-1299, n.º 8; Rodríguez, 1997, p. 145-146, n.º 124.

BANDV/E . CORN/ELIVS . O/CVLAT/⁵VS . V(otum) . S(oluit) . / L(ibens) . M(erito) .

A Bandua. Cornélio Oculato cumpriu o voto de livre vontade.

Variantes: L. 1: BAND . V . (Santa Maria); l. 2: CORN . (Santa Maria); l. 4: CVLAT . V . (Santa Maria), CVLATV (*CIL*, Vasconcelos, Lopo, García 1990, García, García 1996a, Rodríguez); l. 5: S . V . S . L . M . (Santa Maria), SVLSLM (*CIL*, Vasconcelos, Lopo, García 1990, García, García 1996a, Rodríguez), S V(otum) S(oluit) L(ibens) M(erito) (García, García 1996a, Rodríguez), S V(oto) S(oluit) L(ibens) M(erito) (García 1990), VS V(otum) S(oluit) L(ibens) M(erito) (Lemos). Em *ILER* e García (1990) não há separação das l. 1-3. A pontuação não é assinalada em *CIL*, Vasconcelos, *ILER*, Lopo, García (1990), García (1996a) e Rodríguez; García só o faz na l. 3.

Comentário: Podemos referir a translineação do teónimo e antropónimos, que não é silábica no caso do gentílico do dedicante, e o uso de pontuação (redonda?) na separação de palavras e após as iniciais da fórmula final.

Contrariamente à maioria dos autores, que toma como fonte o texto de Fr. Agostinho de Santa Maria, seguimos a leitura de Cardoso Borges; talvez lhe possamos dar maior credibilidade, uma vez que a inscrição acabou por ficar em seu poder.

O dativo do teónimo pode ter duas explicações (García, 1990, p. 27): considerar-se céltico, tendo o *-e* por *-i*, ou admitir-se uma forma deficiente do dativo latino **Banduae*.

O dedicante é portador de *duo nomina* latinos. O gentílico *Cornelia/-us* é o terceiro mais frequente na Hispânia romana (Abascal, 1994, p. 116-125); encontramos-lo noutras inscrições do território zela, nomeadamente em Izeda (n.º 5), em Saldanha (Mourinho, 1987, p. 108, n.º 39), em Malhadas (Alves, 1913, p. 1-2) e em Villalcampo (*HAE* 891). O cognome *Oculatus* está pouco documentado no mundo romano (Kajanto, 1965, p. 224). Na Península, parece ser testemunho único; no entanto, conhece-se, por exemplo, um *Oculatius* em Astorga (*EE* IX 292i) e o genitivo *Oculati* em Cárquere (*HAE* 238). Considerando o relacionamento destes cognomes com zonas de onomástica indígena, facto já realçado por Albertos (1965, p. 116), devemos apontar uma origem local para o dedicante. O texto, nomeadamente a ausência do *praenomen* do dedicante, e a tipologia do monumento, apesar das incertezas que o desenho de Cardoso Borges deixa no ar, sugerem uma datação não anterior à segunda metade do século II.

5 (98/04/02/20/1) Izeda, Izeda, Bragança. (Est. II, 7)

Suporte: Árula.

Material: Granito.

Descrição: Árula de reduzidas dimensões, com a particularidade de não possuir base definida, nem tão-pouco capitel propriamente dito, mas apenas um esboço tosco, criado pela associação de friso e toro, que a remata superiormente na face epigrafada. Encontra-se bastante gasta em todas as faces.

Dimensões: 43,5/22,5/15.

Campo epigráfico: A inscrição ocupa a superfície anterior do monumento.

Dimensões: 36/22,5.

Conservação: Desgaste intenso.

Local de achado: Izeda.

Circunstâncias: Sabe-se que foi descoberta na povoação de Izeda por Carlos António Leitão Bandeira, o qual, posteriormente, a entregou ao Museu de Bragança (Alves, 1947, p. 344), mas desconhece-se o contexto exacto do seu achado.

Paradeiro: MAB (n.º 1543), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1947, p. 344; Le Roux e Tranoy, 1973, p. 209-210, n.º 18; AE, 1973, 314; Garcia, 1991, p. 418, n.º 372; Lemos, 1993, IIa, p. 104; García, 1996a, p. 1348, n.º 70.

[I]OVI OP/TIMO MA/XVMO . CQ/RNIILIVS VI/STALIS VOTV/M PROMIS/IT

A Júpiter Ótimo Máximo, Cornélio Vital prometeu um voto.

Alt. das letras: L. 1: 2,5/3,5 (V = 4,1); l. 2: 2,5/3,5; l. 3: 2,1/2,5 (O = 1,9); l. 4: 2,4/3,2; l. 5: 2/2,8; l. 6: 2,8/3,2 (O = 1,8); l. 7: 2,6/3,1.

Espaços: 1: 1,5/2; 2: 0,4/2,1; 3: 0,3/0,7; 4: 0,1/0,6; 5: 0/0,8; 6: 0,2/1; 7: 1,1/1,4; 8: II.

Variantes: L. 1: [---]OVI[---]O (Alves), [I]OVI [OP] (Lemos); l. 3: XUMO [---] (Alves), XVM[O] CO (Lemos), à excepção de García e de García, nenhum outro autor regista o ponto; l. 4: ANIINV (Alves), RNIILVS (García), RNELIVS (Lemos); l. 5: MI . V (Alves); l. 6: [---]VX (Alves), M POSVIT (Lemos); l. 7: [---]ID (Alves), García regista ponto (inexistente) a seguir ao T. Lemos não toma em consideração a l. 7.

Comentário: Paginação com alinhamento à esquerda, à excepção da l. 7 que, pela sua brevidade, foi centrada. A natureza do suporte – o granito é de grão bastante grosseiro – e a necessidade de utilização de um módulo reduzido dificultaram a obtenção de caracteres de grande regularidade; destacam-se os OO circulares, sempre gravados num módulo inferior ao das restantes letras; PP e RR de pança aberta; TT e LL de barras curtas; MM de hastes exteriores oblíquas e vértice central ao nível das extremidades inferiores daquelas; AA sem travessão central; E igual a II. Singular ponto de secção circular na l. 3, separando o teónimo do restante texto.

Este pequeno altar é um dos três documentos da região de Bragança referentes ao culto de Júpiter, o único deus do panteão clássico aqui venerado. Destaca-se, sobretudo, a originalidade da fórmula *uotum promittere* – já salientada por Le Roux e Tranoy (1973, p. 209) – relembrando o compromisso assumido pelo dedicante perante a divindade e transmitindo a ideia do seu empenho moral no cumprimento do voto prometido. *Cornelius* é um gentílico bastante comum na Península; também aparece na composição do nome do dedicante do altar consagrado a *Bandua* (n.º 4) em Cova de Lua, tendo-se mesmo chegado a interrogar uma possível relação familiar entre este *Vitalis* e o *Oculatus* dessa inscrição (Le Roux e Tranoy, 1973, p. 209). O cognome latino *Vitalis* constitui um dos mais difundidos à escala do Império (Kajanto, 1965, p. 274) e na Península (Abascal, 1994, p. 548) tem representação mais forte na Bética e na Lusitânia, sobressaindo nesta última província a concentração de exem-

plos em Idanha e em Mérida; à escala do Noroeste, a sua representação pode dizer-se fraca.

Em *Maxumus* constata-se a utilização de *-u* em lugar de *-i*, antes de labial, o que constitui um fenómeno relativamente frequente na epigrafia latina da Hispânia (Carnoy, 1906², p. 65-70), podendo, muito plausivelmente, entender-se como uma afectação da pronúncia popular.

6 (6/04/02/03/1) Babe, Babe, Bragança. (Est. II, 8 + Est. III, 9)

Suporte: Ara.

Material: Granito.

Descrição: O trabalho de molduração estende-se pelas quatro faces do monumento, estando duas (opostas) epigrafadas. O capitel (23/33/33) tem a cornija dividida em duas faixas e a sua ligação ao fuste (42/26,5/26,5) faz-se por intermédio de toro e duplo filete. A sua parte superior, escavada, está delimitada por um rebordo com cerca de 4,5 cm de largura e tem uma cavidade, sensivelmente quadrangular (13/12/8), ao centro, demarcada a toda a volta por uma banda, de 2 a 3 cm de largo, ligeiramente rebaixada; o rebordo apresenta entalhes junto aos seus quatro cantos. É possível que o topo tenha sido originalmente trabalhado e só posteriormente escavado com vista à reutilização do monumento, muito provavelmente, como suporte do altar da capela de S. Pedro, sob o qual foi encontrado. A molduração da base (30/33/33) apresenta, na ligação ao fuste, toro prolongado em garganta reversa. Notam-se escoriações não muito profundas ao longo das arestas do fuste e, sobretudo, na molduração do capitel e da base. O rebordo da parte superior acusa também alguma degradação.

Dimensões: 95/33/33.

Campo epigráfico: As inscrições encontram-se gravadas em faces opostas do fuste, sem que haja qualquer delimitação do campo epigráfico. Apenas Lopo (1898, p. 343) refere esta dupla gravação.

Dimensões: 42/26,5.

Conservação: As arestas do fuste apresentam ligeiras escoriações. A face que ostenta a inscrição a) acusa algum desgaste, que afectou, sobretudo, o final das l. 2 e 3.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Cardoso Borges (1721-1724, f. 153-153v) refere que teria sido encontrada debaixo do altar da capela de S. Pedro Velho e que ele próprio teria dado ordens para que fosse conduzida para Bragança. Por razões desconhecidas não chegou a sair de Babe, vindo a ser redescoberta por A. Lopo (1900, p. 62), metida na parede do adro da igreja paroquial (à direita de quem entra). Deu entrada no Museu Municipal de Bragança por intermédio do reverendo Francisco Manuel Pires, reitor de Babe (Alves, 1934, p. 35).

Paradeiro: MAB (n.º 1571), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 153-153v; Belino, 1898, p. 31; Lopo, 1898, p. 342-343 (= 1900, 62); *EE IX* 276; Alves, 1909, p. 350, 1934, p. 34-35, n.º 4; Lopo, 1987, p. 39; Garcia, 1991, p. 418, n.º 373; Lemos, 1993, IIa, p. 42; Garcia, 1996a, p. 1352, n.º 76.

inscrição a):

I(oui) . O(ptimo) . M(aximo) / T(---) . I(---) . L(---) / ET . P(---) . P(---) / EX . VO/5TO

inscrição b):

I(oui) . O(ptimo) . M(aximo) / T(---) . I(---) . L(---) . / ET . P(---) . P(---) / EX . VO/5TO

A Júpiter Ótimo Máximo, T(---) I(---) L(---) e P(---) P(---), por voto.

Alt. das letras: Inscrição a): l. 1: 5,2/5,9; l. 2: 5/5,3; l. 3: 5,2/5,8; l. 4: 5,5/6; l. 5: 6,1/6,5; inscrição b): l. 1 e 2: 5,5; l. 3: 6; l. 4: 5,8/6,3; l. 5: 5,3/6,8.

Espaços: Inscrição a): 1: 3; 2: 0,7/1,1; 3: 0,7/1,2; 4: 0,4/1; 5: 1,7/2,2; 6: 6,8; inscrição b): 1: 3/3,2; 2: 0,4/0,5; 3: 0,1/0,3; 4: 0,3/0,4; 5: 1,4/2; 6: 7/8,6.

Variantes: Borges apresenta texto e translineação divergentes, considerando apenas quatro linhas: I . O . M . / IVL(ius) . CA/ES(ar) . P(retor) . P(rouinciae) . EX / VOTO. O desdobramento das iniciais dos nomes dos dedicantes é também tentada por Pereira Caldas (publicado por Belino): IO(ui) . M(aximo) / T(itus) . D(aphus) L(ibertus) / ET . P(er) P(erna) / EX VO/TO. Lopo (1898b e 1900c) e Belino publicaram a inscrição com base no texto da inscrição b), no que foram seguidos por *EE*; Alves e Garcia parecem ter utilizado nas respectivas publicações a inscrição a). Na sua obra póstuma, também Lopo (1987) parece orientar-se pelo texto desta inscrição. Por provável gralha, em Garcia não se faz a separação entre as l. 1 e 2 e apresentam-se medidas do monumento erradas. L. 1: I . O . M . (Lopo 1987, Lemos); l. 2: T . D(uel I?) L . (Lopo 1898 = 1900c), T . D . L (Lopo 1987), *EE*, Lemos e García apresentam ponto no final da linha como se vê na inscrição b); l. 3: ET P . P (Lopo 1987), Belino e *EE* não têm em conta o ponto colocado entre os PP e Lemos aponta um outro no final da linha; l. 4: ponto no final da linha (*EE*); l. 5: ponto entre o T e o O (*EE*, Alves 1934, Garcia).

Comentário: Ambas as inscrições apresentam paginação cuidada, alinhada à esquerda, à exceção da l. 5 que foi centrada, e letras que ao longo do texto conservam um módulo mais ou menos regular, tendo em conta a natureza do suporte. Os caracteres de ambas as inscrições são tendencialmente actuários, ainda com alguns ressaibos da monumental quadrada, sobretudo nos OO; os PP têm pança semicircular fechada; os EE têm barras curtas. É notória a preocupação do lapicida na manutenção do rigor da verticalidade das letras, a qual está bem patente nos II, reduzidos a simples hastes, mas também na perpendicularidade das hastes e barras dos TT e do L. Na inscrição b) é perceptível uma maior profundidade de gravação nas extremidades de alguns caracteres que se deve, com certeza, à preocupação do lapicida em marcar os limites dos traços para, a partir daí, iniciar a incisão. Utilização de pontos de secção circular na separação de siglas ou palavras, salvo no final das linhas, com excepção feita à l. 2 da inscrição b). Nas duas faces, houve propósito de aproximar o texto ao capitel, deixando em baixo um maior espaço livre. Pequenas variações de detalhe no desenho das letras de ambas as inscrições não são necessariamente sinónimo de uma variação cronológica importante, sendo mais justificáveis pela natureza do suporte.

É arriscada qualquer tentativa de resolução das siglas dos nomes dos dedicantes desta ara consagrada a Júpiter. À primeira vista, elas podem ser interpretadas como mera economia na gravação da inscrição, porém, também poderão representar uma procura de

anonimato, ainda que, neste caso, talvez essa pretensão acabasse traída pelo facto de estarmos perante indivíduos portadores de *duo* e *tria nomina* e, por isso, facilmente identificáveis se fizessem parte da comunidade local, onde o uso, sobretudo, dos três nomes parece ser pouco frequente (cf. García, 1999a).

A paleografia, associada a uma paginação de qualidade, e o facto de um dos dedicantes, aparentemente, ser portador de *tria nomina* podem justificar uma datação do século II.

7 (I37/04/I2/35/2) Vinhais (?), Vinhais (?), Vinhais. (Est. III, 10)

Descrição: Não se refere na publicação original a tipologia do monumento, sendo de supor tratar-se de ara ou árula.

Local de achado: Vinhais (?).

Circunstâncias: Viterbo (1865, I, p. 275) diz, simplesmente, ter aparecido perto de Vinhais.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Viterbo, 1798-1799 (= 1865, I, p. 275); *CIL* II 2467; Alves, 1938, p. 296; *ILER* 146; Rodríguez, 1987, p. 68, n.º 30; Garcia, 1991, p. 418, n.º 374; Lemos, 1993, IIa, p. 455-456; García, 1996a, p. 1946-1947, n.º 166; Rodríguez, 1997, p. 73, n.º 27.

IOVI / O(ptimo) M(aximo) / LOVIIS/IA IIX / ⁵ VOTO / L(ibens) A(nimo) P(osuit)

A Júpiter Ótimo Máximo. Lovésia, por voto, colocou de boa vontade.

Variantes: L. 3: LOVES (Rodríguez), LOVII (Lemos); l. 4: [S]A (*CIL*, *ILER*, Rodríguez 1997), SA (Rodríguez 1987, Lemos, Garcia, García), EX (Rodríguez); l. 6: por lapso, em Rodríguez (1987), o L é substituído por I. Em Garcia, é inadvertidamente introduzida uma separação de linha a meio da l. 4. Nas l. 2 e 6, pontuação divergente entre os vários autores.

Comentário: Ressalta a grafia II por E.

Terceiro documento relativo ao culto a Júpiter. A dedicante desta inscrição identifica-se com um único nome indígena, *Louesia*. Apesar desta forma antroponímica não ter qualquer outro testemunho, preferimo-la, relativamente à interpretação proposta no *CIL* (*Loues(s)a*), por ser a que originalmente transmitiu Viterbo, podendo ser assumida como o feminino de *Louesius*. Este nome aparece bem representado na Lusitânia (Abascal, 1994, p. 402), tendo no Noroeste peninsular um testemunho em Cacabelos (Diego, 1986, p. 174-175, n.º 222); em Santa Comba de Bande, regista-se a forma *Louessius* (*CIL* II 2518 + Tranoy, 1981, p. 69). Em território da Lusitânia, documentam-se, também, as formas *Lobesa* e *Lobessa* (cf. Abascal, 1994, p. 401; Palomar, 1957, p. 77). No seu conjunto, estes elementos antroponímicos assumem-se como representantes típicos da zona lusitano-galaica (Untermann, 1965, p. 121-122). Apesar de a dedicante não exprimir a sua ingenuidade, presumimos que terá esse estatuto; na região, a grafia II = E parece não aconselhar uma cronologia alta, podendo justificar-se o uso do nome único por um processo de simplificação onomástica, o que começa a ser frequente em meados do século III (Navarro, 1998, p. 189).

Suporte: Árula.

Material: Talco.

Descrição: Árula sem base claramente definida e com um capitel simulado por meio de um duplo friso, que não chega à face posterior; no topo, é singelamente rematada por *foculus* circular ($\emptyset = 6$) em relevo quase plano. Foi alisada nas quatro faces, sendo a posterior convexa. Conserva-se mal na parte inferior, sobretudo na metade esquerda, e tem, ao longo das arestas, pequenas beliscaduras.

Dimensões: 32/17/8,5.

Campo epigráfico: A inscrição ocupa a parte superior do fuste.

Dimensões: 17/16,5.

Conservação: Regular.

Local de achado: Torre.

Circunstâncias: F. M. Alves (1934, p. 63) refere ter sido encontrada no sítio da Torre, onde a tradição popular refere ter existido uma capela, à qual os mouros do Castro (povoado fortificado do termo de Ousilhão) iam ouvir Missa. F. Sande Lemos (1993, IIa, p. 435) identificou nas imediações do povoado fortificado da Torre um local com materiais romanos, que designa de Senhora da Alegria e classifica como povoado romano, ao qual atribui esta epígrafe. A peça foi oferecida ao Museu de Bragança pelo reitor João Manuel Gil Pereira.

Paradeiro: MAB (n.º 1526), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1934, p. 63, n.º 27; Le Roux e Tranoy, 1973, p. 209, n. 1; Encarnação, 1975, p. 209-210; Garcia, 1991, p. 536-537, n.º 614; Lemos, 1993, IIa, p. 435; García, 1996a, p. 1848, n.º 41; Rodríguez, 1997, p. 135-136, n.º 110.

ELANICVS TA/VRINVS . LAE/SV VO(tum) . L(ibens) . S.OL(uit)

A Leso, Elânico Taurino cumpriu o voto de boa vontade.

Alt. das letras: L. 1: 1,5; l. 2: 1/1,6; l. 3: 1,1/1,5.

Espaços: 1: 0,2/0,5; 2: 0,1/0,6; 3: 0/0,4; 4: 11/11,5.

Variantes: L. 1: ELEANICVS (Lemos), ELANICVS (Rodríguez), Alves assinala erradamente ponto entre S e T; l. 3: SV(i) (Le Roux e Tranoy, Garcia), SV(o) (Rodríguez, que também não regista o ponto intercalado entre o S e o O). Nenhum dos autores que trataram a inscrição regista o ponto no final da l. 3. Le Roux e Tranoy ignoram a pontuação.

Comentário: Texto com alinhamento simultâneo à esquerda e à direita, recorrendo-se mesmo à translineação não silábica; na l. 3, a inclusão do O e do L finais, já depois de um ponto, aparente resultado de uma *ordinatio* menos cuidada, parece visar o respeito pela manutenção do alinhamento da direita. Os caracteres foram delicadamente incisos entre linhas auxiliares que acabaram por permanecer com finalidade estética. O seu desenho não é totalmente regular, sendo ligeiramente alongado; LL de barra inclinada para baixo, AA com travessão central, NN a partir de A, R de pança aberta e perna lançada. Pontuação redonda. O teónimo aparece grafado sem desinência, caso que não é insólito quando se trata de adaptar nomes indígenas à declinação latina.

Elanicus documenta-se como cognome em Madridanos (AE, 1981, 544), na vizinha província de Zamora, podendo considerar-se derivado de nomes como *Elanus* e *Elanius* e aproximar-se de *Elaesus*, partilhando todos a mesma raiz **el-* (Albertos, 1972b, p. 290). O cognome *Taurinus* tanto é conhecido nas séries onomásticas latinas (Kajanto, 1965, p. 190, 329) como nas indígenas (Albertos, 1966, p. 222). Na Península, o seu uso parece circunscrever-se a meios indígenas (CIL II 2960, 5708; Alves, 1934, p. 64, n.º 28), mas pode tratar-se de uma acomodação do nome latino, atendendo, sobretudo, à sua conotação associada ao touro; salienta-se o facto de também se documentar em Palaçoulo, no Planalto Mirandês, em associação com a correspondente forma feminina (Alves, 1934, p. 64, n.º 28). A antroponímia evidencia a autoctonia do dedicante, que inclusive ostenta um falso *nomen*.

O monumento está dedicado à divindade indígena *Laesus*: atendendo à grafia que nos é transmitida, o teónimo poderá pertencer à segunda ou à quarta declinações. Escapamos qual o conteúdo funcional da divindade (cf. Encarnação, 1975, p. 209-210; Tranoy, 1981, p. 275), sendo plausível a hipótese de poder tratar-se de um nume protector de uma comunidade ou mesmo de uma família alargada.

As características da identificação do defunto, a paleografia e a inusitada apresentação da fórmula votiva, associadas à própria tipologia do monumento, sugerem uma datação do século III.

9 (71/04/02/13/2) Cova de Lua, Espinhosela, Bragança. (Est. III, 12)

Suporte: Árula.

Material: Granito.

Descrição: Árula, incompleta, alisada nas quatro faces e rematada por *foculus* circular ($\emptyset = 7$), em relevo, centrado no topo rebaixado e delimitado por rebordo, que lateralmente é duplo; a base não se conserva. Encontra-se lascada no canto superior esquerdo e consideravelmente gasta ao longo das arestas.

Dimensões: [25]/16/11.

Campo epigráfico: A inscrição ocupa o fuste.

Dimensões: [25]/16.

Conservação: Lascado superiormente e bastante gasto nos lados.

Local de achado: Capela da Senhora da Hera/Casarelhos.

Circunstâncias: Tal como a n.º 4, estava embutida no exterior de um dos alçados da capela da Senhora da Hera (junto a uma porta); acabou por ser quebrada por um derube intencional da parede, realizado no início do século XVIII. Cardoso Borges (1721-1724, f. 70v-71) não chegou a recolhê-la, como fez com a n.º 4. Foi reencontrada por F. M. Alves (1934, p. 50), em Maio de 1928, a servir de tresfogueiro na cozinha de João Fontes, em Cova de Lua, e por intermédio de José Montanha e de Manuel Miranda deu entrada no Museu de Bragança.

Paradeiro: MAB (n.º 1535), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Santa Maria, 1716, p. 657-658; Borges, 1721-1724, f. 70v-71; CIL II 2499; Alves, 1934, p. 50-52, n.º 16; Encarnação, 1975, p. 298; García, 1991, p. 537-538, n.º 616; Encarnação, 1993a, p. 134-135; Lemos, 1993, IIa, p. 83-84; HEp 5, 985; García, 1996a, p. 1392-1393, n.º 124; Rodríguez, 1997, p. 136, n.º 111.

[FL]AÇC/VŞ . VI/BON[I]/S (filius) . L(ibens) . V(otum) /⁵ . V(ouit) .

Flaco, filho de Vibão, cumpriu o voto de boa vontade.

Alt. das letras: L. 1: 4,9; l. 2: 3,8/4,5; l. 3: 4/4,5; l. 4: 4,4/4,6; l. 5: 3,5.

Espaços: 1: 2,5; 2: 0,2/0,5; 3: 0,1/0,5; 4: 0,4/0,7; 5: 0,3/0,5.

Variantes: L. 1: [FLA]CC (García) l. 3: RON[I] (Lemos), RON(i) (García), BONI(i) (Rodríguez); l. 4: S(oluit) . L(ibenter) . V(otum) (Alves), S(oluit) . L(ibens) . A?(nimo) (Lemos), S(oluit) . L(ibens) . V(ut?) (García), S(oluit) . L(ibens) . V(otum) (García, Rodríguez); l. 5: . V(otum) . (Alves), { . V(otum) . } (García), . V(otum) F(ecit) (Lemos), [EX] VI(su) (Rodríguez). Santa Maria e Borges dão a inscrição em três linhas e assim é transcrita no *CIL*: FLACCVS / VIBONIS / L . V . V . I.

Comentário: Texto alinhado à esquerda e à direita, com exceção da última linha, que está centrada; translineação dos antropónimos. Caracteres ligeiramente alongados, gravados de forma larga e profunda; VV de vértice arredondado e com a extremidade da haste esquerda encurvada para fora; SS de curvas bem delineadas; A com travessão. Pontuação de secção circular. A primeira letra da l. 3 coloca alguma dúvida, mas julgamos mais provável ser um B do que um R; na l. 5, não admitimos outra letra a seguir ao V, mas apenas um ponto.

A interpretação desta inscrição tem-se revelado problemática, levando mesmo à admissão da possibilidade de existência de um teónimo *Vibonus* ou *Vironus* (Encarnação, 1975, p. 298; Tranoy, 1981, p. 278). Parece ser hoje pacífico que o teónimo está omisso (Encarnação, 1993a, p. 134-135): apenas se nomeia o dedicante, à maneira indígena, seguindo-se uma fórmula final.

O cognome latino *Flaccus* está bem documentado na Península (Abascal, 1994, p. 366), conhecendo-se outros exemplos em território zela, concretamente em Nogueira (n.º 53), em Saldanha (Mourinho, 1987, p. 106, n.º 37, p. 112, n.º 43 + Navarro, 1998, p. 194, n.º 14, G. II), em Picote (Mourinho, 1987, p. 118, n.º 57, 1986, p. 15-16, n.º 8, p. 18-20, n.º 11 + Navarro, 1998, p. 192, n.º 15, G. I) e em Villalcampo (*HAE* 908). A leitura do patronímico não é tão simples como a do nome anterior. Por um lado, os diversos autores têm hesitado na leitura da primeira letra da l. 3, oscilando entre B e R; por outro, não têm estado de acordo quanto ao facto de a primeira letra da l. 4 fazer ou não parte do patronímico.

Mais recentemente, tentou-se uma resolução deste problema, sugerindo-se (Encarnação 1993a, p. 134-135) uma decisão a favor da leitura *Vironus*; atendeu-se, sobretudo, ao facto de este nome ter ocorrência significativa na Península, mas também ao desconhecimento de um eventual radical *Vib-*. Uma observação atenta da letra em dúvida obriga-nos, contudo, a ler B, já que se notam ténues vestígios da base da pança inferior. Não temos argumento de peso para considerar o S da l. 4 como derradeira letra do patronímico ou para o entender como inicial integrada na fórmula final, embora a primeira hipótese facilite o desdobramento de uma fórmula votiva. Assim, sugerimos a existência do antropónimo *Vibo* – também já considerada por Abascal (1994, p. 544) por via desta mesma inscrição – e o registo da fórmula final *L(ibens) V(otum) V(ouit)*, não sendo possível admitir um I a seguir ao V da l. 5, pois é aí evidente um ponto que sofreu pequena mutilação. Atendendo ao achado de uma ara consagrada a *Bandua*

(n.º 4) no mesmo local, admitimos, como hipótese, que também este pequeno monumento votivo tivesse sido endereçado a esta divindade.

Considerando a tipologia monumental, o inusitado da fórmula final e a paleografia, a epígrafe poderá datar dos séculos II-III.

■ 10 (21/04/02/07/2) Carrazedo, Carrazedo, Bragança. (Est. IV, 13)

Suporte: Ara.

Material: Mármore.

Descrição: A. Gasco (1627-1635, f. 104v) refere a exploração dos mármore pelos romanos e dá, em seguida, o exemplo da epígrafe que observou em Carrazedo, que no seu parecer teria sido *ara de templo*.

Local de achado: Carrazedo.

Circunstâncias: Encontrava-se, no século XVII, metida numa parede desta aldeia (Gasco, 1627-1635, f. 104v).

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Gasco, 1627-1635, f. 104v (= Cruz, 1935, p. 123); *CIL* II 2513; Alves, 1938, p. 588; Lemos, 1993, IIa, p. 59; García, 1996a, p. 2081, n.º 43.

---] / HORA ^TIVS . / CLAVDIVS . / . D(edit?) .

---] Horácio Cláudio, ofereceu (?).

Variantes: L. 1: HORAVIVS . (Gasco, Alves), CLAVDIVS (*CIL*, García), HORATIVS . (Lemos); l. 2: HORATIVS (*CIL*, García); l. 3: D (*CIL*), D(---) (García).

Comentário: A tipologia do monumento e a provável fórmula final consecratória fazem-nos pensar tratar-se de uma inscrição votiva. O texto parece incompleto, a não ser que estejamos perante mais um caso de omissão do teónimo, como acontece com o voto de *Flaccus* (n.º 9).

O *nomen Horatia/-us* apenas se encontra registado na Península seis vezes, em latitudes bastante mais meridionais (províncias de Valencia, Sevilla e Jaén), e quase sempre (cinco vezes) integrando *tria nomina* (Abascal, 1994, p. 150). O *nomen Claudia/-us* em posição de *cognomen* também já não é original, documentando-se em exemplos peninsulares igualmente austrais, nomeadamente em Mérida, Valência e Ibiza (Abascal, 1994, p. 330).

2.2. Inscrições honoríficas

II (97/04/02/19/14) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. IV, 15)

Suporte: Pedestal (?).

Material: Granito.

Descrição: Bloco paralelepípedo, sem qualquer elemento decorativo ou de moldura, apresentando, na parte superior, pequena concavidade quadrilateral com os lados mais estreitos arredondados (10,5/3).

Dimensões: 53/73/[27].

Campo epigráfico: A inscrição ocupa toda a superfície da parte anterior do bloco.

Conservação: Face epigrafada bastante delida devido, sobretudo, a trabalhos de caiação e limpeza que ao longo dos anos se foram sucedendo, os quais terão provocado, além do desgaste superficial, algumas escoriações.

Local de achado: Igreja de Grijó de Parada.

Circunstâncias: Encontra-se encastrado no lado esquerdo do portal românico da igreja (séculos XIII-XIV), junto ao chão, tendo sido por nós localizado.

Paradeiro: Igreja de Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Inédito.

DIVO $\overline{AV}G$ (usto) / \overline{SACRUM} / $\overline{SESTIVS? D}$ (edicauit)

Consagrado ao Divino Augusto. Séstio (?) dedicou.

Alt. das letras: L. 1-2: 10; l. 3: 9,5/10,5.

Espaços: 1: 9; 2: 3; 3: 2,5; 4: 8.

Comentário: Paginação cuidada; as l. 1 e 3 obedecem a um eixo de simetria, que não é respeitado na l. 2. Caracteres e espaços interlineares com alguma regularidade. As letras da l. 1 são claramente quadradas, assumindo as das linhas seguintes formas mais alongadas. A leitura não se faz de forma imediata, mas pode ser descortinada em função de um exame mais atento. Na l. 1, está clara a palavra DIVO, seguindo-se vestígios (haste oblíqua e vértice) de um A e da metade inferior de um G; entre estes dois caracteres, um pequeno traço oblíquo que, de forma verosímil, criaria o nexos AV. Na l. 2, a que pior se conserva, as letras que ainda tenuamente se vislumbram parecem sustentar a nossa proposta de leitura. Na última linha, distinguem-se com clareza os quatro primeiros caracteres, sendo realistas as reconstituições apresentadas.

Perante a nossa leitura, o texto representa uma consagração a Augusto divinizado, sendo o resultado uma iniciativa particular.

O dedicante identifica-se com um único antropónimo. *Sestius* é *nomen* latino, mas está, neste caso, adoptado como nome único. Na função de cognome, documenta-se, em Idanha, um gentílico afim: *Sextia* (HAE 1180). Ressalta a coincidência onomástica com o gentílico do procurador *L. Sestius Quirinalis*, ligado à primeira manifestação cultural ao

imperador, materializada nas famosas *Arae Sestianae* levantadas no litoral galego, durante a sua estadia peninsular, entre 22 e 19 a.C., pelo menos três décadas antes desta dedicatória, que não será anterior ao ano 14. A paleografia e o relativo cuidado posto na paginação corroboram a antiguidade do documento. Estaremos, certamente, perante um indígena, mas não se explicita qualquer motivo para a consagração efectuada, aparentemente, inscrita fora de um contexto oficial. Em Alcácer do Sal, conhece-se outro testemunho do culto ao imperador Augusto da autoria de um indígena (*CIL* II 5182), tendo-se sugerido que pudesse tratar-se de uma entrega pessoal, de uma *deuotio* ao próprio imperador, sem que se tenha descartado a hipótese da consagração do próprio monumento (*IRCP* 184), o qual poderia ter feito parte de uma construção, eventualmente um altar monumental (Alarcão, 1988b, p. 176). No caso vertente, consagra-se, pelo menos, a epígrafe.

■ 12 (82/04/02/18/1) Gostei, Gostei, Bragança. (Est. IV, 14)

Suporte: Placa (?)/pedestal (?).

Material: Granito.

Descrição: As informações recolhidas por J. H. Pinheiro (1889, p. 54) acerca da descoberta da inscrição levaram-no a concluir que se trata de um bloco paralelepipedico. Depois da sua colocação na parede da igreja, a face epigrafada foi caiada e as letras pintadas; actualmente encontra-se limpa de qualquer pintura, mas a superfície guarda as feridas dessa operação de limpeza, tendo sido reavivadas com ponteiro, praticamente, todas as letras. A altura e largura presentemente visíveis são de 79 e 62,5 cm, respectivamente.

Dimensões: 89/68.

Campo epigráfico: A inscrição ocupa a superfície da parte anterior do bloco.

Conservação: Mediocre.

Local de achado: Igreja de S. Cláudio.

Circunstâncias: Segundo J. H. Pinheiro (1889, p. 54), foi encontrada, em 1882, debaixo do altar-mor da igreja, na posição vertical e com a inscrição voltada para o corpo do templo. Em 1889, estava já encastrada na parede norte, entre o púlpito e o coro.

Paradeiro: Igreja de S. Cláudio, Gostei.

BIBLIOGRAFIA: Pinheiro, 1889, p. 53-57 (= 1895, p. 97-101); *CIL* II 6217; Lopo, 1901b, p. 147; Beça, 1915, p. 89; Alves, 1934, p. 208-209; *ILER* 1970; Tranoy, 1980, p. 589-594; *AE*, 1980, 577; Lopo, 1987, p. 46; Garcia, 1991, p. 467-468, n.º 487; Lemos, 1993, IIa, p. 98-99; Encarnação, 1993b, p. 320-321; García, 1996a, p. 1698-1699, n.º 3; Rodríguez, 1997, p. 417-418, n.º 586.

TI(berio) . CLAVDIO / CAESARI . A/VG(usto) . GERMA/NICO . IMP(eratori)

A Tibério Cláudio César Augusto Germânico imperador.

Alt. das letras: L. 1: 8/10; l. 2: 7,5/8; l. 3: 8/9; l. 4: 7/8.

Espaços: 2 e 3: 3,5/4; 4: 4.

Variantes: L. 1: em Lopo (1901b), por gralha, regista-se CLVDIO; l. 2: em Pinheiro, *CIL*, Lopo, Beça, Alves e *ILER*, não se faz leitura do ponto e do A final, enquanto Tranoy, Garcia, Lemos e García apenas não assinalam o ponto; l. 3: AVG (Pinheiro, *CIL*, Lopo, Alves, *ILER*), apenas em *CIL* e Lopo é feita a leitura do ponto e o último (1987) considera um outro no final da linha; l. 4: Pinheiro, Beça, Alves e Lopo (1987) consideram haver ponto no final da linha e Lemos um C. Encarnação e Rodríguez não assinalam pontuação. Em *CIL*, *ILER* e Rodríguez, considera-se estar a inscrição incompleta.

Comentário: Caracteres de bom recorte, tendencialmente quadrados; AA com travessão central; OO circulares; MM de vértice central acima da linha; GG idênticos aos CC, mas com pequeno traço, aparentemente centrado, na extremidade inferior; P de pança aberta; RR de pança fechada, mas, presumivelmente, traçados a partir de P. Pontuação de secção circular. Os sulcos de gravação foram reavivados. Apesar de não ser possível avaliar com segurança o trabalho de paginação, pelo facto de o reboco da parede recobrir os rebordos da epígrafe, supomos que o texto tenha sido centrado na superfície epigráfica. Foi deixado mais espaço em baixo do que em cima, o que, a par do maior destaque, ainda que ligeiro, dado à primeira linha, indica que o texto se destinava a ser lido à altura dos olhos, como já havia sugerido J. d'Encarnação.

Trata-se de uma dedicatória ao imperador Cláudio, considerando-se definitivamente afastada a interpretação da epígrafe como miliário (Tranoy, 1980). A. Tranoy (1980, p. 592, 1981, p. 160, 329) definiu-a como placa, embora J. d'Encarnação (1993b, p. 321) tenha, posteriormente, contestado essa classificação, defendendo ser um cipo; julgando pertinente a observação deste autor, talvez pudéssemos precisar a sua hipótese, sugerindo a possibilidade de se tratar de um pedestal. De toda a forma, qualquer classificação só poderá ser validada pondo a descoberto todo o monumento; a espessura da parede (cerca de 80 cm) permite a admissão de ambas as hipóteses, e o adjectivo *paralelepipedico*, empregue por Pinheiro (1889, p. 54), pode servir, em boa verdade, a qualquer uma das classificações. O contexto arqueológico do seu achado não é conhecido, mas desde a primeira publicação que se sugere poder ser a Torre Velha/Terras de S. Sebastião de Castro de Avelãs; apesar de pouco se conhecer acerca deste sítio arqueológico, já se admitiu que esta peça pudesse ter ocupado um lugar num *forum* (Encarnação, 1993b, p. 321; Lemos, 1993, Ib, p. 388) da *ciuitas Zoelarum*, cuja capital aí tem sido localizada. Quanto ao significado da dedicatória, aventou-se poder ser o testemunho do reconhecimento público – daí a ausência de dedicante – pela criação da *ciuitas* sob o reinado do imperador Cláudio (Alarcão, 1988b, p. 58; Lemos, 1993, Ib, p. 388).
É datável de 41-54.

13 (80/04/02/16/4) Gimonde, Gimonde, Bragança. (Est. IV, 16)

Suporte: Pedestal.

Material: Granito.

Descrição: Pedestal cúbico, com orifício oval (18/14) na face superior, provavelmente destinado ao encaixe de obra escultórica. Praticamente intacto, apresenta algumas escoriações nos vértices e, sobretudo, nas arestas inferiores, aparentemente, devido ao facto de ter sido reutilizado em posição invertida.

Dimensões: 42/44/39,5.

Campo epigráfico: Ocupa toda a largura da face dianteira do pedestal, sendo delimitado superior e inferiormente por dois sulcos que correm ao longo dos quatro lados.

Dimensões: 18/43.

Conservação: Desgaste ligeiro.

Local de achado: Arrabalde de Gimonde.

Circunstâncias: Exumado nos trabalhos de escavação arqueológica de emergência realizados, no verão de 1995, nesse sítio arqueológico, sob a responsabilidade científica de A. Redentor e L. Tavares Dias. A peça encontrava-se reutilizada numa estrutura adossada a uma das paredes da edificação parcialmente posta a descoberto, interpretada como possível forja.

Paradeiro: Sede do Parque Natural de Montesinho, Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Redentor, 1997, n.º 249.

BONO / R(ei) . P(ublicae) . NATO

Ao nascido para o bem da República.

Alt. das letras: L. 1: 4,5/5 (B = 7,5); l. 2: 5/6 (O = 3,4).

Espaços: 1: 1,5/4,5; 2: 1/1,8; 3: 1/3,7.

Comentário: Texto, de aspecto fruste, com alinhamento à esquerda; na l. 2, a palavra NATO está gravada acima da linha. Letras de características actuárias e módulos irregulares, profundamente gravadas; OO de dimensões inferiores às restantes letras, que no caso da l. 1 podem representar a procura de um efeito estético; A sem travessão central, servindo de base aos NN; B e R a partir de P. Pontos de secção circular a seguir às abreviaturas.

A utilização da expressão *Bono Rei Publicae Nato* é frequente na antiguidade tardia como emanação de novos valores éticos e políticos, mormente fazendo a apologia do imperador (Susini, 1982, p. 168). A fórmula é especialmente mencionada nos miliários do século IV, funcionando como elemento da titulação oficiosa atribuída, sobretudo, aos imperadores vivos, no sentido de afirmar a sua legitimidade (Christol e Sillières, 1980, p. 70-80). No caso vertente, a utilização do dativo empresta à expressão um carácter claramente honorífico, embora, desafortunadamente, não conheçamos o imperador visado.

A finalidade propagandística do pedestal (associado ao seu complemento escultórico) é indissociável de um espaço público, o qual poderia ter existido no seio do próprio Arrabalde (cf. Lemos, 1993, IIa, p. 92-93) ou ser representado pela via XVII, onde o pedestal poderia ter estado colocado, eventualmente à saída ou à entrada de uma ponte de fábrica romana que teve de existir na ligação das duas margens do rio Igrejas. Pela expressão epigrafada e pela paleografia, sugerimos para a sua datação o século IV.

2.3. Inscrições funerárias

14 (29/04/02/09/4) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. V, 17)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular com esquema decorativo bipartido, consistente na individualização da cabeceira e num campo epigráfico entre colunas. Foi fracturada no topo e na base, provavelmente de molde a ser encastrada numa das paredes da igreja de Castro de Avelãs, onde apareceu. O friso que separa a cabeceira do campo epigráfico encontra-se picado.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; colunas.

Decoração: Cabeceira ornamentada com roda de 12 raios curvos sinistrorsos, em relevo, centrada dentro de campo ultra-semicircular, rebaixado e limitado pelo rebordo externo da estela, repousando sobre duas colunas com capitel esquemático (duplo filete), relevadas, as quais delimitam lateralmente o campo epigráfico.

Dimensões: [95]/42,5/18.

Campo epigráfico: Delimitado lateralmente por duas colunas com capitel estilizado, obtidas pelo rebaixamento dos rebordos da estela e do próprio campo epigráfico.

Dimensões: [55,5]/31.

Conservação: Incompleto, estando picado o friso que o limitava superiormente.

Local de achado: Castro de Avelãs (igreja).

Circunstâncias: Apareceu, em 1927, encastrada numa parede da igreja, no decurso de obras de restauro (Alves, 1934, p. 165), tal como a n.º 31. Volvidos 10 anos, deu entrada no Museu de Bragança por intermédio de José Montanha (Alves, 1938, p. 605).

Paradeiro: MAB (n.º 1500), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1934, p. 165-166, 1938, p. 605-606; Lemos, 1993, IIa, p. 66; García, 1996a, p. 1408, n.º 6; Rodríguez, 1997, p. 252-253, n.º 262.

ACCAE / METELLI / SERVAE / AN(norum) XXV (quinque et uiginti) / ⁵
EPAPHR/ODITVŞ / [---

A Aca, escrava de Metelo, de 25 anos. Epafrodito [---

Alt. das letras: L. 1: 7,6/8,2; l. 2: 6,4/6,8 (I = 7,6); l. 3: 6,7/7,5; l. 4: 6/6,6; l. 5: 5,9/7 (A = 5); l. 6: 5,3/6,5.

Espaços: 1: 5,8/7,2; 2: 1,2/2,5; 3: 1/1,4; 4: 2,5/3,3; 5: 1,7/3,5; 6: 1/1,4.

Variantes: L. 2: METELI (Alves 1934); l. 4: METELIF (Alves 1938), ponto após AN (García); l. 5: ESASHR (Alves 1934); l. 6: ODITAS (Alves 1934), ODITVP (Alves 1938), ODITV(s) P(osuit) (García).

Comentário: O texto respeita uma paginação com alinhamento à esquerda, notando-se a preocupação de dar maior destaque à identificação da defunta, através da utilização de letras de módulo superior. Capitais tendencialmente actuárias, de *ductus* irre-

gular, gravadas com profundidade. Em detalhe, os AA são todos diferentes: o da l. 1 tem travessão central e um pequeno traço pegado à extremidade inferior da haste direita; o da l. 3 não apresenta travessão, mas tem um pequeno traço centrado na extremidade inferior da haste esquerda; os das l. 4 e 5 têm travessão central. As barras dos EE são curtas, tal como as dos LL.

As l. 5 e 6 saíram de mão diferente das restantes, como bem indiciam as diferenças nos desenhos do A, do R e do S: a primeira letra (l. 5) apresenta a haste esquerda quase vertical, enquanto que nas outras ela é oblíqua; a segunda (l. 5) foi traçada a partir de P idêntico aos dessa mesma linha (caracterizados pela sua pança muito aberta), mas com o arco da pança prolongado e unido a um traço oblíquo comprido, divergindo da congénere da l. 3, que se apresenta de pança fechada; a terceira (l. 6) também não parece assemelhar-se ao carácter representado na l. 3, que surge mais curvilíneo.

O epitáfio de *Acca* documenta-nos a presença de indivíduos de condição servil em Castro de Avelãs. A defunta é identificada como escrava de *Metellus* – um cognome pouco frequente (Solin e Salomies, 1988, p. 363), também documentado em Rebordãos (n.º 42) – e à realização da homenagem fúnebre aparece associado *Epaphroditus*. O nome *Acca*, cuja raiz etimológica indo-europeia, **akka*, com significado de “mãe”, faz referência ao balbuceio infantil (Albertos, 1966, p. 5), denuncia uma origem hispânica para a defunta; o antropónimo encontra-se documentado uma outra vez no Noroeste (*HAE* 2720). A origem grega do nome *Epaphroditus* (Solin, 1982, p. 320) torna altíssimamente provável estarmos, neste caso, perante mais um indivíduo de condição servil, companheiro ou progenitor de *Acca*; conta com pouco mais de meia dúzia de testemunhos na Península, confinados às províncias de Cádiz, Jaén, Málaga e Sevilla (Abascal, 1994, p. 352), ainda que seja um dos antropónimos gregos mais utilizados à escala imperial (Solin, 1982, p. 1439). A paleografia e a paginação, a ausência de fórmula consecratória e o esquema decorativo do monumento sugerem um cronologia alta, que situaríamos entre os meados do século I e a 1.ª metade do século II.

15 (23/04/02/08/2) Castrelos, Castrelos, Bragança. (Est. V, 18)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, de grandes dimensões, bastante bem conservada – apenas com escoriações ligeiras em alguns pontos das suas arestas. As faces laterais apresentam-se tratadas, contrariamente ao lado posterior que praticamente ficou em bruto.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Apenas presente na cabeceira, onde, singelamente, aparece esculpida uma roda de seis raios curvos dextrorsos (com orifício ao centro), ligeiramente rebaixada em relação à superfície da estela.

Dimensões: 133,5/55/16.

Campo epigráfico: Quadrangular, obtido por rebaixe.

Dimensões: 36/37.

Conservação: Intacto.

Local de achado: Castrelos.

Circunstâncias: Apareceu, há cerca de 30 anos, durante a realização de trabalhos de plantação de vinha na Estrecada.

Paradeiro: Casa de Manuel Diogo, Castrelos.

BIBLIOGRAFIA: Mourinho, 1987, p. 114-115, n.º 46; *HEp* 3, 428; Lemos, 1993, IIa, p. 62; García, 1996a, p. 1417, n.º 21.

AEMILIO / FLAVO / AN(norum) XXX (triginta)

A Emílio Flavo, de 30 anos.

Alt. das letras: L. 1: 5,8/6,1 (O = 4,4); l. 2: 6,2/6,8 (O = 5,8); l. 3: 7.

Espaços: 1: 0,7/1,6; 2: 0,7/2; 3: 0,2/1; 4: 13,3/13,7.

Variantes: L. 3: ANO(rum) (Mourinho), AN(n)O(rum) (*HEp*, García).

Comentário: O texto está alinhado à esquerda, disposto de forma enviesada, resultando um conjunto sem classe; nas l. 1 e 2, houve necessidade de reduzir o módulo da última letra para evitar a translineação. O *ductus* dos caracteres, tendencialmente actuários, é pouco ortodoxo: nos AA, sem travessão central, as hastes não chegam a unir, tal como nos VV; o N é obtido a partir de um A; o F tem a haste curva e as barras levantadas. Na l. 3, o primeiro X une inferiormente com o seguinte.

O defunto vem identificado por *duo nomina* bastante frequentes na Hispânia. O gentílico *Aemilia/-us* é, segundo Abascal (1994, p. 67-72), o quarto mais frequente no espaço peninsular, com mais de três centenas de testemunhos. Em território transmontano, aparece documentado em Castro de Avelãs (n.º 87), Aldeia Nova (*EE VIII* 128) e Picote (Mourinho, 1986, p. 11-12, n.º 3). O nome latino *Flauus*, conjuntamente com a correspondente forma feminina, posiciona-se, nas estatísticas daquele mesmo autor (Abascal, 1994, p. 368-370), no 14.º lugar da frequência de *cognomina*, congregando quase uma centena de testemunhos. Aparece bem representado em meios de população local (Abascal, 1994, p. 31), pelo que se supõe poder ser uma tradução de um nome indígena (Navarro, 1998, p. 182). A este facto, não será alheio o seu significado, relacionado com a cor dos cabelos ou da barba (Kajanto, 1965, p. 64, 227). Tem grande implantação no território transmontano-zamorano, onde contabilizamos testemunhos singulares em Lagomar (n.º 57), Urrós (Alves, 1947, p. 672) e Valcerto (Mourinho, 1987, p. 111, n.º 42), dois em Duas Igrejas (Mourinho, 1986, p. 31, n.º 21, p. 32-33, n.º 22), três em Villalcampo (*HAE* 905, 912; *ILER* 6723) e, já a sul do Douro, um outro em Moral de Sayago (*CIL II* 8620).

A identificação do defunto com *duo nomina* latinos indicia uma datação não anterior aos meados do século II; atendendo, também, à paleografia e à sóbria qualidade do monumento, sugerimos uma datação da segunda metade desse século.

■ 16 (1/04/02/01/1) Alfaião, Alfaião, Bragança. (Est. V, 19)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, mais larga e menos espessa na parte inferior do que na superior e trabalhada nas quatro faces. Partida abaixo do campo epigráfico, apresenta escoriações várias ao longo das arestas e duas pequenas fissuras, uma oblíqua, lateralmente, e outra horizontal, ao nível da l. 1.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: O motivo decorativo da cabeceira é uma roda de cinco raios curvos sinistrorsos, em relevo, dentro de campo ultra-semicircular, rebaixado e com rebordo externo. Entre este campo e o epigráfico, banda rebaixada, com igual largura à desses mesmos espaços.

Dimensões: [82]/40/24.

Campo epigráfico: Rectangular, rebaixado.

Dimensões: 21/25.

Conservação: A maior parte da sua superfície foi picada.

Local de achado: Senhora da Veiga (?).

Circunstâncias: Apareceu, durante a realização de trabalhos agrícolas, nas imediações da Senhora da Veiga.

Paradeiro: Jardim da residência de António José Fernandes, sita no Loteamento das Nogueiras (lote 5), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lemos, 1993, IIa, p. 36. Leitura inédita.

ALAO / [...I (filio) / [---]

A Alau, filho de [---]

Alt. das letras: L. 1: 5,5/5,8; l. 2: 5,2.

Espaços: 1: 1; 2: 2.

Comentário: Gravação das letras profunda e irregular; AA de hastes desiguais, sinuosas, e com travessão central; L de barra curta; O quase circular.

Alaus é cognome indígena, variante de *Alaius*, com outro testemunho na província de Salamanca (Abascal, 1994, p. 264). O epitáfio completo registaria ainda, com toda a probabilidade, o patronímico do defunto em genitivo (l. 2) e, atendendo à estrutura mais corrente dos epitáfios da região, a idade com que morreu (l. 3).

■ 17 (77/04/02/16/1) Gimonde, Gimonde, Bragança. (Est. V, 20)

Local de achado: Gimonde.

Circunstâncias: Cardoso Borges (1721-1724, f. 149v-150) diz ter descoberto a epígrafe em Gimonde, de onde a fez conduzir para Bragança.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 149v-150; *CIL* II 2509; Alves, 1909, p. 353, 1934, p. 445; *ILER* 6575; Lemos, 1993, IIa, p. 93; García, 1996a, p. 1421-1422, n.º 28.

ALBVTIO CAPI/TONI IN LEP(---) . E[---]/LIVM [---] / AN(norum) . LXXV[---?] (quinque et septuaginta?) / ⁵ I^ΓM¹PENSIS PŪ[BLICIS?] / F(aciendum) . ^ΓC¹(urauit uel urauerunt) .

A Albúcio Capitão [---] de [---] anos. [---] a expensas públicas (?), mandou (ou mandaram) fazer.

Variantes: L. 2: INLEP (Alves 1934, Lemos, García); l. 5: INPENSIS (Borges, Alves, Lemos, García), PVB (*CIL*); l. 6: F . G . (Borges). No *CIL*, foram acrescentadas no início da inscrição duas linhas que nada têm a ver com ela.

Comentário: A interpretação das l. 2 e 3 não se nos afigura fácil; ao seu estado fragmentário, acresce a insegurança quanto à fiabilidade da transcrição. Está claro, porém, o carácter funerário do texto. Eventualmente, poderá tratar-se da homenagem pública a um indivíduo que terá sido sepultado no seio da sua comunidade, embora não possamos perceber o seu contexto.

A onomástica do defunto é latina. O *nomen* *Albutius*, com clara homofonia em relação ao nome indígena *Albucius*, não tem mais testemunhos peninsulares; também não surge muito documentado no mundo romano (cf. Solin e Salomies, 1988, p. 11), encontrando-se, por exemplo, na Gália Cisalpina (*CIL* V 5712). Contrariamente, o cognome *Capito* dispõe de boa representação peninsular (Abascal, 1994, p. 316-317), a que não deve ser alheio o seu significado, relacionado com uma particularidade física da cabeça (Kajanto, 1965, p. 235), pelo que se tem aventado a possibilidade de representar uma possível tradução de um nome indígena (Navarro, 1998, p. 186); regionalmente encontra-se também documentado em Donai (n.º 84), Parada de Infanções (n.º 62), Saldanha (*CIL* II 2503), Atenor (Mourinho, 1986, p. 24-25, n.º 15), Palaçoulo (Lopo, 1987, p. 109-110) e numa inscrição decerto relacionável com o Planalto Mirandês, embora de proveniência não apurada (*HAE* 1795-1796).

18 (76/04/02/14/1) Faílde, Faílde, Bragança. (Est. VI, 21)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, com a parte inferior da base em bruto; o trabalho de acabamento estende-se a todas as faces. Apresenta diversas escoriações pequenas, sobretudo ao longo das arestas, e um desgaste intenso, favorecido pelo carácter frível do granito utilizado.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; elementos arquitectónicos.

Decoração: O registo decorativo superior restringe-se a roda de seis raios curvos sinistrorsos, em relevo, dentro de campo ultra-semicircular, rebaixado e delimitado pelo rebordo externo da estela. Abaixo do campo epigráfico, o registo decorativo é composto por dois arcos de volta inteira, rebaixados e de execução pouco perfeita.

Dimensões: 94,5/32,5/13.

Campo epigráfico: Subcruciforme, executado por rebaixe.

Dimensões: 19/24.

Conservação: Desgaste muito intenso.

Local de achado: Faílde.

Circunstâncias: Apareceu, em 1935, durante a abertura dos caboucos para os alicerces de uma casa e deu entrada no Museu de Bragança por intermédio de José Montanha (Alves, 1938, p. 762).

Paradeiro: MAB (n.º 1501), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1938, p. 762; Lemos, 1993, IIa, p. 88; García, 1996a, p. 1422, n.º 29.

ALIA/II LIBIIRT/AII / AN(norum) LXI? (unius et sexaginta) / ⁵ S(it) T(ibi) T(erra) L(euis)

A Ália Liberta, de 61 (?) anos. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: l. 1: 2,7/3,5; l. 2: 3/3,5; l. 3: 3,2/3,5; l. 4: 3,5/4,4; l. 5: 4,2/4,3.

Espaços: 1: 0,2/0,5; 2: 0/0,9; 3: 0/0,5; 4: 0; 5: 0,4/0,6; 6: 0,4/0,7.

Variantes: L. 2: RVFINI (Alves), E LIBERT (Lemos, García). Nas publicações anteriores considera-se a existência de ponto no final da l. 3, que, contudo, está longe de ser segura.

Comentário: A l. 1 foi gravada a toda a largura da parte mais estreita do campo e as restantes seguem um alinhamento à esquerda. O grão grosseiro do suporte granítico influenciou, nitidamente, a fruste qualidade da gravação, a qual teve de ser executada de forma profunda; o reduzido módulo das letras, ditado pela necessidade de adaptação do texto a um espaço epigráfico acanhado, também não facilitou a tarefa do lapicida. Os ductos são irregulares: AA sem travessão central, sendo as hastes do da l. 1 desencontradas; N a partir de A; B de pança inferior ligeiramente mais bojuda; I da l. 1 com pequeno traço descentrado na extremidade inferior; segundo T da l. 5 apenas com meia barra, no lado direito; E igual a II. O I da l. 4 oferece dúvida.

O gentílico *Allia/-us* tem razoável representação no território ibérico, podendo citar-se os exemplos nordestinos de Picote (*EE IX 291*) e de Cardanha (*EE IX 261a*), entre outros (Abascal, 1994, p. 75); porém a grafia sem geminação do -l- apenas se regista, na forma masculina, num outro testemunho peninsular, procedente de Vilar de Maçada, no concelho de Alijó (*CIL II 2394a*). Atendendo à existência dos nomes indígenas *Alius/-a*, com quase exclusiva representação na área ásture (Abascal, 1994, p. 267) – a forma feminina está representada em Nogueira (n.º 53) –, não será despropositado ver neste caso uma acomodação do nome indígena ao papel gentílico (cf. inscrição seguinte). O cognome *Liberta* parece ser novidade na Península, tendo, além do mais, baixíssima representação no mundo romano, como indiciam os escassos exemplos registados no *CIL* (Kajanto, 1965, p. 314). A sua presença levanta a questão de saber se o seu emprego foi feito com propriedade ou, pelo contrário, despojado do seu significado social; atendendo à raridade do cognome e à probabilidade de o *nomen* ser falso, isto é, ter origem indígena, não será de estranhar poder tratar-se de uma antiga escrava, já que temos evidência da presença de elementos de estatuto servil na região.

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela fracturada ao nível da cabeceira que, com razoável probabilidade, seria semicircular. O trabalho de acabamento estende-se às quatro faces, sendo a posterior convexa. A fractura do topo parece intencional, pelo que é de supor que a peça tenha sido reutilizada; escoriações ligeiras em todas as superfícies.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Resume-se a roda de seis raios curvos sinistrorsos (com orifício central) inserta em círculo, gravada na cabeceira.

Dimensões: [90]/31,5/17,5.

Campo epigráfico: Tem forma rectangular e é rebaixado.

Dimensões: 26/23,5.

Conservação: Desgaste superficial.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Encontrada, na década de 80, numa propriedade de Teresa Morais, quando se procedia à abertura de um poço (Afonso, 1986, p. 484). Estava associada às estelas n.º 28, 48, 52, 69 e 84.

Paradeiro: Junta de Freguesia de Donai, Donai.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1986, p. 484-486, n.º 4; *HEp* 2, 765; Dias, 1990, p. 422, n.º 107; Lemos, 1993, IIa, p. 76; García, 1996a, p. 1504-1505, n.º 165.

ANNA/E . IEMV/RIAE / ANNI<S> . / ⁵ L (quinguaginta)

A Ana Iemúria, de 50 anos.

Alt. das letras: L. 1: 3,5/4; l. 2: 3,5/4,5 (E = 5,3); l. 3: 3,8/4,5 (E = 5); l. 4: 3,3/4,5; l. 5: 3,9.

Espaços: 1: 1,2/1,5; 2: 1,5/2,3; 3: 0,4/2,1; 4: 0,5/1; 5: 0; 6: 1.

Variantes: L. 2: FI(lia?) EMV (Afonso, Dias, García), FI(iliae?) EMV (*HEp*), EMV (Lemos). Nenhum dos autores faz leitura do ponto no final da l. 3.

Comentário: A disposição do texto obedece a um alinhamento à esquerda, excepto a última linha, na qual o numeral está praticamente centrado. Os antropónimos estão translineados. Gravação profunda e ductos irregulares; os AA não têm travessão central e servem de base aos NN e ao M; as barras dos EE raramente são perpendiculares às hastes; o I da l. 2 termina superiormente com pequeno traço. Pontuação de secção circular. A forma como se indica a idade tem paralelo no epítáfio de *Iemuria* (n.º 58), procedente de Varge.

Apesar da aparente simplicidade do texto, levantam-se duas questões relativas ao estatuto da defunta. *Anna* é, à primeira vista, um nome indígena (Albertos, 1966, p. 26), tal como *Iemuria* (cf. n.º 58). Se considerarmos que ambos os nomes estão em dativo, teremos de admitir que o primeiro desempenha a função de *nomen*, situação que já tem testemunho em Palencia (Sagredo e Crespo, 1978, p. 84); porém é igualmente legítimo

pensar que o segundo nome está em genitivo, podendo-se, assim, sugerir uma possível relação de servidão, já que considerar *Iemuria* como patronímico nos parece mais despropositado. Agrada-nos a primeira das hipóteses, admitindo que *Anna* possa resultar de um simples erro de gravação do *nomen Annia*, ou que represente uma acomodação do cognome indígena a esta função, o que julgamos bastante provável, ante a sua homofonia relativamente ao gentílico latino (cf. inscrição anterior).

A fórmula utilizada para a indicação da idade, a pouco cuidada organização do texto e a paleografia podem sugerir uma cronologia avançada, posterior à segunda metade do século II.

20 (30/04/02/09/5) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. VI, 23)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela incompleta, provavelmente de cabeceira semicircular. Apresenta-se obliquamente cortada ao nível da cabeceira e do início do registo decorativo inferior. Está trabalhada nas quatro faces, sendo o acabamento da posterior menos cuidado, a qual, porém, tem as arestas biseladas. O granito grosseiro confere rudeza ao conjunto.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; elementos arquitectónicos.

Decoração: Ao nível da cabeceira, apenas se conserva a parte inferior do registo decorativo, que se limitaria a uma roda de raios curvos, em relevo, dentro de campo (ultra-semicircular?) rebaixado e delimitado pelo rebordo externo da estela. Abaixo da cartela, vestígios de dois arcos, aparentemente ultrapassados, rebaixados.

Dimensões: [43,5]/26/17.

Campo epigráfico: Subcruciforme e rebaixado.

Dimensões: 22,5/17.

Conservação: Regular.

Local de achado: Castro de Avelãs.

Circunstâncias: Identificada, em 1902, por A. Lopo (1903, p. 253-254) e transferida para o Museu de Bragança por seu intermédio. Na altura da descoberta, fazia parte da boca de um forno de cozer pão.

Paradeiro: MAB (n.º 1508), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1903, p. 253-254 (= 1987, p. 31); Alves, 1934, p. 49, n.º 14; Lemos, 1993, IIa, p. 66-67; García, 1996a, p. 1437-1438, n.º 52; Rodríguez, 1997, p. 251-252, n.º 258.

D(is) M(anibus) / ARAT/ORI / AN(norum) L (quingenta) / ⁵ SI(t) T(ibi) T(erra) L(euis)

Aos deuses Manes. A Arador, de 50 anos. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: L. 1: 3/3,5; l. 2: 3,4/4; l. 3: 3,5/4; l. 4: 3,7/4; l. 5: 3,5/4.

Espaços: 1: 0,5/0,3; 2: 0,3/1; 3: 0,5/0,6; 4: 0,2/1; 5: 0,3/1,3; 6: 0/1.

Variantes: L. 5: S(it) T(ibi) T(erra) L(euis) (Lopo, Lemos, García, Rodríguez). Lemos não apresenta as l. 1 e 2 separadas, provavelmente por lapso na formatação do texto.

Comentário: A *adprecatio* aos Manes ocupa o espaço mais estreito do campo epigráfico, estando o restante texto alinhado à esquerda. A gravação foi dificultada pela natureza do suporte, que, evidentemente, inviabiliza um trabalho de pormenor e obriga a incisões profundas. Os AA não apresentam travessão central e servem de base ao M e ao N; os TT não têm a barra perfeitamente perpendicular à haste, nem centrada; a pança dos RR é fechada. Na última linha, o S surge grafado às avessas, situação que também aparece documentada em inscrições cristãs da Gália (Cagnat, 1914⁴, p. 22). A invulgaridade da fórmula final deve ser o resultado de uma precipitação do lapicida, que teria iniciado a gravação do T muito junto do S, optando, depois, pela sua repetição, deixando o sulco vertical que interpretamos como I; parece-nos menos verosimilhante tratar-se de uma fórmula sincopada (SIT <T> T L).

O defunto aparece identificado com um nome latino relacionado com a designação de uma ocupação específica (Kajanto, 1965, p. 82). *Arator* surge no conjunto do *CIL* três dezenas de vezes, das quais 23 em África (Kajanto, 1965, p. 360); em território peninsular, documenta-se em Cádiz (*CIL* II 1770). O uso exclusivo do cognome, aliado ao seu significado e à sua distribuição geográfica, leva-nos a sugerir uma presumível condição servil para este *Arator* de Castro de Avelãs, o qual poderia ter, inclusive, origem africana.

21 (II4/04/02/36/1) Rebordãos, Rebordãos, Bragança. (Est. VI, 24)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular trabalhada nas quatro faces, à excepção da parte destinada a ser enterrada, que permanece em bruto. Foi “restaurada” com argamassa de cimento ao nível da parte superior do campo epigráfico para que se unissem os dois fragmentos em que se encontrava dividida desde a sua descoberta. As superfícies estão bastante erosionadas e com múltiplas mossas.

Elementos decorativos: Tridente; crescente; esquadros; círculo.

Decoração: Restringida à cabeceira, tem como motivos centrais um crescente e um tridente, ambos incisos, dentro de campo circular rebaixado; abaixo, dois esquadros de extremidades bífidas, igualmente rebaixados, que flanqueiam pequeno círculo gravado sob o campo circular.

Dimensões: 83/35,5/13,5.

Campo epigráfico: Em rebaixe e com formato quadrangular; o rebordo externo da estela foi rebaixado, criando-se uma molduração lateral, interpretável como estilização de colunas.

Dimensões: 20/21.

Conservação: Remendado com argamassa de cimento, na sequência de fractura ao nível da l. 1, também apresenta pequenas fissuras que o fragilizam na parte inferior.

Local de achado: Vale Pereiras (ou Vale de Pereiró).

Circunstâncias: As informações sobre o seu aparecimento, em conjunto com a epígrafe n.º 100, não são claras: inicialmente, A. Lopo (1901a, p. 96) refere que a descoberta teria sido efectuada ao arrotear-se uma mata de carvalhos, mas em trabalho posterior

(Lopo, 1987, p. 42) relata que ambas as peças teriam sido desenterradas, ainda que no mesmo lugar, pela corrente de um regato que nasce no alto da serra da Nogueira.

Paradeiro: MAB (n.º 1541), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1901a, p. 95-97; Vasconcelos, 1901b, p. 133; Alves, 1934, p. 75-76, n.º 39, fig. 39a; Lopo, 1987, p. 42; Lemos, 1993, IIa, p. 125; García, 1996a, p. 1438, n.º 53; Rodríguez, 1997, p. 258, 260, n.ºs 275, 280.

AR̄AŪ/O ARO/NIS F(ilio) . A(nnorum) / LXX (septuaginta)

A Aravo, filho de Arão, de 70 anos.

Alt. das letras: L. 1: 5,5; l. 2: 5,3/5,8; l. 3: 3,8/4,8 (F = 6; A = 6,5); l. 4: 5,1/5,4.

Espaços: 1: 1/3; 2: 0/0,3; 3: 0/0,4; 4: 0/3,5 (à l. 4 = 1,5/4,5).

Variantes: L. 1: ARI (Lopo), ARA (Alves), ARA[V] (Lemos, García), ARTIL[I] (Rodríguez); l. 2: AN(norum) (García), em Rodríguez sem transcrição do ponto.

Comentário: Inscrição paleograficamente pouco cuidada. Alinhamento à esquerda, respeitado mesmo na última linha, apesar de gravada no exterior do campo epigráfico; translineação não silábica do primeiro nome; espaços interlineares praticamente inexistentes. Caracteres de influência actuária, de ductos bastante irregulares e inclinações diversas; AA de travessão central substituído por dois traços oblíquos unidos a cada uma das hastes, sem que cheguem a juntar-se, da mesma maneira que não unem as hastes dos AA das l. 2 e 3; RR de pança reduzida e aberta; F muito delgado. Gravação profunda e larga. Ponto de secção circular.

Onomástica totalmente indígena. *Arauus* parece ter uma base indo-europeia *ar-, tal como outros antropónimos, concretamente *Araus*, *Arabus*, *Araius*, etc. (Díez, 1993, p. 66-67); as ocorrências geograficamente mais próximas da região de Bragança localizam-se na área de León (*HEp* I, 408; Diego, 1986, p. 202-203, n.º 267, p. 216-217, n.º 287). O patronímico, *Aro*, pertence à mesma família antroponímica em que, por exemplo, se incluem *Arro* e *Arrena* (Díez, 1993, p. 69), ambos com exemplos no território bragançano (cf. n.º 25, para o primeiro, e n.º 24a, para o segundo), embora sem geminação do -r-.

22 (100/04/02/22/1) Meixedo, Meixedo, Bragança. (Est. VII, 25)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, horizontalmente cortada ao nível do campo epigráfico e lascada na parte inferior direita. A superfície acusa desgaste profundo.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Cabeceira ornada por roda de seis raios curvos dextrorsos, em relevo.

Dimensões: [47]/30/8.

Campo epigráfico: Rebaixado, adivinha-se com formato rectangular.

Dimensões: [18]/[28].

Conservação: Incompleto na parte esquerda, apresenta a superfície corroída e lascada no lado direito.

Local de achado: Meixedo.

Circunstâncias: Foi revelada por B. Afonso (1989, p. 216-217), encontrando-se encastada na parede norte da casa que, na altura, estava na posse dos herdeiros de Armindo Cepeda, entretanto vendida a Luís Ramos. Pode, como as outras que apareceram na aldeia (n.ºs 24, 72 e 94), provir do sítio romano designado de Lombeiro Branco.

Paradeiro: Parede da casa de Luís Ramos, Meixedo.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1989, p. 216-217, n.º 5; *HEp* 4, 1023; García, 1996a, p. 1725, *n.º 33. Leitura inédita.

ARCIĀĒ / MŌ[---] (filiae?) / AN(norum) [---]

Árcia, filha de (?) [---], de [---] anos.

Alt. das letras: L. 1: 5/6; l. 2: 5.

Espaços: 1: 1,5/2,5; 2: 0,5/1; 3: 1.

Comentário: Caracteres de ductos irregulares: AA sem travessão central; R de pança fechada e perna oblíqua unida à haste; M baseado em dois AA. Nexo AE na l. 1, com as barras perpendiculares à haste direita do A muito curtas.

A onomástica denuncia a origem indígena da defunta, devendo o nome da l. 2 corresponder ao patronímico. Conhecem-se sete exemplos de *Arcea* (Abascal, 1994, p. 283) em Lara de los Infantes, na província de Burgos, que Albertos (1966, p. 31) considera femininos em relação com *Arcius*, *Arcisus*; no caso vertente, parece evidenciar-se que também *Arcia* pode ser forma feminina de *Arcius*, nome conhecido por quatro testemunhos da região de Castelo Branco e por um quinto de Vila Real (Abascal, 1994, p. 284).

23 (37/04/02/09/12) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. VII, 26)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, fracturada abaixo da moldura do campo epigráfico, destacando-se pela singularidade da sua decoração. Conserva algumas ligeiras escoriações resultantes da sua remoção no momento do achado.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros; representação vegetal estilizada.

Decoração: A cabeceira apresenta ornamentação em relevo dentro de frontão prolongado, lateralmente delimitado pelo rebordo externo da estela e realçado superiormente por meio de ranhura; no seu interior rebaixado, roda de três raios curvos sinistrorsos inserta em círculo (com diâmetro externo equivalente à largura do espaço disponível), dois esquadros colocados inferiormente, de cada um dos lados, e motivo vegetal estilizado, alinhado pelo vértice do frontão, coroando o círculo.

Dimensões: [53]/27/15.

Campo epigráfico: Quadrangular, rebaixado, e delimitado por moldura formada por toro e escócia abatida, enquadrada pelo rebordo externo da estela.

Dimensões: 12,5/13.

Conservação: Regular.

Local de achado: Torre Velha.

Circunstâncias: Apareceu, em meados da década de 80 do século passado, aquando da abertura de um furo para prospecção de água.

Paradeiro: Residência de Amândio dos Santos e Cândida Diegues, Castro de Avelãs.

BIBLIOGRAFIA: Redentor, 1997, n.º 247.

ARCO / $\overline{\text{MELBI}}$ (filius)

Arcão, filho de Melbio.

Alt. das letras: L. 1: 3,7/4,5; l. 2: 4,5/5.

Espaços: 1: 1,2/1,6; 2: 0,7/2; 3: 0,5/1,5.

Comentário: O material do suporte e a exiguidade do campo epigráfico dificultaram o trabalho de gravação do texto, disposto em “caixa”, que, contudo, ainda denota alguma elegância na l. 1. Gravação profunda e larga. Capitais de tendência actuária; A sem travessão central e R traçado a partir de P de pança aberta, à qual se une uma barra oblíqua e ligeiramente curva. O escasso espaço disponível ditou o recurso aos nexos ME e BI na l. 2, também marcada pelo M inicial avantajado.

O defunto aparece identificado à maneira indígena, com nome único seguido do patronímico em genitivo. *Arco* é bem conhecido na onomástica indígena e é interpretado como derivação da raiz *rk-, com significado de “urso”, que é produtiva em grego e nas línguas célticas e ilírias (Albertos, 1966, p. 32). Encontra-se bem documentado no Ocidente da província de Zamora, estando presente em epígrafes de Carbajales de Alba (AE, 1977, 491), El Pino (CIL II 2615), Villalcampo (HAE 900, 929) e, já a sul do Douro, Villardiegua de la Ribera (Abascal, 1994, p. 387). Inversamente, *Melbi* (gen.) é uma novidade na onomástica peninsular, podendo, talvez, aproximar-se de *Meluius*, registado em Villamesía, Trujillo (HAE 471).

Apesar de a simplicidade e a concisão do texto poderem sugerir uma datação alta, talvez seja preferível apontar a segunda centúria, atendendo à paleografia e à gramática decorativa do monumento.

24 (101/04/02/22/2) Meixedo, Meixedo, Bragança. (Est. VII, 27)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela dupla de cabeceiras semicirculares singelamente ornamentadas. O trabalho de acabamento da face posterior, convexa, não é tão primoroso como o das restantes; a parte inferior da base, destinada a enterrar, é mais espessa (esp. = 14) e encontra-se em bruto. Apresenta escoriações, sobretudo, ao longo das arestas, e grafito,

não original, na face anterior, abaixo dos campos epigráficos. A cabeceira do lado direito encontra-se “restaurada” com argamassa de cimento.

Elementos decorativos: Rodas de raios curvos.

Decoração: Ambas as cabeceiras são decoradas por rodas de raios curvos sinistrorsos (com orifício central), em relevo, variando apenas o número de raios: sete na do lado esquerdo e seis na do lado direito.

Dimensões: 68/33/11,5.

Campos epigráficos: Rebaixados e com formato quadrangular, embora as medidas de ambos não coincidam totalmente.

Dimensões: A) 12,3/12,3; b) 12,5/13.

Conservação: Desgaste ligeiro.

Local de achado: Meixedo.

Circunstâncias: Encontrava-se embutida numa das paredes da casa de José Queiroga, em Meixedo, quando F. M. Alves (1925-1926, p. 21) deu dela a primeira notícia. Pode provir do sítio romano designado de Lombeiro Branco.

Paradeiro: MAB (n.º 1510), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1925-1926, p. 21-22, 1934, p. 62-63, n.º 26; *ILER* 5044; Lemos, 1993, IIa, p. 105; García, 1996a, p. 1463-1464, n.º 96; Rodríguez, 1997, p. 254, n.º 266.

inscrição a):

ARRE/NAE B/AL(aesi?) . F(iliae) . AN(norum) / XL (quadraginta)

A Arrena, filha de Baleso (?) , de 40 anos.

inscrição b):

BOVTIA/E TVCI . / F(iliae) AN(norum) X (decem)

A Búcia, filha de Túcio, de 10 anos.

Alt. das letras: Inscrição a) l. 1: 2,6/3,6; l. 2: 3,6/4; l. 3: 3/3,2; l. 4: 3/3,6; inscrição b): l. 1: 3/3,3; l. 2: 3,2/3,7; l. 3: 3,1.

Espaços: Inscrição a): 1: o; 2: 1/2,2; 3: o,3/0,5; 4: 1; inscrição b): 1: o; 2: 1,6/2,2; 3: o,2/0,3; 4: o.

Variantes: Inscrição a) l. 1: ARRO (Alves 1925-1926, Rodríguez); l. 2: Alves (1934) e Rodríguez incluem ponto antes do B; l. 3: AL L AN (Alves 1925-1926), L(ibertae) (Alves 1934, Lemos, García), ALL(aesi) (Rodríguez, que também não regista a pontuação); l. 5: não é lida nem por Alves, nem por Rodríguez. Não aparece em *ILER*; inscrição b) l. 1: BOVIA (Alves, *ILER*, Lemos, García, Rodríguez); l. 2: LVCI (Alves, *ILER*, García, Rodríguez); l. 3: L(ibertae) AN(norum) X (Alves, García), L AN X (*ILER*), AN(norum) X (Lemos), L(iberta) (Rodríguez, colocando a sua continuação numa quinta linha).

Comentário: Ambas as inscrições apresentam um alinhamento à esquerda e à direita, porém a última linha da inscrição a), gravada já no exterior do campo epigráfico, toma, pela sua brevidade, um alinhamento à esquerda. A gravação, dificultada pelo grão

grosso do suporte, adivinha-se ter sido profunda. Caracteres tendencialmente actuários, não sendo notória diferenciação de ductos entre ambas as inscrições; FF claramente cursivos; AA sem travessão central; RR de pança aberta; BB de barrigas não unidas medianamente à haste; EE e T de barras curtas; NN a partir de A; O ovalado. Na l. 1 da inscrição b), nexu VT com barra curta e coincidente com o limite superior do campo epigráfico. Pontuação de secção circular.

As inscrições remetem para um meio indígena, tanto pela onomástica, como pela forma de identificação das defuntas.

Na inscrição a), documentam-se os nomes *Arrena* e, com toda a probabilidade, *Balae-sus*, grafado de forma abreviada; convirá este desdobramento por ser nome indígena, tipicamente hispânico (Albertos, 1966, p. 48), atestado na região e com alguma expressão na área ásture augustana. *Balae-sus* surge igualmente documentado no Sagrado de Donai (n.º 30) – povoado romano vizinho do Lombeiro Branco, de onde pode provir esta estela –, em Aldeia Nova (*EE VIII 128*), em Villalcampo (*ILER 2332*) e, no Sul do Nordeste transmontano, na Junqueira (Brandão, 1959-1960, p. 38-40). *Arrena* tem outros testemunhos em Castillo de Alba (*ILER 2331*), no Ocidente de Zamora, e em Ávila (*HEp 3, 26*) – a forma masculina é ligeiramente mais abundante (Abascal, 1994, p. 286). À sua base indígena **ar(r)*- junta-se o sufixo *-en-*, típico do latim na formação antroponímica (Díez, 1993, p. 67-68).

Na inscrição b), os antropónimos registados, *Boutia* e *Tuci* (gen.), constituem novidade no Noroeste. O primeiro, conjuntamente com a correspondente forma masculina, ocupa, segundo Abascal (1994, p. 303), a quarta posição na frequência dos nomes indígenas registados na Península, tendo ambos ampla representação na Lusitânia oriental; contrariamente a *Boutius*, de que temos vários testemunhos em terras transmontanas, a forma feminina, que sabemos, apenas recolhe no Noroeste peninsular dois exemplos: o presente e o da inscrição n.º 33, de Grijó de Vale Benfeito. O patronímico apenas é conhecido pelo genitivo, também documentado em *Conimbriga* (Étienne, Fabre e Lévêque, 1976, p. 43-44); pode, sem a geminação do *-c-*, ser variante de *Tuccius*, nome que surge com frequência na região ilíria, na Itália, na Gália e em África, mas que parece também ter existido na Península, de acordo com Marcial (Albertos, 1966, p. 235), ou derivar de *Tuccus*, apesar de este nome não ocorrer na províncias ibéricas (cf. Abascal, 1994, p. 533; Albertos, 1966, p. 235).

■ 25 (II/04/02/04/1) Sacoias, Baçal, Bragança. (Est. VII, 28)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Bloco granítico, mais largo e espesso na base (32/24) do que no topo (27/18,5), com o lado esquerdo cortado a direito e o oposto arredondado. Está lascado na parte direita e apresenta algum desgaste em toda a superfície. Conserva-se embutido numa base de cimento.

Dimensões: 137/32/24.

Campo epigráfico: Não formalizado.

Local de achado: Calvário/Castro de Sacoias.

Circunstâncias: Encontrada no sítio do Calvário, em Sacoias. Entrou no Museu de Bragança por intermédio do Abade de Baçal (Alves, 1934, p. 76).

Paradeiro: MAB (n.º 1586), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: *CIL* II 5619; Figueiredo, 1887, p. 92; Pinheiro, 1888, p. 88, 1895, p. 69-70; Alves, 1934, p. 77, n.º 41; Lopo, 1987, p. 48; García, 1991, p. 567, Z⁶; Lemos, 1993, IIa, p. 48; García, 1996a, p. 1441-1442, n.º 58; Rodríguez, 1997, p. 259, n.º 277.

ARRO / CLOV[T]/I (filius) A(nnorum) L (quinguaginta)

Arrão, filho de Clúcio, de 50 anos.

Alt. das letras: L. 1: 6,3/6,7 (A = 4,8; O = 5); l. 2: 5/5,8 (V = 6,3); l. 3: 6,1/7,1.

Espaços: 1: 12,5/15; 2: 1,1/3; 3: 1,1/2,9.

Variantes: L. 2: CLOV(tius?) (Figueiredo), CLOV(tai) (*CIL*), [---]COV (García, por graha); CLOV(ti) (Lemos, García); l. 3: A(nimo) L(ibens)? (Figueiredo), A(nimo) L(ibens) (*CIL*), AL (García), AN(norum) LV? (Lemos), AN(norum) LV (García), Alves considera a existência de restos de uma letra a seguir ao L, a qual Lemos aventa ser um V, e Lopo indica ponto a seguir ao A. Na l. 3, o traço oblíquo que antecede o A é apenas assinalado por Alves e por Lopo. Pinheiro (1895) transcreve o texto do *CIL*. Rodríguez publica a seguinte proposta de leitura: ARRO CLOVT(ai) (filius).

Comentário: Não há qualquer critério de alinhamento do texto e a gravação, bem nítida, está ligeiramente enviesada. Os AA apresentam travessão central côncavo e o traçado das panças dos RR inicia-se à esquerda das hastes; nestas letras, algumas das hastes têm as extremidades inferiores voltadas para fora. Na l. 3, o I une inferiormente ao A.

A simplicidade do epitáfio levou alguns autores a duvidar da natureza funerária do texto (cf. García, 1991, p. 567, Z⁶).

Arro é nome indígena com outras ocorrências próximas (Abascal, 1994, p. 286-287), nomeadamente na província de Zamora: em Villalcampo (*HAE* 904) e, a sul do Douro, em Fariza (*AE*, 1981, 542); está, por exemplo, também representado na região flaviense, em Tronco, e na província de Salamanca (Abascal, 1994, p. 286-287). Pertence a uma família onomástica de base *ar(r), com ou sem geminação do -r-, tal como *Arrena/Arena*, *Arrenus/Arenus*, etc. Presente entre os ástures, celtiberos e vetões, mas também em território extra-peninsular, concretamente na Aquitânia, Germânia e Britânia, aponta, assim, para uma provável origem céltica (Díez, 1993, p. 67-69). Apesar de também se documentar em território peninsular o cognome *Arrus*, optámos pelo nominativo do anterior, atendendo à sua representação no Ocidente de Zamora e em Trás-os-Montes Ocidental e ao facto, não menos importante, de este apenas contar com um testemunho, ainda que indubitável, em S. Vicente de Alcântara (*AE*, 1968, 218). *Cloutius* é, igualmente, antropónimo indígena – o radical *Clout-* relaciona-se com a raiz indo-europeia *kleu-, “ouvir”, *klutos*, “famoso” (Albertos, 1966, p. 89) – e surge com alguma frequência na região: em território transmontano, documenta-se em Grijó de Parada, por duas vezes (n.ºs 44 e 91), em Pinhovelo (n.º 88), em Vila Nova/Quinta do Britelo (n.º 70) e em Atenor (Mourinho, 1986, p. 23, n.º 14); na província de Zamora,

surge três vezes em Villalcampo (*ILER* 2332; *HAE* 895, 928), uma em Rabanales (*ILER* 2343) e outra em Castillo de Alba (*ILER* 2331), para além de outras duas vezes em Villardiegua de la Ribera, já a sul do Douro; tem também representação na região de Salamanca e no território bracaraugustano (Abascal, 1994, p. 331-332).

26 (14/04/02/04/4) Sacoias, Baçal, Bragança. (Est. VIII, 29)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela, incompleta, de cabeceira semicircular. Apresenta escoriações ligeiras ao longo do seu perímetro, mais profundas ao nível da cabeceira, onde também está fracturada – conservam-se aí vestígios de “restauro” realizado com argamassa de cimento. As faces laterais denotam cuidadoso trabalho de acabamento. Na base, tem orifício circular. A parte posterior parece ter sido picada, conservando restos de argamassa de cal. Actualmente, toda a superfície se encontra coberta por espessa película de líquenes.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros; elementos arquitectónicos.

Decoração: Cabeceira ocupada por roda de dez raios curvos dextrorsos, em relevo e ligeiramente rebaixada em relação à superfície da estela, enquadrada por dois esquadros de extremidades bífidas, rebaixados, que lhe subjazem. Na parte inferior, representação de arcaria composta por quatro vãos rebaixados que adoptam na parte superior – e, aparentemente, também na inferior – uma forma ultrapassada. Abaixo da cabeceira, os rebordos perimétricos da estela aparecem rebaixados, com o topo em arco de círculo, enquadrando, de cada um dos lados, o campo epigráfico e o registo decorativo inferior.

Dimensões: [116]/48/16.

Campo epigráfico: Quadrangular e rebaixado.

Dimensões: 32/33,5.

Conservação: Ligeiras escoriações ao longo do seu perímetro e superfície presentemente coberta por densa película de líquenes.

Local de achado: Sacoias.

Circunstâncias: Apareceu, em 1927, aquando da abertura de um cano junto à fonte da igreja de Sacoias e, posteriormente, serviu de suporte a um cancelo de ferro, no lado sul da capela da Senhora da Assunção (Alves, 1938, p. 56).

Paradeiro: MAB (n.º 1497), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1938, p. 56-57; Lemos, 1993, IIa, p. 48; García, 1996a, p. 1455-1456, n.º 81.

AVELCO / ELAESI F(ilio) / ANN(orum) XXX (triginta)

A Avelco, filho de Eleso, de 30 anos.

Alt. das letras: L. 1 e 2: 6,1/6,7; l. 3: 5,9/7,2.

Espaços: 1: 5,9/6,2; 2: 2,7/3,5; 3: 1/1,5; 4: 0,8/2,7.

Variantes: L. 1: AVEI CO (Alves), AVEI[---]CO (Lemos).

Comentário: A disposição do texto no espaço epigráfico é deficiente, não denotando grande preocupação de alinhamento. Uso de capitais actuárias, de incisão profunda e, por vezes, larga, pese embora a circularidade do O. As barras dos EE, LL e F são bastante curtas e descumem a perpendicularidade com as hastes; na l. 1, a barra do L prolonga-se à esquerda da haste e, na seguinte, o F apresenta pequeno traço oblíquo na extremidade inferior; os AA não têm travessão central e as extremidades inferiores das suas hastes têm tendência a encurvar para fora. O espaçamento entre letras é variável em cada uma das linhas, acusando falta de um trabalho de paginação; na l. 1, o espaço entre o A e o V é claramente superior aos restantes, tal como o espaço entre o L e o A na seguinte; na l. 3, as extremidades dos XX chegam a tocar-se. Conjunto de aspecto desordenado.

Onomástica indígena, tal como a forma de identificação do defunto. *Auelcus* parece ter apenas mais um testemunho, em Villalcampo (*HAE* 920), embora o radical de base deste nome se relacione com a raiz indo-europeia **au-/aue-/auei-*, “gostar”, “querer”, “desejar”, que, com diferentes sufixos, se atesta em muitos antropónimos (Albertos, 1966, p. 44-45), mesmo fora da Península, concretamente nas regiões ilírias e celtogalas (Díez, 1993, p. 71). O cognome *Elaesus* é bastante mais frequente, tendo boa representação na área ásture-celtibérica (Untermann, 1965, p. 109-110), para a qual bem contribuem os testemunhos de Trás-os-Montes e da província de Zamora: dois em Donai (n.ºs 52 e 84) e três na parte ocidental da província espanhola, em Rabano de Sanabria (*AE*, 1987, 487), em Rabanales (*AE*, 1981, 545) e em Castillo de Alba (*AE*, 1977, 492). Baseia-se num radical com origem na raiz indo-europeia **el-/ol-*, com significado original designativo de cores, aplicável a nomes de árvores e animais (Díez, 1993, p. 88).

27 (II3/04/02/33/1) Quintela de Lapaças, Quintela de Lapaças, Bragança.
(Est. VIII, 30)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, com esquema decorativo bipartido, cortada ao nível do registo inferior. As arestas posteriores são biseladas e a cabeceira apresenta secção curva. Conserva-se com mossas ligeiras nas superfícies, sobretudo na face posterior.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; elementos arquitectónicos; círculo.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos sinistrorsos, em relevo, dentro de campo ultra-semicircular, rebaixado e delimitado pelo rebordo externo da estela. No registo decorativo inferior, dois arcos ultrapassados, incompletos, em rebaixe; entre eles e o campo epigráfico, ao centro, círculo insculpido.

Dimensões: [54,5]/29/16,5.

Campo epigráfico: Subcruciforme e rebaixado.

Dimensões: 15/20.

Conservação: Regular.

Local de achado: Quintela de Lampaças.

Circunstâncias: Encontrada por A. Lopo (1987, p. 17-18) na povoação, metida na esquina de uma capela em ruínas; talvez possa estar associada ao povoado fortificado designado de Terronha, que revela abundantes vestígios materiais da época romana.

Paradeiro: MAB (n.º 1507), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1934, p. 74-75, n.º 38; Lopo, 1987, p. 17-18; Lemos, 1993, IIa, p. 121-122; García, 1996a, p. 1450, n.º 71; Rodríguez, 1997, p. 257-258, n.º 274.

D(is) M(anibus) / AVNIAII / TRITI (filiae) AN̄(norum) XI (undecim)

Aos deuses Manes. A Áunia, filha de Trício, de 11 anos.

Alt. das letras: L. 1: 2,9/3,2; l. 2: 2,6/3,2 (I = 4,6); l. 3: 2,7/3,7.

Espaços: 1: 0,3/0,7; 2: 0,5/1,5; 3: 0,3/1,7; 4: 2,1/2,7.

Variantes: L. 2: AVNIAI (Lopo); AVNIAE (Rodríguez); l. 3: IRIANX (Lopo), PRITI (Alves), PRITI (filiae) AN(norum) (Rodríguez), [A]N(norum) (Lemos).

Comentário: A centralidade da l. 1, gravada na parte mais estreita do campo epigráfico, foi traída pelo alongar do M; o restante texto apresenta alinhamento simultâneo à esquerda e direita, ocupando integralmente toda a largura do espaço epigrafável. Gravação profunda e larga, não auxiliada pela natureza grosseira do granito. Caracteres irregulares e com marcada influência cursiva, nomeadamente o D, o M, os TT e o R; AA sem travessão central. Na l. 3, T e I unidos superiormente, e X ligado ao N e, inferiormente, ao I. N e nexos AN idênticos, embora este com largura superior.

O epitáfio remete para um ambiente indígena. O nome *Aunia* está suficientemente documentado na Península, mas também fora dela (Albertos, 1966, p. 45); encontramos-lo igualmente em Villalcampo (*HAE* 921), Rabanales (*HAE* 1823) e, na margem esquerda do Douro, em Moral de Sayago, por duas vezes (*ILER* 2285, 2330). *Tritius* é a forma mais frequente de reproduzir o numeral três na antroponímia peninsular e tem por base a raiz indo-europeia **tritio-* (Albertos, 1966, p. 236); é considerado um representante típico do repertório antroponímico da área lusitano-galaica (Untermann, 1965, p. 175-176). Tem grande implantação na região transmontana e no Ocidente de Zamora: documenta-se em Argozelo (Alves, 1934, p. 33-34, n.º 3), Coelhooso (n.º 50), Donai, por duas vezes (n.ºs 48 e 52), Sanhoane (Mourinho, 1987, p. 101-102, n.º 29), Rabanales (*ILER* 2343) e Villalcampo (*HAE* 892; *ILER* 233). Surge, ainda, em outros pontos do território zamorano (Abascal, 1994, p. 532).

28 (51/04/02/12/4) Donai, Donai, Bragança. (Est. VIII, 31)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, incompleta, com esquema decorativo tripartido. Acabamento estendido às quatro faces.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; crescente (?); torques; tridentes; elementos arquitectónicos.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos sinistrorsos, em relevo, envolvida por linha circular insculpida, a configurar torques com as extremidades voltadas para fora; a enquadrar a sua parte inferior, dois esquadros de extremidades bífidas, em rebaixe, que, simultaneamente, balizam um crescente (?), executado pela mesma técnica, ladeado por dois tridentes insculpidos. A iconografia do registo inferior parece degenerescência da representação de arcarias: os arcos, em número de três, surgem como que transformados em palmatórias rebaixadas e separados por (dois) tridentes gravados.

Dimensões: [102]/36/18.

Campo epigráfico: Rectangular, estando moldurado nos lados e em baixo.

Dimensões: 31/27,5.

Conservação: Regular, registando-se apenas ténues beliscaduras na moldura.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Encontrada numa propriedade de Teresa Morais, quando, na década de 80, se procedia à abertura de um poço (Afonso, 1986, p. 484). Estava associada às estelas n.ºs 19, 48, 52, 69 e 84.

Paradeiro: Junta de Freguesia de Donai, Donai.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1986, p. 484-486, n.º 2; *HEp* 2, 763; Dias, 1990, p. 421, n.º 105; Lemos, 1993, IIa, p. 76; García, 1996a, p. 1451-1452, n.º 74.

AVRIILI/O DIICV/MINO / AN(norum) LXX (septuaginta)

A Aurélio Decumino, de 70 anos.

Alt. das letras: l. 1: 5,4/6,4; l. 2: 5,8/6,7; l. 3: 6,7/7,3 (O = 6,2); l. 4: 5,7/6,6 (XX = 4,7 e 5).

Espaços: 1: 0,5/1; 2: 0,2/1,2; 3: 0,5/0,8; 4: 0,5/1,3; 5: 2,2/4,5

Variantes: L. 2: DECV (Lemos); por gralha, na transcrição de Afonso aparecem juntas as l. 1 e 2 e na *HEp* surgem sem separação as l. 3 e 4.

Comentário: Paginação fruste. As quatro linhas de texto apresentam-se em “caixa”, mas na terceira, o uso de um módulo ligeiramente mais avantajado e, sobretudo, a largura desmesurada da primeira letra obrigaram ao estrangulamento do O final; nos XX da última linha usou-se um módulo inferior. Os caracteres, tendencialmente actuários, por vezes com alguma contaminação cursiva, e de ductos irregulares, denotam incisões profundas; os AA, sem travessão central, têm as hastes da direita mais elevadas que as da esquerda e com a extremidade superior curva; a pança, a haste e a perna do R não se ligam entre si; o M e os NN têm por base a primeira letra do alfabeto; os EE grafam-se II.

Os *duo nomina* do defunto são latinos, mas a iconografia que acompanha o seu epitáfio não deixa de sugerir a sua inserção num ambiente indígena. O *nomen Aurelius* é suficientemente conhecido no espaço peninsular e tem forte representação na região leonesa (cf. Diego, 1986); no Sul do território ásture surge mais duas vezes: em El Pino

(CIL II 1217) e em Villalcampo (HAE 827/1501), na província de Zamora. O cognome, derivado do *praenomen Decimus* (Kajanto, 1965, p. 172), é exemplo único na Península, porém a sua variante *Deciminus* surge em Lisboa (CIL II 173) e em Tarragona (RIT 550). A onomástica, sobretudo o uso do gentílico imperial *Aurelius*, a par da paleografia e dos elementos iconográficos (degenerados), apontam para uma datação do século III.

■ 29(119/04/02/42/1) Santa Maria, Santa Maria, Bragança. (Est. VIII, 32)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, com dois registos decorativos entremeados pelo campo epigráfico; encontra-se fracturada, superior e inferiormente, e apresenta superfícies ligeiramente gastas.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; elementos arquitectónicos.

Decoração: Na cabeceira, roda de 11 raios curvos sinistrorsos esculpida dentro de campo ultra-semicircular rebaixado. Abaixo do campo epigráfico, dois arcos, em rebaixe, que se estruturam pela representação de uma coluna e de duas pilastras, cujos capitéis, estilizados, conferem aos vãos formas ultrapassadas.

Dimensões: [95]/48/21.

Campo epigráfico: Cruciforme e rebaixado; os rebordos perimétricos da estela encontram-se rebaixados de molde a simular, de cada um dos lados do espaço epigráfico, a representação de colunas.

Dimensões: 26/34.

Conservação: Superfície ligeiramente gasta.

Local de achado: S. Sebastião.

Circunstâncias: Apareceu, em 1992, durante as obras de demolição de uma habitação contígua à capela de S. Sebastião.

Paradeiro: Residência de Domingos Pinto, sita na Quinta de S. Lourenço, Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Inédita.

AVRIILIO / TALAVI . F(ílio) / A(nnorum) . C (centum) .

A Aurélio, filho de Talavo, de 100 anos.

Alt. das letras: L. 1: 4,5/5; l. 2: 4/5; l. 3: 5.

Espaços: 1: 4/5; 2: 0/0,2; 3: 0,2; 4: 7,5/8.

Comentário: Aparente ausência de paginação. As três linhas mostram-se desencontradas e quase sem espaços entre elas. Caracteres de módulo predominantemente quadrado, gravados com firmeza; O circular e C em arco de círculo; AA com travessão central substituído por traço curvo e oblíquo, não unido às hastes; L de barra curta, tal como as do F; R de pança aberta; EE substituídos por II. Algumas das letras apresentam pequenos traços nas suas extremidades (AA, II, VV, L e R), ainda que sem critério na sua colocação. Pontuação de secção circular.

A forma de identificação e a onomástica do defunto não deixam dúvida quanto ao seu indigenato. Indubitavelmente peninsular é o patronímico, *Talavius* (Albertos, 1966, p. 218), que tem boa representação em Trás-os-Montes Oriental; testemunha-se no Lombeiro Branco de Meixedo (n.ºs 59, 92), no Sagrado de Donai (n.º 69), em Bragança (n.º 29) e em Algosinho (Mourinho, 1986, p. 9-10, n.º 1). Ressalta o facto de a esmagadora maioria dos testemunhos deste nome aparecer em genitivo – oito em nove, segundo Abascal (1994, p. 521), a que podemos acrescentar mais três –, o que se pode interpretar como possível sinal de que a sua utilização estaria em fase regressiva. O nome do defunto não é mais do que uma apropriação do *nomen Aurelius*. A utilização deste gentílico em posição cognominal tem paralelos peninsulares, nomeadamente em El Pino (*CIL* II 2616), na província de Zamora, e em Berlanga, na de Badajoz (*AE*, 1982, 522); enquanto *nomen*, também se documenta localmente, em epitáfio procedente de Donai (n.º 28), nas proximidades de Bragança.

É digna de nota a elevada idade com que faleceu, embora não seja de deixar de considerar um presumível arredondamento.

Atendendo ao cognome, se influenciado pela sua conotação imperial, e à paleografia, é provável uma datação da primeira metade da terceira centúria.

30 (48/04/02/12/1) Donai, Donai, Bragança. (Est. IX, 33)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Fragmento de estela que pouco mais conserva do que campo epigráfico; por cima da inscrição, percebem-se vestígios de registo decorativo que nos induzem a pensar que a cabeceira apresentaria a habitual forma semicircular. Superfícies bastante gastas, actualmente sujas de líquenes, e com várias mossas que chegaram a afectar o texto.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: Ténue vestígio de roda de raios curvos dextrorsos em relevo, bem como de dois esquadros rebaixados, de cada um dos lados.

Dimensões: [34]/46/15.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Dimensões: 15/33.

Conservação: Encontra-se bastante degradado, com intenso desgaste, e revestido por película de líquenes.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Descoberta em finais do século XIX, desconhecendo-se os pormenores do seu achado (cf. Lopo, 1900c, p. 48).

Paradeiro: MAB (n.º 1660), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1900c, p. 48; *EE* IX 290; Alves, 1934, p. 55, n.º 18; Lopo, 1987, p. 21; Lemos, 1993, IIa, p. 74-75; García, 1996a, p. 1457, n.º 84; Rodríguez, 1997, p. 253, n.º 263.

BALAESO / CAEPALL/[ONIS (filio) A(nnorum)?] XIḶ (undeuiginti)

A Baleso, filho de Cepalão, de 19 anos.

Alt. das letras: L. 1: 5,5/6,5 (B = 7,9); l. 2: 5,9/6,2; l. 3: 4,4.
Espaços: 1: o/1; 2: o,6/1,9; 3: o (à l. 3 = o,3/0,8).

Variantes: L. 2: CAEPALL[I] (Lopo 1900c), CALPALL (Alves, Rodríguez), CAEPALI (Lopo 1987), CALP(urni filio) . ANN(orum) (Lemos, García); l. 3: XX (Lopo 1987).

Comentário: As dimensões do campo epigráfico apenas permitiram a gravação das duas primeiras linhas no seu interior, que o ocupam a toda a largura. A gravação é profunda e larga. Os caracteres são alongados, de ductos irregulares, e pouco elegantes; os AA estão desprovidos de travessão central.

O nome *Balaesus*, como se viu, surge também documentado em Meixedo (n.º 24a). É um nome tipicamente hispânico (presença do sufixo *-aiso-*) cujo radical se deve basear na raiz **bhel-*, com significado de “brilhante”, “branco”, bastante produtiva na onomástica pessoal, mesmo fora do território peninsular (Albertos, 1966, p. 48). O patronímico encontra-se incompleto e não tem sido consensual a sua leitura. Verossimelhantermente, estaremos perante o nome *Cepalo*, atestado em Elvas (*CIL* II 155 = *IRCP* 586) e em Antequera, na província de Málaga (*HEp* 2, 465); no nosso caso, com o ditongo *-ae-*, tal como parece acontecer no exemplo alentejano (cf. *CIL* II 155), e o *-l-* geminado. Seguindo esta hipótese, na l. 3, estariam em falta pelo menos cinco caracteres; pensando que o seu alinhamento tenha sido coincidente com o das linhas anteriores, talvez tivesse havido necessidade de recorrer a um nexu.

31 (32/04/02/09/7) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. IX, 34)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela incompleta, provavelmente de cabeceira semicircular; o acabamento do lado posterior é menos cuidado comparativamente ao das faces anterior e laterais. Encontra-se fracturada ao nível do registo decorativo superior e abaixo do campo epigráfico; as superfícies apresentam-se desgastadas e com alguns vestígios de argamassa de areia e cal.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: Conserva-se parcialmente o registo decorativo da cabeceira, mas é provável que fosse também decorada na parte inferior; identificam-se parte de roda de raios curvos dextrosos esculpida e, em rebaixe, dois esquadros simétricos de extremidades bífidas.

Dimensões: [50]/34/11,5.

Campo epigráfico: Quadrangular e rebaixado.

Dimensões: 22,5/22.

Conservação: Regular.

Local de achado: Castro de Avelãs (igreja).

Circunstâncias: Apareceu encastrada numa parede da igreja de Castro de Avelãs, em 1927, durante o decurso de obras de restauro, tal como a n.º 14, e, em 1937, deu entrada no Museu de Bragança por intermédio de José Montanha (Alves, 1938, p. 606).

Paradeiro: MAB (n.º 1514), Bragança.

BLIIN/A . SALA/I (filia) . AN(norum) / XXXX (quadraginta)

Blena, filha de Salaio, de 40 anos.

Alt. das letras: L. 1: 5,1/5,8 (I = 4,5; N = 4,1); l. 2: 4,2/5,2 (A = 3,5); l. 3: 3,9/4,3; l. 4: 4,4/4,8.

Espaços: 1: 0,3/0,9; 2: 0,5/3; 3: 0,5/1,7; 4 e 5: 0/1.

Variantes: L. 1: BLII[N] (Lemos), BL<O>E[N] (García).

Comentário: Distribuição do texto no espaço epigráfico pouco cuidada, obrigando, nas l. 1 e 2, à redução do módulo das últimas letras (o último A da l. 2 está, inclusive, gravado acima do alinhamento seguido pelos restantes caracteres), bem como à translineação não silábica, denunciando uma gravação directa, sem *ordinatio*, a não ser improvisada. Capitais bastante irregulares, gravadas em profundidade, algumas inclinadas; AA sem travessão central, servindo de base à gravação dos NN; II em vez de E. Pontuação de secção circular na separação de palavras.

A defunta é identificada à maneira indígena, sendo igualmente autóctone a onomástica registada. *Blena* é variante de *Bloena*, acontecendo que, por influência da oralidade latina, o ditongo *-oe-* se encontra simplificado em *-e-* (Albertos, 1966, p. 300); prescindimos da presunção da existência de uma falha do lapicida, embora a forma *Bloena* também esteja representada em Castro de Avelãs (n.º 32) e conte com mais três testemunhos peninsulares exclusivos do Noroeste: em Braga (*EE VIII 119*), em Amares (*AE*, 1973, 320) e, na província da Coruña, em Cores (Pereira, 1991, p. 67). A estrutura nominal de *Salaius* é normal na antroponímia peninsular (Albertos, 1972b, p. 309-310); no contexto regional, documenta-se uma outra vez em Vila Nova (n.º 82), sendo conhecidos outros testemunhos em Villalazán (*AE*, 1965, 105 + Albertos, 1972b, p. 309), na província de Zamora, e em Brozas (*AE*, 1989, 398), na de Cáceres.

32 (33/04/02/09/8) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. IX, 35)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela incompleta, com fractura ao nível da cabeceira e do registo decorativo inferior; apesar de a sua cabeceira ter sido reconstituída (em argamassa) com remate horizontal, parece-nos que a decoração conservada aconselha mais uma configuração semicircular. Apresenta-se trabalhada em todas as faces, embora com menos esmero nas laterais e na posterior; as arestas posteriores foram biseladas. Revela desgaste superficial e pequenas escoriações ao longo das arestas.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros; crescentes (?).

Decoração: Na cabeceira, roda de quatro raios curvos dextrorsos, em relevo, envolvida por linha insculpida com as extremidades voltadas para fora, e dois esquadros rebaixados, posicionados de cada um dos lados dessa roda – nada avaliza a assunção da existência de quatro esquadros, como se sugere na reconstituição da cabeceira efectuada pela

Sociedade Martins Sarmento; abaixo do campo epigráfico, conserva-se a parte superior de um painel decorativo, moldurado por linha insculpida que superiormente é comum ao campo epigráfico, no qual estão gravados dois semicírculos (crescentes²).

Dimensões: [67]/32,5/18.

Campo epigráfico: Rectangular, rebaixado e delimitado por linha insculpida.

Dimensões: 27/22.

Conservação: Desgaste superficial.

Local de achado: Torre Velha/Terras de S. Sebastião.

Circunstâncias: Apareceu, em 1887, nas escavações da Torre Velha promovidas pela Sociedade Martins Sarmento e dirigidas por J. Henriques Pinheiro (1888, p. 83): encontrava-se reutilizada numa sepultura, no exterior das ruínas do templo de S. Sebastião, conjuntamente com as epígrafes n.ºs 65 e 101 e com um fragmento que Pinheiro diz não ter aproveitado.

Paradeiro: MSMS (n.º 53), Guimarães.

BIBLIOGRAFIA: Figueiredo, 1887, p. 88; Sarmento, 1887, p. 188 (= 1933, p. 311); Pinheiro, 1888, p. 83 (= 1895, p. 89); *CIL* II 5654; Guimarães, 1901, p. 66, n.º 54; Vasconcelos, 1913, p. 407, 416; Alves, 1934, p. 164-165; Cardozo, 1935, p. 89 (= 1972², p. 95, n.º 53); Alves, 1938, p. 605; *ILER* 2306; Lopo, 1987, p. 29; Lemos, 1993, IIa, p. 67-68; García, 1996a, p. 1461, n.º 91; Rodríguez, 1997, p. 249-250, n.º 255.

BLOEN/ \overline{AE} . VIRO/ \overline{NI} (filiae) . ANN(orum) / LX (sexaginta)

A Blena, filha de Virono, de 60 anos.

Alt. das letras: L. 1: 5,5/6,6 (O = 5; N = 4,8); l. 2: 4,2/4,8; l. 3: 4/5,5; l. 4: 5,3/5,6.

Espaços: 1: 0/1,5; 2: 0,5/1,5; 3: 0,5/1; 4: 1,7/2,5; 5: 1/1,3.

Variantes: L. 2: \overline{AE} [---] O (Figueiredo); l. 3 \overline{AE} ANN(orum) (Figueiredo), NVS ANN(orum) (Rodríguez). Nem Lopo, nem Lemos assinalam os nexos. O ponto da l. 2 apenas é considerado por Sarmento, Cardozo e García e o da l. 3 por Sarmento, Vasconcelos e García; Sarmento inclui pontos no final das l. 3 e 4.

Comentário: As três primeiras linhas aparecem dispostas em “caixa”, o que já não acontece na quarta, na qual os dois numerais da idade da defunta seguem um alinhamento à esquerda; na l. 2, a gravação do O final já entra na moldura do campo epigráfico. A exiguidade deste motivou a translineação dos antropónimos, bem como o recurso aos nexos AE e NI. Capitais tendencialmente actuárias, gravadas de forma profunda e larga; AA sem travessão central e servindo de base aos NN; OO tendencialmente circulares; R de pança aberta. Pontos de secção circular na separação de palavras (l. 2 e 3), estando o da l. 2 descaído, de modo a aproveitar o espaço proporcionado pelo V. A gravação da l. 4 parece ter sido obra de mão diferente da que se responsabilizou pelas linhas anteriores: a incisão da idade da defunta surge mais vincada e o espaço interlinear que a separa da linha anterior, para além de ser superior ao normal, está marcado por uma linha pouco profunda a toda a sua largura.

Bloena é nome indígena, como vimos a propósito de *Blena* (n.º 31), variante igualmente documentada em Castro de Avelãs. Também o patronímico é de origem peninsular, atestando-se regionalmente em Nogueira (n.º 86) e em Picote (Mourinho, 1986, p. 18-20, n.º 11 + Navarro, 1998, p. 192, n.º 15, G. I), além de surgir, por duas vezes, na província de Zamora, imediatamente a sul do rio Douro, em Villardiegua de la Ribera (Abascal, 1994, p. 547). Albertos (1966, p. 251) atribui-lhe uma origem filiada na raiz indo-europeia **uiros*, com o significado de “varão”, também atestada em celtibérico.

33 (I29/04/05/15/1) Grijó de Vale Benfeito, Grijó de Vale Benfeito, Macedo de Cavaleiros. (Est. IX, 36)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela, em reaproveitamento, da qual não é possível caracterizar a forma da cabeceira por se encontrar parcialmente encastrada. A superfície da face anterior apresenta desgaste bastante profundo, dado que serve de árrimo a uma escada.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; crescente; esquadros.

Decoração: Na cabeceira, roda de raios curvos dextrorsos gravada no interior de círculo cujo sulco alarga inferiormente, configurando um crescente; entre este motivo e o campo epigráfico, par de esquadros de extremidades bífidas, em rebaixe. Abaixo do campo epigráfico, repete-se o par de esquadros.

Dimensões: [84]/26,5/9,5.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Dimensões: 34/21.

Conservação: Desgaste intenso.

Local de achado: Grijó de Vale Benfeito.

Circunstâncias: Encontra-se encastrada no vão de janela que serve de árrimo à escada interior da casa dos herdeiros de José Manuel de Sá Miranda, não se conhecendo o contexto arqueológico a que possa pertencer.

Paradeiro: Casa dos herdeiros de José Manuel de Sá Miranda, Grijó de Vale Benfeito.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1928, p. 758, 1934, p. 445; Lemos, 1993, IIa, p. 189; García, 1996a, p. 1462, n.º 93.

BOVTIA / BOVTI / FILIA . A/N<N>ORVM / ⁵ LXX (septuaginta)

Búcia, filha de Búcio, de 70 anos.

Alt. das letras: l. 1: 3,7/5,1; l. 2: 3,7/5,3; l. 3: 3,9/4,4; l. 4: 4,3/4,5; l. 5: 4,9/5,3.

Espaços: 1: 0,9/1,3; 2: 0,7/1,4; 3: 0,4/2; 4: 0,9/2,2; 5: 1,7/2,3; 6: 3,5/4,5.

Variantes: L. 1: FILIA? (Lemos). O ponto da l. 3 não havia ainda sido assinalado.

Comentário: *Ordinatio* relativamente cuidada, com alinhamento à esquerda coincidente com o próprio limite do campo epigráfico. Caracteres tendencialmente quadrados e de desenho irregular; BB com pequenos apêndices nas extremidades da haste; AA sem

travessão central e, na l. 1, com vértice arredondado; VV de vértice igualmente curvo; F de barras desiguais; R de pança curta e aberta que, superiormente, ultrapassa a haste; M e N pouco conseguidos, de hastes curvas e vértices arredondados; L da l. 5 de barra descendente e com a extremidade superior da haste prolongada para a esquerda por pequeno traço.

O nome da defunta é decalcado do patronímico, remetendo claramente para um ambiente indígena. *Boutia/-us* são nomes frequentes na Península e com particular expressão na Lusitânia; de acordo com Abascal (1994, p. 31, 305), ocupam o 20.º lugar na frequência dos *cognomina* na Hispânia e o quarto entre os indígenas. Talvez não seja de estranhar o seu sucesso, já que o seu radical se baseia na raiz indo-europeia **bhoundhi-*, com significado de “vitória” (Albertos, 1966, p. 61). No Nordeste transmontano, a forma masculina está também documentada em Sacoias (n.º 35), Grijó de Parada (n.º 44), Quinta do Britelo/Vila Nova (n.º 34) e Picote (EE IX 292b), mas a forma feminina apenas a encontramos em Meixedo (n.º 24b), sendo estes, ao que tudo indica, exemplos únicos no Noroeste da Península (Abascal, 1994, p. 303).

34 (65/04/02/12/18) Vila Nova, Donai, Bragança. (Est. X, 37)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, com esquema decorativo bipartido. Tendo sido fracturada a meio aquando do seu transporte para o Museu de Bragança, encontra-se, actualmente, com as duas partes unidas por argamassa de cimento. As superfícies denotam algum desgaste, a que se associam pequenas escoriações, sobretudo ao longo das arestas.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: Na cabeceira, roda de 12 raios curvos sinistrorsos (com orifício central), em relevo, inserta em círculo rebaixado; entre ela e o campo epigráfico, dois esquadros de extremidades bífidas rebaixados.

Dimensões: 100/41/19.

Campo epigráfico: Obtido por rebaixe, tem formato quadrangular.

Dimensões: 27/29,5.

Conservação: A fractura sofrida pela inscrição cortou-o ao nível da l. 2, encontrando-se “restaurado” com argamassa de cimento.

Local de achado: Tesouro/Quinta do Britelo.

Circunstâncias: Apareceu enterrada, juntamente com as estelas n.º 70 e 85, no sítio designado de Tesouro, quando, em 1944, se procedia à plantação de vinha, tendo dado entrada no Museu de Bragança por intermédio de José Montanha (Alves, 1947, p. 601).

Paradeiro: MAB (n.º 1506), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1947, p. 601-603; Lemos, 1993, IIa, p. 81; García, 1996a, p. 1462-1463, n.º 94.

BOVTIO / MATV/GENI . F(ilio) / A(nnorum) . XXV (quinque et uiginti)

A Búcio, filho de Matugeno, de 25 anos.

Alt. das letras: L. 1: 4,3/5 (B = 6,5); l. 2: 5,4/6 (M = 3,8); l. 3: 4,8/5,9 (G = 6,3); l. 4: 6/7 (V = 4,2).

Espaços: 1: 0,9/1,3; 2: 0,4/2,3; 3: 0,5/1,4; 4: 0/1,2; 5: 0,5/3,1.

Variantes: L. 4: AN(norum) (Lemos, García), Alves e Lemos não transcrevem o ponto que se segue ao A, considerando, erradamente, a existência de um outro entre o X e o V. García não faz leitura da pontuação.

Comentário: Texto alinhado à esquerda e à direita, com translineação do patronímico. Caracteres de ductos e alturas bastante irregulares, gravados de forma bem profunda e larga; VV de vértice arredondado e hastes de inclinação desigual; N de haste esquerda oblíqua e separada das restantes; AA desiguais (o da l. 4 com traço central oblíquo unido à haste esquerda e o da l. 2 sem qualquer barra); M mais baixo, a partir de dois AA; G como C com dois pequenos traços a barrar a extremidade inferior; F de barra central mais larga que a superior. Numerais com inclinações diferenciadas. Desrespeito pelos espaços interlineares. Pontuação de secção circular na separação de palavras (l. 3 e 4).

Onomástica indígena, a condizer com a forma de identificação do defunto. *Boutius* é, como vimos (cf. n.º 33), nome indígena com boa representação regional. De *Matugenus* conhece-se um outro testemunho em Ávila, ao qual se associa o genitivo de plural *Matugeniq(um)* (González, 1986, p. 131, n.º 142). É um nome composto por duas raízes, constituindo a segunda, *-genos*, “filho, descendente de”, uma formação patronímica tipicamente indo-europeia e muito atestada no mundo celta (cf. Albertos, 1966, p. 151, 279); o significado deste antropónimo interpreta-se, tradicionalmente, como “filho de urso” (Albertos, 1966, p. 151).

35 (12/04/02/04/2) Sacoias, Baçal, Bragança. (Est. X, 38)

Suporte: Marco.

Material: Granito.

Descrição: Bloco cilíndrico, que alarga do topo para a base. Superfícies bastante desgastadas e aresta superior esmurrada. No topo, foi aberto um orifício rectangular (6,5/5/8). Actualmente, está embutido numa base de cimento.

Dimensões: 140/37.

Campo epigráfico: Não se encontra formalizado: a inscrição ocupa parte da superfície cilíndrica.

Local de achado: Calvário/Castro de Sacoias.

Circunstâncias: Proveniente de Sacoias, estava, em Baçal, a servir de apoio ao corrimão de uma escada quando foi publicado por J. Henriques Pinheiro (1895, p. 68). Teria sido encontrado no Castro de Sacoias, numa vinha de Gracinda Lagarelos, tendo depois

sido transportado, a mando desta, para Baçal (Alves, 1934, p. 81). Entrou no Museu de Bragança por intermédio de F. M. Alves (1934, p. 78).

Paradeiro: MAB (n.º 1568), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Pinheiro, 1895, p. 68-69; Vasconcelos, 1898, p. 155; Lopo, 1900a, p. 79; *EE VIII* 300, IX 279; Alves, 1934, p. 78-81, n.º 43; *ILER* 2609; Lopo, 1987, p. 48; Lemos, 1993, IIa, p. 49; García, 1996a, p. 1463, n.º 95; Rodríguez, 1997, p. 277, n.º 337.

BOVTĪVS / TALOGI F(ilius) / ANN(orum) / XXXV (quinque et triginta) / ⁵ S(it) T(ibi) T(erra) L(euis)

Búcio, filho de Talógio, de 35 anos. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: L. 1: 7,5/8,3 (nexo = 11,5); l. 2: 7,5/8,2 (I = 8,8; F = 9,4); l. 3: 7,6/7,9; l. 4: 7,5/8,3; l. 5: 8,5/8,9.

Espaços: 1: 16/16,5; 2: 1/3,3; 3: 1/1,5; 4: 0,2/1,1; 5: 4/4,6.

Variantes: L. 1: OV[---]VS (Pinheiro), OV[I]VS aut [Q]V[IET]VS (*EE VIII*), BOVIVS (Lopo 1900a, *EE IX*, Alves, *ILER*, Lopo 1987); l. 2: L[---]CIF (Pinheiro), L[V]CI F (*EE VIII*), TALOCI (Lopo 1900a, *EE IX*, *ILER*, Lopo 1987, Lemos, García), Alves indica ponto a seguir a *Taloci*; l. 3: ANXXV (Pinheiro, *EE VIII*); l. 4: S . TL (Pinheiro), S . T . L (*EE VIII*). Lopo (1987) não regista a l. 5. Vasconcelos transcreve do jornal *O Nordeste Transmontano*, apesar de a considerar incorrecta, a seguinte leitura: BOVIVS TALOCI P . ANN . S . T . T . L .

Comentário: Disposição do texto na superfície cilíndrica deficiente. Nas três primeiras linhas, percebe-se ter havido uma tentativa de encontrar um alinhamento à esquerda, não totalmente conseguido, abandonando-se nas restantes essa intenção. A gravação é profunda e larga. Os AA apresentam a haste direita a ultrapassar a esquerda e travessão central curvo; a extremidade superior direita do V da l. 4 tem adossado um pequeno traço horizontal, inciso para fora; outras letras apresentam encurvadas as extremidades das barras (l. 1: VV; l. 2: A; l. 3: A e N). Alguns caracteres unem-se entre si: na l. 3, o A une inferiormente ao N; na l. 4, as extremidades superiores e inferiores dos XX estão ligadas e o V também une superiormente ao X que o antecede. Uso do nexu TI na l. 1.

O genitivo *Talogi* é testemunho único em território hispânico, embora o radical *Tal-*, frequente na onomástica celta, **talos*, “frente”, e baseado na raiz indo-europeia **tel-*, “solo”, “planície” (Albertos, 1966, p. 217), tenha ampla representação na área lusitano-galaica (Untermann, 1965, p. 168-169), bem como fora da Península (Albertos, 1966, p. 219). Em contrapartida, o nome *Boutius* surge com frequência no território peninsular, como se viu a propósito da inscrição n.º 33.

(I24/04/02/42/6) Santa Maria (?), Santa Maria (?), Bragança. (Est. X, 39)

Suporte: Estela.

Descrição: Segundo o desenho de Cardoso Borges, tratar-se-ia de uma estela de cabeceira semicircular, com esquema decorativo bipartido consistente na individualização da cabeceira e num campo epigráfico entre colunas, como na estela n.º 14.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Cabeceira com roda de 12 raios curvos dextrorsos esculpida dentro de campo ultra-semicircular, rebaixado e delimitado pelo rebordo externo da estela; subjazem-lhe duas colunas com capitel esquemático que delimitam lateralmente o campo epigráfico.

Campo epigráfico: Delimitado por duas representações de colunas com capitel estilizado, obtidas pelo rebaixamento dos rebordos da estela e do próprio campo epigráfico.

Local de achado: Proximidades de Bragança.

Circunstâncias: Encontrada por Cardoso Borges (1721-1724, f. 153v) nas vizinhanças da cidade de Bragança, o qual a teria feito transportar para esta mesma urbe.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 153v-154; *CIL* II 2500; Alves, 1909, p. 353; *ILER* 5057; García, 1996a, p. 1464-1465, n.º 97.

BVAN(ae?) . / AEBVTI / LIB(ertae) . / AN(norum) . LXXV (quinque et septuaginta) /
 5 CABVRE/NE MATRI / F{aciendum) . C(urauit) .

A Buana (?), liberta de Ebúcio, de 75 anos. Caburene mandou fazer à mãe.

Variantes: L. 1: em *CIL*, *ILER* e García não é indicado o ponto; l. 2: AE BVTI (*ILER*), NAE BOVTI (García); l. 3: no *CIL*, o ponto não é assinalado; l. 6: NE (*CIL*, Alves, *ILER*, García); l. 7: D . C . (Borges, *CIL*, Alves, *ILER*, García).

Comentário: Se o desenho de Borges reproduzir com fidedignidade o texto e a sua disposição no espaço epigráfico, devemos considerar o seu alinhamento à esquerda, à excepção da l. 7, que aparece centrada, e assinalar a utilização de pontuação na sequência de abreviaturas e iniciais.

Documenta-se nesta epígrafe a única referência expressa à presença de *liberti* na região bragançana, situação que não será de estranhar quando temos igualmente notícia de gente de condição servil.

De acordo com a transcrição transmitida por Cardoso Borges, o nome da defunta aparece abreviado. Talvez se deva interpretar desta forma o ponto que este autor reproduz no final da l. 1, já que os restantes indicam uma utilização correcta; porém, não será de colocar totalmente de parte a possibilidade de não terem sido lidos alguns caracteres por, eventualmente, estarem mais apagados. A propósito desta inscrição, M. L. Albertos (1966, p. 62) considera a hipótese de *Buan*(--) ser uma forma reduzida e abreviada de *Bouana*, nome que tem ocorrência clara (num caso com geminação do -n-) na

província de Cáceres (Palomar, 1957, p. 49-50; Abascal, 1994, p. 302). *Aebutius* é *nomen* em posição de cognome, situação que se verifica com este mesmo antropónimo em duas inscrições de León (*CIL* II 2672, 2673).

A homenagem fúnebre é levada a cabo pela filha, a qual se identifica por um único nome: *Caburene*; em Ibahernando, província de Cáceres, documenta-se o nome *Caburena* (*HAE* 1381), pelo que M. L. Albertos (1966, p. 65) considera estes dois nomes derivados de *Cabura/-us*.

No seu conjunto, a transcrição de Borges afigura-se-nos aceitável, ainda que na l. 7 possa haver um erro de leitura, como se ilustra pela correcção que introduzimos.

Não deixa de ser curioso o facto de a inscrição n.º 14, tipologicamente idêntica a esta, ser o suporte do epitáfio de uma escrava.

37 (62/04/02/12/15) Vila Nova, Donai, Bragança. (Est. X, 40)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, fracturada horizontalmente pelo campo epigráfico; o acabamento estende-se a todas as faces, sendo menos cuidado na posterior. Encontra-se lascada no topo e apresenta escoriações ligeiras, sobretudo, ao longo das suas arestas; a superfície acusa desgaste acentuado.

Elementos decorativos: Crescente; estrelas; esquadros.

Decoração: Na cabeceira, dentro de campo ultra-semicircular, rebaixado e delimitado pelo rebordo externo da estela, crescente relevado e, dispostas em triângulo, três estrelas de seis raios rectos insculpidas; enquadrando cada um dos vértices do campo, par de esquadros de extremidades bífidas, em rebaixe.

Dimensões: [46]/32/10.

Campo epigráfico: Rebaixado e de formato presumivelmente subcruciforme; limite superior enviesado.

Dimensões: [14]/22.

Conservação: A fractura que cortou a estela atingiu a l. 2 em toda a sua extensão; superfície gasta.

Local de achado: Vila Nova.

Circunstâncias: Encontrada por A. Pereira Lopo (1908, p. 313) numa cortelha de porcos da aldeia, em 1908. Tem como provável contexto original a Devesa de Vila Nova.

Paradeiro: MAB (n.º 1499), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1908b, p. 313-314; Alves, 1934, p. 85-86, n.º 49; Lopo, 1987, p. 53; Lemos, 1993, IIa, p. 80; García, 1996a, p. 1465, n.º 98; Rodríguez, 1997, p. 260-261, n.º 282.

BVRRAL/IQ[---] / [---

A Burrálio [---

Alt. das letras: L. 1: 4,2/5,2 (R = 5,6; R = 6,4).

Espaços: 1: 0,7/4,8; 2: 0/2.

Variantes: L. 1: BVRBAL (Lopo), BVRRA[---] (Lemos); l. 2: LCCIV (Alves), ISSIĀĒ (Rodríguez), Lemos e García não propõem leitura.

Comentário: O texto conservado indicia alinhamento à esquerda e à direita, associado a translineação não silábica. Caracteres de ductos irregulares, tendencialmente actuários. Gravação denotando mão pouco hábil: panças angulosas nos RR e no B; RR pouco conseguidos, o primeiro mostrando pequena pança dissociada de dois traços oblíquos convergentes e o segundo com perna oblíqua desligada quer da pança, quer da haste; A sem travessão central e de haste esquerda mais alta que a direita; L de barra curta, condicionada pelo limite do campo epigráfico.

Já era conhecido, pelo Pacto de Astorga (*CIL* II 2633), o genitivo *Burralli*, contudo, permanecia por resolver o seu nominativo, havendo possibilidade de opção entre as terminações *-ius* e *-us*; esta epígrafe parece dar prioridade à primeira. *Burrallius* é, possivelmente, derivado de *Burra/-us* (cf. Albertos, 1966, p. 64).

38 (84/04/02/19/1) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. XI, 41)

Local de achado: Igreja de Grijó de Parada.

Circunstâncias: Segundo Cardoso Borges (1721-1724, f. 72), teria sido desenterrada na Torre do Modorro, tal como as n.ºs 45 e 74, e reaproveitada na reedificação da igreja.

Paradeiro: Desconhecido (igreja de Grijó de Parada?).

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 72; *CIL* II 2501; Alves, 1909, p. 354-355 (= 1934, p. 446); *ILER* 2290; Lemos, 1993, IIa, p. 100; García, 1996a, p. 1466, n.º 100.

CABVRN/[---]VR(--- filiae uel filio?) A/N^rN¹(orum) LXX (septuaginta)

---] de 70 anos.

Variantes: L. 1: CABVR (Lemos, García); l. 2: VRA (*CIL*, Alves, *ILER*, Lemos, García); l. 3: N VLXX (Borges), N . VLXX (*CIL*), NVLXX (Alves), AN V LXX (*ILER*), [A]N(norum) LXX (Lemos), [A]N(norum) . LXX (García).

Comentário: O carácter fragmentário da transcrição de Cardoso Borges não facilita a interpretação do epitáfio. A nossa é hipotética, admitindo-se estarmos perante um(a) defunto(a) indígena, cuja identificação se baseia num nome pessoal seguido de patronímico; na última linha, é provável que haja uma má leitura de um N por parte de Borges. A propósito da antroponímia desta inscrição, M. L. Albertos (1966, p. 66) refere que Holder reconstituiu um nominativo *Caburnia*; a mesma forma do radical, variante de *Cabar-* (Albertos, 1966, p. 64), surge também nos genitivos de plural *Caburateiq(um)* (González, 1986, p. 125, n.º 62), *Caburiq(um)* (González, 1986, p. 125, n.º 63) e *Caburoniq(um)* (González, 1986, p. 125, n.º 64) documentados em Ávila e, com perda do *-r-*, no teónimo indígena *Cabuniaeginus* (*ILER* 772, 773). O patronímico poderia, eventualmente, estar abreviado, pois, apesar de pouco frequente, esta é uma prática documentada na região (cf. n.ºs 57 e 71).

Suporte: Estela.

Material: Mármore.

Descrição: Estela de cabeceira supostamente semicircular, incompleta, cujos elementos decorativos a filiam no tipo “Picote”. Encontra-se fracturada superior e inferiormente.

Elementos decorativos: Esquadro; elementos arquitectónicos; flecha; gládio.

Decoração: No que resta da cabeceira, do lado direito, e logo acima do campo epigráfico, vestígios de esquadro e da superfície em ressalte (peanha) que suportaria a roda de raios curvos. Na parte inferior, em painel cruciforme solidário com o campo epigráfico, que se lhe sobrepõe, e obtidos por incisão, flecha e gládio de lâmina plana terminada em ponta, manifestamente desproporcionados; a pequena flecha poderá querer representar a lança que, tal como o gládio, pertence ao armamento próprio dos cavaleiros, porém Le Roux (1982, p. 146) não deixa de aventar a hipótese – em todo o caso, pouco provável – de esta flecha ser um simples motivo ornamental que jogaria com um simétrico, entretanto desaparecido. Abaixo deste registo decorativo intermédio, três arcos com peralte ultrapassado, em forma de “empunhadura de espada”, inscrito em quadrado rebaixado.

Dimensões: [82]/39/8.

Campo epigráfico: Cruciforme e delimitado por linha incisa comum ao painel decorativo que lhe subjaz. A delimitação cruciforme dos campos figura, na periferia da estela, pilastras sobrepostas.

Dimensões: 19,5/34,5.

Conservação: Lascado no lado esquerdo, afectando o início da l. 2, e cortado no lado oposto.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Encontrada, em reaproveitamento, na parede de uma casa de Babe, aquando da sua demolição; segundo Lopo (1987, p. 39-40), considerou-se, na altura, ser oriunda do Sagrado. Ofereceu-a ao Museu de Bragança um pedreiro, por intermédio do reitor Francisco Manuel Pires (Lopo, 1987, p. 38; Alves, 1934, p. 40).

Paradeiro: MAB (n.º 1534) Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1897b, p. 223-224, 1900c, p. 60-61; *EE IX* 277; Alves, 1934, p. 40-41, n.º 7; *ILER* 5594; Roldán, 1974, p. 435, n.º 443; Le Roux, 1982, p. 146-147, 239, n.º 234; Lopo, 1987, p. 38; Lemos, 1993, IIa, p. 42-43; García, 1996a, p. 1473-1474, n.º 112.

D(is) M(anibus) / [C]ALPVRNIO / REBVRRINO / EQVITI . AL(ae) . II . FL(aui)ae / 5
C(---) . S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(euis)

Aos deuses Manes. A Calpúrnio Reburino, cavaleiro da II Ala Flávia (---). Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: L. 1: 3; l. 2: 3/3,5; l. 3: 3/3,8; l. 4: 3,2/3,7 (I e I = 2,7; F e L = 3); l. 5: 3,3/3,6 (C = 2,9).

Espaços: 1: 0,4; 2: 0,3; 3: 0,4/1; 4: 0,2/1,1; 5: 0,4/0,8; 6: 0/0,2.

Variantes: L. 1: D . M . (ILER); l. 4: AL II . P (Lopo 1897b e Alves, que também considera a hipótese de a última letra poder ser um F), AL(ae) II . PP (Lopo 1900c), AL . II . P uel F (EE), AL . II P . (ILER), AL II P . P uel F. (Lopo 1987); l. 5: G uel C . S . T . T . L . (EE), S . T . T . L . (Le Roux, Lemos), todos os autores, à excepção de Le Roux, que não transcreve a pontuação, assinalam ponto a seguir ao L. Alves propõe desdobrar as abreviaturas que lê nas l. 4 e 5 da seguinte forma: Al(a) II p(onendi uel faciendi) c(urauit)...

Comentário: Paginação cuidada, com notória preocupação de centrar a invocação aos Manes (l. 1), diferenciando-a do alinhamento à esquerda que segue o restante texto; o trabalho de gravação denota alguns desequilíbrios, manifestos na variabilidade da altura das letras e dos espaços interliterais. Capitais de tendência actuária, de *ductus* irregulares, em que a perpendicularidade entre hastes e barras nem sempre é respeitada; OO circulares e PP de pança em semicírculo cuja extremidade superior se prolonga à esquerda da haste; P servindo de base para o traçado dos RR e do B, tal como o A para o M e NN. Contrariamente aos restantes, o V da l. 4 apresenta as extremidades marcadas por pequeníssimos traços. Pontuação de secção circular.

A interpretação da letra C no início da l. 5 é bastante delicada, levando mesmo a que Le Roux considere a sua existência insegura.

O epitáfio mantém a simplicidade habitual, mas salienta-se pelo facto de a menção da idade do defunto ter sido substituída pela referência à sua qualidade de militar.

Calpurnia/-us é gentílico latino frequente no quadro peninsular, tendo testemunhos próximos em El Pino (CIL II 2614) e Villalcampo (HAE 891), no Ocidente da província de Zamora; no conjunto do CIL II, ocupa o 20.º lugar da lista dos *nomina* mais frequentes (Knapp, 1978), sendo certo que o número absoluto de testemunhos quase que está hoje duplicado, e a sua representatividade ligeiramente reforçada (cf. Abascal, 1994, p. 104-106). Os cognomes *Reburina/-us* consideram-se indígenas – apesar de também aparecerem nas séries onomásticas latinas (Kajanto, 1965; Solin e Salomies, 1988) –, tendo um significado relacionado com particularidades físicas associadas ao cabelo (Albertos, 1966, p. 192; Kajanto, 1965, p. 286); no território transmuntano-zamorano, o nome *Reburinus* também se documenta em Bragança (n.º 77), Vila Nova (n.º 80), Picote (Mourinho, 1986, p. 11-12, n.º 3) e, mais a sul, Adeganha (Brandão, 1959-1960, p. 38-44). Conhece-se, ainda, a forma *Reburina/-us*, em Picote, Villalcampo e El Pino (Abascal, 1994, p. 479-480).

A II Ala Flávia, unidade auxiliar a que *Calpurnius Reburinus* pertenceu, foi, presumivelmente, formada sob Vespasiano e teve como base o acampamento de Rosinos de Vidriales (Le Roux, 1982, p. 145). O defunto é, à partida, um soldado indígena sepultado entre os seus que, segundo Le Roux (1982, p. 239), poderia ter sido recrutado nos finais do século II; menos plausível parece ser a hipótese de o óbito estar relacionado com a presença, no local de onde procede a lápide, de um pequeno destacamento militar que controlaria o entroncamento de uma via secundária com a via XVII (Lemos, 1993, Ib, p. 295). O uso do dativo empresta ao epitáfio conotação honorífica, também procurada pela inclusão da menção ao estatuto militar do defunto, a qual, sem dúvida, aligeira o carácter funerário da epígrafe.

A presença da *adprecatio* aos Manes, a onomástica e a ornamentação são argumentos que justificam uma cronologia posterior ao início do século II e anterior aos meados do seguinte (cf. Navarro, 1998); a ausência de *praenomen* pode restringir esta amplitude cronológica, sendo plausível uma datação do final do século II ou do início do III.

40 (3/04/02/02/2) Varge, Aveleda, Bragança. (Est. XI, 43)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela fragmentada de que se conserva integralmente a cabeceira semicircular e a parte superior do campo epigráfico. A face posterior e os lados apresentam trabalho sumário de acabamento e a aresta que formam encontra-se, ao nível da cabeceira, biselada.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: A cabeceira acolhe campo ultra-semicircular, rebaixado e delimitado pelo rebordo externo da estela, dentro do qual surgem uma roda de seis raios curvos sinistrorsos (com orifício ao centro), em relevo, chegada ao topo do campo, e, no espaço deixado livre, dois esquadros de extremidades bífidas rebaixados.

Dimensões: [46,5]/34/15.

Campo epigráfico: Quadrilateral e rebaixado.

Dimensões: [7,5]/24,5.

Conservação: Cortado horizontalmente ao nível do segundo espaço interlinear.

Local de achado: Labusélo.

Circunstâncias: Encontrada, conjuntamente com as epígrafes n.ºs 58, 102 e 109, num lameiro de Labusélo, em Março de 1938 (Alves, 1936-1938, p. 225).

Paradeiro: MAB (n.º 1513), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1936-1938, p. 225, 1947, p. 592-593; Lemos, 1993, IIa, p. 38; García, 1996a, p. 1474-1475, n.º 114.

CAMA/[L---

Alt. das letras: L. 1: 5,2/5,7.

Espaços: 1: 0,4/1,1.

Variantes: L. 1: $\overline{\text{CAMA}}$ (Alves). Lemos e García propõem para a l. 2 [LO? ---] e [LA uel O ---], respectivamente.

Comentário: A linha conservada apresenta-se em “caixa” e indica translineação silábica. Caracteres obtidos por incisão profunda. Os AA apresentam as hastes direitas sobrelevadas relativamente às esquerdas e pequeno travessão curvo, apenas unido a estas últimas; o M parece filiar-se no traçado dos AA.

A tipologia do monumento e a sua decoração enquadram-se na tradição local. Presumivelmente, os caracteres conservados respeitam a antropónimo relacionado com o radical *Camal-*, presente em *Camalus* e seus derivados, família onomástica frequente no território peninsular (cf. Untermann, 1965, p. 85-86; Abascal, 1994, p. 313-314).

41 (I20/04/02/42/2) Santa Maria, Santa Maria, Bragança. (Est. XI, 44)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular ornamentada; inferiormente, a parte subjacente ao campo epigráfico parece inacabada, vislumbrando-se aí o contorno superior de painel rebaixado, porém incompleto, situação presumivelmente intencional por esse nível poder ficar já rente à terra. Acabamento mais esmerado nas faces laterais e anterior. Conserva as superfícies bastante gastas e com ligeiras escoriações.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos dextrorsos, em relevo, dentro de campo ultra-semicircular, rebaixado e delimitado pelo rebordo externo da estela.

Dimensões: 91/35,5/14,5.

Campo epigráfico: Rebaixado e com formato rectangular, ainda que sem esquadria.

Dimensões: 17/24.

Conservação: Desgaste superficial.

Local de achado: Quatro caminhos.

Circunstâncias: Apareceu, conjuntamente com a n.º 77, quando, em Outubro de 1981, se abria um poço para rega num terreno da firma Afonso & Filhos, sediada nos Quatro Caminhos, Bragança (Afonso, 1981, p. 147).

Paradeiro: MAB (n.º 1656), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1981, p. 146-150; AE, 1982, 573; Lemos, 1993, IIa, p. 52; García, 1996a, p. 1479, n.º 120.

CARITO/NI . LICIN/I . F(ilio) AN(norum) XL (quadraginta)

A Caritão, filho de Licino, de 40 anos.

Alt. das letras: L. 1: 5,8/6,6 (R = 7,1; O = 3,6); l. 2: 4,4/5,8; l. 3: 4/4,8 (A e N = 3,4; X = 3,1).

Espaços: 1: 0/1,3; 2: 0,4/1,2; 3: 0/0,8; 4: 0/0,5.

Variantes: L. 1: CARI (Afonso, Lemos), CARIT[O] (García); l. 2: I(i) . F(ilio) . AN(norum) LXI (García). Afonso e Lemos não lêem as l. 2 e 3.

Comentário: Texto paleograficamente pouco cuidado, sem *ordinatio*, com todas as linhas a ultrapassar o limite direito do campo epigráfico: na primeira, o O foi totalmente gravado no rebordo da estela; na seguinte, apenas a haste esquerda do N se incisou dentro do campo; na última, o L foi executado com um só traço que encurva inferiormente para simular a barra horizontal, rompendo o canto inferior direito do campo. Nesta linha, o lapicida viu-se obrigado a reduzir as alturas dos caracteres, mas nem por isso evitou golpear a borda inferior do espaço epigrafável. Espaços interlineares praticamente ausentes. Caracteres de mau desenho e de grande irregularidade; AA sem travessão central; R de pança não fechada; F cursivo; na l. 1, C e A unidos inferiormente. Conjunto tosco.

O cognome do defunto, *Carito*, tem origem grega, relacionando-se com *Charito* e *Chariton*, também documentados no espaço peninsular (Abascal, 1994, p. 325). Ocorre na

Península por, pelo menos, mais duas vezes (*CIL* II 2825, 3541), nenhuma delas no Noroeste, onde apenas se assinala, concretamente em León, *Charito* (*CIL* II 5699). *Licinus* é cognome latino com significado próximo ao do popular nome *Reburrus* (Kajanto, 1965, p. 236), mas, embora também se encontre em Duas Igrejas (Mourinho, 1986, p. 33, n.º 24), é pouco frequente em solo hispânico (Abascal, 1994, p. 400). Apesar da onomástica, trata-se de indivíduo livre, para o qual será de admitir uma origem local.

42 (II5/04/02/36/2) Rebordãos, Rebordãos, Bragança. (Est. XII, 45)

Suporte: Ara.

Material: Granito.

Descrição: Ara com capitel tosco (15,5/30/28) em dupla faixa, que se estende, aparentemente, aos quatro lados, encimado por fôculo circular ($\emptyset = 10$) em relevo; fuste liso (31/27/27,5) e base ausente. Encontra-se bastante mutilada, sobretudo no lado direito e em redor do capitel.

Dimensões: [46,5]/30/28.

Campo epigráfico: Inscrição gravada no fuste.

Dimensões: 31/27.

Conservação: A superfície epigrafada apresenta algum desgaste.

Local de achado: Vale Pereiras (ou Vale de Pereiró).

Circunstâncias: Deslocada do seu contexto original, foi detectada por F. M. Alves (1925-1926, p. 21), em 1924, na casa de Joaquim Gonçalves Xavier, em Rebordãos.

Paradeiro: MAB (n.º 1574), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1925-1926, p. 21, 1938, p. 9; *ILER* 4761; Lemos, 1993, IIa, p. 125; García, 1996a, p. 1480-1481, n.º 123.

D(is) ☽ M(anibus) / CEBALAE / GEMINI (filiae) / METELLI N(epti) / 5 AVIA

Aos deuses Manes. A Cebala, filha de Gémeo, neta de Metelo. A avó.

Alt. das letras: L. 1: 7; l. 2: 3,9/4,6; l. 3: 4/4,7; l. 4: 3,9/4,5; l. 5: 4/4,3.

Espaços: 1: 1,7; 2: 0,3/0,7; 3: 0,4/1; 4: 0,7/1; 5: 0,5/0,8.

Variantes: L. 2: CEBAlIAE (*ILER*); l. 4: MEI FILIA(e) (Alves, García), MEI FILIAE (*ILER*, Lemos). Em *ILER* não aparecem separadas as l. 3 e 4.

Comentário: Paginação elegante e cuidada, sem translineações, com as l. 1 e 5 segundo um eixo de simetria e as restantes alinhadas à esquerda; maior destaque concedido à l. 1, na qual foi gravada uma *hedera*, sem pecíolo, intercalada na fórmula abreviada de invocação aos Manes. Gravação profunda. Caracteres tendencialmente actuários e de razoável recorte; D com as extremidades da pança a prolongarem-se à esquerda da haste; MM de vértice central ao nível da linha; C executado com esmero; B de panças desiguais; AA com travessão em V; G de haste arredondada; EE e L de barras bastante curtas; T só com meia barra.

Inscrição, quanto ao conteúdo e forma, mais esmerada que o habitual na região bragançana. Nesta homenagem fúnebre, prestada por uma avó à sua neta, a menção da idade da defunta é substituída pela referência ao avô, provavelmente já falecido, que a viúva acaba por co-homenagear desta forma.

O cognome *Metellus*, como vimos a propósito do epitáfio da escrava *Acca* (n.º 14), não é frequente no mundo romano e tem um certo sabor republicano; a sua ocorrência em lugares relativamente próximos faz-nos suspeitar estarmos perante a mesma pessoa: o patriarca de uma família que tem poder económico para possuir servos e que por este monumento – além da sua qualidade epigráfica, valorizamos a onomástica nele transmitida – denota um significativo grau de aculturação, já que a forma de identificação da defunta aponta para uma origem indígena. O seu nome, *Cebala*, é, aparentemente, desconhecido, quer na onomástica indígena, quer na latina; pode, eventualmente, guardar relação com os nomes latinos baseados em *cepa* ou *caepa* ou com *Cephalus*, atendendo à semelhança de sons e de escrita¹. O cognome do pai, *Geminus*, aparece, sobretudo, nas áreas meridionais e mais romanizadas da Península, conhecendo-se no Noroeste um outro testemunho, procedente do orensano Castromao (*AE*, 1972, 282). A presença destacada da invocação aos Manes e a paleografia sugerem uma cronologia do século II, provavelmente ainda da primeira metade.

43 (74/04/02/13/5) Terroso, Espinhosela, Bragança. (Est. XII, 46)

Local de achado: Igreja de Terroso.

Circunstâncias: Segundo Borges (1721-1724, f. 71v), encontrava-se embutida na parede da igreja, junto a uma das portas, tal como a n.º 51.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 71v; *CIL* II 2504; Alves, 1909, p. 354, 1938, p. 76-77; *ILER* 2292; Lemos, 1993, IIa, p. 86; García, 1996a, p. 1484, n.º 129.

CLODI/O TVR/ONI (filio) . AN(norum) . / XX/5V (quinque et uiginti)

A Clódio, filho de Turono, de 25 anos.

Variantes: L. 4: no *CIL* não é registado o ponto do final da linha. Alves (1938) e Lemos não consideram a separação entre as l. 4 e 5; García não separa as l. 3-5.

Comentário: *Clodius* é *nomen* latino, estando, no caso vertente, em posição de cognome. O patronímico *Turoni* (gen.) é indígena; tem apenas outro testemunho peninsular, em Villardiegua de la Ribera (Abascal, 1994, p. 535), não se tendo ainda encontrado registo do seu nominativo, que pode bem ser *Turonus*, antropónimo documentado na Lugdunense (Albertos, 1966, p. 239).

Suporte: Cipo.

Material: Xisto moscovítico.

Descrição: Pequeno bloco paralelepípedo, integrado na estrutura da igreja paroquial, pelo que apenas se pode observar o lado anterior e o fundo. Aparentemente completo, encontra-se regularmente conservado: algumas escoriações afectam a molduração perimétrica e o registo que subjaz ao campo epigráfico apresenta-se lascado no lado direito; as superfícies guardam restos do revestimento da igreja, recentemente retirado.

Elementos decorativos: Elementos geométricos.

Decoração: A face anterior, dividida em dois registos separados por três cordões horizontais, é delimitada por cordão perimétrico contínuo, duplo em cima e em baixo. O registo superior é encimado por banda de sete cordões verticais, funcionando o restante espaço disponível como campo epigráfico; o registo de baixo é superiormente ornado por dois pares de cordões unidos por sulco horizontal central. Execução tosca, como bem se ajuíza pela ausência de regularidade nas proporções dos vários elementos decorativos, a que não será alheia a natureza do suporte.

Dimensões: 52,5/19/15.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado, integrando o registo superior.

Dimensões: 12/15.

Conservação: Desgaste acentuado.

Local de achado: Igreja de Grijó de Parada.

Circunstâncias: Encontra-se encastrado na fachada principal da igreja, integrando o cunhal direito do vão da entrada, tendo sido por nós identificado. O seu contexto original é, com toda a probabilidade, o Modorro, tendo sido reaproveitado aquando da edificação do templo, na época medieval.

Paradeiro: Igreja de Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Inédita.

CLOV̄T̄/IO . BO/VTI F(ilio)

A Clúcio, filho de Búcio.

Alt. das letras: L. 1: 3,5/3,8 (nexo = 4); l. 2: 3,2/3,5 (B = 4,9); l. 3: 3,1/3,5.

Espaços: 1: o/o,8; 2: o/I; 3: o/o,2; 4: o.

Comentário: Texto paleograficamente pouco cuidado e com aparente alinhamento à esquerda. Caracteres de ductos e dimensões irregulares; VV de vértice redondo; OO circulares e amiudados; B espichado, de panças separadas; T de barra côncava. Na l. 1, nexo VT indicado por pequeno traço, descentrado, na ponta da haste direita do V. Ponto de secção circular na l. 2; na seguinte, a pontuação é dispensada e, presumivelmente, substituída por um espaço interliteral mais prolongado (antes do F), decorrente da descida anormal do B da linha anterior.

Epitáfio singelo, resumido à identificação do defunto. A onomástica é indígena e bastante vulgar no contexto peninsular. O nome *Cloutius* também se documenta nas inscrições n.ºs 25, 70, 88 e 91, provenientes de Sacoias, Vila Nova/Quinta do Britelo, Pinhovelo e Grijó de Parada, respectivamente, tendo sido comentado anteriormente. Também o patronímico foi já focado, a propósito de três inscrições procedentes de Grijó de Vale Benfeito, Vila Nova/Quinta do Britelo e Sacoias (n.ºs 33, 34, 35, respectivamente).

45 (86/04/02/19/3) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. XII, 48)

Local de achado: Igreja de Grijó de Parada.

Circunstâncias: Segundo Cardoso Borges (1721-1724, f. 72), teria sido desenterrada na Torre do Modorro e reaproveitada na reedificação da igreja, o mesmo indicando para as inscrições n.º 38 e 74.

Paradeiro: Desconhecido (igreja de Grijó de Parada?).

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 72; *CIL* II 2505; Alves, 1909, p. 354-355 (= 1934, p. 446); *ILER* 2293; Lemos, 1993, IIa, p. 100; García, 1996a, p. 1490-1491, n.º 140.

CORNEL/IO . CI^rL^rAC/ILI[?] (filio) . AN(norum) / XL (quadraginta)

A Cornélio, filho de Cilacílio (?), de 40 anos.

Variantes: L. 1: CORNE (*ILER*); l. 2: CIIAC (Borges, *CIL*), CILAC (Alves, Lemos, García), LIO CAEC (*ILER*), CILA C (Lemos), apenas Alves copia o ponto; l. 3: ILI . (filia) (Lemos), em *CIL* e García não é assinalado o ponto. Em *ILER*, as l. 3 e 4 aparecem juntas.

Comentário: A interpretação da inscrição oferece dúvidas, nomeadamente em relação ao segundo antropónimo registado. Aparentemente, trata-se do epitáfio de um defunto indígena identificado por nome único seguido de patronímico; o nome não oferece dúvida, sendo claro que se adoptou o *nomen Cornelius* à margem da sua função gentílica. A utilização de *nomina* em posição de cognome, ou como nome pessoal, não é solução inédita, testemunhando-se, por exemplo, em Castro de Avelãs (n.º 64) e numa outra inscrição de Grijó de Parada (n.º 46).

A interpretação do patronímico é que gera incerteza. Analisando o manuscrito de Cardoso Borges, verifica-se que a leitura proposta é CIIACILI, tal como Hübner reproduziu no *CIL*; será F. M. Alves o responsável pela adulteração desta leitura, substituindo o segundo I por L, mas sem apresentar justificação para tal correcção. Com base na publicação de Alves (1934), M. L. Albertos (1966, 87, p. 281, 293) abre lugar na onomástica pessoal indígena ao genitivo *Cilacili*, justificando a formação do antropónimo pela repetição do radical *Cil-* e aduzindo outros casos em que este tipo de formação antroponímica se regista (cf. Albertos, 1966, p. 69, 101). Posteriormente, Vives, no seu labor de correcção do *CIL*, virá a propor a leitura *Caecili*, que, ante o manuscrito, nos parece de mais difícil admissão. Seguimos, ainda que provisória e não dogmaticamente, aceitando o raciocínio de Albertos, sendo desejável que surjam outras evidências que o possam confirmar ou que a inscrição seja redescoberta.

Suporte: Estela.

Material: Xisto moscovítico.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, com esquema decorativo tripartido. Trabalhada em todas as faces, conserva, no lado posterior, marcas do desbaste. O sector direito da parte inferior encontra-se cortado, provavelmente desde o momento da sua execução, de forma a torná-la mais estreita e a facilitar o seu enterramento. As superfícies acusam desgaste acentuado e alguns golpes; na aresta direita e no topo, escorições mais profundas.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; torques; esquadros; elementos arquitectónicos.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos dextrorsos, em relevo bastante suave, envolvida por linha circular incisa, a lembrar um torque com as extremidades voltadas para fora; entre a roda e o campo epigráfico, par de esquadros estreitos escavados. No registo decorativo inferior, sob o campo epigráfico, três delgados arcos com peralte ultrapassado em forma de “empunhadura de espada” rebaixados.

Dimensões: 108/30,5/12,5.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Dimensões: 9,5/[20].

Conservação: Superfície gasta e canto superior direito lascado.

Local de achado: Cemitério de Grijó de Parada.

Circunstâncias: Localizada por F. Sande Lemos (1993, IIa, p. 101) no topo de uma sepultura do cemitério de Grijó de Parada.

Paradeiro: Cemitério de Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Lemos, 1993, IIa, p. 101; García, 1996a, p. 1725, *n.º 30. Leitura inédita.

CORN[E]/LIO MAB/VCI (filio) AN(norum) XXV (quinque et uiginti) / S(it) T(ibi) T(erra) L(euis)

A Cornélio, filho de Mabúcio, de 25 anos. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: L. 1: 2,9/3,5; 2: 3,1/3,5 (B = 4,1); l. 3: 2,5/3,1; l. 4: 4/4,9 (L = 3,1).

Espaços: 1: 0,1/0,9; 2: 0,3/1,2; 3: 0/1,7 (à l. 3 = 1,3/3,1); 4: 0,1/2,5.

Comentário: É notório o alinhamento à esquerda e à direita das duas primeiras linhas, gravadas no interior do campo epigráfico; a l. 3 ocupa o espaço que medeia entre este campo e o registo decorativo inferior, enquanto que a l. 4, restringida à fórmula final composta em caracteres de módulo maior, se imiscui com os elementos decorativos do registo inferior, repartindo-se pelas quatro representações de elementos arquitectónicos que conformam os vãos da arcaria. Caracteres de ductos irregulares, nitidamente condicionados pela natureza do suporte e pela exiguidade do espaço epigráfico, que, na última linha, se mostram tendencialmente actuários; AA sem travessão central; NN e M a partir de A; R de pança fechada e estreita; B alongado; C e O, respectivamente das l. 1 e 2, angulosos, o primeiro gravado com base em três movimentos. Na l. 3, N e X unidos inferiormente.

Forma indígena de identificação do defunto. A utilização do *nomen Cornelius* como nome único acontece também na inscrição n.º 45. O patronímico, *Mabuci* (gen.), é novidade, pelo menos no contexto peninsular, não se registando tão-pouco, quer na onomástica indígena, quer na latina, o radical *Mab-*; a sua leitura é, porém, suficientemente clara.

47 (49/04/02/12/2) Donai, Donai, Bragança. (Est. XIII, 50)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela, incompleta, de cabeceira semicircular que conserva grande parte do campo epigráfico e praticamente todo o registo superior, à excepção do remate. O trabalho de acabamento foi extensível às suas quatro faces, tendo sido biseladas as arestas posteriores.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; torques; crescente.

Decoração: A cabeceira tem como motivo central roda de seis raios curvos dextrorsos (com orifício central), em relevo, envolvida por linha gravada que semelha torques de extremidades viradas para fora estilizado; abaixo, de cada um dos lados, dois esquadros de extremidades bífidas rebaixados e, entre eles, crescente insculpido.

Dimensões: [30]/22/8.

Campo epigráfico: Apesar de incompleto, percebe-se um formato quadrilateral, rebaixado.

Dimensões: [11]/15,8.

Conservação: A fractura inferior trancou-o pelo fundo da l. 3.

Local de achado: Donai.

Circunstâncias: Apareceu numa casa da aldeia e deu entrada no Museu de Bragança por intermédio do P.º José da Ressurreição Palmeiro (Alves, 1934, p. 56).

Paradeiro: MAB (n.º 1540), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1934, p. 56, n.º 19; Lemos, 1993, IIa, p. 75; García, 1996a, p. 1497, n.º 151; Rodríguez, 1997, p. 253, n.º 264.

DOCIA/II RIIBVR/RĪ (filiae) AÑ(norum) . I.V (quinque et quinquaginta)

A Dócia, filha de Reburro, de 55 anos.

Alt. das letras: L. 1: 3/3,8; l. 2: 2,7/3,8.

Espaços: 1: 0,5/0,7; 2: 0,2/0,6; 3: 0/0,3

Variantes: L. 3: IV (Alves, Rodríguez), Lemos e García não transcrevem o ponto.

Comentário: Distribuição do texto no campo epigráfico pouco cuidada: denunciam-na a irregularidade dos espaços interliterais e a translineação dos dois antropónimos, certamente evitável no caso do primeiro. Gravação profunda, produzindo caracteres alongados e de ductos irregulares; AA sem travessão central e, na l. 3, de haste direita sobrelevada relativamente à esquerda; N traçado a partir de A; RR de pança aberta, unida à perna oblíqua; EE substituídos por II. Ponto de secção circular após a abreviatura AN(*norum*).

Optámos pela reconstituição do numeral LV, em vez de IV, atendendo a que é mais habitual a indicação da idade arredondada por lustros e, também, à inclinação do traço vertical que, desta forma, permitiria a gravação de uma curta barra.

Onomástica indígena. *Docia* documenta-se mais duas vezes: uma em Aldeia Nova (Mourinho, 1987, p. 105, n.º 36) e a outra em Ecija, na região sevilhana (*EE IX* 208). A forma masculina é mais abundante e tem representação majoritária em Trás-os-Montes e no Ocidente de Zamora (Abascal, 1994, p. 345). O nome *Reburrus* é, como se sabe, frequentíssimo no território peninsular; segundo M. Lourdes Albertos (1985-1986, p. 180), a região transmontano-zamorana integraria, tal como as Beiras e as regiões de Salamanca e Cáceres, o seu núcleo de origem e expansão. Encontramo-lo também em Vila Nova (n.º 80) e Villalcampo (*HAE* 889, 929); no Sul do Nordeste transmontano, em Felgar (*CIL II* 6290) e Adeganha (Brandão, 1959-1960, p. 40-41), e, a sul do Douro zamorano, mais duas vezes, em Moral de Sayago e Fresnadillo (Abascal, 1994, p. 480-482). As semelhanças paleográficas e iconográficas com a estela de *Aurelius Decuminus* (n.º 28) – ressaltando algumas diferenças de execução – sugerem uma cronologia recente que, comparativamente, associamos ao século III.

48 (52/04/02/12/5) Donai, Donai, Bragança. (Est. XIII, 51)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela (intencionalmente) fracturada na parte superior, presumindo-se que a cabeceira tenha sido semicircular. Superfícies com escoriações ligeiras.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Na cabeceira, roda de dez raios curvos dextrorsos esculpida dentro de campo ultra-semicircular (?) rebaixado. Ausência de decoração na parte inferior.

Dimensões: [101,5]/35/18.

Campo epigráfico: Em forma de *tabula aenea* rebaixada; também o rebordo da estela foi tornado mais baixo para realçar a configuração do campo.

Dimensões: 25/25.

Conservação: Algumas mossas, sobretudo lateralmente.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Descoberta numa propriedade de Teresa Morais, associada às estelas n.ºs 19, 28, 52, 69 e 84, quando, na década de 80, se procedia à abertura de um poço (Afonso, 1986, p. 484).

Paradeiro: Junta de Freguesia de Donai, Donai.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1986, p. 484-486, n.º 3; *HEp* 2, 764; Dias, 1990, p. 422, n.º 106; Lemos, 1993, IIa, p. 76; García, 1996a, p. 1497-1498, n.º 152.

DOCINI/AII TRITI (filiae) / AN(norum) L (quingenta)

A Docínia, filha de Trício, de 50 anos.

Alt. das letras: L. 1: 5,7/6,2 (D = 8,2; C = 7,3); l. 2: 5/6,5; l. 3: 6,1/6,6 (A = 7,5).

Espaços: 1: 1; 2: 0,5/2; 3: 1,5/3; 4: 0,5.

Variantes: L. 1: DOCIMA(e) (Afonso, *HEp*, Dias); l. 2: NITRITI (filiae) (Afonso), NITRITI [F(iliae)] (*HEp*, Dias), AE (Lemos, García).

Comentário: A disposição do texto no campo epigráfico é feita de forma a ocupá-lo a toda a largura, mas resulta pouco elegante; na última linha, as letras seguem módulo manifestamente superior com o intuito claro de cumprir aquele objectivo. A gravação dos caracteres, tendencialmente actuários, é profunda e larga; os módulos e ductos são irregulares; O bastante delgado; NN de vértices arredondados; AA sem travessão central; E igual a II; R próximo da forma do P, mas com um traço oblíquo inserido quase na frente da pança.

Defunta identificada à maneira indígena. O nome do pai, *Tritius*, é bem conhecido na Península (Abascal, 1994, p. 532); tal como neste caso, documenta-se majoritariamente em genitivo, o que talvez seja sinal de a sua utilização estar em tendência regressiva. Regista-se noutra epígrafe do mesmo local (n.º 52), também na função de patronímico. *Docinia* constitui um *hapax*. Trata-se, com certeza, de uma variante de *Docia/-us* com o sufixo *-inia*, que é comum na antroponímia indígena (Albertos, 1966, p. 294); o nome *Docia* aparece, inclusive, noutra inscrição deste local (n.º 47). Deste modo, devem excluir-se *Docima* e *Nitriti* (gen.) das listas onomásticas (cf. Abascal, 1994, p. 345, 440) por resultarem da leitura defeituosa desta epígrafe.

■ 49 (99/04/02/21/1) Sanceriz, Macedo do Mato, Bragança. (Est. XIII, 52)

Local de achado: Sanceriz.

Circunstâncias: A inscrição é publicada no *CIL* sem qualquer precisão quanto à sua tipologia ou às circunstâncias do seu achado.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: *CIL* II 5070; *ILER* 2297; García, 1996a, p. 1498, n.º 154.

DOCIO SĀNIGII (filio) ANNO/RVM LX (sexaginta)

A Dócio, filho de Sanígio, de 60 anos.

Variantes: L. 1: SAV . IGII (*ILER*), SĀVIGE uel SĀNIGE (García).

Comentário: Onomástica integralmente indígena. O nome *Docius* é considerado representante típico da área ásture por Untermann (1965, p. 21) e tem boa representação no território transmontano oriental e zamorano ocidental. Está atestado em Alfaião (n.º 67), Coelhoso (n.º 50) e Villalcampo (García, 1996a, p. 1498, n.º 153), mas também em Cabeça Boa, no concelho de Torre de Moncorvo (Almeida, 1966, p. 344), e, muito próximo do Douro, mas já na sua margem sul, em Villardiegua de la Ribera (Morán, 1944, p. 246, n.º 14); é também um dos antropónimos que figuram no Pacto de Astorga (*CIL* II 2633). O patronímico, *Sanigius*, não tem paralelos, mas é relacio-

nável com *Sanecius*, que se documenta em Numão (*CIL* II 432 + Le Roux, 1982, p. 191, n.º 73), na Lusitânia portuguesa. Na Gália Cisalpina é conhecido o nome *Sanicius* (*CIL* V 2433).

50 (46/04/02/10/1) Coelhooso, Coelhooso, Bragança (Est. XIV, 53)

Suporte: Estela.

Material: Calcário.

Descrição: Estela incompleta, conservando integralmente a inscrição; cortada horizontalmente em cima, apresenta na parte oposta fractura extensa que afectou o registo associado ao painel que parece indiciar-se por dois sulcos estreitos e perpendiculares entre si.

Elementos decorativos: Crescente.

Decoração: Sob o campo epigráfico, crescente estilizado insculpido. É provável que o painel que por baixo se adivinha tivesse finalidade decorativa.

Dimensões: [99]/50/27.

Campo epigráfico: Quadrangular e rebaixado, sendo a superfície irregular; a metade superior é enquadrada por sulco estreito.

Dimensões: 36,5/38.

Conservação: Desgaste e micro-fissuras, para além de algumas mossas.

Local de achado: Coelhooso.

Circunstâncias: Retirada, em 1988, das paredes de uma casa pertencente a Cândida Fernandes.

Paradeiro: Casa do Povo de Coelhooso.

BIBLIOGRAFIA: Lemos, 1993, IIa, p. 72-73; García, 1996a, p. 1499, n.º 155.

DOCIO . T/RITI . F(ilio) . AN̄(norum) . / XXC (octoginta) . S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(euis) .

A Dócio, filho de Trício, de 80 anos. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: L. 1: 7,3/8,5; l. 2: 7/9; l. 3: 7/7,6.

Espaços: 1: 1,7/2,7; 2: 2,8/4; 3: 3,5/4,4; 4: 2,5/4,1.

Variantes: Lemos e García não fazem transcrição dos pontos que finalizam as l. 2 e 3; na última linha, Lemos também não assinala o ponto que antecede o L.

Comentário: Texto alinhado à direita e à esquerda, mas a disposição no campo epigráfico revela algum desequilíbrio, sobretudo na l. 3, na qual transparece que a inclusão, acanhada, da fórmula final foi uma decisão de última da hora. Translineação do patronímico sem respeito pela divisão silábica. Caracteres de tendência actuária, gravados com firmeza; ductos mais cuidados que o habitual, facilitados pela natureza do suporte. A maioria das letras (CC, II, XX, F, S e nexos AN) tem as extremidades – por vezes só uma delas – rematadas por pequenos traços que, a não ser no S, estão centrados. Pontuação de secção circular na separação de palavras e abreviaturas.

Onomástica indígena, tal como a forma de identificação do defunto. Do nome *Docius* tratou-se na inscrição anterior. *Tritius*, considerado um nome típico do repertório antroponímico da área lusitano-galaica (Untermann, 1965, p. 20), também tem abundantes testemunhos na região, como já anteriormente se referiu (cf. n.º 27).

51 (75/04/02/13/6) Terroso, Espinhosela, Bragança. (Est. XIV, 54)

Local de achado: Igreja de Terroso.

Circunstâncias: Tal como a n.º 43, encontrava-se embutida numa parede da igreja, junto a uma das portas, quando Cardoso Borges (1721-1724, f. 71v) transcreveu o seu texto.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 71v; *CIL* II 2506; Alves, 1909, p. 354, 1938, p. 76-77; *ILER* 2294; Lemos, 1993, IIa, p. 86; García, 1996a, p. 1500, n.º 158.

DOMIT/IANO <E>LA/ESI (filio) . AN(norum) . LX (sexaginta) .

A Domiciano, filho de Eleso, de 60 anos.

Variantes: L. 2: IANOLA (Borges, *CIL*, Alves), IA IANOLA (*ILER*), IA NOLA (Lemos). O ponto que remata a l. 3 não é registado em *CIL*, Alves (1938), Lemos e García.

Comentário: No manuscrito de Cardoso Borges, as letras da l. 2 aparecem separadas por espaços regulares, de forma que os autores que se debruçaram sobre o texto tiveram entendimentos díspares sobre a identificação do(a) defunto(a). A interpretação mais divulgada é a que considera a inscrição como epitáfio de *Domitia Nolaesi*; seguindo esta hipótese, teríamos de considerar o *nomen Domitia* na posição de cognome – o que não seria novidade – e a existência do antropónimo *Nolaesi* (gen.), que não tem, porém, confirmação por qualquer outro testemunho. Julgamos mais aceitável a leitura que propomos, admitindo a falta de uma letra, esquecida aquando da gravação ou perdida por qualquer dano, e por isso não registada.

Elaesus é nome indígena suficientemente conhecido na região de Bragança, como se comprova pelas inscrições n.ºs 26, 52 e 84. O cognome *Domitianus* é latino, derivado do gentílico *Domitia/-us* (Kajanto, 1965, p. 145); documenta-se por mais três vezes na Península: em Tarragona (*CIL* II 4118), em Almenara (*CIL* II 3974) e em Calahorra (*CIL* II 2983).

Apesar do desaparecimento da estela praticamente inviabilizar uma proposta cronológica, sugerimos, com base na presença de um cognome imperial, uma provável datação do século II.

52 (53/04/02/12/6) Donai, Donai, Bragança. (Est. XIV, 55)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela fracturada na cabeceira que, provavelmente, teria sido semicircular. As superfícies apresentam algumas mossas, sobretudo ao longo das arestas.

Elementos decorativos: Círculos.

Decoração: Apreciam-se dois pequenos círculos gravados por cima do campo epigráfico, dispostos lado a lado (o da esquerda encontra-se incompleto). A base está isenta de decoração.

Dimensões: [104]/41,5/14,5.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Dimensões: 35/25.

Conservação: Regular, acusando algum desgaste.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Encontrada numa propriedade de Teresa Morais, na década de 80, quando se procedia à abertura de um poço (Afonso, 1986, p. 484); encontrava-se associada às estelas n.ºs 19, 28, 48, 69 e 84.

Paradeiro: Junta de Freguesia de Donai, Donai.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1986, p. 484-486, n.º 6; *HEp* 2, 767; Dias, 1990, p. 422, n.º 109; Lemos, 1993, IIa, p. 76-77; García, 1996a, p. 1503-1504, n.º 163.

ELAESO / TRITI / F(ilio) . A(nnorum) . L (quinguaginta)

A Eleso, filho de Trício, de 50 anos.

Alt. das letras: L. 1: 7/8 (O = 6,7); l. 2: 7,8/8,4; l. 3: 7,3/7,6.

Espaços: 1: 0,5/1,5; 2 e 3: 1,3/2,5; 4: 7,5.

Variantes: L. 3: I (filio) (Afonso), I [F(iliae)] (*HEp*, Dias). Provavelmente por gralha tipográfica, em Afonso (e por conseguinte em *HEp* e em Dias) a idade do defunto surge numa quarta linha inexistente; *HEp* e Dias reconstituem A[N(norum)].

Comentário: Disposição do texto de modo a evitar a translineação, levando as duas primeiras linhas a seguir um alinhamento simultâneo à esquerda e à direita e a terceira a ficar praticamente centrada. Gravação profunda e larga, dificultada pelo grão grosseiro do suporte; caracteres alongados, denotando alguma influência da escrita cursiva, nomeadamente na grafia do F, que também apresenta inferiormente traço horizontal descentrado; LL e TT com pequenos traços nas extremidades das hastes, tal qual se verifica nos II; AA sem travessão central, tendo o da l. 3 pequenos traços nas extremidades inferiores (o da esquerda centrado e o da direita apenas traçado para diante); barra inferior do primeiro E a ultrapassar a haste, tal como a superior do segundo; na mesma linha, S ligeiramente esguio e O delgado, sobretudo para evitar a translineação.

A onomástica representada é indígena, tal como a forma de identificação do defunto. Tanto *Elaesus* como *Tritius* se repetem em Donai (n.ºs 84 e 48, respectivamente), além de estarem documentados noutros textos epigráficos da região bragançana: o primeiro, em Sacoiás (n.º 26) e Terroso (n.º 51); o segundo, em Argozelo (Alves, 1934, p. 33-34, n.º 3) e Quintela de Lapaças (n.º 27).

Suporte: Estela.

Material: Mármore.

Descrição: Estela dupla de cabeceiras semicirculares, obedecendo a esquema decorativo bipartido, com a parte inferior praticamente em bruto. Cabeceira esquerda lascada superiormente e escoriações ao longo das arestas.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros; círculos.

Decoração: Em ambas as cabeceiras, rodas de seis raios curvos dextrorsos incisadas sobre peanhas apoiadas nos campos epigráficos; cada uma delas é envolvida superiormente por semicírculo, que parece prolongar-se, de cada um dos lados, por dois esquadros com círculo nos ângulos internos; com excepção das rodas de raios curvos, os elementos decorativos mostram-se em ressaltado.

Dimensões: 50,5/20,5/4,5.

Campos epigráficos: Cruciformes e delimitados por linhas incisadas.

Dimensões: A) 18,5/8,5; b) 18/8.

Conservação: Regular.

Local de achado: Nogueira (Cigadonha?).

Circunstâncias: Presume-se ter sido descoberta conjuntamente com as inscrições n.ºs 73, 79 e 86, pois todas foram compradas por um antiquário visiense e, posteriormente, a ele adquiridas pela Junta Distrital com vista à sua integração no projectado Museu Etnográfico de Viseu (Brandão, 1960, p. 350), porém não é conhecido o seu contexto original.

Paradeiro: Casa do Adro, Viseu.

BIBLIOGRAFIA: Brandão, 1960, p. 357-360, n.º 4; AE, 1987, 564d; Vaz, 1988², p. 28-30, n.º 10; Lemos, 1993, IIa, p. 110-111; García, 1996a, p. 1512-1513, n.º 178.

inscrição a):

D(is) . M(anibus) / FLAC/CO / QVIN/5TI (filio) AN(norum) / XL (quadraginta)

Aos deuses Manes. A Flaco, filho de Quinto, de 40 anos.

inscrição b):

D(is) . M(anibus) / ALIA / MVN/TANI (filia) / 5 AN(norum) L (quingenta)

Aos deuses Manes. Alia, filha de Muntano, de 50 anos.

Alt. das letras: Inscrição a): 2/3; inscrição b): 2/3.

Variantes: Inscrição a): l. 5: AN(norum) (Lemos); inscrição b): l. 5: AN(norum) (Lemos).

Comentário: Na inscrição a), alinhamento à esquerda, à excepção da l. 1, centrada no espaço superior do campo; na inscrição b), alinhamento ao centro. Caracteres tendencialmente actuários, de ductos semelhantes em ambas as inscrições; AA sem travessão central, à excepção dos nexos AN em que a barra horizontal permite a diferen-

ciação relativamente aos NN, que, como os MM, têm por base esta letra; DD de pança semicircular. Na l. 2 da inscrição b), L sem barra horizontal; dois pequenos traços horizontais associados ao L da l. 5 nada devem ter a ver com a inscrição original. Pontos de secção circular. Gravação firme.

Ambos os epitáfios – de esposos² – remetem para um quadro social indígena, apesar de a onomástica presente ser latina ou de aspecto latino. Como se viu anteriormente, a propósito da inscrição n.º 9, o cognome latino *Flaccus* está bem documentado na Península. Ambos os patronímicos, *Quintus* e *Muntanus*, são, igualmente, latinos. O primeiro, pelo seu óbvio significado, é relativamente frequente à escala do Império (Kajanto, 1965, p. 39, 174) e da Hispânia (Abascal, 1994, p. 478-479); no Noroeste peninsular, conta com mais três testemunhos, dois em território zela, em Villalcampo (*HAE* 912) e Rabanales (*ILER* 2334), e o outro em Lugo (*CIL* II 2591). O segundo, variante do cognome *Montanus*, é também documentado na Península (Abascal, 1994, p. 432), registando-se, pelo menos mais duas vezes, nas províncias de Cáceres e Valência (Abascal, 1994, p. 433). Tendo em conta a fórmula onomástica utilizada, considera-se *Alia* como cognome indígena, embora o seu aspecto latino (Palomar, 1957, p. 29-30) não permita que destoe nesta moldura antropónimica.

Tratando-se de monumento que podemos integrar no denominado *tipo “Picote”*, a presença da invocação aos Manes no início dos textos, a onomástica e a ornamentação são argumentos que justificam uma cronologia posterior ao início do século II e anterior aos meados do século III (cf. Navarro, 1998).

54 (72/04/02/13/3) Cova de Lua, Espinhosela, Bragança. (Est. XV, 57)

Local de achado: Capela da Senhora da Hera/Casarelhos.

Circunstâncias: Segundo informação de Cardoso Borges (1721-1724, f. 71v), estaria nas ruínas da capela da Senhora da Hera.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 71v; *CIL* II 2507; Alves, 1909, p. 354 (= 1934, p. 54); *ILER* 2291; Lemos, 1993, IIa, p. 84; García, 1996a, p. 1515, n.º 183.

FLAVIO / BEDVN/O . AN(norum) . / LXX (septuaginta) .

A Flávio Beduno, de 70 anos.

Variantes: L. 2: BEDVAN (Alves). Lemos apresenta as l. 1 e 2 conjuntas e não assinala o ponto que termina a l. 4; *CIL* e García sem transcrição da pontuação final das l. 3 e 4.

Comentário: Onomástica mista, denunciando origem indígena para o defunto. O gentílico imperial *Flavia/-us* está bem documentado no Noroeste hispânico; no território atribuído à *ciuitas Zoelarum*, também se documenta em Donai (n.º 55), Pinelo (Afonso, 2000) e Villalcampo (*HAE* 898). O seu sucesso junto da população deste quadrante peninsular poderá ser explicado pelo papel dos Flávios na sua promoção jurídica (Tranoy, 1981, p. 364), embora não se deva afastar a hipótese de esta expansão corresponder, pelo menos em parte, a uma derivação com sucesso do cognome *Flauus* (Le Roux,

1992, p. 178). O nome *Bedunus* é indígena, tendo outro testemunho em Villalcampo (*HAE* 896). Tranoy (1981, p. 46) associa esta forma antroponímica à etnia ásture dos *Bedunienses*, conhecida pelas fontes antigas e epigráficas, que se supõe ter localização na região de La Bañeza, no Sul da actual província de León.

55 (54/04/02/12/7) Donai, Donai, Bragança. (Est. XV, 58)

Suporte: Estela.

Material: Xisto.

Descrição: Estela incompleta, presumivelmente, de cabeceira semicircular; de acordo com o desenho publicado por B. Afonso (1985), encontrava-se fracturada no topo e, aparentemente, na base. Na parte posterior, apresentava motivo rebaixado em forma de palmatória, com [85] cm de comprimento e cerca de 4 cm de profundidade, provavelmente resultante de reutilização.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: Na cabeceira, por cima de dois esquadros de extremidades bífidas rebaixados, parte inferior de uma roda de raios curvos dextrorsos inserta em círculo (gravada?). De ambos os lados, banda perimétrica estreita (rebaixada?).

Dimensões: [97]/41/13.

Campo epigráfico: Rectangular e ligeiramente rebaixado.

Dimensões: 23/31.

Local de achado: Donai.

Circunstâncias: Apareceu, nos finais dos anos 70, numa loja de animais e estava, em 1985, a servir de banco em frente à casa de Aníbal dos Anjos Afonso, em Donai (Afonso, 1985, p. 697). Foi vendida no início da década de 90.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1985, p. 697-698; Dias, 1988, p. 414, n.º 3; *HEp* 1, 670; Lemos, 1993, IIa, p. 75; García, 1996a, p. 1517, n.º 186.

FLAVI/O FLA/VIAN/O AN(norum) XX (uiginti)

A Flávio Flaviano, de 20 anos.

Alt. das letras: 6,5.

Variantes: Lemos não faz a separação das l. 2 e 3.

Comentário: Tomando como realista o desenho publicado, a disposição do texto seria em “caixa” e as letras tendencialmente actuárias (o próprio B. Afonso refere que o O – l. 2? – era ovalado), com alguma elegância, notando-se os AA desprovidos de travessão central e os FF de barras cruzando a haste. Antropónimos translineados, não sendo silábica a segunda divisão do cognome.

Apesar dos *duo nomina*, não podemos deixar de atribuir origem indígena ao defunto. O cognome deriva do gentílico e este tem, como vimos (n.º 54), boa aceitação no Noroeste da Hispânia (Tranoy, 1981, p. 363; Abascal, 1994, p. 138-141). O cognome *Flauianus* é, ao nível peninsular, bem mais raro do que o *nomen* em que se baseia e, aparentemente, apenas tem outro testemunho no Noroeste, na região de Pontevedra (AE, 1973, 318).

56 (I3/04/02/04/3) Sacoias, Baçal, Bragança. (Est. XV, 59)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular que se salienta pela profusão e, em parte, pela originalidade da sua decoração desenvolvida em esquema tripartido. A face anterior apresenta desgaste superficial que afecta, sobretudo, a decoração insculturada; por cima do campo epigráfico, gravou-se em capitais, muito provavelmente em finais de Oitocentos, o apelido Vidal. A face oposta, grosseiramente desbastada, apresenta-se convexa e a parte inferior, destinada a enterrar, em bruto.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; linhas em ziguezague; crescentes (?); elemento arquitectónico; representações vegetais.

Decoração: Cabeceira com rebordo externo demarcado por linha e ziguezague insculturados, acolhendo roda de seis raios curvos sinistrorsos (com orifício central) em relevo e, abaixo, sobre o campo epigráfico, crescente gravado. No registo decorativo inferior, dois semicírculos (crescentes?) aos quais subjaz um arco de volta inteira, todos obtidos por suave rebaixe. Dois ramos (de teixo?) estilizados, com folhas parcialmente transformadas em losangos sobrepostos, obtidos por gravação, ladeiam este registo e o campo epigráfico.

Dimensões: 140/40/18.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Dimensões: 34/27.

Conservação: Superfície desgastada.

Local de achado: Castro de Sacoias.

Circunstâncias: Foi pertença dos irmãos *Vidaes* de Sacoias – um deles, Albino Vidal, chefe da estação telegráfica de Bragança no final de Oitocentos – conjuntamente com outros materiais arqueológicos provenientes do mesmo local, nomeadamente a inscrição n.º 25 e o bezerro de bronze depositado no Museu da Sociedade Martins Sarmento (cf. Pinheiro, 1895, p. 69-71). Deu entrada no Museu de Bragança por intermédio de F. M. Alves (1934, p. 76).

Paradeiro: MAB (n.º 1582), Bragança.



BIBLIOGRAFIA: Figueiredo, 1887, p. 92; Pinheiro, 1895, p. 70; *CIL* II 5620; Alves, 1934, p. 76-77, n.º 40; Lopo, 1987, p. 48; Lemos, 1993, IIa, p. 49; García, 1996a, p. 1521-1522, n.º 195; Rodríguez, 1997, p. 258-259, n.º 276.

. D(is) . ☉ . M(anibus) . / FLAO / FESTI . F(ilio) . / AN̄(norum) . XXXI (unius et triginta) / ⁵ S(it) T(ibi) T(erra) L(euis)

Aos Deuses Manes. A Flau, filho de Festo, de 31 anos. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: L. 1: 6,2/6,5; l. 2: 6/7; l. 3 e 4: 6,1/6,5; l. 5: 6/6,5.

Espaços: 1: 0,9; 2: 0/0,4; 3: 0/1,3; 4: 0/0,6; 5: 0/0,4; 6: 0,2/0,8.

Variantes: L. 1: D(iis)  D(anibus) (Lemos), D(iis)  . M(anibus) . S(acrum) . (Rodríguez), Alves apenas transcreve a pontuação que ladeia a *hedera*, enquanto outros autores a ignoram na totalidade (Figueiredo, Lopo, García); l. 2: FLA[VI]O (Lemos), FLA(u)O (García, Rodríguez), Alves, seguido por Lemos e García, admite ponto no final; l. 3: Lopo apenas representa ponto no final e outros não têm em conta qualquer pontuação (Figueiredo, Rodríguez); l. 4: ANN(orum) XXX (Figueiredo), a leitura XXX é unanimemente seguida; l. 5: Lopo representa as letras da fórmula final acompanhadas de pontos. A leitura publicada no *CIL* segue Figueiredo, sendo a transcrita por Pinheiro. Rodríguez interpreta como coeva a palavra gravada sobre o campo epigráfico, cuja leitura supõe ser ULPIA?, tecendo a propósito um vão exercício de erudição.

Comentário: Deficiências na distribuição do texto: na l. 4, por exemplo, o nexos AN não impediu que as extremidades dos XX ficassem unidas e que o I fosse gravado *in extremis*. Pontuação de secção circular abundante, que, na l. 1, é recurso estilístico em associação com *hedera*. O capricho do lapicida estende-se também ao desenho de algumas letras. O D mostra pança bem semicircular e o M hastes curvas e vértice mediano ao nível da linha; as extremidades inferiores das hastes dos FF encurvam para trás e as barras são ligeiramente levantadas; o travessão central no A aparenta ser em V, ficando pela metade no nexos; a extremidade inferior do T da l. 3 é bífida, sendo-o também o remate superior do S da l. 5. Gravação pouco firme.

Flaus, atendendo ao elevado número de testemunhos que tem no território peninsular, deve distinguir-se de *Flauus* (Abascal, 1994, p. 368), podendo, como este, representar uma tradução de um nome indígena (Navarro, 1998, p. 186). Em solo transmontano, também ocorre em Saldanha (Mourinho, 1987, p. 112, n.º 43). *Festus* está bastante melhor documentado ao nível hispânico, inclusivamente no Noroeste, tendo outro testemunho regional em Picote (Alves, 1934, p. 64-65, n.º 29). Abascal (1994, p. 362) posiciona-o (associado à correspondente forma feminina) em 24.º lugar na série dos *cognomina* mais frequentes na Hispânia – surge mais de 500 vezes no conjunto do *CIL* (Kajanto, 1965, p. 221) –, sucesso que pode relacionar-se com o seu próprio significado, conotado com os adjectivos “alegre, feliz” ou com o sentido temporal de “festivo, solene” (Kajanto, 1965, p. 62).

 57 (58/04/02/12/11) Lagomar, Donai, Bragança. (Est. XV, 60)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela cortada superior e inferiormente; com toda a probabilidade, a cabeceira seria semicircular. Encontra-se acabada nas quatro faces, apresentando as arestas posteriores biseladas.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: Na cabeceira, metade inferior de roda de seis raios curvos dextrorsos, em relevo, enquadrada por par de esquadros com extremidades bífidas, em rebaixe.

Dimensões: [50]/43/21,5.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Dimensões: [24]/32,5.

Conservação: Parte inferior amputada e superfície bem conservada.

Local de achado: Lagomar.

Circunstâncias: Aquando da sua divulgação por H. Pinheiro (1889, p. 55), estava a servir de tranqueiro à porta de acesso ao cemitério de Lagomar e teria sido deslocada das ruínas da capela de S. Tiago; não é, contudo, seguro que seja este o seu contexto original. Deu entrada no Museu de Bragança, provavelmente no início do século transacto, por intermédio do P.^o Augusto Batista Gonçalves, Abade de Gondesende (Alves, 1934, p. 59).

Paradeiro: MAB (n.^o 1503), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Pinheiro, 1889, p. 55-57 (= 1895, p. 100-101); *CIL* II 6293; Lopo, 1901a, p. 98; Vasconcelos, 1901b, p. 133; Alves, 1934, p. 59, n.^o 22; Lopo, 1987, p. 69; Lemos, 1993, IIa, p. 78; García, 1996a, p. 1524-1525, n.^o 199; Rodríguez, 1997, p. 253-254, n.^o 265.

FLAVO / FRON(tonis? filio) / AN(norum) . LXV (quinque et sexaginta)

A Flavo, filho de Frontão (?), de 65 anos.

Alt. das letras: L. 1: 5/5,8 (F = 6,8); l. 2: 5,7/6,5; l. 3: 6,6/7.

Espaços: 1: 4/3; 2: 0/0,4; 3: 0/0,3.

Variantes: L. 1: FLAVIO (Rodríguez); l. 3: FRON(toni) (García, Rodríguez), Lopo, Lemos e Rodríguez não transcrevem o ponto.

Comentário: O texto parece alinhar-se à esquerda, mas no seu conjunto a paginação é manifestamente deficiente, sobretudo se atendermos à extrema irregularidade dos espaços interliterais; na l. 1 é manifesto o esquecimento do lapicida relativamente à gravação do V, que foi, posteriormente, interpolado entre o A e o O – uma confusão entre os nomes *Flauus* e *Flaus* pode explicar este percalço. Capitais tendencialmente actuais, à excepção dos FF, que manifestam influência cursiva, gravadas de forma profunda; AA bastante largos e sem travessão central, LL de barra enviesada; OO circulares com ponto ao centro (aparente efeito decorativo ao qual não atribuímos valor cronológico); R de pança aberta e unida a longa perna oblíqua. Pontos de secção circular.

A onomástica é latina, mas a forma de identificação do defunto denuncia uma procedência social indígena. *Flauus* e a correspondente forma feminina, como já se viu a propósito da inscrição n.^o 15, posicionam-se em 14.^o lugar da frequência de *cognomina* na Península. O segundo antropónimo, abreviado, é, em nossa opinião, o patronímico do defunto, contrariamente ao que pensam outros autores; quanto ao seu desdobramento, consideramos que a proposta *Fronto*, já levantada em publicações anteriores, é a mais aceitável, pela representatividade do nome em termos regionais e peninsulares (Abascal, 1994, p. 372-373), mas não devemos esquecer que por detrás desta abreviatura podem esconder-se outros antropónimos, ainda que menos frequentes.

58 (2/04/02/02/1) Varge, Aveleda, Bragança. (Est. XVI, 61)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Fragmento de estela que apenas conserva o campo epigráfico. Apresenta-se esmurrado lateralmente e com quebraçura oblíqua que fragiliza o lado direito.

Dimensões: [47]/41,5/16,5.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Dimensões: 25/29.

Conservação: Escoriações profundas e, no lado direito, fenda oblíqua.

Local de achado: Labusélo.

Circunstâncias: Encontrada por Paulino Fernandes, durante os trabalhos de desaterro que realizava no seu lameiro de Labusélo, em Março de 1938, conjuntamente com as epígrafes n.ºs 40, 102 e 109 (Alves, 1936-1938, p. 225).

Paradeiro: MAB (n.º 1504), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1936-1938, p. 226, 1947, p. 594; Lemos, 1993, IIa, p. 38; García, 1996a, p. 1534-1535, n.º 215.

IEMVRIA/E CAENO/NIS (filiae) AN/NI<S> LX (sexaginta)

A Iemúria, filha de Cenão, com 60 anos.

Alt. das letras: L. 1: 4,4/5,2; l. 2 e 3: 5/5,9; l. 4: 4,6/5,1.

Espaços: 1: 0,7/1,2; 2: 0,8/1,3; 3: 0,3/1; 4: 0,2/0,9; 5: 0,6/1.

Variantes: L. 1: IEMVRIA (Lemos); l. 4: NI[S] (Lemos; García).

Comentário: Paginação pouco perfeita: alinhamento à esquerda e à direita nas l. 1 e 2 e à esquerda nas seguintes. Tentativa não concretizada de gravação de S antes do numeral LX. Uso claro do nexu MV na l.1. Letras de tendência actuária, de *ductus* irregulares; EE esguios, de barras curtas, e AA sem travessão central; R de pança separada da haste; C praticamente semicircular. Na l. 1, algumas letras apresentam pequenos labores nas extremidades das suas hastes: o primeiro I tem em cima e em baixo pequenos traços curvos; as extremidades inferiores do segundo I e da haste esquerda do nexu têm pequenos apêndices horizontais apenas na parte esquerda; a haste do R encurva inferiormente para a esquerda, enquanto que a extremidade superior da haste direita do nexu encurva para a direita.

O antropónimo *Iemuria* tem mais dois testemunhos, em Donai (n.º 19) e em Meixedo (n.º 59), e parece pertencer à mesma família onomástica de *Iumuria*, nome conhecido em Castro de Avelãs (n.º 60), e de *Emuria*, este com maior número de testemunhos, documentados em Duas Igrejas (Mourinho, 1986, p. 30-31, n.º 20), Villalcampo (*HAE* 913) e, muito próximo desta localidade, embora a sul do Douro, em Moral de Sayago (*CIL* II 2619), para além de outros dois exemplos, geograficamente mais distanciados, procedentes de Talavera de la Reina (*CIL* II 908) e de Villamesías (*HAE* 745). *Caeno* tem grande implantação na Lusitânia, havendo mais um testemunho no território atribuído

aos Zelas, proveniente de Carbajales de Alba, na província de Zamora (*AE*, 1977, 491); o seu radical tem origem na raiz indo-europeia **Ken-*, com significado de “brotar, surgir”, aplicável aos animais jovens e às crianças (Albertos, 1966, p. 69). Tal como no caso vertente, a maioria dos testemunhos regista-se em genitivo (cf. Abascal, 1994, p. 308). A fórmula utilizada na indicação da idade, a paleografia e uma certa desorganização na disposição do texto incitam-nos a apontar uma cronologia não anterior aos meados do século II.

59 (102/04/02/22/3) Meixedo, Meixedo, Bragança. (Est. XVI, 62)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela, obliquamente cortada na parte superior e fracturada na parte oposta, que apenas conserva, ainda que não integralmente, o campo epigráfico e pequeno vestígio de decoração da cabeceira.

Elementos decorativos: Esquadros.

Decoração: Registo de esquadro rebaixado sobre o lado esquerdo do campo epigráfico.

Dimensões: [60]/35/13.

Campo epigráfico: Rectangular, em rebaixe; de cada um dos lados, o rebordo externo da estela está igualmente rebaixado, criando-se como que uma molduração lateral, interpretável como estilização de colunas.

Dimensões: 21,5/23.

Conservação: Cortado no canto superior direito.

Local de achado: Lombeiro Branco.

Circunstâncias: Apareceu, conjuntamente com outras (n.ºs 92, 106 e 115), em 1989, aquando do arroteamento de uma mata de carrascos (Afonso, 1989, p. 213).

Paradeiro: Pavilhão da Junta de Freguesia de Meixedo, Oleirinhos.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1989, p. 214, n.º 2; *AE*, 1989, 433; Lemos, 1993, IIa, p. 106; *HEp* 4, 1019; Dias, 1994, p. 443, n.º 194; García, 1996a, p. 1505, n.º 166; Rodríguez, 1997, p. 255, n.º 268.

IEMV̄/RIAE TĀL<A>/VI F(iliae)

A Iemúria, filha de Talavo.

Alt. das letras: L. 1: 7/8,2 (nexo = 10); l. 2: 6/7,3 (nexos = 9,1 e 10,3); l. 3: 5,5/6,2 (I = 4).

Espaços: 1: 0/1,2; 2: 0/0,8; 3: 0/0,4; 4: 0/0,6.

Variantes: L. 1: EMV (Afonso, *AE*, *HEp*, Dias, García), IEM[V] (Lemos), EMV̄ (Rodríguez); l. 2: RIAE (Afonso, *AE*, *HEp*, Dias, Lemos, García), RIAE T(itus) (Rodríguez); l. 3: IIER (Afonso, *AE*, *HEp*, Dias, García), VIA(tor) P(osuit) (Rodríguez). Lemos dá o texto como incompleto no início e no fim.

Comentário: Ressalta a atabalhoada gravação do texto, na qual não se reconhece qualquer ensaio de paginação. Os desequilíbrios são evidentes: letras de módulo decres-

cente da primeira para última linha; espaços interlineares desrespeitados; excessivo recurso a nexos (MV, AE, AL). Caracteres alongados e irregulares. Na l. 1, I encostado à borda do campo e M a partir de dois AA, produzindo nexos bastante largo. Na seguinte, R de pança aberta e perna oblíqua solta; no nexos AE, A sem travessão central e com pequeno traço na extremidade da haste esquerda; T de barra muito estreita; nexos AL com pequeno traço curvo por travessão e haste direita correndo ao longo do limite lateral do campo até ao canto inferior direito, sendo a barra assinalada por rasgo na moldura. Na última, F, claramente cursivo, de haste cruzada por traço oblíquo. A inabilidade do autor deve também ser a causa da falta da letra A.

A onomástica não latina, que predomina também nas outras inscrições relacionadas com o povoado do Lombeiro Branco, denuncia a presença de uma comunidade indígena no local. O nome da defunta, *Iemuria*, tem paralelos em Donai (n.º 19) e em Varge (n.º 58). *Talauius* é típico do espaço peninsular e tem no Nordeste transmontano considerável implantação; surge outra vez no próprio Lombeiro Branco (n.º 92), mas também no vizinho Sagrado de Donai (n.º 69), em Bragança (n.º 29) e em Algosinho (Mourinho 1986, 9-10, n.º 1).

60 (31/04/02/09/6) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. XVI, 63)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela incompleta, provavelmente de cabeceira semicircular, com a inscrição dividida por dois campos distintos, integrados em esquema decorativo quadripartido. Trabalho de acabamento em todas as faces. Perdeu a metade superior da cabeceira e a base por fractura e, no fundo, do lado esquerdo, foi intencionalmente cortada; apresenta escoriações diversas, mais acentuadas na parte superior esquerda.

Elementos decorativos: Rosácea hexapétala; motivo zoomórfico.

Decoração: Na cabeceira, parte de rosácea hexapétala (com orifício ao centro) esculpida e inserta em círculo. Em baixo, sob os dois painéis que acolhem a inscrição, um terceiro com um motivo zoomórfico aviforme em relevo gravado.

Dimensões: [73]/33/12,5.

Campo epigráfico: O texto divide-se por dois painéis rectangulares rebaixados.

Dimensões: 34/23,5.

Conservação: Regular, mas com o friso separador dos dois espaços picado (aparentemente, após a gravação do epitáfio).

Local de achado: Castro de Avelãs.

Circunstâncias: Descoberta, em 1902, por A. Lopo (1903, p. 253-254) e transferida para o Museu de Bragança por seu intermédio; quando a descobriu, integrava um dos apoios da varanda de madeira da residência paroquial.

Paradeiro: MAB (n.º 1509), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1903, p. 253-254 (= 1987, p. 31-32); Alves, 1934, p. 48-49, n.º 13; Lemos, 1993, IIa, p. 67; García, 1996a, p. 1541, n.º 227; Rodríguez, 1997, p. 248-249, n.º 253.

IVMV/RIA . / TVRAI / F(ilia) . A(nnorum) . L⁵V (quinque et quinquaginta) . H(ic)
S(ita)

Iumúria, filha de Turaio, de 55 anos. Aqui jaz.

Alt. das letras: L. 1: 4,3/5; l. 2: 6; l. 3: 4,5/5; l. 4: 4,7/5,5; l. 5: 4,1/5,2.

Espaços: 1: o; 2: i; 3: o (à l. 3 = 5,6/6,2); 4: o,5/1, 5: o/o,5; 6: o,2/1,6.

Variantes: L. 1: TIVMV (Rodríguez); l. 2: Lemos não assinala o ponto; l. 4: Rodríguez não tem em conta a pontuação; l. 5: V H(ic) S(epulta) (García), Rodríguez não regista o ponto. J. L. Vascelos, em adenda ao artigo de Lopo (1903), propõe para a l. 1: IV(lia) uel IV(nia) MVRIA.

Comentário: O nome da defunta, ainda que translineado, aparece isolado no painel superior. A gravação é profunda e larga, e o desenho dos caracteres bastante irregular; AA sem travessão central (no da l. 2, substituído por ponto), tendo o da l. 4 as hastes desligadas; M aparentemente riscado por dois AA; RR de pança aberta. Pontos de secção circular, no final do nome da defunta e na separação de iniciais. Fórmula final reduzida, pouco documentada no contexto regional.

O nome *Iumuria* parece não conhecer qualquer outro testemunho, sendo próximo de *Iemuria* e de *Emuria* (cf. n.º 58). O patronímico, *Turarius*, tem implantação quase exclusiva na região, parecendo nome frequente junto dos Zelas. Dos oito exemplos conhecidos, cinco relacionam-se com a área geográfica por eles ocupada; para além deste testemunho, há dois em Villalcampo (*HAE* 907, 909) e um em Rabanales (Albertos, 1977, p. 52), registando-se o quinto no Pacto de Astorga (*CIL* II 2633). A sua presença em genitivo é esmagadora, atingindo os 75% (Abascal, 1994, p. 534). É provável que se relacione com a base **(K^we)turos-*, com significado de “4.º” (Albertos, 1985-1986, p. 185-186), comum a outros nomes da área burgalesa e cántabra.

A ausência da *adprecatio* aos Manes, o nome da defunta em nominativo e a presença da fórmula final *H(ic) S(ita)* apontam para uma cronologia recuada, que situaríamos, ainda, no século I.

61 (I25/04/05/02/1) Pinhovelo, Amendoeira, Macedo de Cavaleiros. (Est. XVI, 64)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela, incompleta, com esquema decorativo quadripartido; ao campo epigráfico sobrepõem-se mais três registos, estando o superior fragmentado; este teria configuração semicircular, ou aproximada, já que, claramente, não dá continuidade ao perfil rectilíneo que tem o resto do monumento. A epígrafe foi acabada nos quatro lados, sendo o posterior convexo; inferiormente, encontra-se cortada em cunha, sendo o lado direito menos espesso que o esquerdo. Apresenta restauro na parte superior do painel imediatamente acima do campo epigráfico. O remate antropomórfico que, desde a primeira publicação, se tem associado a este monumento parece não ter com ele relação.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; fêmea de cervídeo.

Decoração: Abaixo do painel superior, em campos quadriláteros distintos, ambos rebaixados, roda de dez raios curvos sinistrorsos e representação zoomórfica, de cerva ou de corça, em relevo.

Dimensões: [120]/31,5/14.

Campo epigráfico: Presume-se ter havido alteração do campo original que, tal como os painéis decorativos, teria tido um formato quadrilátero; apenas se apresenta delimitado, e rebaixado, na parte superior, provavelmente devido a alargamento para gravação das duas últimas linhas.

Dimensões: 23/20,5.

Conservação: Regular.

Local de achado: Pinhovo.

Circunstâncias: Apareceu ao surribar-se, para plantação de vinha, uma propriedade da família Sarmento, situada junto à sua casa de habitação (Alves, 1910a, p. 2) – esta, na posse dos descendentes de António Maurício de Macedo Sarmento, é, actualmente, conhecida por casa dos Correia Araújo.

Paradeiro: MAB (n.º 1546), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1909, p. 356-357, 1910a, p. 2-4; Lopo, 1920, p. 240-241; Alves, 1934, p. 72-74, n.º 37; Lopo, 1987, p. 100; Lemos, 1993, IIa, p. 181; García, 1996a, p. 2109, n.º 87; Rodríguez, 1997, p. 257, n.º 272.

LABOENA / CILVRNI (filia) / VXORI S/TAVI(---) . / 5 CANCI? (filius?)

Labena, filha de Cilurno. À mulher, [---], filho (?) de Cância (?).

Alt. das letras: L. 1: 3,4/4,5; l. 2: 2,9/4; l. 3: 3,3/4,5 (S = 5,3); l. 4: 4,2/4,5; l. 5: 4,5/5,1.

Espaços: 1: 0,3/1; 2: 0,1/0,9; 3: 0,2/0,7; 4: 0,3/0,7; 5: 0,2; 6: 0.

Variantes: L. 1: LI(ui)a AROENA (Alves 1909 e 1910a), L(ucillae) ABOENA(e) (Rodríguez); l. 3: VXOR (h)I(c) S(ita est) (Alves 1909 e 1910a), VXOR IS (Lopo), VXOR (Lemos), VXORIS (García), VXORI S(ulpicia) (Rodríguez); l. 4: TAVI(us) . (Alves 1909), TAVI(us uel Talaius?) . (Alves 1910a), TAVI . (Lopo, Lemos), TAVI (?) . (García), TAVI (Rodríguez); l. 5: CANCI (Alves 1909), CANCI(us) (Alves 1910a), C(urauit uel ondidit) AN(orum) CI (Lopo), CANCI . (Lemos), CANCI (?) . (García), CA AN̄(norum) CI (Rodríguez). Em Alves (1934) é repetida a interpretação de 1909, mas já com leitura correcta da l. 1.

Comentário: Reconhecem-se duas mãos, ou dois momentos, na gravação do texto, diferenciando-se as três primeiras linhas, à excepção do S do final da terceira, das restantes. A primeira parte do texto tem alinhamento à esquerda, iniciando-se cada uma das linhas no extremo do campo epigráfico; os caracteres são tendencialmente actuários (AA com travessão central, OO ovalados e RR de pança aberta) e a gravação não é tão profunda como nas linhas seguintes. Nestas, o alinhamento é igualmente sinistro, mas nasce antes do anterior, pois a este nível o campo deixa de estar delimitado; a gravação, para além de mais profunda, é mais larga e os caracteres, menos alongados, têm módulo superior. A comparação dos ductos apenas revela diferença mais significativa no N. Pontuação de secção circular.

A interpretação da inscrição, sobretudo das três últimas linhas, é delicada e motivou já múltiplas propostas de leitura. Nas l. 1 e 2, parece-nos seguro interpretar o nominativo *Laboena*, o nome da defunta, e o genitivo *Cilurni*, correspondente ao seu patronímico.

A forma antroponímica *Laboena* parece ser única, tal como a de *Laboia* (*ILER* 6245), documentada em Hinojosa del Duero; ambas se relacionam com os radicais *Lap-*, *Lapp-* (Palomar, 1957, p. 75) que estão na base de nomes como *Lapoena* (*HAE* 1285; *AE*, 1988, 829) e *Lapona* (*HAE* 1275). *Cilurni* (gen.) parece ter um segundo testemunho noutra inscrição de Pinhovel (n.º 90); está, certamente, ligado à extensa família onomástica baseada no radical *Cil-*, de que *Cilius* é o nome mais representativo (cf. Albertos, 1966, p. 87-88), podendo ser posto em relação com a *gens Cilurnigorum*, recentemente documentada por inscrição (*HEp* 4, 66) descoberta em Gijón. Partindo do princípio de que, nas l. 4 e 5, poderá estar o nome do dedicante desta estela, ao substantivo *uxor* convirá um dativo, pelo que o S final da l. 3 não deverá ter relação com esta palavra, como também comprova a análise paleográfica. Hipoteticamente, esconde-se sob a abreviatura *Staui*(---) o nome do marido de *Laboena*, a que se segue o seu patronímico; a palavra da l. 5 poderá estar completa, pois nenhuma indicação é dada – como se faz na linha anterior, empregando-se um ponto – em sentido contrário. Assim acontecendo, documentar-se-ia nesta epígrafe uma forma antroponímica ainda não testemunhada: *Canci* (gen.). Verificou-se que o nome *Cancius*, que se incluía nos trabalhos de M. L. Albertos (cf. 1966, p. 74), não tinha existência efectiva porque resultava de uma deficiente leitura (Abascal, 1994, p. 45), porém documentam-se os cognomes *Cantia/-us* (*CIL* II 5742, 4963.1/6246.1 + *HEp* 3, 228), para além de *Cancilus* (*CIL* II 772; *HAE* 1924, 1808). Preferimos não propor qualquer desdobramento para a abreviatura, mas não deixamos de sugerir a possibilidade de representar um dos cognomes latinos com radical *Stab-*, acontecendo aqui a troca do *-b-* pelo *-v-*.

62 (II2/04/02/27/1) Parada de Infanções, Parada de Infanções, Bragança. (Est. XVII, 65)

Suporte: Árula.

Material: Granito.

Descrição: Árula, incompleta, com singelo trabalho de molduração a estender-se às faces laterais, tal como o alisamento das superfícies; a parte posterior é lisa e simplesmente desbastada. Capitel (19/19,5/14) moldurado por finíssima ranhura e duplo filete na ligação ao fuste (11)/(15,2)/13) e rematado por *puluilli*, parcialmente internados na própria cornija, que enquadram *foculus* oval (9/7) relevado. Fractura no fuste, ao nível da terceira linha do texto e no lado direito, e escoriações diversas que afectam a moldura e o fóculo; desgaste superficial, especialmente nos toros. Vestígios de argamassa denunciam reaproveitamento em parede de alvenaria.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: Nos *puluilli*, rodas de raios curvos (com orifício central) insertas em círculos, ambas incisas; a do direito tem seis raios de orientação dextrorsa e a do esquerdo, muito apagada, deveria ter o mesmo número de raios, mas, aparentemente, com orientação oposta. Na cornija, dois esquadros de extremidades bífidas rebaixados.

Dimensões: [30]/19,5/14.

Campo epigráfico: A inscrição ocupa o fuste.

Dimensões: [11]/[15,5].

Conservação: Fracturado.

Local de achado: Igreja paroquial de Parada de Infanções.

Circunstâncias: Apareceu durante a realização de obras na igreja paroquial, tendo sido posteriormente oferecida ao Museu de Bragança (Lemos, 1993, IIa, p. 113).

Paradeiro: MAB (n.º 1561), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Garcia, 1991, p. 567, n.º Z7; *HEp* 4, 1024; Lemos, 1993, IIa, p. 113; García, 1996a, p. 2035, n.º 291.

LVCAN[O] / CAPIT[O]/NĪ A[N(norum)] / [---

A Lucano Capitão, de [---] anos [---

Alt. das letras: L. 1: 3,3/3,5; l. 2: 3/3,5.

Espaços: 1: 0; 2: 0,5/1; 3: 0/0,5.

Variantes: L. 1: LVCANV[S] (Garcia, *HEp*, García); l. 3: NIS [---] (Garcia, *HEp*, García).

Comentário: Apesar da mutilação na parte direita, intui-se disposição do texto pouco cuidada e muito apertada. Gravação bastante funda e larga, de sulco arredondado. Caracteres de mau desenho, notando-se influência da escrita cursiva; P de pança esboçada por traço inclinado unido ao topo da haste; AA sem travessão central e de vértice arredondado. Na l. 1, pegada ao capitel, A e N unidos inferiormente; admitindo que a estrutura do monumento é verticalmente simétrica, o espaço que nesta linha sobejaria para a gravação do O seria escasso.

A proposta de leitura de J. M. Garcia dificilmente se coaduna com as dimensões do monumento e, até, com os caracteres conservados, completa ou incompletamente; além disso, a decoração do capitel remete para uma função funerária, tal como a nossa leitura pode avalizar.

O *nomen Lucanus* não tinha ainda representação peninsular, mas já está documentado *Lucanius* (*CIL* II 382, 5459) que com ele compartilha o mesmo significado geográfico; *Lucanus* está, porém, atestado como cognome (Abascal, 1994, p. 403), sobretudo na Bética – natural de Córdoba era o escritor Marco Eneu Lucano que viveu em meados do século I –, aparecendo também testemunhado em latitudes mais setentrionais, por exemplo em Braga (*CIL* II 2425). O cognome *Capito* tem outros testemunhos na região, como vimos a propósito da inscrição n.º 17, e boa representação nos meios indígenas.

Apesar de a onomástica ser claramente latina, e ao contrário do que o *nomen* aparentemente possa sugerir, consideramos que o defunto tem origem indígena – não é descabido que haja uma influência directa do conhecimento do cognome *Lucanus* na escolha do gentílico –, como indiciam o cognome e os elementos decorativos associados ao monumento.

Atendendo à tipologia da epígrafe e à identificação do defunto por meio de *duo nomina*, é datável da segunda metade do século II ou do seguinte.

Suporte: Estela.

Material: Talco.

Descrição: Bloco originalmente paralelepípedo (?) mediocrementemente conservado devido à sua natureza pouco dura. A superfície epigrafada foi certamente polida, mas o seu estado actual não permite afirmá-lo com segurança; a parte posterior recebeu apenas o trabalho indispensável à sua regularização. Apresenta danos extensos em cima e em boa parte do lado direito, bem como no sector esquerdo da área epigrafada.

Dimensões: 91/41,5/13,5.

Campo epigráfico: Não se encontra formalizado.

Local de achado: Cabeço de S. João.

Circunstâncias: Encontrada em trabalhos agrícolas realizados no Cabeço de S. João (Lopo, 1987, p. 25).

Paradeiro: MAB (n.º 1666), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1934, p. 55, n.º 17; Lopo, 1987, p. 25-26; Lemos, 1993, IIa, p. 61; García, 1996a, p. 1657, n.º 417; Rodríguez, 1997, p. 252, n.º 261.

ΛVCI / AVLLI / [H?]IIR(edes?)

De Lúcio Aulo. Os herdeiros (?).

Alt. das letras: L. 1: 9,4/10,7; l. 2: 8,4/10; l. 3: 7,3/9.

Espaços: 1: 37/41; 2: 1,5/3; 3: 3,5/6; 4: 15/20.

Variantes: L. 1: [---]VCI (Alves, Lemos), [---L]VLI (García), VCI[---] (Rodríguez); l. 2: [---]VLLI (Alves, Lemos, García), VLLI (Rodríguez); l. 3: [---]IIR (Alves, Lemos, García), ΔYIR (Lopo), IIR[---] (Rodríguez). Lopo propõe, ainda, duas linhas de texto antes da primeira: N(eptun)O / C(urauit).

Comentário: Capitais actuárias profundamente incisadas. Impressiona o seu módulo, apresentando algumas uma ligeira inclinação para a direita. As l. 1 e 2 parecem ter sido, originalmente, centradas. A l. 3 deve ter saído de mão diferente, tanto pela diferença do tamanho das letras, como pela sua gravação enviesada; nela, se grafou II por E.

Aceitamos o carácter funerário do texto, apesar de na região ser pouco usual grafar-se o nome do defunto em genitivo. *Lucius* é – além de *praenomen* – gentílico latino documentado uma vintena de vezes no território peninsular (Abascal, 1994, p. 174-175), entre as quais uma no Planalto Mirandês, concretamente em Aldeia Nova (*EE VIII* 129). O cognome parece não ter outro testemunho na Península; poderia ser variante de *Aulus*, um dos cognomes obtidos a partir de *praenomina* (Kajanto, 1965, p. 172), em que o *-l-* surge geminado.

Atendendo à omissão do *praenomen* e à própria paleografia, pode sugerir-se uma cronologia posterior aos meados da segunda centúria.

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela, incompleta, de que se conserva a parte inferior da cabeceira e a parte superior do campo epigráfico. Fissura oblíqua, coeva da inscrição, atravessa todo o fragmento. Integra uma reconstituição hipotética com cabeceira horizontal, tal como acontece com a estela de *Bloena* (n.º 32).

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: Na cabeceira, parte inferior de uma roda de nove raios curvos dextrorsos em relevo e dois esquadros insculpidos.

Dimensões: [35]/29/9.

Campo epigráfico: Formato quadrilateral, rebaixado; a obliquidade do seu limite superior denuncia rudeza na execução.

Dimensões: [12,5]/21.

Conservação: Fractura horizontal ao nível do terceiro espaço interlinear, atingindo também o final da l. 2.

Local de achado: Torre Velha.

Circunstâncias: Apareceu, em 1887, nas escavações da Torre Velha promovidas pela Sociedade Martins Sarmiento e realizadas por J. Henriques Pinheiro (1888, p. 78): encontrava-se no interior de um edifício (casa) juntamente com a cabeceira de outra epígrafe (n.º 121).

Paradeiro: MSMS (n.º 52), Guimarães.

BIBLIOGRAFIA: Figueiredo, 1887, p. 90; Sarmiento, 1887, p. 188 (= 1933, p. 311); Pinheiro, 1888, p. 78 (= 1895, p. 84); *CIL* II 5653; Guimarães, 1901, p. 65, n.º 51; Vasconcelos, 1913, p. 407, 416; Alves, 1934, p. 166; Cardozo, 1935, p. 88 (= 1972², p. 94, n.º 52); Alves, 1938, p. 604; Lopo, 1987, p. 28; Lemos, 1993, IIa, p. 68; García, 1996a, p. 1552-1553, n.º 245; Rodríguez, 1997, p. 249, n.º 254.

MAECIO / CORNELI/[O ---

A Mécio Cornélio [---

Alt. das letras: L. 1: 3,8/4,5; l. 2: 4,8/5,8 (O = 4).

Espaços: 1: 0,2/0,5; 2: 0,9/1,4.

Variantes: L. 1: [---]ECI (Pinheiro; Alves 1934, Lopo), ALECIO (*CIL*), LVCRECIO (Sarmiento 1897, Guimarães), LV[---]ECIV (Vasconcelos), LV[CR]ECIO (Cardozo, Alves 1938), LV[CR]ETIO (Lemos, García); l. 2: CORNELIO (Figueiredo), CORNELII (filio) (Lemos), CORNELI (filio) (García).

Comentário: As linhas conservadas revelam pouco cuidado na distribuição do texto pelo espaço epigráfico; ambas o ocupam a toda a largura e, na primeira, foi mesmo necessário deixar incompleta a última letra para que se evitasse a translineação. A altura das letras da l. 1 diminui da esquerda para a direita, adaptando-se à obliquidade do limite superior do campo epigráfico e criando um alinhamento horizontal para ser seguido

pelas restantes linhas. Caracteres resultantes de gravação profunda e bastante tosca, tendencialmente actuários; M de haste esquerda desligada das restantes; A sem travessão central e de haste esquerda quase vertical; CC bastante abertos; R de pança longa e fechada. Além do carácter incompleto da l. 1, um O reduzido a metade, há a referir, na seguinte, o E desprovido de barra superior.

O defunto é portador de onomástica indubitavelmente latina, mas certamente terá origem indígena. Não é inédito o gentílico *Cornelius* documentar-se como *cognomen*, embora, no contexto hispânico, esta situação pareça ser algo invulgar (Abascal, 1994, p. 335); no território dos Zelas, regista-se como nome único (cf. n.ºs 45 e 46). O gentílico *Maecius* surge mais uma dezena de vezes na Península (Abascal, 1994, p. 178), sobretudo nos territórios meridionais, e designa pessoas de certa categoria social, como por exemplo um senador (*CIL* II 4124).

Escasseiam os elementos para a datação do monumento, mas a ausência de *praenomen* pode sugerir uma datação posterior aos meados da segunda centúria.

65 (34/04/02/09/9) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. XVII, 68)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, partida abaixo do campo epigráfico; acabamento sumário nas faces laterais e posterior. Superfícies com desgaste profundo e ligeiras mutilações no topo e ao longo do rebordo direito.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Na cabeceira, roda de 12 raios curvos sinistrorsos (com orifício ao centro) esculpida dentro de campo ultra-semicircular, rebaixado e delimitado por rebordo externo.

Dimensões: [65]/[41]/21.

Campo epigráfico: Subcruciforme e rebaixado; este formato encobre representação estilizada de colunas com os respectivos capitéis, as quais melhor se evidenciam pelo rebaixe do rebordo externo da estela.

Dimensões: 24/26.

Conservação: Desgaste superficial acentuado, sobretudo, na parte superior, onde quase anulou a l. 1.

Local de achado: Torre Velha/Terras de S. Sebastião.

Circunstâncias: Apareceu, em 1887, nas escavações da Torre Velha promovidas pela Sociedade Martins Sarmiento e realizadas por J. Henriques Pinheiro (1888, p. 83): estava reutilizada em sepultura, no exterior das ruínas do templo de S. Sebastião, conjuntamente com as epígrafes n.ºs 32 e 101 e com um fragmento que não foi aproveitado.

Paradeiro: MSMS (n.º 54), Guimarães.

BIBLIOGRAFIA: Figueiredo, 1887, p. 88; Sarmiento, 1887, p. 188 (= 1933, p. 311); Pinheiro, 1888, p. 83 (= 1895, p. 89); *CIL* II 5655; Guimarães, 1901, p. 66-67, n.º 55; Vasconcelos, 1913, p. 406, 415; Alves, 1934, p. 164; Cardozo, 1935, p. 90 (= 1972², p. 96, n.º 54); Alves, 1938, p. 604; *ILER* 2314; Lopo, 1987, p. 29; Lemos, 1993, IIa, p. 68; García, 1996a, p. 1613, n.º 342; Rodríguez, 1997, p. 250-251, n.º 256.

MAGILO / CILI . F(ilius) A/N(norum) XXV (quinque et uiginti)

Magilão, filho de Cilio, de 25 anos.

Alt. das letras: L. 1: 3,5/4; l. 2: 3,4/4 (F = 5); l. 3: 3,8/4,2 (V = 3,3).

Espaços: 1: 5; 2: 1/1,3; 3: 1/3,5; 4: 3,5/5,5.

Variantes: L. 1: [---]IMO (Figueiredo), [---]IO (Sarmiento, Pinheiro, Alves 1934, Lopo), VA [---]ILO (*CIL*, Guimarães, *ILER*), [---]ILO (Cardozo, Alves 1938, Lemos), [S?]ILO (García), DOBILO (Rodríguez); l. 2: [---]I[---]I[---] (Figueiredo), CILI F . A . A (Alves 1934, Lopo, este sem registar pontuação), CIL(l)I (García), Sarmiento, Pinheiro, Guimarães e García assinalam ponto após a abreviatura e Rodríguez não dá qualquer pontuação; l. 3: [---]XXV (Figueiredo), N(norum) XXV [---] (Rodríguez), Sarmiento, Guimarães, Cardozo e García fazem leitura de ponto a seguir ao N.

Comentário: Texto com alinhamento à esquerda, mas sem elegância epigráfica: por exemplo, a translineação da abreviatura AN(*norum*) revela-se, aparentemente, desnecessária, tal como, na l. 3, a gravação do V acima dos caracteres que o antecedem. AA sem travessão central, também servindo de base ao N; F a semelhar S esguio provido de barra horizontal. Pontos de secção circular. Gravação profunda.

O defunto identifica-se à maneira indígena. O nome *Magilo* parece ser típico da área ásture e vetona (Albertos, 1985-1986, p. 176); em território zela está representado mais duas vezes em Villalcampo (*HAE* 910; García, 1996a, p. 1691, n.º 482) e é, também, um dos antropónimos que consta no Pacto de Astorga (*CIL* II 2633). *Cilius*, igualmente indígena, tem grande implantação na Lusitânia (Abascal, 1994, p. 328), enquanto que no Noroeste apenas se regista outro testemunho, em Viana do Bolo (*CIL* II 2523); constitui a forma mais frequente pela qual se apresenta o radical *Cil-*, abundante na antroponímia deste quadrante peninsular (Albertos, 1966, p. 87-88).

66 (I21/04/02/42/3) Santa Maria, Santa Maria, Bragança. (Est. XVIII, 69)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, com dois registos decorativos separados pelo campo epigráfico; a parte posterior foi toscamente desbastada e as arestas correspondentes arredondadas. Conserva-se regularmente, apenas com ligeiras escorições e com a parte inferior, originalmente em bruto, cortada de forma a torná-la rasa.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; elementos arquitectónicos.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos sinistrorsos, em relevo, ocupando a totalidade do campo ultra-semicircular rebaixado em que se integra. No registo decorativo inferior, três arcos, rebaixados, esquematicamente conformados por duas pilastras e duas colunas com capitéis estilizados que lhes conferem formas ultrapassadas.

Dimensões: [93]/35/18.

Campo epigráfico: Subcruciforme e rebaixado.

Dimensões: 21,5/25.

Conservação: Regular.

Local de achado: Couto.

Circunstâncias: Encontrada, enterrada, no sítio designado de Couto, a 700 m para nordeste do castelo de Bragança (Lopo, 1906, p. 83).

Paradeiro: MAB (n.º 1512), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1906, p. 83-84, 1908c, p. 127; Vasconcelos, 1913, p. 407, 418; Alves, 1934, p. 43-44, n.º 9; *ILER* 3337; Lopo, 1987, p. 65; Lemos, 1993, IIa, p. 51; García, 1996a, p. 1557, n.º 252; Rodríguez, 1997, p. 248, n.º 252.

D(is) M(anibus) / MA/RCO GR/ACILIS (filio) / ⁵ AN(norum) XX (uiginti) / S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(euis) .

Aos deuses Manes. A Marco, filho de Grácil, de 20 anos. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: L. 1: 2,9; l. 2: 3,4; l. 3: 2,9/3,2; l. 4: 2,8/3,2; l. 5: 2,9/3,1; l. 6: 2,9/3,3.

Espaços: 1: 0,6; 2: 0,8; 3: 0,3/0,9; 4: 0,2/0,4; 5: 0,4/0,7; 6: 0,2/0,5; 7: 0/0,3.

Variantes: Lopo (1908c) assinala pontos na l. 1, entre o D e o M, e na l. 2, a seguir ao C. Rodríguez não transcreve pontuação da l. 6.

Comentário: Paginação segundo um eixo de simetria, ao qual foge, ligeiramente, a l. 4. Translineação não silábica dos antropónimos. Gravação pouco regular, dificultada pela natureza grosseira do granito que também muito condiciona os *ductus*, ainda para mais atendendo ao módulo diminuto dos caracteres; D de pança angulosa; AA sem travessão central e de hastes arqueadas, que por vezes (l. 4 e 5) não se ligam superiormente; MM e N a partir de AA; RR de pança aberta; XX de hastes curvas. Na l. 6, pontuação de secção circular bem marcada, à excepção do último ponto.

A forma de identificação do defunto, apesar da utilização de onomástica latina, remete para o meio indígena. O nome representa a apropriação de um vulgar *praenomen*, situação que não deixa de ter a sua razão de ser, já que ambos acabam por desempenhar a mesma função de identificação individual; o cognome *Marcus* aparece também documentado em Duas Igrejas (Mourinho, 1986, p. 33, n.º 24) e, alargando a escala de análise ao Noroeste peninsular, em Braga (*CIL* II 2411) e Cortegada (*CIL* II 2597 + *HEp* 2, 529). Dos 15 testemunhos do cognome *Gracilis* arrolados por Abascal (1994, p. 381), quatro situam-se no Noroeste; para além do presente, há a registar outros exemplos em Castro de Avelãs (n.º 75), León (*CIL* II 2682) e Pobra de Trives (*CIL* II 2525). É mais um cognome a adjectivar o aspecto físico do corpo (Kajanto, 1965, p. 244).

67 (I38/04/02/01/2) Alfaião, Alfaião, Bragança. (Est. XVIII, 70)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, fragmentada abaixo do campo epigráfico. Acabamento nas quatro faces. Apresenta-se côncava de ambos os lados, sobretudo no direito, devido a acção abrasiva intencional.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Na cabeceira, roda de 12 raios curvos sinistrorsos, em relevo, dentro de campo ultra-semicircular, rebaixado e delimitado pelo rebordo externo da estela.

Dimensões: [57]/30,5/18.

Campo epigráfico: Rebaixado e de formato subcruiforme.

Dimensões: 15,5/[17,5].

Conservação: Incompleto no lado direito e com superfície bastante gasta, sobretudo ao nível da l. 1.

Local de Achado: Carreiro/Vale das Ratas.

Circunstâncias: Encontrada, há cerca de uma década, por António Augusto Silva durante a realização de trabalhos de lavra numa propriedade sua, no sítio do Carreiro.

Paradeiro: residência de Marcelino Carvalho, sita no Bairro da Forca (Rua de Macau, n.º 5), Aveiro.

BIBLIOGRAFIA: Inédita.

MASI[O?] / DOCI (filio)

A Másio (?), filho de Dócio.

Alt. das letras: L. 1: 4,7/5; l. 2: 4,5/5,5.

Espaços: 1: 3,3/3,8; 2: 0,8/1; 3: 0/0,5.

Comentário: Alinhamento à esquerda. Caracteres, tendencialmente actuários, resultantes de incisão larga e profunda. A primeira letra da l. 1 pode reconstituir-se como M bastante enviesado; A sem travessão central; S adelgado.

O nome do defunto parece ser novidade no território peninsular, podendo tratar-se de *Masius*, já documentado fora da Península: na Gália e Germânia (Albertos, 1966, p. 150). Em Artieda de Aragón, na província de Zaragoza, encontra-se documentado *Massius* (HAE 2342), nome igualmente conhecido naqueles territórios de além-Pirinéus. O patronímico, *Docius*, é típico da área ásture, testemunhando-se com frequência na região transmontano-zamorana, conforme se viu a propósito da inscrição n.º 49.

68 (20/04/02/07/1) Alimonde, Carrazedo, Bragança. (Est. XVIII, 71)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Suporte: Estela de cabeceira semicircular, fracturada pelo campo epigráfico. A superfície apresenta-se lascada no lado esquerdo e no topo, acusando também desgaste acentuado.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos dextrorsos (com orifício central) em relevo e esquadros rebaixados, dos quais só se conserva o do lado direito.

Dimensões: [42]/33/13.

Campo epigráfico: Rebaixado e de formato quadrilateral.

Dimensões: [8]/21,5.

Conservação: Incompleto devido à fractura horizontal que o cerceou ao nível da l. 2. A superfície apresenta desgaste idêntico ao do resto da epígrafe, bem como pequenas incrustações de argamassa de cimento; lasca desprendida do lado esquerdo destruiu o rebordo perimétrico que lhe serve de limite.

Local de achado: Alimonde.

Circunstâncias: Encontrava-se embutida numa parede interior da casa de Tiago dos Santos Gonçalves, tendo sido por ele descoberta quando aí procedia a trabalhos de beneficiação.

Paradeiro: MAB, Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Redentor, 1997, n.º 248.

MESAL/A . MĒS/[---

Mesala [---

Alt. das letras: L. 1: 3/4,1.

Espaços: 1: 0,5/1,4; 2: 0,6/2,3.

Comentário: As linhas conservadas sugerem texto em “caixa”, havendo translineação antroponímica não silábica. Gravação profunda e irregular. Caracteres com ligeira inclinação para a esquerda; na l. 1, M largo, E de barras desiguais e A sem travessão central; na l. 2, nexu ME. Ponto de secção circular separando as duas palavras.

Do antropónimo *Mesala* não encontramos qualquer testemunho na epigrafia peninsular, no entanto, talvez possamos aproximá-lo do *cognomen Messal(l)a*, representado na onomástica latina desde o período republicano (Kajanto, 1965, p. 52, 105, 194); esta provável variante gráfica pode, inclusive, ficar a dever-se a erro do lapicida que, por lapso, não teria geminado o -s-. Porque *Messal(l)a* é um cognome do género masculino de tema em -a, atribuímos ao defunto esse sexo. A palavra seguinte poderá, eventualmente, corresponder ao patronímico.

São bastante escassos os elementos utilizáveis para datação, mas valorizando a onomástica, de sabor republicano, e o uso do nominativo, associados à paleografia, sugerimos uma cronologia recuada, ainda da primeira centúria.

69 (55/04/02/12/8) Donai, Donai, Bragança. (Est. XVIII, 72)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular e esquema decorativo bipartido, fragmentada inferiormente; conserva a cabeceira intacta e parte do campo epigráfico. As superfícies apresentam escoriações ligeiras.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: A cabeceira é dominada por grande roda de 11 raios curvos dextrorsos, em relevo, à qual subjazem dois esquadros de extremidades rectas rebaixados. Ressalta a fraca qualidade de execução do elemento decorativo principal, cujos raios não são todos gerados ao centro.

Dimensões: [77]/37/20,5.

Campo epigráfico: Rectangular, entre representação de colunas sem qualquer esboço de capitel, realçadas pelo rebaixe do rebordo da estela e do próprio espaço epigráfico.

Dimensões: [35,5]/21.

Conservação: Incompleto devido à fractura que mutilou a estela ao nível da l. 4; ligeiríssimas escoriações superficiais.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Apareceu, com as estelas n.ºs 19, 28, 48, 52 e 84, na década de 80, quando se procedia à abertura de um poço numa propriedade de Teresa Morais (Afonso, 1986, p. 484).

Paradeiro: Junta de Freguesia de Donai, Donai.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1986, p. 484-486, n.º 1; *HEp* 2, 762; Dias, 1990, p. 421, n.º 104; Lemos, 1993, IIa, p. 77; García, 1996a, p. 1580-1581, n.º 289.

PINT/ONI / TALA/VI (filio) A(nnorum) X[---

A Pintão, filho de Talávio, de [---] anos.

Alt. das letras: L. 1: 6,5/7 (I = 7,5; T = 9,5); l. 2: 5,5/6; l. 3: 6/7 (L = 7,4); l. 4: 5,5.

Espaços: 1: 2/3; 2: 1,8/2,2; 3: 1/3; 4: 0/1.

Variantes: L. 4: VI<I> (filii) A (Afonso), VI AN(norum) (Lemos), VI F(ili?) (*HEp*, García), VI F(ilio?) [---] (Dias). *HEp* e García criam uma quinta linha em que se leria: A[---]. Na transcrição de B. Afonso não aparecem as barras de separação das l. 1-3.

Comentário: Texto mais ou menos centrado, mas com translineação dos antropónimos devido à pouca largura do campo. Caracteres gravados de forma profunda e larga, tendencialmente actuários; P de pança aberta; AA sem travessão central; NN de haste oblíqua curva, tal como a extremidade da haste esquerda do V. Alguns dos caracteres denotam certa inclinação para a direita e as alturas são, genericamente, irregulares, tendo o I e o T da l. 1, e o L da l. 3, módulos claramente superiores.

O nome *Pinto* tem outras ocorrências em território peninsular, concretamente em Vila Nova (n.º 82) e em Villalcampo (*HAE* 914). O seu radical é variante de *Pent-*, e ambos, com origem indo-europeia baseada no ordinal “5.º” *penk^utos*, são bastante frequentes na onomástica peninsular (Albertos, 1966, p. 180-182). O nome *Talavius* é também próprio do espaço hispânico, como vimos a propósito da inscrição n.º 59.

70 (66/04/02/12/19) Vila Nova, Donai, Bragança. (Est. XIX, 73)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira, presumivelmente, semicircular, como sugere a decoração conservada. Abaixo do campo epigráfico, encontra-se apenas desbastada e o acabamento é também menos cuidado na parte posterior. As superfícies acusam desgaste e apresentam algumas mossas ligeiras; o lado esquerdo da base está parcialmente fracturado.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: Na cabeceira, parte de roda de sete raios curvos dextrorsos esculpida e, logo abaixo, dois esquadros estreitos de extremidades bífidas rebaixados.

Dimensões: [87]/36/14.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Dimensões: 20,5/24.

Conservação: Regular.

Local de achado: Tesouro/Quinta do Britelo.

Circunstâncias: Encontrada, com as estelas n.º 34 e 85, no sítio denominado Tesouro, quando, em 1944, se procedia à plantação de vinha, tendo dado entrada no Museu de Bragança por intermédio de José Montanha (Alves, 1947, p. 601).

Paradeiro: MAB (n.º 1505), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1947, p. 601-602; Lemos, 1993, IIa, p. 81; García, 1996a, p. 1582, n.º 292.

PINTOV/IO . CLOV/TI (filio) AN(norum) LX (sexaginta)

A Pintóvio, filho de Clúcio, de 60 anos.

Alt. das letras: L. 1: 4,5/5,3; l. 2: 4,1/5; l. 3: 3,9/4,9.

Espaços: 1: 1,6/2,4; 2: 0,9/1,7; 3: 0,5/2,1; 4: 1/3,1.

Variantes: L. 1: PINTOV (Lemos, García); l. 3: ANN(orum) (Alves, Lemos, García).

Comentário: Texto com alinhamento à esquerda, mas deficientemente distribuído, assinalando-se a translineação não silábica do primeiro antropónimo e, na l. 3, o X sobre a barra do L, anulando o espaço interliteral. Gravação profunda e larga. Caracteres tendencialmente actuários, de ductos irregulares; OO ovalados, VV de hastes curvas; P de pança angulosa e fechada; A sem travessão central; N a partir de A, ainda que mais estreito. Na l. 1, nexu NT.

Onomástica e forma de identificação do defunto indígenas. O nome *Pintouius* é variante de *Pentouius* (Albertos, 1966, p. 183), integrando a extensa família antropónica baseada no radical *Pent-*. Documenta-se também na Quinta do Britelo/Vila Nova (n.º 70), Villalcampo (*ILER* 2333) e, já a sul do Douro, Moral de Sayago (*ILER* 2330), contando, ainda, com outros três testemunhos peninsulares, dois deles na província de Salamanca (Abascal, 1994, p. 459). *Cloutius* é nome com representação regional apreciável, como já se disse a propósito da inscrição n.º 25.

71 (59/04/02/12/12) Vila Nova, Donai, Bragança. (Est. XIX, 74)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular com a base mais espessa (= 22,5) e subcilíndrica. O trabalho de acabamento estende-se à totalidade da peça. Algumas escoriações na base.

Elementos decorativos: Crescente.

Decoração: Exclusiva da cabeceira, restringe-se a crescente invertido, rebaixado, dentro de campo ultra-semicircular, igualmente em rebaixe, delimitado pelo rebordo externo da estela.

Dimensões: 84/27/14.

Campo epigráfico: Praticamente quadrangular, não fosse o rectângulo reentrante na base, e rebaixado.

Dimensões: 15,5/17.

Conservação: Regular.

Local de achado: Devesa de Vila Nova.

Circunstâncias: Apareceu, provavelmente em 1909, no decurso de trabalhos agrícolas de plantio de vinha realizados no lado sul do cabeço onde se implanta o *habitat* romano designado de Devesa de Vila Nova, tal como as n.ºs 82 e 103 (Lopo, 1909, p. 51).

Paradeiro: MAB (n.º 1496), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1909, p. 51-52; Vasconcelos, 1913, p. 408; Alves, 1934, p. 85, n.º 48; Lopo, 1987, p. 51; Lemos, 1993, IIa, p. 79; García, 1996a, p. 1581, n.º 290; Rodríguez, 1997, p. 260, n.º 281.

PIN̄TOV/I . PROC(uli? filii)

De Pintóvio, filho de Próculo (?).

Alt. das letras: L. 1: 4/4,6; l. 2: 3,7/4,7.

Espaços: 1: 0/1; 2: 0,4/1,5; 3: 1/5,7.

Variantes: L. 1: PINOV (Lopo, Vasconcelos, Alves), PINTOV (Lemos).

Comentário: Texto com alinhamento à esquerda e à direita, mas com translineação não silábica do primeiro nome, estando o segundo abreviado. Gravação irregular, por vezes larga e profunda. Caracteres de ductos inseguros: PP de pança reduzida, a do primeiro indicada por pequeno traço curvo e a do segundo por traço recto mais largo na sua extremidade; OO tendencialmente circulares; V de vértice central arredondado e hastas arqueadas; R de pança aberta, unida a longo traço oblíquo. Nexo NT na l. 1. Ponto na separação dos nomes.

O nome *Pintouius* foi já comentado a propósito da inscrição anterior, encontrada na Quinta do Britelo, igualmente no termo de Vila Nova. Também na Devesa e no Sagrado de Donai se documenta o nome *Pinto* (n.ºs 82 e 69, respectivamente), que partilha do mesmo radical. De entre as possibilidades de desdobramento da abreviatura patroní-

mica, propomos a mais provável, ainda que não seja a única possível; atendemos, sobretudo, ao facto de o cognome *Proculus* ser bastante frequente no território peninsular, onde está documentado uma centena de vezes, e ter representatividade assinalável no Noroeste, tal como no contexto mais restrito do território atribuível aos Zelas (cf. n.º 76).

72 (103/04/02/22/4) Meixedo, Meixedo, Bragança. (Est. XIX, 75)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, quebrada abaixo do campo epigráfico. Acabamento reconhecível nas quatro faces.

Elementos decorativos: Crescente.

Decoração: Na cabeceira, dentro de campo subsemicircular rebaixado, crescente invertido, em relevo.

Dimensões: [40]/28/10.

Campo epigráfico: Rectangular e em rebaixe.

Dimensões: 12/21.

Conservação: Danos ligeiros na parte esquerda que, contudo, afectaram o início da l. 2.

Local de achado: Meixedo.

Circunstâncias: Apareceu, em 1989, nos entulhos de demolição de um palheiro contíguo à residência de Bernardino Augusto Afonso (Afonso, 1989, p. 217). O seu contexto arqueológico é, provavelmente, o Lombeiro Branco.

Paradeiro: residência de Bernardino Augusto Afonso, Meixedo.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1989, p. 217, n.º 6; *AE*, 1989, p. 434; *HEp* 4, 1022; Dias, 1994, p. 443, n.º 196; García, 1996a, p. 1583, n.º 293; Rodríguez, 1997, p. 256, n.º 271.

PIST.IR/ \overline{AE} . IIRN uel IIRA/O? (--- filiae?) AN(norum) XL (quadraginta)

A Pistira, [---], de 40 anos.

Alt. das letras: L. 1: 4,5/5 (R = 5,4); l. 2: 3,2/4 (nexo = 4,5); l. 3: 4/5.

Espaços: 1: 0,7/1,4; 2: 0/0,8; 3: 3,1/3,8.

Variantes: L. 1: nenhum dos autores transcreve o ponto intercalado entre T e I; l. 2: *AE* [?] IIRA (Afonso, Dias), *AE* ? IIRA ? (*AE*, *HEp*, García), *AE* [---]IIRA (Rodríguez); l. 3: [---] AN(norum) XL (Afonso, *AE*, *HEp*, García, Dias; certamente por gralha tipográfica, em Afonso é separado o início da l. 3 por barra, pelo que também assim se reproduz em *AE*, *HEp* e García), AN(norum) XL (Rodríguez).

Comentário: Disposição do texto no espaço epigráfico descuidada e gravação bastante profunda; a l. 3 encontra-se grafada fora do campo. Caracteres denunciando profunda influência cursiva; P de pança bastante aberta; S exageradamente esguio e oblíquo; T de barra completamente descentrada; R de pança muito aberta, unida a pequena perna

curva e oblíqua; N (ou A) não formando vértice superiormente; A de hastes curvas e sem travessão central. Pontuação de secção circular: na l. 1, interliteral e, na l. 2, separando palavras.

O texto é parcialmente enigmático, logo de interpretação delicada, sendo, porém, líquido que se trata do epitáfio de uma mulher indígena

Os nomes *Pistira/-us*, pouco documentados, parecem arreigados ao território zela: o feminino encontra-se outra vez em Villalcampo (*HAE* 910) e o masculino em S. Vitero (*HAE* 1337), tendo este outro testemunho, mais distante, em Talavera de la Reina (*AE*, 1969-1970, 252); presumivelmente, estão relacionados com a raiz indo-europeia **peis-/pis-* com significado de “moer, triturar”, constituindo uma representação do nome de agente (Albertos, 1966, p. 184). Tratando-se a palavra seguinte de um antropónimo, como supomos, terá provável relação com a raiz **er-*, atestada em quase todas as línguas indo-europeias (Albertos, 1966, p. 116).

73 (109/04/02/25/2) Nogueira, Nogueira, Bragança. (Est. XIX, 76)

Suporte: Estela.

Material: Mármore.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, com esquema decorativo bipartido, apresentando a extremidade inferior praticamente em bruto. Encontra-se mutilada inferiormente e com ligeiras escoriações, sobretudo ao longo das arestas.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros; círculos.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos dextrorsos gravada sobre peanha em ressalto cuja base se interna no topo do campo epigráfico; é superiormente envolvida por semicírculo, continuado, inferiormente e de cada um dos lados, por dois esquadros com círculo nos ângulos internos, todos relevados.

Dimensões: 66/21,5/3,5.

Campo epigráfico: Cruciforme e delimitado por linha gravada.

Conservação: Regular.

Local de achado: Nogueira (Cigadonha?).

Circunstâncias: Presume-se ter sido descoberta conjuntamente com as inscrições n.ºs 53, 79, 86, pois todas elas foram compradas por um antiquário visiense e, posteriormente, adquiridas pela Junta Distrital com vista à sua integração no então projectado Museu Etnográfico de Viseu (Brandão, 1960, p. 350). O contexto original do achado não foi apurado.

Paradeiro: Casa do Adro, Viseu.

BIBLIOGRAFIA: Brandão, 1960, p. 355-357, n.º 3; *AE*, 1987, 564c; Vaz, 1988², p. 26-28, n.º 9; Lemos, 1993, IIa, p. 111; García, 1996a, p. 1586, n.º 298.

D(is) . M(anibus) / PLAC/IDVS / SILON/IS (filius) . AN̄(norum) / XXC (octoginta)

Aos deuses Manes. Plácido, filho de Silão, de 80 anos.

Alt. das letras: 2/3,5.

Variantes: L. 6: [A]N(norum) (Lemos), AN(norum) (García).

Comentário: Texto com alinhamento à esquerda, tomando como guia o início da l. 1, gravada na parte mais estreita do campo epigráfico. A l. 6 é exterior a este espaço. Gravação firme. Letras tendencialmente actuárias e de ductos irregulares; AA sem travessão central; N e nexa AN idênticos; LL de barra inclinada e a unir à haste acima da sua extremidade inferior. Pontuação redonda. A gravação do numeral XXC parece saída de mão diferente, como, de forma mais óbvia, indicia a inclinação dos caracteres.

Identificação do defunto à maneira indígena, embora a onomástica seja latina ou latinizada. O cognome *Placidus* é indubitavelmente latino e frequente na Hispânia romana (Kajanto, 1965, p. 18, 268); verifica-se que mais de um quarto das suas ocorrências se localiza no Noroeste (Abascal, 1994, p. 460-461), contando o território transmontano oriental com mais um par de testemunhos: um em Picote (*EE IX 291*) e o outro sem proveniência exacta (Navarro, 1998, p. 193, n.º 27, G. I). Quanto a *Silo*, também particularmente conhecido em território peninsular (Kajanto, 1965, p. 237), permanecem algumas dúvidas quanto à sua origem, indígena ou latina; atendendo à sua frequência e distribuição na Hispânia, M. L. Albertos (1965, p. 123, 1966, p. 207-208) hesita quanto a este aspecto, considerando que se não é indígena, recobre, provavelmente, um outro nome hispânico com a mesma origem. Em território dos Zelas, também se documenta em Cova de Lua (n.º 78), Duas Igrejas (Mourinho, 1987, p. 120, n.º 65), Palaçoulo (Alves, 1934, p. 501-502), Saldanha (Mourinho, 1987, p. 106, n.º 37 + Navarro, 1998, p. 192, n.º 18, G. I), Urrós (Alves, 1947, p. 672-673) e Villalcampo (*HAE 898, 922*); no Sul do Nordeste transmontano, atesta-se em Santa Cruz da Vilarça (*HAE 1055/1641*).

Seguindo os mesmos critérios aplicados à estela n.º 39, igualmente incluída no denominado *tipo "Picote"*, datar-se-á do século II ou já da primeira metade do século III.

74 (88/04/02/19/5) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. XX, 77)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de grandes dimensões cuja cabeceira teria sido, presumivelmente, semicircular. Incompleta, conserva o campo epigráfico e o registo decorativo inferior. A superfície encontra-se bastante fragilizada e em desagregação granular; repousam sobre ela vestígios de caiação recentemente retirada por meio mecânico abrasivo.

Elementos decorativos: Elementos arquitectónicos.

Decoração: O registo decorativo inferior compõe-se de dois arcos rebaixados esquematicamente conformados por duas pilastras e uma coluna com capitéis estilizados que conferem aos vãos formas ultrapassadas.

Dimensões: [179]/[54]/[16].

Campo epigráfico: Aparentemente, parece ter formato quadrilateral e ter sido rebaixado.

Conservação: Desgaste muito intenso.

Local de achado: Igreja de Grijó de Parada.

Circunstâncias: Referida por Cardoso Borges (1721-1724, f. 72), conjuntamente com as inscrições n.ºs 38 e 45, como estando reaproveitada na igreja de Grijó de Parada. Seguindo o seu testemunho, tivemos o ensejo de a localizar. Serve de verga no vão da entrada lateral do templo.

Paradeiro: Igreja de Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 72; *CIL* II 2512; Alves, 1909, p. 354-355 (= 1934, p. 446); Lemos, 1993, IIa, p. 100-101; García, 1996a, p. 1658, n.º 419.

[P]ROBI|/AÑO SA|BINO A/N(norum) LX (sexaginta)

A Probiano Sabino, de 60 anos.

Alt. das letras: L. 1: 6,4/7,4 (B = 8,4); l. 2: 7,4/7,6 (S = 10; A = 9); l. 3: 6,6/6,9 (B = 8,8; A = 9,3; N = 8); l. 4: 5,8/6,5.

Espaços: 2: 0,5/2; 3: 0,5/4,9; 4: 0,5/1,3.

Variantes: L. 1: [---]OBI[---] (Borges, *CIL*, Alves, Lemos, García); l. 2: [---]OSA (Borges, *CIL*, Alves), [---]O SAB (Lemos), [---]O SA (García); l. 3: BINO A (Alves), INO A (Lemos); l. 4: N . ILX . (Borges), N ILX (*CIL*), N . ILX (Alves, Lemos, García).

Comentário: Apesar do estado precário da inscrição, adivinha-se paginação relativamente cuidada, com alinhamento à esquerda, à excepção da última linha que estaria mais ou menos centrada. Alguns dos caracteres mostram tendência actuária, como os BB, de panças não unidas à haste, sendo a superior alongada e a inferior ligeiramente mais larga, e o R, de pança alongada e aberta unida à perna oblíqua, enquanto outros mais se aproximam de um módulo quadrado, caso dos OO, subcirculares e de execução pouco perfeita (tal como a dos NN), do X e do S, bem proporcionados, ou dos AA, com traço oblíquo em aparente substituição do travessão. Intui-se gravação profunda. Na última linha, lemos LX e não ILX, já que, em nosso entender, o sinal que levou C. Borges a esta leitura não passa de um estreito, e pouco profundo, golpe interpolado no espaço interliterar que antecede o L.

O defunto identifica-se com *duo nomina* latinos. Desde a leitura de Cardoso Borges que era possível perceber este facto, ainda que só o cognome tivesse sido lido de forma integral. Uma observação atenta da inscrição, coadunada com a informação constante no manuscrito de Borges, permitiu reconstituir o texto original, apesar do seu estado precário de conservação.

A utilização de *Probianus* em posição de gentílico é, aparentemente, desconhecida e, na Península, nem sequer está documentado na sua função de cognome; mediante as letras conservadas, e considerando a existência de espaço para mais uma letra na l. 1, é esta a reconstituição mais plausível. Não será, porém, de estranhar esta utilização do cognome, atendendo, sobretudo, à datação, que supomos tardia, da inscrição. No entanto, com uma origem comum, integra o rol dos *nomina Probianius*, com pelo menos um testemunho (*CIL* XIII 8537). *Sabinus* e a correspondente forma feminina ocupam, nas séries de Abascal (1994, p. 493), a 25.ª posição na frequência de *cognomina* na Península. Apesar de no Sul da Astúria contar apenas com este testemu-

nho, é um cognome que se documenta na capital conventual (*EE IX 292g*), ou em León (Diego, 1986, p. 154, n.º 181), e que tem bastante aceitação no conjunto do Noroeste peninsular.

75 (28/04/02/09/3) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. XX, 78)

Suporte: Ara.

Material: Mármore.

Descrição: Ara sem *foculus* e sem trabalho de molduração na face posterior. O capitel (46,5/44/25,5) apresenta frontão triangular enquadrado por dois *puluilli* decorados e cornija igualmente ornada. A ligação do capitel ao fuste (63/41/25,5) é realizada por toro, tal como a ligação do fuste à base (34,5/44,5/44,5). Algumas escoriações afectam o capitel, mas também as molduras superior e inferior.

Elementos decorativos: Rodas de raios curvos; ramos de teixo.

Decoração: Nos *puluilli*, rodas de seis raios curvos dextrorsos incisas e, na cornija, três motivos vegetais estilizados (ramos de teixo) insculpidos sobre bases semicirculares rebaixadas; estes dispõem-se em triângulo: dois laterais (alt. = 15 e 15,5), por baixo de cada um dos toros, e um central (alt. = 19,5), alinhado pelo vértice do frontão.

Dimensões: 144/44,5/25,5.

Campo epigráfico: A inscrição ocupa a metade superior do fuste.

Dimensões: 63/41.

Conservação: Regular.

Local de achado: Castro de Avelãs (cemitério).

Circunstâncias: Encontrava-se, em finais do século XIX, no cemitério de Castro de Avelãs (Pinheiro, 1888, p. 72). Foi, ainda nessa altura, depositada no Museu de Bragança por intervenção de A. Lopo (1897a, p. 192, 1987, p. 31).

Paradeiro: MAB (n.º 1581), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Figueiredo, 1887, p. 91; Pinheiro, 1888, p. 72 (= 1895, p. 76); *CIL II* 5652; Lopo, 1897a, p. 192 (= 1987, p. 31); *EE IX 110*; Vasconcelos, 1905, p. 340; Alves, 1934, p. 47-48, n.º 12; *ILER* 3338; Le Roux, 1992, p. 177; Lemos, 1993, IIa, p. 66; García, 1996a, p. 1593, n.º 308; Rodríguez, 1997, p. 228-229, n.º 227.

D(is) M(anibus) / PROCVLEIO / GRACILI / ANNORVM LV (quinque et quinquaginta)
/ ⁵ S(it) T(ibi) T(erra) L(euis)

Aos deuses Manes. A Proculeio Grácil, de 55 anos. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: L. 1: 5,2; l. 2: 5,2/5,8; l. 3: 5/5,5; l. 4: 4,8/5 (L = 5,7); l. 5: 5,5.

Espaços: 1: 1,2/2,2; 2: 0/0,8; 3: 0,2/0,8; 4: 0,3/0,9; 5: 0,5/0,9; 6: 32,6/34,1.

Variantes: L. 2: PROCVLIO (Lemos); l. 3: GRACILI (filio) (Figueiredo).

Comentário: O texto ocupa a metade superior do espaço epigráfico e denota alguma preocupação de alinhamento segundo um eixo de simetria, a que, porém, escapa a l. 3. Gravação pouco profunda; letras tendencialmente actuárias, de *ductus* pouco regu-

lar. O formulário pode ter sido gravado com anterioridade ao restante texto, corroborando esta ideia determinados detalhes: as extremidades da pança do D, prolongadas à esquerda da sua haste e terminando superiormente em curva, o que não tem repetição nas panças dos RR ou do P; a curvatura nas extremidades das hastes do M; ou a presença de traço na extremidade superior do L. Nas linhas centrais, II com pequenos traços nas extremidades, tal como, inferiormente, apresenta o P; RR a partir de P, sendo as panças de ambas as letras ovaladas; V com pequenos traços rematando as hastes; G diferenciado dos CC por pequeníssimo traço oblíquo; AA sem travessão. Na l. 4, A e N unidos inferiormente e L ligeiramente prolongado para baixo, libertando espaço para a gravação do V. Perpassa menor apuro na incisão das linhas centrais.

O nome *Proculeius* parece decalcado do cognome *Proculus* que é de grande popularidade no espaço peninsular (Abascal, 1994, p. 471-472). Dos 15 testemunhos hispânicos do cognome *Gracilis* arrolados por Abascal (1994, p. 381), quatro situam-se no Noroeste: além desta presença em Castro de Avelãs, também tem registo em León (*CIL* II 2682), em Pobra de Trives (*CIL* II 2525) e na cidade de Bragança (n.º 66). O significado do cognome, relacionado com aspectos físicos (Kajanto, 1965, p. 244), e o facto de o *nomen* ter formação cognominal parecem indicar origem indígena para o defunto. A paleografia e os formulários, a ausência de *praenomen*, bem como a tipologia do monumento associada à função funerária, apontam uma cronologia balizável entre a segunda metade do século II e a primeira do seguinte.

76 (89/04/02/19/6) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. XX, 79)

Suporte: Estela.

Material: Xisto moscovítico.

Descrição: Estela dupla de cabeceiras semicirculares, diagonalmente fracturada em baixo. O trabalho de acabamento está presente na face anterior e nas laterais, enquanto que a posterior apenas foi desbastada; na superfície da anterior, permanecem finíssimas linhas-guia que serviram para auxiliar na definição dos espaços que em cada metade da inscrição cabiam aos três registos que a compõem. Lateralmente, ligeírrimas escoriações.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; torques; esquadros; veado; círculos; elementos arquitectónicos.

Decoração: Nas cabeceiras, rodas de seis raios curvos semienvolvidas por torques, que sobre elas repousam; a orientação dos raios da roda esquerda é sinistrorsa, enquanto que a da roda direita é oposta; abaixo, de cada um dos lados, esquadros com círculo, de centro apontado, no ângulo interno; entre eles, no eixo central da estela, representação de veado adulto com imponentes hastes de cinco e seis pontas. Todos os elementos decorativos da cabeceira resultam de incisão, à excepção da representação do corpo do veado, que se apresenta em relevo gravado. No registo decorativo inferior, subjacente aos campos epigráficos, e actualmente incompleto, dois arcos ultrapassados rebaixados.

Dimensões: [69,5]/40/9.

Campos epigráficos: Subcruciformes, dispostos lado a lado, embora não exactamente simétricos; o seu formato rebaixado cria, lateralmente, representação estilizada de pilastras e, ao meio, de coluna, com respectivos capitéis.

Dimensões: A): 21,5/16,5; b): 20,5/15,5.

Conservação: Regular, embora no campo esquerdo seja notório algum desgaste e pequena escoriação ao nível da l. 2.

Local de achado: Modorro.

Circunstâncias: Descobriu-se metida na parede de um palheiro de António Agostinho Rodrigues, situado no Bairro do Modorro; das paredes do mesmo palheiro saiu outra estela (n.º 120) e o fragmento de uma terceira (n.º 118).

Paradeiro: Residência de António Agostinho Rodrigues, sita no Largo do Modorro, Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1990, p. 212-214; *AE*, 1990, 538; Lemos, 1993, IIa, p. 101; *HEp* 4, 1025; Dias, 1994, p. 442, n.º 192; García, 1996a, p. 1620, n.º 354.

inscrição a):

D(is) M(anibus) / PROCV/L(o uel ae) ALBV/CI (filio uel filiae) AN(norum) XX (uiginti) / ⁵ S(it) T(ibi) T(erra) L(euis)

Aos deuses Manes. A Próculo(a), filho(a) de Albúcio, de 20 anos. Que a terra te seja leve.

inscrição b):

D(is) M(anibus) / ATE

Aos deuses Manes. A Ata.

Alt. das letras: Inscrição a): l. 1: 3,1; l. 2: 3,1/3,2 (V e O = 2,1); l. 3: 2,3/3,2 (B = 4); l. 4: 2,3/3,6; l. 5: 3,9/4,2 (S = 2,9; L = 2,8); inscrição b): l. 1: 2,2/2,8; l. 2: 3,6/4.

Espaços: Inscrição a): 1: 1,1/1,5; 2: 0,8/1,8; 3: 0/1,5; 4: 0,4/3,6; 5 e 6: 0/1,4; inscrição b): 1: 1,5; 2: 0/0,5; 3: 12,1/12,8.

Variantes: Inscrição a): l. 2: PRO SV (Afonso, *AE*, *HEp*, Dias, García); l. 3: C(esso uel essa) ALBV (Afonso, *AE*, *HEp*, Dias, García), LO ALBV (Lemos); l. 4: CI(i filio uel filia) (Afonso, *HEp*, Dias), CI (filio uel filia) (*AE*), CI ANN (Lemos); inscrição b): l. 2: ATE [---] (Afonso, *HEp*, Lemos, García); em *AE*, *HEp*, Lemos e García supõe-se a inscrição incompleta.

Comentário: Em ambas as inscrições, l. 1 centrada na parte mais estreita do campo epigráfico e as seguintes alinhadas à esquerda. Capitais alongadas e angulosas, de ductos irregulares e com alguma influência cursiva, nomeadamente nos AA e MM. Na inscrição a): DD de pança pouco curvilínea; P e R de pança triangular, tal como a superior do B; O intencionalmente de menor módulo; AA sem travessão central e dissemelhantes entre si (na l. 2, de hastes desligadas e, na seguinte, de haste esquerda, curvilínea, mais alta que a direita); LL de barra oblíqua e comprida que, no da l. 3, não chega a unir com a haste; S bem proporcionado; TT de barra descentrada e com ligeira inclinação à direita. Na inscrição b): D largo e anguloso; A sem travessão central; T de barra bastante descentrada; E de barras iguais e paralelas, mas com inclinação à esquerda. A gravação deste epitáfio parece mais grosseira, indiciando momento distinto de execução relativamente à primeira.

No primeiro epitáfio, não é possível determinar o sexo do jovem defunto porque não se completou a gravação do nome com a respectiva desinência – que, a existir, talvez indicasse um dativo, tal como se sugere para a outra inscrição. A pequena escoriação alojada junto ao C da l. 2, bem como a ténue irregularidade da pedra junto ao L da linha seguinte, induziram a leitura engenhosa na sua primeira publicação; porém, a estrutura textual não foge à regra dos epitáfios da região, desta feita com invocação aos Manes e fórmula final.

O cognome latino *Proculus* e a sua forma feminina estão bastante documentados na Península, ocupando a sétima posição na frequência de *cognomina* calculada por Abascal (1994, p. 471-472). Considerando apenas o Noroeste peninsular, verifica-se ter boa representação nas áreas leonesa e transmuntano-zamorana; nesta última, podemos, ainda, assinalar testemunhos em Bragança (n.º 77), Cova da Lua (n.º 78), Nogueira (n.º 79), Vila Nova (n.º 71), El Pino (*CIL* II 2616), Villalcampo (*HAE* 924) e, já a sul do Douro, Moral de Sayago (*ILER* 2234). O patronímico, *Albucius*, é, por seu lado, indígena e, na Península, apenas se encontra documentado no território transmuntano-zamorano, com testemunhos procedentes de Saldanha (Mourinho, 1987, p. 106, n.º 37) e de Tardobispo (*ILER* 3323), este já em presumível território dos *Vaccei*.

O segundo epitáfio, mais sucinto, resume-se à invocação aos Manes seguida do nome da defunta. Não temos razões para o supor incompleto. Documenta, mais uma vez, o nome *Ata*, que conta com, pelo menos, outros três testemunhos em território peninsular, distribuídos pelas províncias de Sória (*CIL* II 2845), Palencia (Sagredo e Crespo, 1978, p. 82) e Clunia (Palol e Vilella, 1987, G-1); pertence à mesma série onomástica de *Atta* que, à escala do Nordeste transmuntano, encontramos em Palaçoulo (Alves, 1947, p. 432-433) e em Atenor (Mourinho, 1986, p. 24-25, n.º 15). No caso vertente, parece verificar-se monotongação de *-ae* em *-e*, fenómeno bem documentado noutras regiões peninsulares e que pode ter igualmente ocorrido com o teónimo da inscrição n.º 4.

Em ambas as inscrições, a onomástica espelha, claramente, um ambiente indígena, não traíndo a própria iconografia da peça.

A estrutura dos textos data-os de um momento posterior ao início do século II; porém, algumas das particularidades textuais, a própria paleografia, e até a ornamentação, são elementos que podem militar em favor de uma datação mais tardia.

77 (122/04/02/42/4) Santa Maria, Santa Maria, Bragança. (Est. XX, 80)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, com esquema decorativo tripartido; a parte posterior apresenta acabamento grosseiro, dissemelhante do que foi dado às restantes faces. Está fracturada ao nível do registo decorativo inferior e as suas superfícies apresentam ligeiro desgaste.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; elementos arquitectónicos.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos sinistrorsos esculpida no interior de campo ultra-semicircular rebaixado. No registo decorativo inferior, incompleto, três arcos ultrapassados, próximos da forma de “empunhadura de espada”, rebaixados.

Dimensões: [84]/48,5/18,5.

Campo epigráfico: Subcruciforme e em rebaixe.

Dimensões: 16/35,5.

Conservação: Desgaste superficial.

Local de achado: Quatro Caminhos.

Circunstâncias: Apareceu, conjuntamente com a n.º 41, quando, em Outubro de 1981, se abria um poço para rega num terreno da firma Afonso & Filhos, sediada nos Quatro Caminhos (Afonso, 1981, p. 147).

Paradeiro: MAB (n.º 1670), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1981, p. 146-150; *AE*, 1982, 572; Lemos, 1993, IIa, p. 52; García, 1996a, p. 1594-1595, n.º 310.

PROCVLO / REBVRRINI (filio) / AN(norum) XXX (triginta)

A Próculo, filho de Reburino, de 30 anos.

Alt. das letras: L. 1: 3,5/4,3; l. 2: 3,8/4,9; l. 3: 4,2/5,5.

Espaços: 1: 0/0,5; 2: 0,5/1; 3: 0,8/1,6; 4: 0,5/0,8.

Comentário: L. 1 centrada na parte superior e mais estreita do campo epigráfico e as restantes com alinhamento à esquerda. Espaços interlineares bem definidos. Caracteres de módulo reduzido e de ductos mais ou menos regulares; P de pança aberta e RR a partir desta letra; B de panças desiguais sem que, ao meio, unam com a haste; A sem travessão central. Gravação de sulco fino.

Onomástica bem conhecida na região. Relativamente a *Proculus*, vimos já tratar-se de cognome latino dos mais frequentes na Hispânia romana (cf. n.º 76). O cognome *Reburinus*, derivado de *Reburus*, parece ser tipicamente hispânico (Albertos, 1966, p. 192), como já se comentou a propósito do epítáfio de *Calpurnius Reburinus* (n.º 39).

 78 (73/04/02/13/4) Cova de Lua, Espinhosela, Bragança. (Est. XXI, 81)

Suporte: Estela.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, com esquema decorativo tripartido, presumivelmente incompleta.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; elementos arquitectónicos.

Decoração: De acordo com desenho de Cardoso Borges (1721-1724, f. 147), a cabeceira acolheria roda de dez raios curvos dextrorsos (em relevo?) dentro de campo (ultra-?)semicircular (rebaixado?) e o registo decorativo inferior seria composto por três arcos (rebaixados?), aparentemente degenerados em forma de palmatória.

Campo epigráfico: Rectangular.

Local de achado: Casarelhos.

Circunstâncias: Encontrada por Cardoso Borges (1721-1724, f. 146v) *em hum monte chamado Castro* que F. M. Alves (1934, p. 54) considera corresponder aos Casarelhos.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 146v-147v; *CIL* II 2510; Alves, 1909, p. 352-353 (= 1934, p. 54); *ILER* 2295; Lemos, 1993, IIa, p. 84; García, 1996a, p. 2137, n.º 130.

PROCVLO / SILONIS (filio) / AN(norum) . 「LVIII」 (octo et quinquaginta) .

A Próculo, filho de Silão, de 58 anos.

Variantes: L. 3: AN . DVM (Borges, *CIL*, Alves 1909, *ILER*). Lemos não transcreve a pontuação; em *CIL* e García é ignorado o ponto no final da l. 3.

Comentário: A transcrição legada por Cardoso Borges é facilmente inteligível, parecendo-nos evidente que na derradeira linha haverá erro de leitura: DVM em vez de LVIII. Os cognomes *Procula/-us*, como se referiu a propósito da inscrição n.º 76, são latinos e bastante vulgares no conjunto peninsular. *Silo* é, da mesma forma, cognome bem conhecido em solo hispânico, documentando-se também em Nogueira (n.º 73).

79 (110/04/02/25/3) Nogueira, Nogueira, Bragança. (Est. XXI, 82)

Suporte: Estela.

Material: Mármore.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, partida logo abaixo do campo epigráfico e com ligeiras escoriações ao longo das arestas. Na face anterior, vestígios de linhas auxiliares traçadas para orientação na execução dos diversos elementos decorativos.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; círculos.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos dextrorsos gravada sobre peanha em ressalte cuja base repousa sobre o campo epigráfico; a enquadrá-la, campo ultra-semicircular delimitado por moldura em ressalte, com círculos, também relevados, nos ângulos internos.

Dimensões: [43]/20/4.

Campo epigráfico: Cruciforme e delimitado por linha profundamente gravada; permanecem, ostensivamente, as linhas auxiliares traçadas para orientação do lapicida.

Dimensões: 12,5/15,2.

Conservação: Regular.

Local de achado: Nogueira (Cigadonha?).

Circunstâncias: Como já se referiu, a sua descoberta deve ter acontecido ao mesmo tempo que a das inscrições n.ºs 53, 73, 86, pois foram compradas em conjunto e para todas se indica a mesma proveniência (Brandão, 1960, p. 350).

Paradeiro: Casa do Adro, Viseu.

BIBLIOGRAFIA: Brandão, 1960, p. 353-355, n.º 2; *AE*, 1987, 564b; Vaz, 1988², p. 24-26, n.º 8; Lemos, 1993, IIa, p. 111; García, 1996a, p. 1596-1597, n.º 313.

D(is) M(anibus) / QUADRAT/VS . PROCV/LI (filius) . AN̄(norum) . L (quinquaginta)

Aos deuses Manes. Quadrado, filho de Próculo, de 50 anos.

Alt. das letras: 1,6/2,2.

Variantes: L. 3: Vaz não regista o ponto; l. 4: AN(norum) (Lemos, García).

Comentário: Paginação fruste e com deficiente alinhamento à esquerda. A l. 1, gravada na parte mais estreita do campo, foge a um alinhamento ao centro, embora não regule as restantes linhas. A maior extensão da l. 3 levou o lapicida a puxá-la ligeiramente à esquerda, fazendo coincidir o vértice do V inicial com a linha auxiliar vertical. Gravação profunda. Espaços interlineares praticamente ausentes devido à utilização da quase totalidade da altura entre linhas auxiliares. Caracteres tendencialmente actuários, de traçado e alturas irregulares; AA sem travessão central, à excepção do que integra o nexu AN; P e RR de panças abertas; O circular, mas miúdo, gravado acima da linha, da mesma forma que o círculo do Q, que, porém, fica, pela sua cauda, colocado ao nível desta guia horizontal. Na l. 2, a pança do D não chegou a ser executada. Pontuação redonda.

Onomástica totalmente latina. O cognome *Proculus*, como temos vindo a referir, está bem documentado na região de Bragança (cf. n.ºs 71, 76, 77 e 78), à semelhança do que acontece na totalidade da Hispânia (Abascal, 1994, p. 471-472). Não existe na Península testemunho correspondente à forma feminina de *Quadratus* (Abascal, 1994, p. 476), nome cujo significado se relaciona com o físico (Kajanto, 1965, p. 65, 232) e que tem no Noroeste outras ocorrências, nomeadamente em Astorga (*CIL* II 2642), Rosinos de Vidriales (*CIL* II 2600) e Valduno (*HAE* 1664).

Seguindo os mesmos critérios de datação aplicados à estela n.º 39, ambas integráveis no denominado *tipo "Picote"*, será datável do século II ou já da primeira metade do século III.

80 (61/04/02/12/14) Vila Nova, Donai, Bragança. (Est. XXI, 83)

Suporte: Estela.

Material: Talco.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, aparentemente incompleta, com as faces laterais trabalhadas e a parte posterior desbastada de forma mais grosseira.

Elementos decorativos: Figura humana; tridente.

Decoração: Na cabeceira, figura humana, de pé e de frente, no interior de campo ultrasemicircular rebaixado que tem por baixo, em posição central, tridente gravado. A figura, sobre plataforma, apresenta o braço esquerdo levantado e o direito dobrado em V; a execução deste motivo alia a escultura e a incisão, esta utilizada na pormenorização das orelhas, olhos e boca.

Dimensões: [84]/27,5/11,5.

Campo epigráfico: Não formalizado.

Local de achado: Devesa de Vila Nova.

Circunstâncias: Desconhecidas.

Paradeiro: MAB (n.º 1502), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1934, p. 84, n.º 46; Lopo, 1987, p. 54; Lemos, 1993, IIa, p. 79-80; García, 1996a, p. 1600-1601, n.º 320; Rodríguez, 1997, p. 267-268, n.º 297.

REBVR/RINO / REBVR/RI (filio) A(nnorum) XV (quindecim)

A Reburino, filho de Reburro, de 15 anos.

Alt. das letras: L. 1: 5,5/6; l. 2: 5,2/6; l. 3: 5,4/6; l. 4: 5,6/6.

Espaços: 1: 2/2,4; 2: 0,7/1,3; 3 e 4: 0,5/1,7; 5: 0,8/1.

Comentário: L. 2-4 rigorosamente alinhadas à esquerda, enquanto que a l. 1 se apresenta sensivelmente centrada. Gravação profunda. Caracteres tendencialmente alongados e de ductos irregulares; RR de pança aberta unida a traço oblíquo, direito ou convexo, com excepção do segundo R da l. 3, cuja pança é fechada; BB gravados a partir de RR, como se comprova na l. 1; A sem travessão central; N com base em A; O subcircular. Os dois últimos caracteres da l. 4 produziram-se inclinados de forma a melhor aproveitar o espaço disponível e a evitar o seu adelgaçamento.

O jovem defunto pertence, indubitavelmente, a família nativa, o que denunciam a forma como se identifica e a própria antroponímia. *Reburinus* é cognome indígena já comentado a propósito da estela n.º 39, procedente de Babe; no caso vertente, evidencia-se que o sufixo *-inus* detém um valor patronímico (Reburino, filho de Reburro). Tal como o anterior, o nome *Reburrus* é frequente em território peninsular; ocupa, associado à correspondente forma feminina, a 18.^a posição no rol dos *cognomina* mais frequentes registados na Hispânia romana e a terceira considerando apenas os indígenas (Abascal, 1994, p. 480-482). Para M. L. Albertos (1985-1986, p. 180), o núcleo de expansão e origem deste nome, e das suas variantes, situa-se precisamente entre Trás-os-Montes e Zamora, Salamanca, Cáceres e a Beira Interior (cf. Untermann, 1965, p. 155-156, mapa 66). No território atribuível à *ciuitas Zoelarum*, também se documenta, por duas vezes, em Villalcampo (*HAE* 889, 929); tem, além destes, outros testemunhos em regiões próximas: em Adeganha (Brandão, 1959-1960, p. 40-41) e em Felgar (*CIL* II 6290), no Sul do Nordeste transmontano, e, do outro lado do troço internacional do Douro, nas proximidades de Villalcampo, em Fresnadillo e em Moral de Sayago (Abascal, 1994, p. 481).

Esta estela constitui, na região bragançana, um exemplar atípico pela sua plástica decorativa, que, contudo, tem grande tradição no mundo romano desde a época republicana; há no Noroeste peninsular outros exemplos afins, de forma geral com figuras estilizadas (García y Bellido, 1967; Pérez, 1994; García-Gelabert e Blázquez, 1994).

81 (I27/04/05/02/3) Pinhovelo, Amendoeira, Macedo de Cavaleiros. (Est. XXI, 84)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira arredondada, fragmentada pelo campo epigráfico. O acabamento da face posterior apenas sumariamente foi realizado. O topo apresenta-se quebrado e as superfícies, bastante gastas, com múltiplas escoriações que afectam, sobretudo, as arestas.

Elementos decorativos: Crescente.

Decoração: Na cabeceira, crescente invertido, obtido por rebaixe.

Dimensões: [33]/25/11,5.

Campo epigráfico: Formato quadrilateral, em rebaixe.

Dimensões: [20,5]/16,5.

Conservação: Superfície bastante irregular, acusando desgaste superficial.

Local de achado: Pinhovel.

Circunstâncias: Julga-se ter aparecido numa propriedade da família Correia Araújo, situada junto à sua casa de habitação, em Pinhovel.

Paradeiro: Residência dos Correia Araújo, Pinhovel.

BIBLIOGRAFIA: Inédita.

DI(s)? M(anibus)? / \overline{RIBVR} /R \overline{A} A?/[---

Aos deuses Manes (?), Reburra [---

Alt. das letras: L. 1: 5,5; l. 2: 7,2/7,5 (R = 6,6).

Espaços: 1: 0/0,4; 2: 0/1; 3: 0/0,7.

Comentário: A interpretação da inscrição é muito delicada devido à extrema irregularidade dos caracteres, claramente influenciados pela escrita cursiva; a gravação, bastante larga, está executada em superfície irregular, não sendo de estranhar a possibilidade de se tratar de regravação. A leitura da l. 1 é apenas provável. Na l. 2, parecem seguros os nexos BI e VR. O texto segue um alinhamento à esquerda, já que todas as linhas se iniciam exactamente no limite da superfície epigrafável.

Há a registar a presença do cognome *Reburra*, no caso vertente com particularidade de o *-e-* estar substituído por *-i-*, pelo que a sua pronunção deveria ser, muitas vezes, bastante próxima. Como vimos anteriormente, em Vila Nova tem testemunho a forma masculina deste antropónimo (n.º 80).

82 (60/04/02/12/13) Vila Nova, Donai, Bragança. (Est. XXII, 85)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela, fragmentada superior e inferiormente, com trabalho de acabamento em todas as faces. Conserva o campo epigráfico quase completo e registo decorativo abaixo dele.

Elementos decorativos: Esquadros; tridente.

Decoração: Subjacentes ao campo epigráfico, insculpidos, dois esquadros e tridente em posição central.

Dimensões: [35,5]/24/9,5.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Dimensões: 13/[15].

Conservação: No lado direito, a danificação do rebordo da estela afecta-o marginalmente.

Local de achado: Devesa de Vila Nova.

Circunstâncias: Apareceu, com as epígrafes n.ºs 71 e 103, no lado sul do cabeço onde se implanta o *habitat* romano designado de Devesa de Vila Nova (Lopo, 1909, p. 51).

Paradeiro: MAB (n.º 1520), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1909, p. 51-52; Alves, 1934, p. 84-85, n.º 47; Lopo, 1987, p. 54; Lemos, 1993, IIa, p. 79; García, 1996a, p. 1607, n.º 332; Rodríguez, 1997, p. 260, n.º 279.

SALAI / PINTON(is filii)

De Salaio, filho de Pintão.

Alt. das letras: L. 1: 4,5/4,9; l. 2: 4,1/5,1.

Espaços: 1: 0,6/1,1; 2: 0,4/0,6; 3: 1,7/2,5.

Variantes: L. 1: SALAI[E] (Lemos); l. 2: PINON (Lopo, Alves), PINTONI (Lemos), PINTONI (García).

Comentário: Respeito por um alinhamento à esquerda. Capitais tendencialmente actuais, cuja gravação denota certa inclinação para trás; AA desprovidos de travessão central; P de pança reduzida; O ovalado. Na l. 2, nexu NT. Supomos a inscrição completa, considerando que, na segunda linha, a haste direita do N está gravada exactamente no limite do campo epigráfico, que se adivinha.

O nome *Salaius* é indígena (Albertos, 1972b, p. 309-310) e está escassamente representado na onomástica peninsular, como vimos a propósito da inscrição n.º 31, procedente de Castro de Avelãs. Interpretamos o antropónimo abreviado como patronímico; trata-se de *Pinto*, que também aparece documentado no Sagrado de Donai (n.º 69) e em Villalcampo (HAE 914).

83 (25/04/02/08/4) Castrelos, Castrelos, Bragança. (Est. XXII, 86)

Local de achado: Cabeço de S. João.

Circunstâncias: A lápide parece ter sido encontrada, juntamente com uma pia de pedra cheia de moedas de ouro do imperador Antonino, quando, em 1591, se abriam os alicerces para uma capela (Anjos, 1626, p. 92) – presumivelmente a de S. João (cf. Pinheiro, 1895, p. 110).

Paradeiro: Desconhecido. Segundo Cardoso Borges (1721-1724, f. 148v), que diz tê-la visto muitas vezes, teria sido reaproveitada na reedificação da igreja de Castrelos.

BIBLIOGRAFIA: Anjos, 1626, p. 92; Cardoso, 1657, p. 44; Borges, 1721-1724, f. 148v-149v; Argote, 1732, p. 392; CIL II 2514; Pinheiro, 1888, p. 85-86, 1895, p. 110; Lopo, 1900c, p. 50, 1908a, p. 250; Alves, 1909, p. 4-5; ILER 6576; Lopo, 1987, p. 24-25; García, 1996a, p. 1608-1609, n.º 334; Rodríguez, 1997, p. 252, n.º 260.

--- / SEMPRON(ius uel ia?) . TVDIT(anus uel ana?) . / ʀANN¹ORVM IX (nouem) M(ensium?) . / [---

---] Semprónio(a) (?) Tuditano(a) (?), de 9 anos, [---] meses (?) [---

Variantes: L. 1: C . SEMPRON . TVDIT (*CIL, ILER* com ponto no final), C(aius) . SEMPRON(ius) . TVDIT? (*García*), C(aius) SEMPRON(ius) . TVDIT(anus) (*Rodríguez*), Lopo não regista o ponto final; l. 2: NVMORVM (*Anjos, Cardoso, Borges, Pinheiro, Lopo, Alves*), NVMMORVM (*CIL, ILER, García*), 「ANNORVM」 IX M(ensium) [...] (*Rodríguez*), diferenças na pontuação entre as várias publicações.

Comentário: Segundo Cardoso Borges, as letras da l. 2 eram *desimilhantes das primeiras, que estavam m.to melhor cortadas, e mais avultadas*.

A inscrição, tal qual nos foi transmitida por Cardoso Borges, encerra dificuldades interpretativas, sendo aconselhável a correcção introduzida na l. 2. Borges associou esta inscrição à figura de *Caius Sempronius Tuditanus*, mencionado por Tito Lívio, defendendo que estaria em Castrelos a sua sepultura, mas o Abade de Baçal demonstrou já a irrazoabilidade da proposta; talvez por esse motivo alguns autores considerem a sigla C(aius) na l. 1, que, contudo, não é transmitida por aquele erudito. A reconstituição é naturalmente dubitativa quanto ao caso utilizado.

O gentílico *Sempronia/-us* surge com bastante frequência na Península – Abascal (1994, p. 214-218) atribui-lhe a sétima posição no conjunto dos gentílios documentados – e, no espaço transmontano, aparece ainda registado em Torre de Moncorvo (Lemos, 1993, IIa, p. 345). *Tuditanus* é um cognome republicano derivado de *tudes* (Kajanto, 1965, p. 109, 343); sem outro testemunho peninsular, deixa algumas reservas quanto à correcção da leitura.

■ 84 (56/04/02/12/9) Donai, Donai, Bragança. (Est. XXII, 87)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela, truncada no topo, cuja cabeceira se presume ter sido semicircular, atendendo à ornamentação conservada. O trabalho de acabamento é visível nas quatro faces, sendo as arestas posteriores biseladas. Abaixo dos campos epigrafados, ficou em bruto.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros; crescente.

Decoração: Na cabeceira, roda de oito raios curvos dextrorsos esculpida dentro de círculo relevado e, abaixo dela, par de esquadros de extremidades bífidas rebaixados que enquadram crescente executado do mesmo modo.

Dimensões: [107]/39,5/15,5.

Campo epigráfico: Para além do campo original, rebaixado e de formato rectangular, foi esboçado, *a posteriori*, um segundo campo (15/28), igualmente rebaixado e tendencialmente rectangular, que alberga as duas últimas linhas do epitáfio. O rebordo da estela encontra-se rebaixado de cada um dos lados do campo epigráfico original, criando-se como que duas molduras interpretáveis como estilizações de colunas; esse rebaixe ultrapassa o limite superior do campo, terminando em ângulo recto ao lado dos esquadros da cabeceira, e também se prolonga inferiormente, desaparecendo de forma imprecisa.

Dimensões: 27/24,5.

Conservação: Regular.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Apareceu, na década de 80, numa propriedade de Teresa Morais (Afonso, 1986, p. 484), conjuntamente com as estelas n.ºs 19, 28, 48, 52 e 69.

Paradeiro: Junta de Freguesia de Donai, Donai.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1986, p. 484-486, n.º 5; *HEp* 2, 766; Dias, 1990, p. 422, n.º 108; Lemos, 1993, IIa, p. 77; García, 1996a, p. 1631-1632, n.º 371.

TRITIA/E . ABIN/I . F(iliae) . ELA/ESV̄S CĀPI/5TONIS (filius) . / M(onumentum uel aritus) . P(osuit) .

A Trícia, filha de Abino. Eleso, filho de Capitão, colocou o monumento (ou o marido, Eleso, filho de Capitão, colocou).

Alt. das letras: L. 1: 5/5,8; l. 2: 5,2/6; l. 3: 4,9/6 (I = 4,5); l. 4: 4,8/6 (E = 6,5; S = 6,3); l. 5: 4/5 (S = 7,2); l. 6: 4,2 (P = 6,5).

Espaços: 1: 1,5/2,5; 2: 1,1/1,8; 3: 0,5/2,3; 4: 0,8/1,8; 5: 4/5,5; 6: 0,5/1.

Variantes: L. 2: ALBIN (Lemos, García); l. 3: I (filiae) . E(t) ELA (Afonso), I [F(iliae)] E[T] ELA (*HEp*, Dias), I ELA (Lemos), I (filiae) ELA (García); l. 4: ESVS CAPI (Lemos, García); l. 5: TONI(s) S(uum) (Afonso, *HEp*, Dias), TONIS (Lemos); l. 6: M . ? . (Lemos), M(---) (García). A l. 4 não é lida por Afonso e, conseqüentemente também não é considerada em *HEp* e Dias. Há diferenças no registo da pontuação entre os vários autores: Afonso não faz a leitura do segundo ponto da l. 3, nem da pontuação das l. 5 e 6; Lemos apenas considera a da última linha; *HEp*, Dias e García não a registam.

Comentário: No campo superior, texto alinhado à esquerda e à direita e, no inferior, à esquerda; recurso à translineação não silábica. Gravação profunda e larga. Caracteres ligeiramente alongados, de *ductus* irregulares e inclinações diversas; AA sem travessão central; NN a partir de AA; SS esguios; TT de barra ligeiramente côncava, excepto o da l. 5 que tem barra horizontal completamente descentrada; R de pança fechada e, na l. 6, P de pança aberta. Na l. 4, nexos VS e AP: o primeiro de haste oblíqua ligada à extremidade inferior de um S, o segundo da maneira habitual. Pontuação redonda.

Onomástica predominantemente indígena, tal como a forma de identificação da defunta e do dedicante do monumento. *Tritia* tem escassos testemunhos quando comparados com os da correspondente forma masculina (Abascal, 1994, p. 532); para além de um outro exemplo em Villalcampo (*HAE* 914), atesta-se em Yecla de Yeltes (*HAE* 1356), na província de Salamanca, e em Jerez de los Caballeros (*AE*, 1971, 161), na de Badajoz. *Abinus* apenas surge documentado mais uma vez, em Torre de D. Miguel (*CIL* II 754), na província de Cáceres, mas Palomar Lapesa (1957, p. 21) refere que o feminino, *Abina*, é conhecido em Milão (*CIL* V 6302). O nome do dedicante, *Elaesus*, é também indígena e foi já comentado a propósito das inscrições n.ºs 26 e 52. O seu patronímico é, no entanto, latino, como se viu a propósito da inscrição n.º 17.

Deve excluir-se *Elato* das listas onomásticas (cf. Abascal, 1994, p. 350) por resultar, exclusivamente, da má leitura deste monumento.

A presença da fórmula M(*onumentum*) P(*osuit*) poderia constituir um indício cronológico para a datação da epígrafe, levando em linha de conta que a generalização do termo

monumentum na epigrafia funerária peninsular parece dar-se a partir de meados do século II (Iglesias e Ruiz, 1998, p. 73); a exuberância decorativa também poderá corroborar uma datação posterior aos meados deste século.

85 (67/04/02/12/20) Vila Nova, Donai, Bragança. (Est. XXII, 88)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela, fragmentada superior e inferiormente, que conserva apenas parte do campo epigráfico.

Dimensões: [32]/47.

Campo epigráfico: Teria formato quadrilateral e, possivelmente, seria rebaixado.

Conservação: A fractura superior implicou a destruição do final da l. 1 e a inferior levou à perda da parte final do texto.

Local de achado: Tesouro/Quinta do Britelo.

Circunstâncias: Encontrada, tal como as estelas n.ºs 34 e 70, no sítio apelidado de Tesouro, quando, em 1944, se procedia à plantação de vinha (Alves, 1947, p. 601). Contrariamente às outras que referimos, não chegou a ser depositada no Museu de Bragança.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1947, p. 601-603; Lemos, 1993, IIa, p. 81; García, 1996a, p. 1633, n.º 373.

TRI[TIO uel TIAE?] / CORO/GENI / F(ilio uel iliae) AN(norum) / [---

A Trício(a) (?), filho(a) de Corogeno, de [---] anos.

Comentário: De acordo com o desenho publicado por Alves, o texto estaria alinhado à esquerda, com excepção da l. 4; quanto às letras, e acautelando a pouca fidelidade da ilustração, talvez seja possível acreditar que os RR apresentavam pança fechada e que os AA eram desprovidos de travessão central.

Tritia/-us são, como se sabe, nomes indígenas bastante bem documentados em solo peninsular, supondo-se que um deles possa corresponder ao nome do defunto. O nome *Corogeni* (gen.), não se encontra atestado qualquer outra vez; a sua estrutura é, porém, credível. Podem detectar-se duas raízes na sua composição: *Coro-geni*; o radical *Coro-* já se sabe ser “produtivo” na antroponímia indígena (Albertos, 1966, p. 97) e *-genos* aparece com frequência na composição de nomes de duas raízes (Albertos, 1966, p. 279-280).

86 (III/04/02/25/4) Nogueira, Nogueira, Bragança. (Est. XXIII, 89)

Suporte: Estela.

Material: Mármore.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, com a base isenta de elementos decorativos e acabada de forma mais rude. Apresenta falhas no topo e escoriações ao longo das arestas.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros; torques.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos dextrorsos gravada sobre peanha em ressalte cuja base limita superiormente o campo epigráfico; é envolvida por semicírculo com remate cónico nas pontas, semelhante torques, continuado, inferiormente e de cada um dos lados, por dois esquadros, todos em relevo.

Dimensões: 49/19/4.

Campo epigráfico: Cruciforme e em rebaixe; no seu interior permanecem visíveis duas linhas auxiliares.

Dimensões: 8,5/15,5.

Conservação: Ligeiramente danificado na parte esquerda.

Local de achado: Nogueira (Cigadonha?).

Circunstâncias: Como já se referiu, a sua descoberta deve ter sido feita em conjunto com as inscrições n.ºs 53, 73, 79 (cf. Brandão, 1960, p. 350), embora as circunstâncias exactas do seu achado permaneçam desconhecidas.

Paradeiro: Casa do Adro, Viseu.

BIBLIOGRAFIA: Brandão, 1960, p. 350-353, n.º 1; AE, 1987, 564a; Vaz, 1988², p. 22-24, n.º 7; Lemos, 1993, IIa, p. III-112; García, 1996a, p. 1644-1645, n.º 394.

VIRONO C/AELENI (filio) AN(norum) / II (duorum)

A Virono, filho de Celeno, de 2 anos.

Alt. das letras: 1,5/2,5.

Comentário: Superfície epigráfica preparada para acolher duas fiadas de texto, como demonstram as linhas auxiliares; o epitáfio aparece alinhado à esquerda e à direita, mas a insuficiência do espaço motivou a incisão do numeral II, de forma acanhada, entre a segunda linha e o limite inferior do próprio campo. Translineação não silábica. Espaços interlineares ausentes devido à utilização integral da altura entre as linhas auxiliares. Caracteres de tendência actuária e de mau desenho; AA sem travessão central; N com base em A; R de pança aberta cuja extremidade une com perna oblíqua; OO ovalados. Gravação profunda.

Do conjunto de estelas provenientes de Nogueira, esta é a única que não apresenta a *adprectio* aos Manes e em que a onomástica é totalmente indígena. O nome *Vironus* também aparece em Castro de Avelãs (n.º 32), tendo a esse propósito sido comentado. Do nome que desempenha a função de patronímico, *Caelenus*, conhece-se outro testemunho, igualmente em genitivo, em Madridanos, a sudeste de Zamora (*HAE* 933); a forma feminina correspondente documenta-se em Villalcampo (*HAE* 893). Segundo Albertos (1966, p. 67-68), este antropónimo pode ter relação com *Cileni* ou *Celeni*, *Cilenus...*, ou ser forma derivada do radical dos nomes *Caelius*, *Caelio*, etc.

Seguindo os critérios crono-tipológicos sugeridos por M. Navarro (1998) para as estelas do denominado *tipo "Picote"*, perante a ausência de invocação aos Manes e o facto de o campo epigráfico ser rebaixado sugere-se uma cronologia anterior aos meados da segunda centúria, possivelmente ainda da segunda metade do século I.

Suporte: Estela (?)/ara (?).

Material: Granito.

Descrição: Epígrafe fragmentada e desprovida de qualquer elemento decorativo; tipologicamente, tanto pode corresponder à parte inferior de uma estela como de uma ara: a base, aparentemente mais espessa, parece ter sido desbastada e, desta forma, não permite uma classificação segura, atendendo a que a epígrafe se encontra embutida em parede de alvenaria. A superfície acusa desgaste e está rendida verticalmente.

Dimensões: [52]/40/-.

Campo epigráfico: Aparentemente, não formalizado; a inscrição ocupa toda a largura do monumento.

Dimensões: [38]/40.

Conservação: Fendido e bastante desgastado.

Local de achado: Castro de Avelãs (igreja).

Circunstâncias: Encontra-se embutida numa parede da torre sineira da igreja.

Paradeiro: Torre sineira da igreja de Castro de Avelãs.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1908c, p. 127; Vasconcelos, 1906, p. 359; Alves, 1934, p. 164; Lopo, 1987, p. 32.

---]/S F(ilia uel iliae) . AN(norum) XXXV (quinque et triginta) / AEMILIVS / HISPANVS / VXORI

---] filha de [---], de 35 anos. Emílio Hispano à esposa.

Alt. das letras: L. 1: 5; l. 2: 4,5/5; l. 3: 3,5/4,5; l. 4: 4,5.

Espaços: 1 e 2: 0,5/0,8; 3: 0,4/0,6; 4: 3,5.

Variantes: L. 1: S F A XXX (Lopo, Vasconcelos, Alves); l. 2: AEMILIV (Lopo, Alves), AEMILIV[S] (Vasconcelos); l. 3: VXOR (Lopo, Alves), VXOR[I] (Vasconcelos).

Comentário: Paginação respeitando alinhamento à esquerda. Gravação larga e profunda. Caracteres tendencialmente actuários; AA de *ductus* irregulares: na l. 1, sem travessão central e, nas l. 2 e 3, com meio travessão unido à haste esquerda, além de só os das l. 1 e 2 terem as extremidades das hastes esquerdas encurvadas para fora; M a partir de dois AA; P e R de pança curta e aberta; SS pouco curvos e de aspecto anguloso. Na l. 1, XX pegados, em cima e em baixo, e V unido, superiormente, ao X. Ponto de secção circular.

O dedicante deste monumento é portador de *duo nomina* latinos. *Aemilia/-us* é o quarto gentílico mais frequente no espaço ibérico e, no *conuentus Asturum*, tem grande representação em León (Abascal, 1994, p. 67-72); na região bragançana, conhece-se outro testemunho em Castrelos (n.º 15). O cognome tem origem étnica, relacionada com o próprio espaço peninsular; embora não pressuponha, necessariamente, que quem o use tenha uma origem hispânica (Kajanto, 1965, p. 50), é provável que reflecta, neste caso, a autoctonia do dedicante. Documenta-se também em Adeganha (*CIL* II 2397),

no Sul do território transmontano, não havendo outros testemunhos no Noroeste peninsular.

A identificação duonominial do dedicante aponta uma cronologia não anterior à segunda metade do século II, que a paleografia não nega.

88 (126/04/05/02/2) Pinhovel, Amendoeira, Macedo de Cavaleiros. (Est. XXIII, 91)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira incompleta, mas presumivelmente semicircular. Acabamento cuidado nas quatro faces e arestas posteriores em bisel. Conserva-se com escoriações profundas nas arestas da face anterior, afectando a ornamentação da cabeceira e, no lado esquerdo, o campo epigráfico.

Elementos decorativos: Rosácea.

Decoração: Na cabeceira, em relevo, rosácea hexapétala inserta em círculo; entre este motivo e o campo epigráfico, par de esquadros rebaixados.

Dimensões: [72,5]/26/10.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Dimensões: 27,5/21.

Conservação: No lado esquerdo, múltiplas escoriações que afectam, inclusive, o princípio da l. 1.

Local de achado: Pinhovel.

Circunstâncias: Proceda da Terronha, mas, por altura da sua publicação, encontrava-se na adega de Manuel António Carvalho (Alves, 1910a, p. 4). Posteriormente, foi adquirida por F. Manuel Alves (1909, p. 357) e cedida ao “Museu Ethnológico Português”, actual Museu Nacional de Arqueologia.

Paradeiro: MNA (E-6530), Lisboa.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1909, p. 357, 1910a, p. 3-4, 1934, p. 74; Lemos, 1993, IIa, p. 181; García, 1996a, p. 2082-2083, n.º 45; Rodríguez, 1997, p. 257, n.º 273b.

+NARIA / CLOVTI / F(ilia) ANN(orum) / LX (sexaginta)

[---], filha de Clúcio, de 60 anos.

Alt. das letras: L. 1: 4,6/5,5 (I = 4,2); l. 2: 4,5/4,8; l. 3: 4,5/5; l. 4: 4,5/5,2.

Espaços: 1: 0/0,5; 2: 0/1,2; 3 e 4: 0/0,5; 5: 6,6/6,8.

Variantes: L. 1: NARIA (Alves 1909, Rodríguez), (C)N(aea uel Annia uel Mania) ARIA (Alves 1910a), [C]NARIA (Lemos), [C?]NARIA (García); l. 3: IANN (Alves 1934, Rodríguez), ANN(orum) (Lemos), [F(ilia)] ANN(orum) (García); l. 4: LX[---](Lemos).

Comentário: Texto seguindo alinhamento à esquerda, sem translineações e quase sem espaços interlineares. Gravação profunda. Caracteres ligeiramente alongados, denotando influência cursiva; AA com travessão central substituído por traço unido à haste

esquerda, sendo esta mais curta que a direita; NN a partir de A; F de manifesta influência cursiva, representado por haste associada a traço paralelo mais curto.

No início da l. 1 falta uma letra – de que ainda se percebe uma barra paralela ao N: um V?; bastante menos prováveis, um I ou um A? –, que não nos possibilita a identificação segura do nome da defunta, o qual, em todo o caso, não terá paralelos. Segundo informação de J. M. Abascal² não seria difícil aceitar uma forma *-naria* para um nome em *-narea*, pelo que este nome poderia relacionar-se com *Pinarea*, nome conhecido por uma inscrição bracarense (*CIL* II 2445); referimos também o teónimo galo *Naria* (cf. Albertos, 1966, p. 164-165). O nome *Cloutius* é bem conhecido na região, e dele já se tratou a propósito da inscrição n.º 25.

89 (8/04/02/03/3) Babe, Babe, Bragança. (Est. XXIII, 92)

Descrição: Cardoso Borges (1721-1724, f. 153v) refere que a epígrafe era *muito bem entalhada*.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Foi vista por Cardoso Borges (1721-1724, f. 153v) encastrada no arco da capela de S. Pedro Velho.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 153v; *CIL* II 2508; Alves, 1909, p. 353, 1934, p. 41; *ILER* 2289; Lemos, 1993, IIa, p. 43; García, 1996a, p. 1655, n.º 412.

---] FRONTO/NIS (fili---?) . AN<N>O/R(um) . XVIII (duodeuiginti) .

---] filho(a) (?) de Frontão, de 18 anos.

Variantes: L. 1: TRONTO (*CIL*); l. 2-3: os autores que se referem à inscrição não assinalam a pontuação transcrita por Borges.

Comentário: O antropónimo latino *Fronto* é bastante frequente no espaço peninsular – Abascal (1994, p. 372-373) atribui-lhe a 19.ª posição na frequência de *cognomina* – e está bem representado no território zela; para além deste testemunho, assinalam-se quatro em Villalcampo (*HAE* 827/1501, 886, 897, 889), um em Picote (*EE* IX 292a) e um outro em Atenor (Mourinho, 1986, p. 24-25, n.º 15). Alude a características físicas, concretamente à testa (Kajanto, 1965, p. 236), e tem grande aceitação no mundo indígena.

90 (128/04/05/02/4) Pinhovelo, Amendoeira, Macedo de Cavaleiros. (Est. XXIV, 93)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: O desenho publicado por Alves (1910a, p. 3) é bastante esquemático, pelo que a configuração da estela pode não ser rectangular, como nele se representa; admi-

timos que talvez apenas se tenha representado o que permitia ver o vão da porta onde servia de padieira.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos sinistrorsos.

Dimensões: 117/30.

Local de achado: Pinhovelo.

Circunstâncias: Quando dela se deu a primeira notícia, encontrava-se na casa da família Sarmento – actualmente designada por casa dos Correia Araújo – a servir de padieira à porta da lage dos porcos (Alves, 1910a, p. 4). Não é conhecida a sua exacta proveniência.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1909, p. 357, 1910a, p. 3-4, 1934, p. 74; Lemos, 1993, IIa, p. 181-182; García, 1996a, p. 2178, n.º 194; Rodríguez, 1997, p. 257, n.º 273a.

M?[-?]?NI[-?]/VNA[-?] / CILV^rR^r[NI?] / F(ili-?) . ANN(orum) [-?]

Alt. das letras: 3,5.

Variantes: L. 1: WINI[-?] (Alves 1909, 1934), [-?]M[-?]NI? (Lemos), WINI[-?] (García), VINI[-?] (Rodríguez); l. 3: CILVI? (Lemos), CILVI[-?] (García), CILVI (Rodríguez). Lemos considera haver continuação da inscrição após a l. 4.

Comentário: F. M. Alves sugere como hipótese de reconstituição da l. 3 o genitivo *Cilurni*, antropónimo que se documenta noutra inscrição de Pinhovelo (n.º 61); sendo óbvio que nessa linha foi gravado um patronímico (ou parte dele), como sugere a abreviatura *F(ilius)* da linha seguinte, não será de menosprezar a proposta do Abade, até porque considera poderem faltar duas, ou mesmo três, letras no lado direito de cada linha.

91 (90/04/02/19/7) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. XXIV, 94)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela, incompleta, da qual se conserva parte do campo epigráfico e o início do registo decorativo inferior. Face posterior convexa. Esteve recoberta com reboco de areia e cal, recentemente removido, pelo que conserva pequenas manchas desse revestimento, bem como algumas mazelas provocadas pela limpeza mecânica.

Elementos decorativos: Elementos arquitectónicos.

Decoração: Abaixo do campo epigráfico, parte superior de dois arcos ultrapassados rebaixados.

Dimensões: [54]/56/21.

Campo epigráfico: Rebaixado e de configuração quadrilateral.

Dimensões: [20,5]/41.

Conservação: Medíocre. A amputação que a peça sofreu superiormente fez-se pela penúltima linha da inscrição.

Local de achado: Igreja de Grijó de Parada.

Circunstâncias: Identificada por nós, encontrando-se encastrada no fundo da parede direita do vão da entrada lateral da igreja.

Paradeiro: Igreja de Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Inédita.

---]++IŌ . ÇŁO/VTI F(ilio) AN(norum) C (centum)

---], filho de Clúcio, de 100 anos.

Alt. das letras: L. 2: 6,2/6,8.

Espaços: 1: 0,7/2; 2: 4.

Comentário: Apenas a última fiada de texto se conserva integralmente, estando alinhada à esquerda; na penúltima, O final gravado com módulo inferior ao das restantes letras, denotando, talvez, deficiente trabalho de paginação. A gravação adivinha-se firme. Caracteres de tendência actuária; T alto e de barra bastante curta; F de barras igualmente breves, prolongando-se a superior para a esquerda da haste; A sem travessão central e de hastes ligeiramente curvas. Na l. 1, ponto de secção circular.

A estela foi dedicada a um ancião cujo nome nos é desconhecido, mas que se identifica à maneira indígena. O próprio patronímico é indígena, como já se comentou a propósito da inscrição n.º 25. Destaca-se a idade bastante avançada do defunto, provavelmente arredondada.

92 (105/04/02/22/6) Meixedo, Meixedo, Bragança. (Est. XXIV, 95 e 96)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela presumivelmente de cabeceira semicircular, não integralmente conservada, da qual se conhecem dois fragmentos distintos: no a), bastante diminuto e, por sinal, até hoje inédito, repousam vestígios da decoração da cabeceira e da parte superior do campo epigráfico, inclusive, da l. 1; no b), de dimensão bastante mais considerável, conserva-se outra parte deste campo e o registo decorativo inferior, para além de um sector da base em bruto, destinado a ser enterrado. A associação que fazemos entre estes dois fragmentos justifica-se pela identidade do material do suporte, e das suas espessuras (a máxima e a medida no campo epigráfico), e pelo *ductus* dos AA.

Elementos decorativos: Elementos arquitectónicos.

Decoração: A cabeceira teria roda de raios curvos em relevo e par de esquadros rebaixados, conforme indicia o fragmento a). No registo decorativo inferior, três estilizações rebaixadas de arcos transformados em forma de palmatória, à excepção do central que também termina inferiormente em círculo.

Dimensões: a) [38]/[21]/16; b) [93]/[38]/14.

Campo epigráfico: Rebaixado e com formato quadrilateral; o rebordo externo da estela também se encontra rebaixado, criando-se como que molduras que parecem representar estilizações de colunas.

Dimensões: A) [11,5]/[17]; b) [17]/[25].

Conservação: Fragmentado.

Local de achado: Lombeiro Branco.

Circunstâncias: Apareceu, em 1989, conjuntamente com outras (n.ºs 59, 106 e 115), aquando do arroteamento de uma mata de carrascos no Lombeiro Branco (Afonso, 1989, p. 213).

Paradeiro: Pavilhão da Junta de Freguesia de Meixedo, Oleirinhos

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1989, p. 213-214, n.º 1; Lemos, 1993, IIa, p. 106; *HEp* 4, 1018; Dias, 1994, p. 443, n.º 193; García, 1996a, p. 1659, n.º 421; Rodríguez, 1997, p. 254-255, n.º 267.

[---]+AL[---] / [T]ALAVI / [F(ili---)?] AN(norum) LXX (septuaginta)

---], filha(o) (?) de Talávio, de 70 anos.

Alt. das letras: L. 1: 7/ 7,5; l. 2: 6,5; l. 3: 5,5/6.

Espaços: 1: 0,1/1,2; 3: 0,8/1; 4: 0,5/1,5.

Variantes: L. 1: [A]LAVI (Lemos), [TA]LAVI (García), FLAVI (Rodríguez), não foi lida por Afonso, *HEp* e Dias; l. 2: [A]N(norum) LXX (Afonso, *HEp*, Dias), ANN(orum) LXX (Lemos, García), AN(norum) LXX (Rodríguez).

Comentário: Caracteres tendencialmente actuários; AA com ponto entre as duas hastes; LL de barras horizontais breves. Gravação profunda. A reconstituição das letras incompletas não oferece dúvida; quanto ao genitivo da penúltima linha, julgamos ser preferível *Talavi* a *Alavi*, pelo que também consideramos a possibilidade de, na linha seguinte, constar a abreviatura *F(ilia/-us)*, de resto, presente em duas outras inscrições do mesmo local (n.ºs 24 e 106).

A reconstituição antroponímica que propomos baseia-se, sobretudo, no facto de o nome *Talavius* se encontrar noutra inscrição do Lombeiro Branco (n.º 59), a propósito da qual o comentámos; além do mais, *Alavi* (gen.) apenas conta com um único testemunho peninsular, proveniente de Santulhão (Alves, 1934, p. 82-83, n.º 45), no concelho de Vimioso.

93 (91/04/02/19/8) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. XXV, 97)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Três fragmentos de estela que estão reaproveitados, em conjunto, na igreja paroquial: o a) constitui uma parcela do lado direito de cabeceira semicircular; o b) e o c), colocados paralelamente entre si, correspondem a corpo esteleforme, tendo sido ambos epigrafados. Atendendo à idêntica natureza dos suportes e às suas proporções, pensamos que os três podem pertencer a uma mesma peça. Os fragmentos b) e c) apresentam elevado desgaste.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: No fragmento a), roda de raios curvos dextrorsos esculpida dentro de campo, presumivelmente ultra-semicircular, rebaixado e delimitado por largo rebordo perimétrico.

Dimensões: Frag. a): [81]/[56]/34; frag. b): [136]/[40]/[33]; frag. c): [138]/[33]/-.

Campo epigráfico: Não restam quaisquer vestígios que indiquem a sua formalização.

Local de achado: Igreja de Grijó de Parada.

Circunstâncias: Servem de soleira à porta principal da igreja, tendo o fragmento a) sido identificado, pela primeira vez, por B. Afonso (1990, p. 212).

Paradeiro: Igreja de Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1990, p. 212; Lemos, 1993, IIa, p. 101; García, 1996a, p. 1724, *n.º 28 (referências que mencionam exclusivamente o fragmento a).

fragmento b): ---]P . +[---] / [---]C+[---] / [---]I . [---] / [---] / ⁵ [---]T[---

fragmento c): ---] [---] / [---]EL+[---] / [---]A?C[---] / [---]O?N[---

Alt. das letras: Frag. b) l. 1: (P = 7,5); l. 2: (C = 7,6); l. 3: (I = 7,3); l. 5: (T = 5,9); frag. c) l. 2: (E e L = 8,3); l. 3: (C = 8,7); l. 4: (N = 7,8).

Comentário: As letras conservadas indiciam tendência actuária; P de pança aberta e a passar, superiormente, para a esquerda da haste; CC semicirculares; T e E de barras breves.

94 (104/04/02/22/5) Meixedo, Meixedo, Bragança. (Est. XXV, 98)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Fragmento de estela que conserva parte inferior de campo epigráfico e vestígio de registo decorativo a ele subjacente.

Elementos decorativos: Elementos arquitectónicos.

Decoração: Abaixo do campo epigráfico, do lado direito, conserva-se parte superior de arco ultrapassado, rebaixado.

Dimensões: [23]/[42]/15.

Campo epigráfico: Rebaixado e de configuração quadrilateral.

Dimensões: [14]/28.

Conservação: Fracturado ao nível da penúltima linha.

Local de achado: Meixedo.

Circunstâncias: Encontrou-se, em 1912, encastrada numa parede da casa de José Queiroga, quando se procedia à sua reconstrução (Alves, 1913, p. 2).

Paradeiro: MNA (n.º E6523), Lisboa.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1913, p. 2, 1934, p. 466; Lemos, 1993, IIa, p. 105-106; García, 1996a, p. 1566, n.º 265.

---] / I\VLIV[S] / MVNEIAE

Alt. das letras: L. 2: 4,5/5.

Variantes: L. 1: [I]VLIV[S] (Alves, Lemos, García).

Comentário: O carácter fragmentário do texto torna-o enigmático e de interpretação pouco acessível; a l. 2 é bem perceptível mas, aparentemente, não lhe descortinamos grande sentido.

95 (68/04/02/12/21) Vila Nova, Donai, Bragança. (Est. XXV, 99)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Metade inferior de estela com registo decorativo sob campo epigráfico incompleto. Apresenta ligeiras mossas e pequena fractura ao fundo.

Elementos decorativos: Esquadros; elementos arquitectónicos.

Decoração: No registo decorativo inferior, três colunas com capitéis estilizados que delimitam dois arcos de formas ultrapassadas; sobre este registo, dois esquadros de extremidades bífidas rebaixados que “encaixam” nas reentrâncias do campo epigráfico.

Dimensões: [68]/45/14,5.

Campo epigráfico: Rebaixado, presumivelmente cruciforme; lateralmente, rebordo da estela também em rebaixe.

Dimensões: [15]/28.

Conservação: A fractura horizontal que mutila a estela eliminou a parte superior da penúltima linha.

Local de achado: Quinta do Britelo.

Circunstâncias: Encontrada por Alfredo Augusto Lousada, conjuntamente com a epígrafe n.º 112, num terreno de horta da Quinta do Britelo, também conhecida por Quinta do Leitão.

Paradeiro: Quinta do Britelo (na casa da quinta), propriedade de Maria Augusta Lousada, Vila Nova.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1985, p. 699; Dias, 1988, p. 414, n.º 4; *HEp* 1, 668; Lemos, 1993, IIa, p. 81-82; García, 1996a, p. 1660, n.º 423.

---] / A\MBAT\I / . F(ili---) . A(nnorum) . XC (nonaginta)

---] filho(a) de Ambato, de 90 anos.

Alt. das letras: L. 2: 5,3/5,8.

Espaços: 1: 1,5/2,3; 2: 3,4/3,9.

Variantes: L. 1: A(e)M(i)L(ia)N(i) (Afonso, Dias, *HEp*), AMLN (García); l. 2: Afonso e García não fazem registo do ponto colocado entre o F e o A e Lemos apenas regista o que antecede o numeral.

Comentário: As linhas conservadas seguem alinhamento à esquerda. Caracteres denotando certa elegância e gravados de forma não muito profunda; AA sem travessão central, à exceção do primeiro da l. 1; M de vértice central acima da linha; I, gravado contra o limite lateral do campo epigráfico, com pequeno traço no lado esquerdo da extremidade inferior; F de haste côncava e barras levantadas. Pontos de secção circular na separação de palavras e iniciais.

O antropónimo em genitivo, seguido da abreviatura *F(ilia/-us)*, indica estarmos perante o epitáfio de indivíduo indígena. *Ambatus* e a correspondente forma feminina são os nomes indígenas mais frequentes na Península (Abascal, 1994, p. 270-271); tipicamente peninsulares (Albertos, 1966, p. 20-21; Díez, 1993, p. 61-62), têm forte implantação na Cantábria, Astúria e Lusitânia Oriental. Em território zela, *Ambatus* documenta-se por mais três vezes em Villalcampo (*HAE* 920; *ILER* 2333; Abásolo e García, 1990, p. 552, n.º 21). Salienta-se a idade avançada do defunto, pouco habitual nos epitáfios da região.

96 (39/04/02/09/14) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. XXV, 100)

Suporte: Estela.

Material: Talco.

Descrição: Fragmento de inscrição que parece corresponder a estela miniaturada de cabeceira semicircular. Apresenta a parte posterior convexa e com sinais de acabamento mais ou menos cuidado.

Elementos decorativos: Esquadros.

Decoração: Na cabeceira, em rebaixe, campo semicircular com a base retalhada por dois segmentos reentrantes, ao qual subjazem dois esquadros colocados de cada um dos lados do diminuto campo epigráfico; nenhum dos motivos se encontra integralmente conservado.

Dimensões: [28]/[19,5]/8.

Campo epigráfico: Pequeníssimo rectângulo rebaixado; a sua exiguidade obrigou à gravação de parte do texto fora desse espaço, para a qual foi riscada uma linha de pauta.

Dimensões: 1,7/8,2.

Conservação: Regular.

Local de achado: Torre Velha/Outeirinho.

Circunstâncias: Exumada, em 1887, nas sondagens realizadas por J. Henriques Pinheiro (1888, p. 81) no Outeirinho.

Paradeiro: MSMS, (n.º 67), Guimarães.

BIBLIOGRAFIA: Pinheiro, 1888, p. 81 (= 1895, p. 87); Guimarães, 1901, p. 65, n.º 52; Cardozo, 1935, p. 103 (= 1972², p. 109, n.º 67); Alves, 1938, p. 605; Lopo, 1987, p. 29; Lemos, 1993, IIa, p. 68; García, 1996a, p. 1654, n.º 410.

II[---]NAII / [---A]N(norum) IX (nouem)

---] de 9 anos.

Alt. das letras: L. 1 e 2: 1,5.

Espaços: 1: O,I; 2: O (à l. 2 = 1).

Variantes: L. 1: XIN AI (Guimarães), ---]NNI (Cardozo, Alves, Lemos, García); l. 2: IIVNE-DIII (Guimarães), L . M[---]NIX (Cardozo, Alves), L(---) . M[---A]N(norum) IX (Alves, Lemos, García).

Comentário: A interpretação do texto conservado reveste-se de grande dificuldade pelo uso de caracteres cursivos de módulo diminuto. Os motivos decorativos e a interpretação dos caracteres da l. 2, nomeadamente a menção de idade, permitem atribuir-lhe carácter funerário.

97 (15/04/02/04/5) Sacoias, Baçal, Bragança. (Est. XXVI, 101)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Fragmento de estela que conserva parte do campo epigráfico e parte de painel decorativo, apesar de todo o sector esquerdo ter sido perdido. Na face posterior, destabe sumário.

Elementos decorativos: Javali.

Decoração: Representação de javali em relevo – apenas se conserva a parte dianteira – sobre fundo plano rebaixado.

Dimensões: [47,5]/[24,5]/16.

Campo epigráfico: Rebaixado e, presumivelmente, de configuração quadrilateral.

Dimensões: [19]/[16].

Conservação: Resta a parte inferior direita.

Local de achado: Castro de Sacoias.

Circunstâncias: Descoberta por F. M. Alves (1918, p. 317) na parede de um lameiro de José Bernardino Vidal, sito em À Cancela.

Paradeiro: MAB (n.º 1498), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1918, p. 317-320, 1934, p. 77-78, n.º 42; Lemos, 1993, IIa, p. 49; García, 1996a, p. 1656, n.º 415; Rodríguez, 1997, p. 259-260, n.º 278.

--- V]IX/[IT A]N]NI/[S . . ?] S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(euis)

---]. Viveu [..?] anos. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: L. 1: 4,5; l. 2: 4,5/4,8; l. 3: 5/5,8.

Espaços: l.1 e 2: 1/1,5; 3: 1,6/1,8.

Variantes: L. 1: ---]IS (García); l. 2: [---]A?NI (Alves), [---]VNI (Lemos, García, Rodríguez); l. 3: S(it) T(ibi) T(erra) . L(euis) . (Alves, Lemos), S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(euis) . (García, Rodríguez).

Comentário: Gravação profunda e larga, além de irregular. NN de haste mediana a unir a meia altura da haste direita. Aceitando como correcta a nossa reconstituição, registo de translineação não silábica.

A indicação da idade por meio da fórmula *vixit annis* pode apontar para uma cronologia tardia, não anterior à segunda metade do século II.

■ **98** (16/04/02/04/6) Sacoias, Baçal, Bragança. (Est. XXVI, 102)

Suporte: Estela (?).

Descrição: O desenho publicado por F. M. Alves (1938, p. 57, fig. 20) indicia tratar-se de fragmento com topo arredondado, mas, pelo seu parco realismo, não podemos interpretar com segurança ser cabeceira de estela.

Local de achado: Castro de Sacoias.

Circunstâncias: Servia de fito na boca do forno de uma casa – na altura a servir de palheiro – de José Leal, em Sacoias (Alves, 1938, p. 55-56).

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1938, p. 55-57; Lemos, 1993, IIa, p. 49-50; García, 1996a, p. 1655-1656, n.º 414.

---]IL(---) . ELAVO [---

Variantes: ---]IL . ELAVO (Lemos, García).

Comentário: Segundo o testemunho de F. M. Alves, a primeira e terceira letras colocavam dúvida, pelo que não será despropositado equacionar a possibilidade de a terceira ser um F. Aceitando, porém, a sua leitura, e seguindo uma proposta de M. L Albertos (1972b, p. 290) para a forma nominativa do genitivo *Elaii*, deparamo-nos, possivelmente, com um dativo de *Elaus*; a sugestão desta forma por parte de Albertos surge por comparação com *Araus*, que faz o genitivo em *Araui*. Não tem qualquer evidência epigráfica um nominativo *Elauus* (Abascal, 1994, p. 350), a não ser por confusão com *Flauus*. Parece mais um testemunho de uma família alargada de nomes com uma base comum e diversos elementos finais, como *Elaesus*, *Elanus*... (Albertos, 1985-1986, p. 172-173).

■ **99** (17/04/02/04/7) Sacoias, Baçal, Bragança. (Est. XXVI, 103)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Segundo o testemunho de F. M. Alves (1938, p. 56), teria a parte superior cortada e a direita chanfrada; ainda de acordo com o mesmo autor, seria *apenas lavrada na parte da inscrição*.

Dimensões: [41]/[25]/13.

Campo epigráfico: Quadrilátero rebaixado.

Local de achado: Castro de Sacoias.

Circunstâncias: Servia de fito na boca de um forno da casa de José Acácio Vidal, em Sacoias (Alves, 1938, p. 56).

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1938, p. 56; Lemos, 1993, IIa, p. 49; García, 1996a, p. 1656-1657, n.º 416.

---]RI F(ili---) [AN(norum)] / LX (sexaginta) S(it) T(ibi) [T(erra) L(euis)]

---] filho(a) de [---], de 60 anos. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: 0,3 (em média).

Variantes: L. 2: LX S(it) T(ibi) T(erra) L(euis) (Lemos, García).

100 (116/04/02/36/3) Rebordãos, Rebordãos, Bragança. (Est. XXVI, 104)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Parte inferior de estela, na qual não existe qualquer motivo decorativo; apresenta acabamento mais cuidado nas faces anterior e laterais, enquanto que a extremidade inferior, mais larga e espessa (30/20,5), se encontra em bruto.

Dimensões: [40,5]/26/16,5.

Campo epigráfico: Rebaixado, intuindo-se configuração quadrilateral.

Dimensões: [6]/17,5.

Conservação: Fracturado ao nível da última linha.

Local de achado: Vale Pereiras (ou Vale de Pereiró).

Circunstâncias: Apareceu conjuntamente com a n.º 21, mas as circunstâncias da descoberta não estão clarificadas, como já anteriormente se referiu.

Paradeiro: MAB (n.º 1658), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1901a, p. 95-97; Alves, 1934, p. 75-76, 87-88, n.º 39a + desenho 49b; Lopo, 1987, p. 42; Lemos, 1993, IIa, p. 80; García, 1996a, p. 1724, *n.º 26. Leitura inédita.

---] / XÇ (nonaginta) S(it) T(ibi) T(erra) L(euis)

---], de 90 anos. Que a terra te seja leve.

Espaços: 1: 2,9/3,3.

Comentário: Nas *Memórias* de F. M. Alves surge duplicada: é descrita, com indicação correcta da proveniência, sob o n.º 39a – sem correspondência com a figura associada a este número, a qual respeita à cabeceira da n.º 39! – e reproduzida na figura 49b, mas neste passo, contraditoriamente, considerando-se ser outra inscrição e referindo-se ser oriunda da Devesa de Vila Nova; por via

desta confusão, tem, ultimamente, sido dada como procedente deste último sítio.

101 (38/04/02/09/13) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. XXVII, 105)

Suporte: Estela.

Material: Talco.

Descrição: Cabeceira semicircular, com parte de dois pequenos painéis rebaixados, estando o superior epigrafado. Superfícies alisadas e arestas posteriores biseladas. Apresenta diminutas escoriações superficiais e, no lado direito, pequeno “restauro” efectuado com argamassa de cimento. Incorpora, actualmente, reconstituição hipotética da estela que integraria.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Roda de seis delgados raios curvos de orientação sinistrorsa, em relevo.

Dimensões: [36]/28/6.

Campo epigráfico: A inscrição estaria, provavelmente, dividida por dois, ou mais, campos sobrepostos. O superior, parcialmente conservado, tem forma rectangular e é rebaixado; abaixo dele, canto superior direito de um outro ([2,5]/[4]), também rebaixado, intuindo-se configuração quadrilateral.

Dimensões: 5/[15].

Conservação: Regular, apesar de incompletos.

Local de achado: Torre Velha/Terras de S. Sebastião.

Circunstâncias: Exumada, em 1887, nas escavações da Torre Velha promovidas pela Sociedade Martins Sarmento e realizadas por J. Henriques Pinheiro (1888, p. 82-83): encontrava-se reutilizada numa sepultura, no exterior das ruínas do templo de S. Sebastião, conjuntamente com as epígrafes n.ºs 32 e 65.

Paradeiro: MSMS (n.º 56), Guimarães.

BIBLIOGRAFIA: Sarmento, 1887, p. 188 (= 1933, p. 311); Pinheiro, 1888, p. 83 (= 1895, p. 89); *CIL* II 5656; Guimarães, 1901, p. 65-66, n.º 53; Vasconcelos, 1913, p. 406, 415; Cardozo, 1935, p. 92 (= 1972², p. 98, n.º 56); Alves, 1938, p. 605; Lopo, 1987, p. 29; Lemos, 1993, IIa, p. 68; García, 1996a, p. 1541, n.º 226; Rodríguez, 1997, p. 252, n.º 259.

[---] FİLIO SV/[O?] ---

---] a seu (?) filho [---

Alt. das letras: L. 1: 3/3,5 (I e O = 2,4).

Espaços: 1: 0,3/0,9; 2: 0,7/0,8.

Variantes: L. 1: ILIOSV (Guimarães), [I]VLIO SV[--- (Cardozo, Alves, Lemos, García), FILIO FL. (Rodríguez).

Comentário: Letras tendencialmente actuárias cuja incisão se viu facilitada pela baixa dureza do suporte; I e O de módulo inferior às restantes letras; S bastante esguio; V, gravado contra o limite do campo epigráfico, de haste esquerda curva.

102 (4/04/02/02/3) Varge, Aveleda, Bragança. (Est. XXVII, 106)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira arredondada, partida em três fragmentos ajustáveis cujas superfícies acusam desgaste intenso: no superior, conservam-se vestígios do registo decorativo da cabeceira; no intermédio, mantêm-se ténues traços do canto superior esquerdo do campo epigráfico rebaixado; no inferior, distinguem-se os limites esquerdo e inferior do campo epigráfico e o final do epitáfio. Parte posterior arredondada.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos de orientação sinistrorsa esculpida dentro de campo ultra-semicircular, rebaixado e delimitado pelo rebordo moldurado da estela.

Dimensões: 102/40/20.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Dimensões: 32/-.

Conservação: Encontra-se dividido por dois dos fragmentos e a superfície acusa desgaste intenso.

Local de achado: Labusélo.

Circunstâncias: Tal como as epígrafes n.ºs 40, 58 e 109, foi encontrada num lameiro de Labusélo, em Março de 1938 (Alves, 1936-1938, p. 225).

Paradeiro: MAB (n.º 1665), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1936-1938, p. 225-226, 1947, p. 593-594; Lemos, 1993, IIa, p. 38; García, 1996a, p. 1654-1655, n.º 411.

---] / +[---] / S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(euis) .

---]. Que a terra te seja leve.

Alt. das letras: L. 1: 7,3; l. 2: 8,1/8,4.

Espaços: 1: 0; 2: 0,5/1.

Variantes: L. 1: S (Alves 1947).

Comentário: Letras de tendência actuária. Conservam-se completos o S, de extremidades a abrir ligeiramente, e o primeiro T, de barra ligeiramente inclinada e descentrada. Pontuação redonda, vestigial a seguir ao T e ao L.

103 (63/04/02/12/16) Vila Nova, Donai, Bragança. (Est. XXVII, 107)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela bastante destruída que pouco mais conservava que o canto inferior esquerdo do campo epigráfico.

Dimensões: [60]/[27]/-.

Campo epigráfico: Embora A. Lopo (1909, p. 51-53) nada refira, supomos que seria rebaixado e com reentrância rectangular no limite inferior.

Local de achado: Devesa de Vila Nova.

Circunstâncias: Teria aparecido, conjuntamente com as n.ºs 71 e 82, no lado sul do cabeço onde se implanta o *habitat* romano designado de Devesa de Vila Nova (Lopo, 1909, p. 51).

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1909, p. 51-53, 1987, p. 52; García, 1996a, p. 1659, n.º 422.

---]/C(---) A(nnorum) LX[---?]

---] de [---] anos.

Alt. das letras: 5.

Variantes: L. 1: + A(nnorum) LX (García).

Comentário: A figura publicada por A. Lopo permite alguns pequenos reparos sobre o desenho e a disposição dos caracteres. A sem travessão central; L de haste inclinada para a esquerda; X sobre a barra do L.

O C pode representar a letra final, translineada, de um nome (patronímico?) abreviado, já que esta prática é seguida noutros epítáfios relacionados com este sítio arqueológico (cf. n.ºs 71 e 82).

104 (24/04/02/08/3) Castrelos, Castrelos, Bragança. (Est. XXVII, 108)

Suporte: Estela.

Material: Talco.

Descrição: Parte superior de estela de cabeceira semicircular. A face posterior apenas recebeu rude trabalho de desbaste, enquanto que as restantes parecem ter sido alisadas. As superfícies apresentam-se corroídas e, no lado direito, escoriação mais profunda afecta o rebordo que enquadra o campo epigráfico e parte da decoração da cabeceira.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; crescente.

Decoração: Na cabeceira, roda de seis raios curvos dextrorsos (com orifício ao centro), em relevo, e semicírculo insculturado, provável representação de crescente, que enquadra a sua metade inferior.

Dimensões: [28]/20/7.

Campo epigráfico: Rebaixado e com formato quadrilateral.

Dimensões: [6,5]/15,5.

Conservação: Incompleto devido a fractura horizontal ao nível da base da l. 1 e do segundo espaço interlinear; o rebordo do lado direito apresenta-se praticamente desfeito e a superfície corroída.

Local de achado: Castrelos.

Circunstâncias: Apareceu, conjuntamente com a n.º 15, aquando da realização de trabalhos de plantação de vinha na Estrecada.

Paradeiro: Residência do Dr. Anselmo Sá, Rua Eng. Adelino Amaro da Costa, n.º 45, Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Inédita.

Ð(is) M(anibus) B̄A/[---

Aos deuses Manes. [---

Alt. das letras: L. 1: (M = 4,8).

Espaços: 1: 1,1/1,7.

Comentário: A linha conservada ocupa toda a largura do campo epigráfico. Caracteres caprichosos e com influência cursiva; A com travessão central e de haste esquerda prolongada em curva acima da direita; M largo e, identicamente, peciolado; D com a extremidade superior da pança a passar para trás da haste, tal como se vê na barriga superior do B.

105 (57/04/02/12/10) Donai, Donai, Bragança. (Est. XXVIII, 109)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela, bastante fracturada, que conserva uma parcela do campo epigráfico e quase todo o registo decorativo inferior. O trabalho de acabamento estende-se a todas as faces.

Elementos decorativos: Elementos arquitectónicos; crescente (?).

Decoração: Sob o campo epigráfico, em posição central, motivo curvo com as extremidades bífidas (crescente?) rebaixado e, de cada um dos lados, dois elementos, também rebaixados, que interpretamos como arcos degenerados em forma de palmatória; os elementos decorativos mencionados são idênticos aos que ornaram a estela n.º 28, encontrada no mesmo local, mas de execução mais cuidada.

Dimensões: [64]/38,5/16.

Campo epigráfico: Rebaixado e de configuração quadrilateral.

Dimensões: [12]/[27].

Conservação: Fracturado ao nível da última linha.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Encontrada por Evangelista de Jesus Martins (Afonso, 1985, p. 696).

Paradeiro: Junta de Freguesia de Donai, Donai.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1985, p. 696-697; Dias, 1988, p. 414, n.º 2; *HEp* 1, 669; Lemos, 1993, IIa, p. 75; García, 1996a, p. 1657-1658, n.º 418.

---] / A[N(norum) LX (sexaginta)

---] de 60 anos.

Espaços: 1: 5,5/6

Variantes: L. 1: LI (Afonso, Dias, *HEp*, Lemos, García).

Comentário: Letras gravadas com profundidade.

106 (106/04/02/22/7) Meixedo, Meixedo, Bragança. (Est. XXVIII, 110)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela incompleta devido a fractura diagonal que lhe amputou a parte superior; conserva o canto inferior esquerdo do campo epigráfico e, parcialmente, o registo decorativo inferior, encontrando-se em bruto a extremidade basal.

Elementos decorativos: Esquadros; elementos arquitectónicos.

Decoração: No registo decorativo inferior, a flanquear o campo epigráfico, esquadro de extremidades bífidas rebaixado, a que, provavelmente, se associava um outro no lado direito, e três arcos ultrapassados igualmente rebaixados.

Dimensões: [80]/[37,5]/16,5.

Campo epigráfico: Em rebaixe e com formato quadrilateral. Vestígios de linha auxiliar, provavelmente com finalidade decorativa.

Dimensões: [20]/[16].

Conservação: Fragmentado.

Local de achado: Lombeiro Branco.

Circunstâncias: Descoberta, em 1989, conjuntamente com as n.ºs 59, 92, 115 (cf. Afonso, 1989, p. 213).

Paradeiro: Pavilhão da Junta de Freguesia de Meixedo, Oleirinhos.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1989, p. 215, n.º 3; Lemos, 1993, IIa, p. 106; *HEp* 4, 1020; Dias, 1994, p. 443, n.º 195; García, 1996a, p. 1658, n.º 420; Rodríguez, 1997, p. 255-256, n.º 269.

---] / F(ili---) . A[N(norum) ---]

---], filha(o) de [---], de [---] anos.

Alt. das letras: L. 1: 6,5.

Espaços: 1: 1,8; 2: 2,2.

Variantes: Nenhum dos autores faz transcrição do ponto.

Comentário: A única letra integralmente conservada denota tendência actuária. Ponto de secção circular.

107 (117/04/02/40/1) Quinta de S. Lourenço, Samil, Bragança. (Est. XXVIII, 111)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, fracturada pelo campo epigráfico. Todas as superfícies acusam desgaste intenso e apresentam escoriações diversas, sobretudo junto às arestas.

Elementos decorativos: Crescente.

Decoração: Na cabeceira, crescente rebaixado dentro de campo ultra-semicircular, também em rebaixe, delimitado pelo rebordo externo da estela.

Dimensões: [38]/28,5/10.

Campo epigráfico: Rebaixado e com formato quadrilateral.

Dimensões: [8]/19.

Conservação: Fracturado e com desgaste superficial intenso.

Local de achado: Quinta de S. Lourenço.

Circunstâncias: Encontrada, em 1994, no decurso de obras no chão da garagem de António Pinto.

Paradeiro: Residência de António Pinto, sita na Quinta de S. Lourenço, Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Inédita.

[---]IO / [---

Alt. das letras: L. I: 3,5.

Espaços: I: 2,5/3.

108 (18/04/02/04/8) Sacoias, Baçal, Bragança.

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Parte superior de estela de cabeceira semicircular (?).

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Apresentava, em relevo, roda de seis raios formados por ângulos rectos (?).

Local de achado: Castro de Sacoias.

Circunstâncias: Encontrava-se encastrada numa parede da casa de Daniel dos Santos, em Sacoias (Alves, 1938, p. 57).

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1938, p. 57; Lemos, 1993, IIa, p. 50; García, 1996a, p. 1655, n.º 413.

D(is) M(anibus) / [---

Aos deuses Manes. [---

109 (5/04/02/02/4) Varge, Aveleda, Bragança. (Est. XXVIII, 112)

Suporte: Ara.

Material: Granito.

Descrição: Ara, actualmente anepígrafa, trabalhada em apenas três das suas faces, tendo, no seu todo, aspecto barroco. O capitel (26/32,5/24,5) apresenta moldura extensa, constituída por faixa, toro e duplo astrágalo, na ligação ao fuste (22/25,5/21,5) liso; a encimá-lo, dois *puluilli* unidos a um esboço de *fagidium* que é delineado por duas molduras (toro e escócia) simétricas cujo encontro produz reentrância que se prolonga até à face oposta, dispensando o fóculo. A base (16/31/23) é superiormente moldurada por duas faixas reversas e toro; a sua estrutura, com a parte inferior sem qualquer acabamento, demonstra que se destinava a ser enterrada. A peça está fracturada, em diagonal, pelo fuste, sendo visíveis, nos dois fragmentos, restos de cimento de um “restauro” que também recorreu à introdução de dois espigões metálicos (presentemente embutidos no fragmento inferior) no interior da peça; o capitel mostra-se com algumas escoriações no lado esquerdo e na parte superior dos *puluilli*.

Dimensões: 91/32,5/24,5.

Campo epigráfico: O texto foi gravado no fuste, não sendo visível qualquer sinal de delimitação do espaço epigráfico.

Dimensões: 22/25,5.

Conservação: Superfície com desgaste intensíssimo.

Local de achado: Labusélo.

Circunstâncias: Encontrada com as epígrafes n.ºs 40, 58 e 102 (cf. Alves, 1936-1938, p. 225), como anteriormente já se referiu.

Paradeiro: MAB (n.º 1538), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1936-1938, p. 226-227, 1947, p. 594; Lemos, 1993, IIa, p. 38; García, 1996a, p. 1722, *n.º 19.

Comentário: Apesar do desgaste superficial da face anterior do fuste, é possível perceber alguns vestígios de gravação que, não permitindo reconstituir qualquer letra, indiciam uma inscrição distribuída por três linhas. O contexto do achado induz-nos a considerar que se trata de um altar funerário.

110 (78/04/02/16/2) Gimonde, Gimonde, Bragança. (Est. XXIX, 113)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, anepígrafa, e sem campo epigráfico. As faces laterais e posterior receberam acabamento sumário; a extremidade basal, destinada a ser enterrada, é mais larga (larg. = 34) e encontra-se em bruto.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; elementos arquitectónicos.

Decoração: Na cabeceira, campo ultra-semicircular, rebaixado e delimitado pelo rebordo externo do monumento, com roda de 12 raios curvos sinistrorsos (com orifício ao centro), obtida por gravação, no seu interior. Imediatamente abaixo, dois arcos

rebaixados, a lembrar a forma de “empunhadura de espada”, complementados pelo rebaixe do rebordo da estela.

Dimensões: 76/29/15.

Local de achado: Arrabalde de Gimonde.

Circunstâncias: Apareceu, há mais de três décadas, no decurso de trabalhos agrícolas que se realizavam numa leira pertencente a Albertina de Jesus Sarmento de Castro.

Paradeiro: Casa de Albertina de Jesus Sarmento de Castro, Gimonde.

BIBLIOGRAFIA: Redentor, 1997, n.º 251.

Comentário: O monumento é original no contexto da epigrafia esteleforme regional, já que reproduz conhecidos registos decorativos, habituais na cabeceira e na base deste tipo de suportes, mas sem integrar um campo epigráfico. Aparentemente, não houve nunca intenção de lhe gravar um epitáfio. Desta forma, a estela não serve para perpetuar a memória do defunto, mas, indubitavelmente, assinala um enterramento, isto é, um espaço que se quer sagrado.

■ III (123/04/02/42/5) Santa Maria, Santa Maria, Bragança. (Est. XXIX, 114)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela de cabeceira semicircular, profundamente transformada no século XVIII. Apenas se reconhece como original o motivo decorativo da cabeceira; abaixo deste elemento, foram esculpidas duas volutas e os rebordos foram aplanados e alisados, tal como o primitivo campo epigráfico, para neles se gravar inscrição (funerária?).

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Na cabeceira, roda de sete raios curvos dextrorsos em relevo.

Dimensões: [82]/40/17.

Local de achado: Cerca do Convento de S. Bento, em Bragança.

Circunstâncias: Desconhecem-se os pormenores do seu achado, bem como o seu contexto arqueológico original (cf. Alves, 1910b, p. 56).

Paradeiro: MAB (n.º 1553), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1910b, p. 56-57, 1934, p. 88, n.º 51.

■ II2 (69/04/02/12/22) Vila Nova, Donai, Bragança. (Est. XXIX, 115)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Fragmento de estela de cabeceira semicircular, o qual corresponde, basicamente, a esta extremidade; além desta, conserva apenas o canto superior esquerdo do campo epigráfico.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Na cabeceira, roda de 13 raios curvos dextrorsos (com pequeno umbo central e orifício), em relevo, ligeiramente rebaixada em relação ao plano superficial da estela.
Dimensões: [55]/53/19.

Campo epigráfico: Rebaixado e com formato quadrilateral.

Dimensões: [6]/[14].

Conservação: Incompleto, apenas vestigial.

Local de achado: Quinta do Britelo.

Circunstâncias: Encontrada por Alfredo Augusto Lousada, conjuntamente com a peça n.º 95, num terreno de horta da sua quinta.

Paradeiro: Quinta do Britelo (na casa da quinta), propriedade de Maria Augusta Lousada, Vila Nova.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1985, p. 699-700; Lemos, 1993, IIa, p. 82; García, 1996a, p. 1724, *n.º 27.

■ 113 (118/04/02/40/2) Quinta de S. Lourenço, Samil, Bragança. (Est. XXIX, 116)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Cabeceira de estela funerária fragmentada pelo topo do campo epigráfico e lascada no lado esquerdo.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: No interior de campo ultra-semicircular rebaixado, roda de 12 raios curvos sinistrorsos (com orifício central), em relevo, unida superiormente ao rebordo externo da estela.

Dimensões: [53]/46,5/18.

Campo epigráfico: Rebaixado.

Dimensões: [5]/35.

Conservação: Fracturado, apenas vestigial.

Local de achado: Quinta de S. Lourenço.

Circunstâncias: Apareceu integrada numa das paredes da garagem de António Pinto, no decurso de obras realizadas em 1992.

Paradeiro: Residência de Domingos Pinto, sita na Quinta de S. Lourenço, Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Inédita.

■ 114 (41/04/02/09/16) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. XXX, 117)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Cabeceira semicircular bastante degradada, apresentando grande desgaste superficial. A fractura horizontal que a separou do corpo do monumento a que pertenceu ainda atingiu o registo decorativo.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: Roda de seis raios curvos dextrorsos esculpida dentro de moldura circular; imediatamente abaixo, vestígios de dois esquadros de extremidades bífidas rebaixados.

Dimensões: [51]/37,5/10.

Local de achado: Castro de Avelãs.

Circunstâncias: Não estão claras as circunstâncias do seu achado: a Torre Velha ou algum dos muros das ruínas do mosteiro são as hipóteses mais prováveis.

Paradeiro: Igreja de Castro de Avelãs.

BIBLIOGRAFIA: Lemos, 1993, IIa, p. 68; García, 1996a, p. 1723, *n.º 22.

■ II5 (107/04/02/22/8) Meixedo, Meixedo, Bragança. (Est. XXX, 118)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Cabeceira semicircular decorada e ténue vestígio da parte superior do campo epigráfico.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos; esquadros.

Decoração: Roda de 15 raios curvos dextrorsos (com orifício central), em relevo, superiormente envolvida por linha circular insculpida; entre a roda e o campo epigráfico, dois esquadros de extremidades bífidas rebaixados.

Dimensões: [46,5]/[41,5]/15,5.

Campo epigráfico: Rebaixado e com formato quadrilateral.

Dimensões: [2,5]/[32,5].

Conservação: Fragmentado.

Local de achado: Lombeiro Branco.

Circunstâncias: Apareceu, em 1989, conjuntamente com outras peças (n.ºs 59, 92 e 106), no Lombeiro Branco (Afonso, 1989, p. 213).

Paradeiro: Pavilhão da Junta de Freguesia de Meixedo, Oleirinhos.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1989, p. 216, n.º 4; Lemos, 1993, IIa, p. 106; *HEp* 4, 1021; García, 1996a, p. 1725, *n.º 32; Rodríguez, 1997, p. 256, n.º 270.

■ II6 (64/04/02/12/17) Vila Nova, Donai, Bragança. (Est. XXX, 119)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Cabeceira semicircular decorada. Trabalho de acabamento estendido às quatro faces, embora na posterior seja menos perfeito. Desgaste superficial.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Roda de sete raios curvos sinistrorsos esculpida dentro de campo ultrasemicircular, rebaixado e delimitado pelo rebordo externo da estela; imediatamente abaixo, vestígio de linha insculpida paralela à base deste campo.

Dimensões: [45]/39/17.

Local de achado: Vila Nova.

Circunstâncias: Encontrava-se na entrada de um curral da aldeia quando foi identificada por A. Pereira Lopo (1908b, p. 313), mas tem como contexto original provável a Devesa de Vila Nova.

Paradeiro: MAB (n.º 1557), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1908b, p. 313; Alves, 1934, p. 86, n.º 49A; Lopo, 1987, p. 51; Lemos, 1993, IIa, p. 80; García, 1996a, p. 1724, *n.º 25.

■ 117 (19/04/02/04/9) Sacoias, Baçal, Bragança. (Est. XXX, 120)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Fragmento de estela com vestígios de campo epigráfico actualmente anepígrafo. Atribuímos-lo, com alguma insegurança, ao Castro de Sacoias: F. M. Alves (1938, p. 57) refere-se ao aparecimento de uma lápide que depositou no Museu de Bragança, a qual teria ainda vestígios da inscrição, mas já ilegíveis; por seu lado, A. Lopo (1987, p. 48, fig. 1) apresenta o desenho de uma estela decorada com roda de raios curvos dextrorsos, e com as iniciais *S . T . T . L* no fundo do campo epigráfico, verificando-se que as medidas apresentadas ([47]/30) se aproximam das deste fragmento; assim, e ainda que pouco se assemelhe ao desenho de Lopo – de qualquer modo, visivelmente desproporcionado –, consideramos que o fragmento que apresentamos pode tratar-se da peça em causa.

Dimensões: [44]/31,5/13.

Campo epigráfico: Rectangular e rebaixado.

Conservação: Desgaste profundo.

Local de achado: Castro de Sacoias (?).

Circunstâncias: Desconhecidas.

Paradeiro: MAB (n.º 1657), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1938, p. 56-57; Lopo, 1987, p. 48.

■ 118 (95/04/02/19/12) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. XXXI, 121)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Pequeno fragmento de parte superior de estela de cabeceira semicircular, esfacelado praticamente a toda a volta.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Conserva-se, de forma incompleta, roda de 12 raios curvos sinistrorsos (?) esculpida (com pequeno orifício central).

Dimensões: [43,5]/[37,5]/8.

Local de achado: Modorro.

Circunstâncias: Encontrou-se, tal como as epígrafes n.ºs 76 e 120, metida numa das paredes de um palheiro de António Agostinho Rodrigues, sito no Largo do Modorro.

Paradeiro: Permanece encostada à fachada da casa de António Agostinho Rodrigues, no Largo do Modorro, Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1990, p. 214; Lemos, 1993, IIa, p. 101; García, 1996a, p. 1725, *n.º 31.

119 (79/04/02/16/3) Gimonde, Gimonde, Bragança. (Est. XXXI, 122)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Fragmento de estela que conserva parte do registo decorativo basal. Foi separado da peça a que pertenceu por fractura horizontal e também se encontra destruído no lado direito; escoriações diversas e pequenas fissuras fragilizam-no.

Elementos decorativos: Elementos arquitectónicos.

Decoração: Três arcos ultrapassados rebaixados, executados sem grande primor.

Dimensões: [43]/46/16.

Local de achado: Arrabalde de Gimonde.

Circunstâncias: Descoberto, em Agosto de 1995, no decurso de trabalhos de prospecção arqueológica: encontrava-se à superfície de uma leira de pomar, presumindo-se que tenha sido desenterrado aquando da plantação das árvores.

Paradeiro: Sede do Parque Natural de Montesinho, Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Redentor, 1997, n.º 250.

120 (92/04/02/19/9) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. XXXI, 123)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Diminuta estela de cabeceira arredondada, fracturada inferiormente e actualmente anepígrafa. Todas as superfícies se encontram bastante gastas e em lenta desagregação granular.

Elementos decorativos: Torques.

Decoração: Na cabeceira, círculo gravado do qual se destacam, inferiormente e de cada um dos lados, dois pequenos traços encurvados que aparentam simular as extremidades de torques.

Dimensões: [33]/16/11.

Campo epigráfico: Adivinha-se área quadrilateral rebaixada.

Dimensões: [9]/9.

Conservação: Desgaste intenso e fractura na parte direita.

Local de achado: Modorro.

Circunstâncias: Tal como as n.ºs 76 e 118, foi encontrada metida numa parede de um palheiro situado no Largo do Modorro.

Paradeiro: Frente da casa de António Agostinho Rodrigues, no Largo do Modorro, Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Inédita.

121 (40/04/02/09/15) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. XXXI, 124)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Cabeceira semicircular que integra reconstituição hipotética da estela a que teria pertencido. Apresenta algumas mossas no rebordo externo.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Resume-se a roda de 12 raios curvos sinistrorsos, em relevo, centrada e envolvida por moldura e pelo rebordo externo da estela, que se prolongam inferiormente (formando campo ultra-semicircular?).

Dimensões: [29]/31/11.

Local de achado: Torre Velha.

Circunstâncias: Apareceu, em 1887, nas escavações da Torre Velha promovidas pela Sociedade Martins Sarmento e realizadas por J. Henriques Pinheiro (1888, p. 78): encontrava-se no interior de um edifício (casa) juntamente com outro fragmento (n.º 64).

Paradeiro: MSMS (n.º 55), Guimarães.

BIBLIOGRAFIA: Sarmento, 1887, p. 188 (= 1933, p. 311); Pinheiro, 1888, p. 78 (= 1895, p. 84); Guimarães, 1901, p. 65; Vasconcelos, 1913, p. 406, 415; Cardozo, 1935, p. 91 (= 1972², p. 97, n.º 55); Alves, 1938, p. 604; Lopo, 1987, p. 28; Lemos, 1993, IIa, p. 68; García, 1996a, p. 1723, *n.º 21; Rodríguez, 1997, p. 251, n.º 257.

122 (42/04/02/09/17) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. XXXII, 125)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Fragmento de cabeceira aparentemente semicircular que conserva parte do registo decorativo e, no lado esquerdo, parte do rebordo externo. A face posterior foi grosseiramente acabada.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Roda de 12 raios curvos de orientação sinistrorsa (com orifício ao centro) esculpida sobre campo rebaixado e delimitado pelo rebordo externo da estela. Tipologicamente, parece aproximar-se da estrutura decorativa da cabeceira da estela de *Acca* (n.º 14).

Dimensões: [28]/[35]/14,5.

Local de achado: Castro de Avelãs.

Circunstâncias: Não estão apuradas: a Torre Velha ou algum dos muros das ruínas do mosteiro são hipóteses a ter em consideração.

Paradeiro: Igreja de Castro de Avelãs.

BIBLIOGRAFIA: Lemos, 1993, IIa, p. 68; García, 1996a, p. 1723, *n.º 22.

123 (93/04/02/19/10) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. XXXII, 126)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Fragmento de cabeceira horizontal com registo decorativo incompleto. Arestas posteriores arredondadas. Conservação regular, apenas com ligeiras escoriações perimétricas.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Roda de raios curvos sinistrorsos gravada no interior de campo quadrilateral rebaixado.

Dimensões: [18,5]/31/16,5.

Local de achado: Igreja de Grijó de Parada.

Circunstâncias: Encontra-se integrado no lado esquerdo do portal românico da igreja.

Paradeiro: Igreja de Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Afonso, 1990, p. 212; Lemos, 1993, IIa, p. 101; García, 1996a, p. 1724, *n.º 29.

Comentário: Constitui, na região, o único exemplar de estela com roda de raios curvos cujo remate é horizontal.

124 (94/04/02/19/11) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. XXXII, 127)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Pequeno fragmento de cabeceira, provavelmente, semicircular. Apresenta desgaste superficial.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos.

Decoração: Roda de raios curvos sinistrorsos relevada, presumivelmente no interior de campo ultra-semicircular, rebaixado e delimitado pelo rebordo externo da estela; tipologicamente, parece aproximar-se das peças n.ºs 14 e 122, ambas de Castro de Avelãs.

Dimensões: [17]/[34,5]/-.

Local de achado: Igreja de Grijó de Parada.

Circunstâncias: Encontra-se embutido na fachada principal da igreja, na sua metade esquerda, acima do portal.

Paradeiro: Igreja de Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Inédito.

■ 125 (96/04/02/19/13) Grijó de Parada, Grijó de Parada, Bragança. (Est. XXXII, 128)

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Estela dupla de cabeceiras semicirculares. Apenas é observável o topo, mas, como nos informou José Evangelista Seca, mordomo da igreja, as cabeceiras – parcialmente visíveis durante as últimas obras de recuperação do templo, que deixaram a fachada principal sem o seu revestimento de argamassa de areia e cal – parecem ser ornadas por rodas de raios curvos.

Elementos decorativos: Roda de raios curvos (?).

Dimensões: -/[76]/34.

Local de achado: Igreja de Grijó de Parada.

Circunstâncias: Encontra-se metida na metade direita do frontespício do templo, junto ao chão.

Paradeiro: Igreja de Grijó de Parada.

BIBLIOGRAFIA: Inédita.

■ 126 (47/04/02/10/2) Coelhooso, Coelhooso, Bragança.

Suporte: Estela.

Material: Granito.

Descrição: Referência a estela anepígrafa.

Local de achado: Coelhooso.

Circunstâncias: Retirada, em 1988, das paredes de uma casa (cf. Lemos, 1993, IIa, p. 72) pertencente a Cândida Fernandes.

Paradeiro: MAB (?), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lemos, 1993, IIa, p. 72-73; García, 1996a, p. 1723, *n.º 23.

2.4. Inscrições viárias

■ 127 (44/04/02/09/19) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. XXXIII, 129)

Suporte: Miliário.

Material: Granito.

Descrição: Monólito cilíndrico, seccionado longitudinalmente e escavado no seu interior para ser reutilizado como sarcófago. Apresenta perfuração circular ($\emptyset = 15$) ao nível da quinta linha epigrafada. A superfície conserva ligeiras escoriações e desgaste acentuado.

Dimensões: 210/60.

Campo epigráfico: A inscrição foi gravada na parte superior da superfície cilíndrica.
Conservação: O corte longitudinal não afectou a inscrição que, contudo, sofreu ligeiro dano na l. 1, devido a escoriação mais profunda que atingiu a aresta do monólito, e estragos mais consideráveis na l. 5, provocados pela perfuração sofrida e pelo profundo desgaste acumulado.

Local de achado: Torre Velha/Terras de S. Sebastião.

Circunstâncias: Apareceu, em 1887, nas escavações da Torre Velha promovidas pela Sociedade Martins Sarmento e realizadas por J. Henriques Pinheiro (1888, p. 84): estava reutilizado como sarcófago no exterior das ruínas do templo de S. Sebastião.

Paradeiro: MAB (n.º 1584), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Pinheiro, 1888, p. 84; *CIL* II 6215; Pinheiro, 1895, p. 4, 91, 103-104; Capela, 1895, p. 84; *EE* VIII 511; Alves, 1934, p. 44-46, n.º 10; *ILER* 6065; Lopo, 1987, p. 29; Lemos, 1993, IIa, p. 69; García, 1996a, p. 2501-2502, n.º 2; Rodríguez, 1997, p. 312, n.º 390.

IMP(erator) . CAESAR . DIVI F(ilius) / AVG(ustus) . PONT(ifex) . MAX(imus) .
IMP(erator) / XV (quintum decimum) CO(n)S(ul) . XIII (tertium decimum) . TRIB(uni-
cia) . POT(estate) . / XXI (uicesima prima) . PATER PATRIAE / ⁵ M(ilia) [P](assuum)
XIX?

Imperador César Augusto, filho do Divino, pontífice máximo, 15 vezes imperador, cônsul pela 13.^a vez, no seu 21.º poder tribunicio, Pai da Pátria. 19 (?) milhas.

Alt. das letras: L. 1: 9/11,3; l. 2: 8,8/11,2; l. 3: 8,3/10,4; l. 4: 8,4/10,6; l. 5: 9/11.

Espaços: 1: 7,2/9,5; 2: 2,5/6,9; 3: 1,5/5,5; 4: 3/5,4; 5: 1,9/3,6; 6: 140.

Variantes: L. 2: AVGVSTVS (Rodríguez), MAXIMO (Pinheiro 1888, *CIL*, Capela, *ILER*); l. 4: XXII (García); l. 5: CLX[XX] (Pinheiro 1895), P(assuum)? CL? (Alves, Lemos, García), M(ilia) P(assuum) CLV (Rodríguez). Em Pinheiro (1888), *CIL*, Capela, *ILER* e Lopo não é efectuada leitura da l. 5. Grandes disparidades na transcrição da pontuação entre os diversos autores.

Comentário: Texto alinhado à esquerda e distribuído por um conjunto de linhas com alturas mais ou menos homogêneas. Gravação profunda e larga, produzindo caracteres tendencialmente quadrados, de *ductus* elegante: AA com travessão central oblíquo; G de haste encurvada para o seu interior; OO subcirculares; PP de pança fechada, servindo de base aos RR. Na l. 5, apenas se adivinham ténues vestígios do M, havendo, ao lado, espaço para o P; do primeiro X resta, claramente marcada, a metade direita, lembrando um C, e do segundo só nos chega a parte esquerda; o I está mais chegado ao segundo X e o traço que alguns autores viram como barra de um L nada tem a ver com a incisão original.

Este miliário permite datar da época de Augusto, senão a construção da via XVII do Itinerário de Antonino, pelo menos o seu troço entre Chaves e Astorga, ao qual, naturalmente, pertence. Relacionam-se com esta via mais três miliários que, duvidosamente, se têm atribuído a Augusto: o de Soeira (n.º 135), o da Pastoria (Tranoy, 1981, p. 208, n.º 28; Rodríguez, 1997, p. 311, n.º 388) e o de S. Martinho de Zebral (*CIL* II 4776; Rodríguez, 1997, p. 311, n.º 387).

Não coincidem os dados relativos ao poder tribunício e às saudações imperiais. O 21.º poder tribunício de Augusto terminou em Junho de 2 a.C., o mesmo ano em que recebeu o título de Pai da Pátria e assumiu o 13.º consulado, e a sua 15.ª saudação imperial só viria a acontecer em 2 d.C. – torna-se claro existir um lapso na gravação no número saudações imperiais: 15, em vez de 14. O aspecto mais discutido deste texto viário tem sido, porém, o referente ao número de milhas registado. Embora existam várias propostas de leitura, praticamente todas convergem no sentido de considerar *Bracara Augusta* o ponto de partida para a contagem dessa distância (Pinheiro, 1895, p. 104; Barradas, 1956, p. 208; Rodríguez, 1997, p. 304, 312). A nossa leitura, a ser correcta, inviabiliza, porém, tal pretensão.

128 (9/04/02/03/4) Babe, Babe, Bragança. (Est. XXXIII, 130)

Suporte: Miliário.

Material: Granito.

Descrição: Monólito cilíndrico, cortado longitudinalmente e escavado no seu interior para reutilização (sarcófago?). A aresta superior apresenta desgaste profundo.

Dimensões: 170/64.

Campo epigráfico: A inscrição ocupa a parte superior da superfície cilíndrica.

Conservação: Os danos da aresta superior afectaram a l. 1, enquanto que o corte longitudinal truncou a parte direita do texto.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Descoberto por Albino Lopo (1898, p. 342) junto à porta lateral da igreja matriz de Babe. Presume-se que, tal como as restantes inscrições encontradas na aldeia, seja originário do Sagrado, de acordo com os testemunhos recolhidos pelo próprio Lopo (1987, p. 39).

Paradeiro: MAB (n.º 1570), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1898, p. 341-342; Belino, 1898, p. 16-17; *EE* IX 416; Alves, 1934, p. 38-39, n.º 6; Lopo, 1987, p. 38-39; Lemos, 1993, IIa, p. 43; García, 1996a, p. 2515-2516, n.º 22.

IMP(eratori) [TRAIANO HADRIANO AVG(usto)] / DĒIVI . TRAIANI PARTHICI] / F(ílio) DĒIVI . NE[RVAE NEP(oti) TRIB(unicia) POT(estate)] / XIIX (duodeuicesima) . CO(n)[S(uli) III (tertium) P(atri) P(atriciae)] / ⁵ CAESER[¹] / M(ília) . P(assuum) . XX[---]

Ao Imperador Trajano Adriano Augusto, filho do divino Trajano Pártico, neto do divino Nerva, no seu 18.º poder tribunício, cônsul pela 3.ª vez, Pai da Pátria, César, XX[---] milhas.

Alt. das letras: L. 1: 9/9,5; l. 2: 9,6/7,2; l. 3: 7,5/9 (F = 11); l. 4: 7,2/8,5; l. 5: 7,3/8,9; l. 6: 8,2/9,5.

Espaços: 1: 6,7/7; 2: 1,4; 3: 0,3/4,2; 4: 0,8/3,3; 5: 0/2,2; 6: 0,3/2,6; 7: 105.

Variantes: L. 1: IM(perat)[---] (Lopo 1898 = 1987), IM[P . CAES] . (Belino), IM[P(erator) CAES(ar) HADRIANUS] (*EE*, García), IM(peratori Caesari Traiano Hadriano Augusto) (Alves), IMP(eratori) (Lemos); l. 2: DIVI . TRAIANI (Lopo 1898 = 1987), DIVI .

TRAIA[NI . PARTHICI] (Belino), $\overline{D}\overline{E}$ IVI TRAIA(ni filio) (Alves), DEIVI TRAIA[NI] (Lemos), DIVI TRAIA[NI PARTHICI] (García); l. 3: F(ilio) DIVI . NE(ru) [--- tribunicia potestate] (Lopo 1898), F . DIVI . NE[RV . N . HADRI . AVG . PONT . MAX . TRIB . POT .] (Belino), F $\overline{D}\overline{E}$ IVI NE[RV(ae) N(epos) TR(ibunicia) P(otestate)] (EE), $\overline{D}\overline{E}$ IVI NE(ruae nepoti tribunitia potestate) (Alves), F(ilio) DIVI . NE(ro) [--- tribunicia potestate] (Lopo 1987), F(ilio) $\overline{D}\overline{E}$ IVI NE[RVAE N(epoti) TRIB(unicia) POT(estate)] (Lemos), F(ilius) DEIVI NE[RVAE N(epos)] (García); l. 4: CO(nsuli) [III---] (Lopo 1898 = 1987), CO[S . III . P . P .] (Belino), CO[S] (EE), CO(sul III) (Alves), CO(n)[S(ul) III] (Lemos), [TR(ibunicia) P(otestate)] XIIX CO(n)[S(uli) III] (García); l. 5: CAE S F (Belino), CAESE[---] (Lemos), CAESA(ri) M(ilia) P(assum) XX[---] (García); l. 6: M(ilia) . P(assum) . XX (EE, Alves).

Comentário: Texto com aparente alinhamento à esquerda, apesar de a paginação no seu todo ser deficiente, como, por exemplo, se comprova pela inclinação que apresentam as linhas, sobretudo as duas últimas. Caracteres de *ductus* irregulares gravados de forma profunda; CC semicirculares e O quase circular; panças do P e dos DD semicirculares; AA sem travessão central, servindo de base ao traçado dos MM e do N; EE de barras curtas, nem sempre iguais ou paralelas. Recurso ao nexu DE nas l. 2 e 3 e, na l. 4, à forma XIIX para representar o numeral 18. Na l.3, F de grafia cursiva. Pontuação de secção circular.

A reconstituição do texto deste miliário resulta algo problemática atendendo, sobretudo, à interpretação da l. 5. O conhecimento da forma *Caeser* em lugar da habitual *Caesar*, atestada num miliário de Nerva (Abásolo, 1990, p. 539-544) descoberto em Milles de la Polvorosa, na província de Zamora, permite sustentar a nossa proposta interpretativa, ainda que seja forçoso admitir o inusitado da estrutura textual, motivada por qualquer razão que verdadeiramente nos escapa – inexistência ou deficiente interpretação de uma minuta? A vacilação *-ar* por *-er* é o resultado de uma apofonia (Väänänen, 1967, p. 70), sem que lhe possamos atribuir um valor cronológico; o exemplo *Caesar/Caeser* documenta-se também em inscrições parietais pompeianas (CIL IV 2124, 2308, 3027). Resulta igualmente extraordinária a manutenção do arcaísmo *-ei-* por *-i-*, aparentemente extemporâneo nos inícios do século II. A forma XIIX, para representar o numeral 18, tem paralelos noutros miliários de Adriano encontrados na Geira (Capela, 1895, p. 128-131, n.ºs 23-26).

Seguindo a estrutura textual dos miliários de Adriano, verifica-se que quando é elencada a ascendência do imperador só de seguida se gravam os seus nomes pessoais, iniciando-se o texto com os seus *praenomen* e *nomen*. No caso vertente, tendo sido o gentilício “relegado” para a l. 5, optámos por reconstituir os nomes pessoais na l. 1, onde a análise do espaço disponível os torna mais prováveis, admitindo, assim, um erro grosseiro na gravação do texto; apesar disso, uma interpretação diferente da l. 5 é de mais difícil admissão.

Para além deste miliário de Adriano, assinalam-se outros no traçado da via XVII: dois na região de Montalegre (CIL II 4783; Rodríguez, 1997, p. 319, n.º 403), outros dois na cidade de Chaves (CIL II 4779, 4780) e um em San Vitero (Mañanes e Solana, 1985, p. 139-140, n.º 5).

Os miliários de Adriano da região flaviense, tal como os de Trajano, relacionam-se com obras de restauro da via empreendidas por este imperador, sendo razoável pensar que os miliários de Babe e San Vitero possam ter sido gravados na sequência de idênticos trabalhos. É datável dos anos 133-134, de acordo com os dados relativos ao poder tribunicio e ao consulado.

Suporte: Miliário.

Material: Granito.

Descrição: Monólito cilíndrico, truncado longitudinalmente e escavado para ser reutilizado como sarcófago. Apresenta, junto à base, pequena concavidade ($\emptyset = 6$) e, mais acima, orifício largo ($\emptyset = 15$) que, por sua vez, tem no interior perfuração menor ($\emptyset = 6$). A superfície encontra-se bastante gasta.

Dimensões: 213/58.

Campo epigráfico: O letreiro está gravado na parte superior da superfície cilíndrica.

Conservação: O corte longitudinal amputou a parte central do texto.

Local de achado: Torre Velha/Terras de S. Sebastião.

Circunstâncias: Exumado, em 1887, nas escavações promovidas pela Sociedade Martins Sarmento e realizadas por J. Henriques Pinheiro (1888, p. 83): estava reutilizado como sarcófago no exterior das ruínas do templo de S. Sebastião.

Paradeiro: MAB (n.º 1583), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Figueiredo, 1887, p. 90; Pinheiro, 1888, p. 83; *CIL* II 6216; Pinheiro, 1895, p. 90, 103-104; Alves, 1934, p. 46-47, n.º 11; Lopo, 1987, p. 29; García, 1996a, p. 2518, n.º 27; Rodríguez, 1997, p. 322, n.º 408.

IMP(eratori) CA[II]S(ari) DIVI SII]VIIRI]PII]FIL]I]O] / DIVI M(arci) A[NT(onini) NIIP(os) DIVI ANT(onini)] PII PRONII/POS DIVI [HADRIANI AB]NIIPO[OS] / DIVI TRA[II]ANI PARTHI]CI IIT DIVI / ⁵ NIIRVA [ADNIIPOS] / M(arco) AVRII[LIO ANTONIN]O P[IO] FIIIL(ici) AV[USTO] / PARTHICO [MAXIMO BR]ITANNICO MAXIMO / GIIRMA[NICO MAXIMO] PONTIFICI / MAXIM[O TRIBVNICIA] POT(estate) XVI I (septima decima) / ¹⁰ IMP(eratori) IIII (tertium) [CO(n)S(uli) IIII (quartum) P(atri) P(atriciae) PR]OCONSVL(i)

Ao Imperador César Marco Aurélio Antonino Pio Félix Augusto, Pártico Máximo, Britânico Máximo, Germânico Máximo, pontífice máximo, filho do divino Severo Pio, neto do divino Marco Antonino, bisneto do divino Antonino Pio, trineto do divino Adriano, tetraneto do divino Trajano Pártico e do divino Nerva, no seu 17.º poder tribunício, imperador pela 3.ª vez, cônsul pela 4.ª vez, Pai da Pátria, procônsul.

Alt. das letras: L. 1: 7/9,5; l. 2: 8/9,5 (I = 6); l. 3: 7/8,5; l. 4: 8/9 (I = 6,5); l. 5: 7,2/9; l. 6: 6,7/8,7; l. 7 e 8: 6/8,5 (C = 4,7); l. 9: 6,5/8; l. 10: 7/9.

Espaços: I: 13/17; 2: 0/1; 3: 0/1,5; 4: 0/1,8; 5: 0,3/2,5; 6: 0/2,5; 7: 0,5/3; 8: 0/2; 9: 0/4,5; 10: 0/0,8; 11: 100.

Variantes: As leituras propostas pelos diversos autores são muito fragmentadas. Figueiredo apenas fez leitura parcial das l. 3 e 4: [---]POS[---] / [---] DIVI TRA[---]. A proposta de Pinheiro (= *CIL* = Lopo) junta o final da l. 7 com o início da l. 8 e acumula um total de 11 linhas; a mesma confusão está presente na proposta de leitura de Alves, que, no entanto, não considera a l. 5 e, por isso, tem dez linhas. As propostas de García e Rodríguez baseiam-se nas leituras anteriores, nada adiantando.

Comentário: Inscrição gravada de forma profunda e larga, com alinhamento à esquerda. Caracteres tendencialmente actuários, embora os FF tenham nítida influência cursiva; EE substituídos por II e AA sem travessão central. Ressaltam as discordâncias de caso na indicação das relações de parentesco, as quais deveriam estar em dativo, em concordância com a titulatura do imperador, e não em nominativo.

Trata-se de um miliário de Caracala pertencente à via XVII, no qual está ausente a indicação da milha em que estava colocado. É o primeiro de dois miliários deste imperador na região bragançana: o outro foi descoberto em Babe (n.º 130); apesar de terem exactamente a mesma cronologia, há entre ambos diferenças paleográficas bem vincadas, como veremos. Conhece-se outro miliário de Caracala relacionado com esta via, descoberto em Vilarandelo, no concelho de Valpaços (Rodríguez, 1997, p. 321-322, n.º 407), já em território brácario. É datável de 213-214, de acordo com os dados relativos ao poder tribunicio e ao número de saudações imperiais.

130 (10/04/02/04/5) Babe, Babe, Bragança. (Est. XXXIII, 132)

Suporte: Miliário.

Material: Granito.

Descrição: Monólito cilíndrico, ligeiramente mais largo no topo do que em baixo (= 50), seccionado longitudinalmente, escavado e perfurado ($\varnothing = 7$) na base, em virtude de ter sido reutilizado como sarcófago. Actualmente, está fracturado em duas partes (com vestígios de cimento de um “restauro” anterior) e ostenta escoriações variadas ao longo da aresta superior, sobretudo junto às linhas do corte longitudinal.

Dimensões: 198/60.

Campo epigráfico: A inscrição ocupa a parte superior da superfície cilíndrica.

Conservação: O corte longitudinal afectou, sobretudo, a parte direita do texto, enquanto que a fractura recente atingiu as l. 6-9.

Local de achado: Sagrado.

Circunstâncias: Encontrou-se enterrado no sítio da capela de S. Pedro Velho, em Setembro de 1915, no decurso de trabalhos agrícolas realizados por Miguel Bernardo de Sousa (Alves, 1916, p. 145). Deu entrada no Museu de Bragança por influência de Raul Teixeira, de António Augusto Pires Quintela, de José Montanha e do tenente Luís dos Santos Ferreira (Alves, 1934, p. 37).

Paradeiro: MAB (n.º 1572), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1916, p. 145-150, 1934, p. 35-38, n.º 5; García, 1996a, p. 2519-2520, n.º 29.

IM(peratori) . CAES(ari) DIVI SEVERI P[̄]I[I] / [FI]LIO . DIVI . MARCI ANT(onini) .
NEP[OTI] / ĐIVI . ANT(onini) . PII PRONEPOTI D[IVI] / [H]ADRIANI ABNEPOTI .
DIVI / ⁵ [T]RAIANI PARTHICI . DIVI . NERŪ[AE] / ADNEPOTI . M(arco) . AVRELIO
AN[TONINO PIO] / FELICE AVG(usto) . PART(hico) . MAX(imo) . B[RIT(annico)] /
M̄AX(imo) . GER(manico) . M̄AX(imo) . P̄ONT(ifici) . [MAX(imo)] / TRI(bunicia) .
P̄(otestate) . X̄VII (septima decima) . IMP(eratori) . III (tertium) . CO(n)S(uli) . [III
(quartum)] / ¹⁰ P(atrici) . P(atriciae) . PROCO(n)S(uli) . M(ilia) . P(assuum) . X[X--]

Ao Imperador César Marco Aurélio Antonino Pio Félix Augusto, Pártico Máximo, Britânico Máximo, Germânico Máximo, pontífice máximo, filho do divino Severo Pio, neto do divino Marco Antonino, bisneto do divino Antonino Pio, trineto do divino Adriano, tetraneto do divino Trajano Pártico e do divino Nerva, no seu 17.º poder tribunício, imperador pela 3.ª vez, cônsul pela 4.ª vez, Pai da Pátria, procônsul. X[X---] milhas.

Alt. das letras: L. 1: 7/8,5; l. 2: 6/7 (D = 8); l. 3: 6/7 (O = 5,8); l. 4: 6,5/7,5 (D = 8; O = 5,8); l. 5: 6/7 (I = 8,5; P = 8,3); l. 6: 6,5/7,5 (D = 9; M = 8,5); l. 7: 6,5/7,5 (R = 8); l. 8: 7,5/8,5 (M = 6,5; T = 10); l. 9: 7,5/8 (R = 9; O = 7); l. 10: 9/10,5 (S = 8).

Espaços: I: 13; 2 e 4: 0/1; 3, 6 e 7: 0,5/1,5; 5: 0/1,5; 8: 1/1,5; 9: 0/2; 10: 1/4; II: 110.

Variantes: L. 1: IMP(eratori) . CAES(ari) DIVI SEVERI PI(i) (García), Alves (1916) não lê o PI; l. 2: LI[---] (Alves, García); l. 3: PRONEPOT (Alves 1916) PRONEP(ot)I (García), Alves (1934) assinala ponto a seguir a PII; l. 4: ADRIANI (Alves, García), Alves (1916) não regista o ponto; l. 5: TRAIANI (Alves e García), NERV[---] (García), Alves ignora pontuação na sua primeira leitura (1916) e em 1934 assinala ponto após a primeira palavra; l. 6: ABNEPOTI (Alves), ABNEPOT M AVRELIO AN[TONINO---] (García); l. 7: B[---] (García), Alves regista ponto a seguir à primeira palavra; l. 8: CER . MAX . PONTI (Alves), CER[---] MAX(imo) PONTI (García); l. 9: [FICE---] TRI(bunicia) (García). Ambos os autores dão por incompletas, no seu início, as l. 3, 8, 9 e 10; García apenas apresenta a pontuação da l. 1 e de parte da l. 2.

Comentário: Disposição do texto deficiente, não respeitando qualquer alinhamento prévio. Capitais alongadas, de traçado irregular e inclinações diversas, sendo a gravação profunda; AA sem travessão central (alguns apresentam a haste esquerda a unir ligeiramente abaixo da extremidade da direita) e a servir de base aos MM e NN; VV de hastes curvas; PP, RR e DD de pança traçada com irregularidade, facto comum às restantes letras com contornos circulares. Pontuação de secção circular.

Texto em honra de Caracala e novo testemunho do traçado da via XVII do Itinerário de Antonino; tal como o miliário de Adriano procedente do mesmo lugar (n.º 128), não conserva completa a referência da distância que marcava, havendo, porém, coincidência com aquele quanto ao único numeral registado, indiciando a marcação da mesma milha. Como o anterior, é datável dos anos 213-214.

131 (I36/04/12/35/1) Vinhais, Vinhais, Vinhais. (Est. XXXIV, 133)

Suporte: Miliário.

Descrição: O texto viário transmitido por Cardoso Borges (1721-1724, f. 73v), copiado de um papel que lhe foi oferecido, refere-se a um miliário que estaria na vila de Vinhais, e que este erudito já não conseguiu encontrar.

Local de achado: Vinhais.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 73v; Alves, 1909, p. 355-356, 1934, p. 207-208; Lemos, 1993, IIa, p. 454-455; García, 1996a, p. 2526, n.º 39; Rodríguez, 1997, p. 327, n.º 415.

--- VIAS ET PONTES TEMPORE VETVSTATIS] / CONLAPSOS RESTITVERVNT / [CVRANTE] Q(uinto) . DECIO LEG(ato) AVG<G>(ustorum) . PR(o) . PR(aetore) . / C(larissimo) V(iro) [---]VIA? AVG(usta?) . / M(ilia) . P(assuum) . C[---?] .

--- as vias e as pontes pelo andar dos tempos] destruídas restauraram, sendo encarregado Quinto Décio, legado propretor dos Augustos, varão preclaro. [---], [---] milhas.

Variantes: L. 2: Alves e Lemos não transcrevem o ponto que se segue ao Q, e o segundo também não o faz relativamente ao ponto que finaliza a linha.

Comentário: Documenta, em conjunto com o n.º 135, o traçado setentrional da via XVII, entre Chaves e Castro de Avelãs.

A referência ao governador da Província Citerior *Q. Decius Valerinus* permite datar o miliário dos anos 235-238, correspondentes ao reinado de Maximino e de seu filho Máximo. No Noroeste peninsular, este período é marcado por importantes trabalhos de recuperação da rede viária (Tranoy, 1981, p. 398-399), como o testemunha cerca de um quarteirão de miliários associados às vias XVII, XVIII e XIX.

A milha marcada pelo miliário de Vinhais seria provavelmente superior a C, pois tanto *Bracara Augusta*, como *Asturica Augusta* distavam mais de 100 milhas (e *Aquae Flaviae* menos); o final da l. 3 parece resultar de uma má leitura do texto epigráfico, devendo aí constar a referência ao local a partir do qual se fazia a contagem das milhas.

132 (81/04/02/16/5) Gimonde, Gimonde, Bragança. (Est. XXXIV, 134)

Suporte: Miliário.

Material: Granito.

Descrição: Monólito cilíndrico, lascado no topo; a superfície apresenta diversas esco-
riações e desgaste acentuado.

Dimensões: 147/39.

Campo epigráfico: O texto ocupa a parte superior da superfície cilíndrica.

Conservação: Medíocre.

Local de achado: Cruz do Marrão.

Circunstâncias: Encontrou-se, enterrado, na Cruz do Marrão, no ocaso do século XIX, junto do caminho velho que liga Gimonde a Babe, presumível local de passagem da via XVII; foi posto a descoberto pelas águas das chuvas, tendo Manuel Fernandes, de Gimonde, comunicado a F. M. Alves o seu aparecimento (Lopo, 1900b, p. 137; Alves, 1934, p. 58). Deu entrada no Museu de Bragança por intermédio do mesmo M. Fernandes (Alves, 1934, p. 58).

Paradeiro: MAB (n.º 1575), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1900b, p. 136-138, 1900c, p. 81; *EE IX* 415; Alves, 1934, p. 56-58, n.º 20; Lopo, 1987, p. 61-62; Lemos, 1993, IIa, p. 93-94; García, 1996a, p. 2528-2529, n.º 45.

IMP(eratori) . M̄AR[CO] / AṽRELIO / CARO CAES(ari)

Ao Imperador Marco Aurélio Caro César.

Alt. das letras: L. 1: 7/8,2 (P = 12; R = 13,5); l. 2: 7,6/8,7 (R = 13,7; E = 9,1); l. 3: 9,1/10,7 (C = 7,3; A = 8,6; E = 8,2).

Espaços: 1: 15,5/23; 2: 2,9/7,2; 3: 3,7/9,5; 4: 83/88.

Variantes: L. 1: em *EE*, Alves, Lemos e García não é assinalado o ponto; l. 3: CAESAR (Lemos, García).

Comentário: Texto paleograficamente pouco cuidado, com ausência de verdadeira paginação. Gravação profunda e larga. Caracteres de módulos e ductos bastante irregulares; AA sem travessão central, servindo de base aos MM; P de pança fechada; RR de pança aberta, à excepção do da l. 1; OO tendencialmente circulares; EE de traços horizontais iguais. Ponto de secção circular.

O achado deste miliário do imperador Caro constitui mais uma achega para a reconstituição do traçado da via *Bracara Augusta-Asturica Augusta* na região de Bragança. É o único miliário deste imperador que, com segurança, se pode atribuir à via XVII (Tranoy, 1981, p. 395; Rodríguez, 1997, p. 308-341), apesar de os marcos viários do seu reinado não serem raros no Noroeste peninsular (*CIL* II 4760, 4785, 4786, 4822; *EE* VIII 227, 234; *HAE* 367; Rodríguez, 1997, p. 360-361, n.º 480). É datável de 282-283.

133 (83/04/02/18/2) Gostei, Gostei, Bragança. (Est. XXXIV, 135)

Suporte: Miliário.

Material: Granito.

Descrição: Monólito cilíndrico, fracturado na aresta superior e com as superfícies bastante gastas. Está, actualmente, embutido numa base de cimento.

Dimensões: 129/31.

Campo epigráfico: O texto foi gravado na parte superior da superfície cilíndrica.

Conservação: Desgaste intenso. Ao nível da l. 5, a abertura de uma pequena cavidade afectou a parte direita do N.

Local de achado: Adro da igreja de S. Cláudio.

Circunstâncias: Identificado no adro da igreja de S. Cláudio por Celestino Beça (Alves, 1915, p. 78), onde, em 1900, servia de banco, encostado a uma parede – foi, contudo, publicado, no ano seguinte, por A. Pereira Lopo (1901b, p. 147-148).

Paradeiro: MAB (n.º 1580), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1901b, p. 147-148; *EE* IX 417; Alves, 1934, p. 57-59, n.º 21; Lopo, 1987, p. 46-47; Lemos, 1993, IIa, p. 99; García, 1996a, p. 2531-2532, n.º 50; Rodríguez, 1997, p. 330-331, n.º 421.

D(omino) N(ostro) IM[P(eratori)] / CAE(sari) AVR(elio) / M(arco) VAL(erio) / MAXIMI/5ANO

Ao nosso senhor, Imperador César Aurélio Marco Valério Maximiano.

Alt. das letras: L. 1: 7,5/8,5 (D = 10,5); l. 2: 8,2/9,5 (V = 6,2; R = 11,7); l. 3: 8/9; l. 4: 7/8 (A = 10); l. 5: 8,5.

Espaços: 1: 8,5/9; 2: 0,5/1,7; 3: 2/3; 4: 0/2,5; 5: 0/3,5; 6: 70.

Variantes: L. 2: CAE AVG (Lemos, García), CA (Rodríguez), AVG (Lopo); l. 3: VAL (Lemos, García, Rodríguez); l. 4: MĀXIMI (Rodríguez).

Comentário: Texto paleograficamente pouco cuidado e com alinhamento à esquerda. Horizontalidade das linhas raramente observada. Gravação profunda e larga. Letras tendencialmente actuárias, de ductos e alturas irregulares; D adelgado; AA sem travessão central e de vértices, geralmente, curvos, tal como os dos MM; VV de hastes desiguais e nem sempre direitas; R de pança larga; O ovalado. Na l. 2, nexos AE e, na seguinte, nexos AL; o primeiro de forma não habitual, com uma única barra unida perpendicularmente a meio da haste direita do A. Na l. 4, A e X unem inferiormente.

Este miliário de Maximiano, datável de 286–305, tal como os anteriores relaciona-se com a via XVII do Itinerário de Antonino, nomeadamente com o seu itinerário sul. O dativo e ausência da indicação das milhas emprestam-lhe carácter honorífico, pese embora o facto de a nomenclatura imperial não estar correctamente ordenada. É bem provável que o local do seu achado corresponda ao seu contexto original, distanciado cerca de uma milha da Torre Velha de Castro de Avelãs. Associam-se à via XVII mais dois miliários deste imperador, ambos descobertos junto à ponte de Valtelhas (*EE VIII* 223; Rodríguez, 1997, p. 330, n.º 420), nas margens do rio Rabaçal.

134 (I30/04/05/I7/I) Lamalonga, Lamalonga, Macedo de Cavaleiros. (Est. XXXIV, 136)

Suporte: Miliário.

Material: Granito.

Descrição: Monólito cilíndrico, ligeiramente mais largo no topo do que na base. Encontra-se bastante mal conservado, ostentando bastantes mossas e irregularidades variadas, para além de acentuado desgaste superficial.

Dimensões: 172/60.

Campo epigráfico: A inscrição ocupa a parte superior da superfície cilíndrica.

Conservação: Deficiente.

Local de achado: Capela de S. João.

Circunstâncias: Desenterrado ao lado da capela de S. João (a sudoeste), conjuntamente com um outro (n.º 136), anepígrafo, aquando da realização de obras de reparação do templo, na primeira década do século passado (Lopo, 1907, p. 163, 1987, p. 96).

Paradeiro: MAB (n.º 1565), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1907, p. 162-164; Alves, 1934, p. 60, n.º 23; Lopo, 1987, p. 96-97; Lemos, 1993, IIa, p. 191; García, 1996a, p. 2533, n.º 53; Rodríguez, 1997, p. 332, n.º 423.

IMP(eratori) FLAVIO VALIIRIO / CO<N>STANTIO / [---?]+O+[---?] /
[NOB]ILIS<S>IM/5O ÇAËŞ(ari)

Ao Imperador Flávio Valério Constâncio, [---], nobilíssimo César.

Alt. das letras: L. 1: 7,5/9,8; l. 2: 7,5/9; l. 3: 7; l. 4: 6/7,8; l. 5: 7,3/9,5.

Espaços: 1: 15; 2: 3/6; 3: 2,5/4; 4: 2; 5: 3; 6: 100.

Variantes: À exceção de Rodríguez, todos os autores seguem, basicamente, a leitura efectuada por A. Lopo: IMP FLAVIO VALLERIO / COSTANTIO / OS[---] / Q[---]VLO [---]; Lemos e García, além de não reproduzirem a geminação LL presente na l. 1, propõem na l. 2: CO[N]STANTIO. A leitura de Rodríguez é: IMP(eratori) CAES(ari) FLAVIO VALERIO CONSTANTIO.

Comentário: Abaixo da l. 2, a epígrafe encontra-se bastante apagada, de modo que algumas letras mais se adivinham do que se lêem. Dada a pouca pureza do granito, parece que a disposição do texto obedeceu, sobretudo, à necessidade de procura dos espaços mais facilmente epigrafáveis, não se percebendo qualquer trabalho de *ordinatio*. A gravação foi executada de forma profunda, como se pode apreciar nos traços melhor conservados. Caracteres de mau desenho e de dimensão irregular; AA sem travessão central e de vértice arredondado, tal como o dos VV; R de pança aberta; SS bastante esguios e enviesados. Na l. 1, a gravação do M parece ter ficado pela metade e o E grafou-se II, estando um dos traços sobrelevado, praticamente sobre a barra do L que o precede; na l. 2, certamente por lapso, foi omitido o N, tal como, na l. 4, o S; nesta, L de traços desarticulados.

Erguido em honra do imperador Constâncio I, pertenceu ao itinerário meridional que, entre Chaves e Castro de Avelãs, era descrito pela via XVII. Deste imperador, conhece-se um outro miliário relacionado com esta mesma via nos arredores de Chaves, cuja proveniência é atribuída a Eiras (Rodríguez, 1997, p. 331, n.º 422); no conjunto dos miliários de Braga, há mais dois (CIL II 4763; EE VIII 212).

No poder desde 292, Constâncio I recebe o título de César em Março de 293, pelo que o miliário terá uma cronologia situada entre este ano e o fim do seu reinado, em 306.

135 (I34/04/I2/24/I) Soeira, Soeira, Vinhais. (Est. XXXV, 137)

Suporte: Miliário.

Material: Granito.

Descrição: Actualmente anepígrafo, o monólito foi seccionado longitudinalmente e transformado em sarcófago, tendo pequeno orifício circular ($\emptyset = 10$) na parte inferior. A superfície apresenta-se bastante erosionada.

Dimensões: 202/60.

Campo epigráfico: A inscrição estaria gravada na superfície cilíndrica.

Local de achado: Ruínas da capela de S. Sebastião/Vilar.

Circunstâncias: Encontrado por Celestino Beça (1915, p. 91) nas ruínas da capela de S. Sebastião de Soeira, em 1900 (Alves, 1915, p. 78).

Paradeiro: MAB (n.º 1566), Bragança.

BIBLIOGRAFIA: Alves, 1915, p. 78, 91-92, n. 2-3; Beça, 1915, p. 91; Alves, 1934, p. 208; Lemos, 1993, IIa, p. 446-447; García, 1996a, p. 2571, *n.º 61; Rodríguez, 1997, p. 312, n.º 389.

---] TRIB(unicia) . POT(estate) . XXI (uicesima prima) [---

---] no 21.º poder tribunício [---

Variantes: Rodríguez confunde a informação do miliário de Vinhais com a deste, concretamente ao mencionar que marcava a milha C.

Comentário: O excerto de texto conhecido é lição de Celestino Beça, já que a permanência do miliário no local do seu achado, durante algumas décadas, levou ao desaparecimento dos poucos caracteres que se conservavam. A menção do 21.º poder tribunício não permite uma datação segura, embora F. M. Alves (1915, p. 91-92, n. 3) diga que *atendendo a que antes dessas palavras poucas mais cabiam, segundo informações do nosso amigo Pe. José Miguel Machado, talvez seja de Augusto como o Castro de Avelãs ou do seu século, em que a sobriedade dos títulos imperiais deixava logo muito em cima nestes monumentos as palavras em questão, ao contrário da época decadente onde a fiada dos avoengos e dos epítetos – germânico, pártico, dáxico, tudo o máximo – as relegavam para mais em baixo*. Documenta, com o n.º 131, o traçado setentrional da via XVII, entre Chaves e Castro de Avelãs.

136 (I31/04/05/17/2) Lamalonga, Lamalonga, Macedo de Cavaleiros. (Est. XXXV, 138)

Suporte: Miliário.

Material: Granito.

Descrição: Monólito cilíndrico, anepígrafo.

Dimensões: 166/48.

Local de achado: Capela de S. João.

Circunstâncias: Desenterrado ao lado da capela de S. João (a sudoeste), conjuntamente com o n.º 134 (Lopo, 1907, p. 163, 1987, p. 96), como anteriormente se referiu.

Paradeiro: Depois da sua descoberta, ficou na aldeia a servir de apoio à varanda da casa de António Laje, tendo sido destruído, na década de 70, por António Manuel Aleixo, o, então, proprietário da casa, aquando de obras de remodelação nela realizadas (informação de Delfim Morais, de 89 anos, em 14/10/99).

BIBLIOGRAFIA: Lopo, 1907, p. 162-164; Alves, 1934, p. 60; Lopo, 1987, p. 96-97; Lemos, 1993, IIa, p. 191; Rodríguez, 1997, p. 338, n.º 438.

Comentário: Pertenceria ao itinerário meridional que, entre Chaves e Castro de Avelãs, era descrito pela via que ligava Braga e Astorga.

2.5. Inscrições de categoria textual duvidosa

■ 137 (135/04/12/24/2) Soeira, Soeira, Vinhais. (Est. XXXV, 139)

Local de achado: Igreja de Soeira.

Circunstâncias: Inscrição copiada de uma pedra que estava numa parede da sacristia da igreja de Soeira (Borges, 1721-1724, f. 72v).

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 72v; *CIL* II 2511; García, 1996a, p. 1672, n.º 449.

SENDVR[---] T / OL . DL . W[---] / LE[---]A[---]ICV / LA CRI[---]VIE / ⁵[---]INDVSR[---]

Variantes: L. 4: IE (García).

Comentário: Cardoso Borges refere serem as letras *mal cortadas*. O carácter fragmentário da transcrição, aparentemente com erros de leitura, torna a sua interpretação enigmática.

■ 138 (43/04/02/09/18) Castro de Avelãs, Castro de Avelãs, Bragança. (Est. XXXV, 140)

Suporte: Ara (?).

Descrição: A peça, actualmente desaparecida, foi definida tipologicamente por F. Sande Lemos (1993, IIa, p. 65), mas, a partir do único registo fotográfico que conhecemos, não nos é possível proceder a avaliação segura. Ainda que não se aprecie claramente tratar-se de ara, mantemos, sob reserva, a classificação proposta. A face epigrafada encontra-se bastante deteriorada. A leitura que apresentamos é efectuada a partir de fotografia que enferma de pouca nitidez, pelo que a consideramos como um contributo que só a redescoberta da peça poderá, seguramente, permitir avaliar.

Campo epigráfico: Aparentemente, não se encontra formalizado.

Conservação: Mediocre.

Local de achado: Castro de Avelãs (igreja).

Circunstâncias: Descoberta, em reaproveitamento, no decurso de obras realizadas na torre sineira.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Lemos, 1993, IIa, p. 65-66; García, 1996a, p. 1723, *n.º 20. Leitura inédita.

---] / [---]+[---] / +RAN+[---?] / +++BĀŞ[---?] / +L . [---] / [.]B . PLAC[.?] / ⁵[..?]+ . PARR+ / [---

Comentário: O texto é de difícil leitura e, conseqüentemente, interpretação, não permitindo sequer a sua categorização.

2.6. Inscrições falsas

***I** (*I39/04/02/13/7) Cova de Lua, Espinhosela, Bragança. (Est. XXXVI, 141)

Descrição: Inscrição que Cardoso Borges (1721-1724, f. 162-162v) diz ter encontrado em Cova de Lua e mandado conduzir para Bragança. Dá dela um desenho que, no mínimo, poderemos considerar original: o remate, arredondado, é em forma de rosácea, aparentemente esculpida, repousada sobre o campo epigráfico que se representa moldurado e de formato rectangular, estando a parte inferior isenta de qualquer ornamentação.

Local de achado: Cova de Lua.

Circunstâncias: Cardoso Borges não as revela.

Paradeiro: Desconhecido.

BIBLIOGRAFIA: Borges, 1721-1724, f. 162-162v; Alves, 1909, p. 353-354, 1934, p. 54.

IMP . CAES . AVG . / P . M . IVLIBRI/G . POPVLI D D

Comentário: Acreditamos que esta inscrição, a ter existido, seria uma falsificação criada para justificar a tese de Cardoso Borges (1721-1724, f. 162v) que advogava ter sido Bragança *verdadeiramente Juliobriga*. Para esta nossa tomada de posição contribuem a atipicidade do monumento representado na ilustração integrada no seu manuscrito, bem como a própria estrutura – e até a *ordinatio* – do texto apresentado, que encaixa mal num monumento oficial alto-imperial.

NOTAS

¹ Agradecemos a opinião de J. d'Encarnação relativamente à possível origem deste nome.

² Agradecemos a J. M. Abascal a informação e a J. Encarnação a colaboração prestadas.